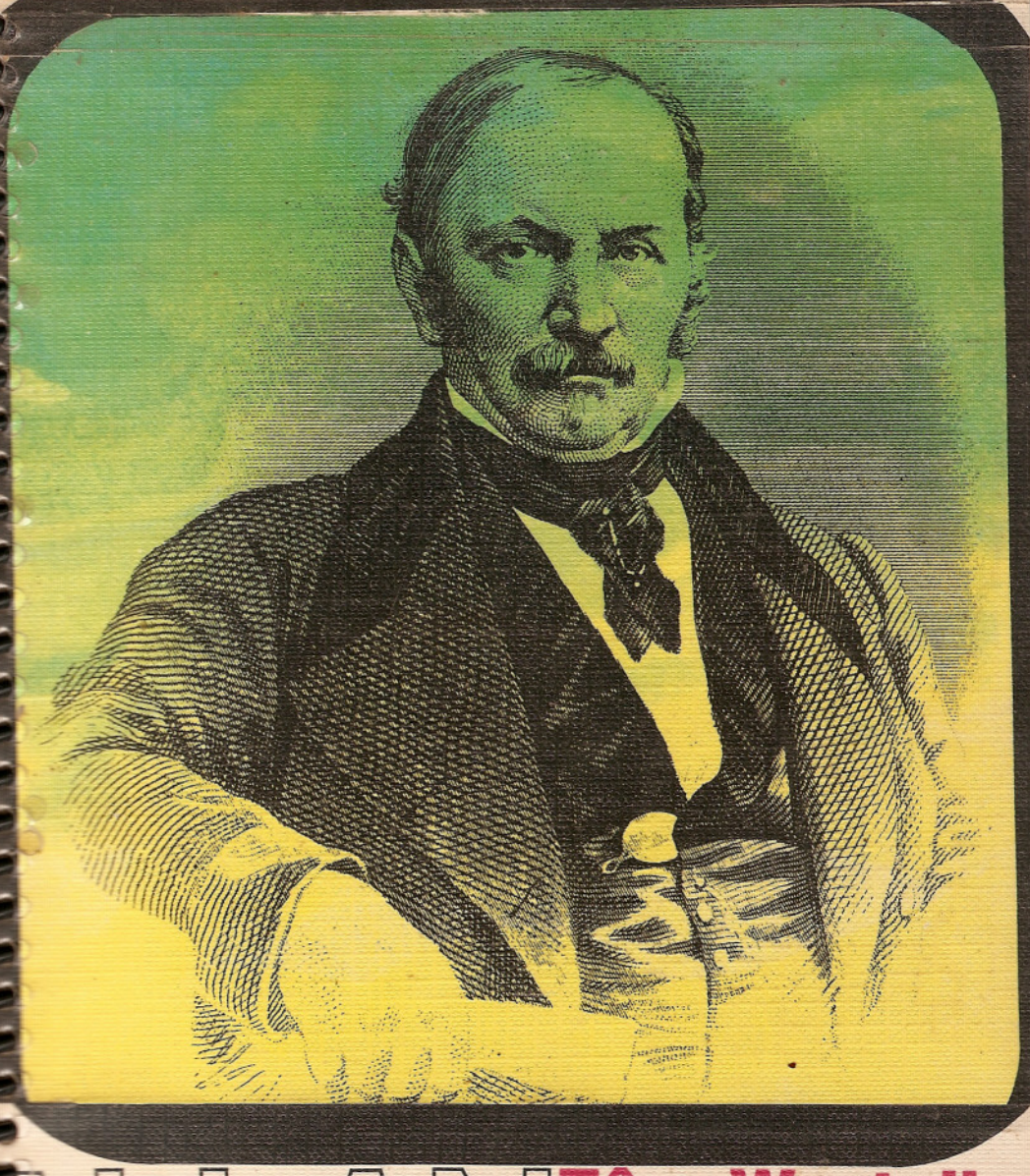


ALLAN KARDEC

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen

VOL. II

(Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação)

FEB

ZÊUS WANTUIL
FRANCISCO THIESEN

ALLAN KARDEC

Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação

VOLUME II

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17
20941 — Rio-RJ — Brasil
e
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F
70830 — Brasília-DF — Brasil

ÍNDICE GERAL ANALÍTICO

Introdução 15

1 — **A fagulha da renovação** 49
1. Os acontecimentos de Hydesville, em 1848. — 2. As «mesas girantes e dançantes». — 3. Da diversão aos estudos sérios. — 4. H. L. D. Rivail, educador, estuda os fatos. — 5. O Missionário-chefe da Doutrina Espírita. — 6. Allan Kardec — 18 de abril de 1857 — «Le Livre des Esprits». — 7. A data máxima do Espiritismo e a repercussão causada por «O Livro dos Espíritos». — 8. Andrew Jackson Davis. — 9. Louis Alphonse Cahagnet. — 10. Allan Kardec, «o primeiro teórico do Espiritismo». — 11. «O Livro dos Espíritos na sua 2ª edição, definitiva».

2 — **Limiar do mundo invisível** 120
1. Missão de Allan Kardec. — 2. Na iniciação espírita de H. L. D. Rivail. — 3. Disseminação dos fenômenos e das idéias espíritas no tempo e no espaço. — 4. Orientação e métodos de pesquisa, sem «parti pris». — Credulidade e ingenuidades não tinham vez. — O fim essencial do Espiritismo. — Na ordem moral tudo tem valor filosófico. — Meticulosidade. — Desconfiar das idéias sistemáticas. — Prudência com as teorias científicas. — Periculosidade de um amigo imprudente. — A doutrina da reencarnação. — Exame crítico de comunicações na SPEE. — Teoria da incrustação na formação da Terra. — Ciladas das teorias engenhosas de alguns Espíritos. — Examinar friamente as coisas, sem entusiasmos. — Circunspeção. — 5. Análise geral das mensagens recebidas. — Ciência infusa não na têm os Espíritos. — Pessoalidade e imperfeições. — Critério infalível para julgá-los. — Fraude e imitação. — Repelir dez verdades e não admitir uma única falsidade. — Como viu Kardec o surgimento

de fotografias de Espíritos. — 6. Fenômenos de efeitos físicos testemunhados por Kardec. — Vidência do Sr. Adrien. — Fragmento de sonata. — Pneumatografia: experiências do livreiro Didier e comprovação, ao microscópio, do processo por ele utilizado. — Evocações de Espíritos encarnados. — Mesma mensagem em duas línguas. — Fenômeno de transporte ou trazimento. — 7. Do magnetismo-sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas. — Estudos da ciência magnética pelo Sr. Rivail. — Reuniões nos aniversários natalícios de Mesmer, em Paris (uma delas relatada por Allan Kardec). — Espiritismo e Magnetismo. — Distinção que Kardec fazia entre sonâmbulo e médium. — O Dr. Paul Broca e o Hipnotismo (entrada do Magnetismo, rebatizado, na Academia das Ciências). — 8. Mediunidade curadora. — Curar, sem diplomas. — A lei e os médicos; quando estes não conseguem curar, embora diplomados. — O «doutor Acaso». — A Medicina oficial diante dos médiuns curadores. — Não se pensa em destronar a Medicina e os médicos. — Médiuns-médicos. — Estudos acerca das relações entre Espírito e organismo físico. — Ação do elemento espiritual sobre o organismo material: médico do corpo e da alma. — Ensaio teórico das curas instantâneas. — Onde a ciência pára, avança o Espiritismo. — Grupos curadores. — Qualificação impropriamente aplicada de taumaturgo. — Os desenganados pela Medicina. — 9. Ação da Homeopatia sobre o perispírito. — As disposições morais e a Homeopatia. — A Homeopatia na loucura patológica. — Frenologia e Fisiognomonia. — Considerações em torno da Numerologia. — Quiromancia. — 10. Alucinação e vidência mediúnica. — Alucinação e aparições. — Loucura espírita? — Suicídios: não é o Espiritismo responsável por suas ocorrências. — Materialismo: mal de uma época de transição. — 11. Análise crítica das faculdades e do comportamento de vários médiuns diante da respectiva fenomenologia. — Jean Hillaire, vidente. — «O Vidente da Floresta de Zimmerwald». — O Espiritismo não é estacionário nem imutável. — Ruídos noturnos em Poitiers. — «Epidemia de Morzine»: obsessão coletiva? — O zuavo Jacob. — Daniel D. Home, o médium. — Mercantilização da mediunidade nos E.U.A. — Os irmãos Davenport. — Emilie Collignon. — 12. Allan Kardec e a reencarnação. — Ante essa doutrina, Kardec revela-se surpreso e contrariado; a final aceitação dela pelo Codificador. — Notícia de um negociante de New York. — Novas considerações sobre a reencarnação. — Distinção que faz, quanto à Doutrina Espírita, entre o que é aceito nos E.U.A. e na

Europa. — Preferíveis as consoladoras comunicações aos prodígios dos médiuns americanos. — A moral consola, melhora; os fenômenos maravilham. — O progresso moral aproxima dos desígnios de Deus. — 13. O fim do Espiritismo. — Instrução dada pelo Espírito de São Luís. — «Que entre vós se compreenda, se ame». — Não permanecer no a-bê-cê das mesas girantes. — Comentários de Allan Kardec. — A Doutrina Espírita demonstra os princípios fundamentais da religião. — Estabilidade do Espiritismo: fatos e teoria. — A imutabilidade do princípio. — O futuro cabe aos espíritas.

3 — **Nos primórdios do Movimento** 187
1. Alguns traços do caráter do mestre da Codificação. — 2. Polêmicas. — Controvérsias e discussões. — Antagonistas de má-fé. — Polêmica útil. — 3. «O silêncio é a melhor resposta». — Cépticos endurecidos. — Resposta ao padre Marouzeau. — «Quereis matar-nos polidamente». — «Tenho coisas mais importantes a fazer». — Apartar do mal, pela persuasão. — «Jamais me constituí chefe de coisa alguma». — Autoridade moral. — Felicidade que ninguém lhe arrebataria. — Caridade, fraternidade, sinceridade. — O Espiritismo independe de certas personalidades. — Deus saberá prover a continuação da obra. — 4. Resposta aos espíritas lioneses. — Tarefas gigantescas. — Aflições e fadigas; parcos recursos; planos a serem executados ou legados. — Expectativas ultrapassadas. — Táticas principais dos inimigos do Espiritismo. — «Afastai em vossas reuniões o que se relaciona à política e questões irritantes». — Arvorai bem alto a divisa: «Fora da Caridade...» — Uma quarta parte das tarefas: a correspondência. — Sozinho para fazer tudo. — Alocução de 6-10-1865 na Sociedade de Paris. — A humildade de Kardec. — Recomendava: «Coragem e Perseverança!» — 5. A correspondência de Allan Kardec. — Vasto campo experimental (como o era a RS). — Histórico de uma divulgação (Paul Bodier). — Estratégia na ação de Kardec. — Inscreveu voluntários para futuras jornadas. — O progresso é um parto laborioso. — Vasto repositório da História do Espiritismo moderno. — 6. As viagens espíritas de Allan Kardec: anos de 1860, 1861, 1862, 1864, 1866 e 1867. — Amplos esclarecimentos doutrinários e práticos do Espiritismo, em reuniões na França e países limítrofes. — O largo e profundo alcance de suas palavras. — O caráter do missionário. — 7. «Projeto de Comunidade Espírita por Allan Kardec» (fragmento de escrito póstumo remontando a 1862). — 8. «O Espiritismo Independente».

4 — **Intolerância e perseguições** 244
1. Críticas gerais às idéias novas. — Falam do que ignoram. — Dar tempo às idéias, como aos frutos, para amadurecerem. — Os adversários revelam o grau de importância do Espiritismo. — Sua influência sobre a ordem social. — Adesão do juiz Bonnamy. — Duas espécies de crítica. — Acreditar em alguma coisa ou a incredulidade? — «Julgar Rossini, censurar Rafael»... — Quem é o crítico sério? — Privilégio das injúrias e controvérsias sem objetivo. — Os que virão por si mesmos. — Livre-pensamento e livre-consciência: «machine à croire». — A ponta da corda... — Uma nova fé cega substituindo outra fé cega? — O «Poder do Ridículo». — 2. Intrigas, provocações e desafios. — Homem sem ambições. — O triunfo da Verdade, venha de onde vier. — Elevação do homem com o esquecimento das ofensas. — Emprego de fundos. — «Caixa do Espiritismo». — «Os milhões do Sr. Allan Kardec». — Desceu a escada da riqueza, quando podia muito bem tê-la subido. — «O orçamento do Espiritismo». — Jamais viveu a expensas de quem quer que fosse. — «O Espiritismo foi a obra de minha vida». — Os recursos de Kardec na divulgação do Espiritismo. — «Partirei quando Deus chamar-me!» — Os verdadeiros fins da Sociedade de Paris. — Não sabem o que dizem... — 3. Ataques ao Espiritismo: perseguições à Doutrina e seus adeptos. — «Une religion nouvelle à Paris», do Pe. François Chesnel. — Ação de Jobert de Lamballe na Academia das Ciências de Paris. — Oscar Comettant e seu folhetim. — As críticas ignorantes. — O Sr. L. Figuier e a «História do Maravilhoso». — Comentários de Kardec. — «Seria preciso atacar o Espiritismo pelas raízes, não pelos galhos». — «Vossas palavras não são apenas levianas, mas imprudentes». — Kardec dá uma aula de Espiritismo, de moral e de ética ao Sr. C. M., da «Gazette de Lyon». — Georges Gandy, em «La Bibliographie Catholique», em 1860. — Injúrias à parte moral do Espiritismo. — Críticas pueris de Émile Deschanel, no «Journal des Débats». — Falsos membros da SPEE. — A «estupidez» do Espiritismo, na conferência do Sr. Trousseau. — O Pe. Lapeyre, jesuíta, e seus virulentos sermões, em Bordéus. — Ataques generalizados por pregadores católicos. — Opiniões que se contradizem. — De novo o argumento loucura. — Cruzada contra o Espiritismo. — A calúnia quase epidêmica. — O bispo de Argel. — Suicídio incriminado ao Espiritismo. — Enquadrar os espíritas como infratores e falsários. — «Du Spiritisme», a brochura do Rev. P. Nampon: Kardec manda lê-la e compará-la com os textos verdadeiros das obras dele. — A arte cênica é

convocada a atacar o Espiritismo. — As imitações nada provam. — «Os religiosos são os que mais injuriam». — Pressões em Argel. — A data de 18 de agosto de 1863. — A vez de Strasbourg: o «demônio» na obra de sedução. — «O Espiritismo não se impõe: aceita-se». — Moderação nas palavras. — Padres A. Barricaud, de Lião, e Delaporte, de Bordéus, em seus cursos de Espiritismo. — O bispo de Langres; o monsenhor Pantaleón Navarro, de Barcelona. — O acontecimento importante com o capelão do rei da Holanda. — Espiões de S. Petersburgo. — Manobras surdas: nova tática dos inimigos. — Os judas do Espiritismo. — «Novo e definitivo enterro do Espiritismo». — «Toujours les Spirites!», de Jules Claretie. — Refutação do aspecto religioso, pelo Pe. Poussin, de Nice. — «O Espiritismo não teme a luz». — Os adversários e a marcha do Espiritismo. — Livros espíritas de Kardec no Index (1º de maio de 1864, data histórica nos Anais do Espiritismo). — O que é (ou era) o Index. — Perseguições e violências aos adeptos, em Constantina (África) e outras localidades. — Perseguições nos quartéis. — Denúncias falsas. — O Senado francês, a imprensa e o «partido espírita». — «El Criterio Espiritista», de Madrid, é proibido. — O Auto-de-fé, de Barcelona (9-10-1861).

Introdução

I — Considerações sobre a organização deste e do volume seguinte

1. Henri Sausse e André Moreil

O livro "Allan Kardec", perguntar-nos-ão, substitui a "Biographie d'Allan Kardec", de Henri Sausse (edições prefaciadas, a 4ª, de 1927, por Léon Denis e, a de 1910, por Gabriel Delanne), e "La Vie et l'Oeuvre d'Allan Kardec", de André Moreil (edição de 1961)? Não. Nem uma nem outra. Assim como também não substitui as produções de Sir Arthur Conan Doyle, Anna Blackwell e demais escritores.

Cada um desses autores executou um plano diferente de trabalho e dispôs de elementos, ao alcance da mão, à época em que escreveu. Esses elementos, porém, não foram sempre conferidos, deixando, às vezes, certas peças ou dados, de ser rigorosamente documentados.

Há livros, no entanto — surgidos nos últimos decênios, versando sobre episódios da vida de Allan Kardec, ou tratando da Doutrina e do Movimento, da Revelação —, que constituem como que atentados ao bom senso, ao espírito científico e à exatidão, afrontando a seriedade da verdadeira historiografia. Tais livros, entretanto, têm recebido tratamento analítico e crítico adequado, de parte de inúmeros estudiosos — entre eles sobressaindo o incansável Herminio C. Miranda, escritor e articulista de "Reformador" faz mais de vinte anos. Apenas a alguns de tais livros fizemos referência ou de seus registros extraímos tre-

chos, para comentários imprescindíveis. Deles só nos ocupamos o mínimo possível, não autenticando as pretensões e os abusos de seus autores.

2. Livros que deviam anteceder esta parte da obra

Alguns livros tiveram de ser lançados dentro de esquema preparatório do advento desta segunda parte. Era preciso entregar ao leitor obras virtualmente desconhecidas das últimas gerações, editadas há um século e que poucos compulsaram ou leram: "Répertoire du Spiritisme", de J.-P.-L. Crouzet, e "Procès des Spirites", de Mme. Marina Leymarie (desta última, em português, saiu uma separata da Introdução, *por Hermínio C. Miranda, que já está na 2ª edição). E também, mais recentemente, "Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme" (repetição da 1ª edição original francesa, de 1864); "L'Évangile selon le Spiritisme" (repetição da 3ª edição francesa original, de 1866); e "El Evangelio según el Espiritismo" (a primitiva tradução espanhola, de Barcelona), de Allan Kardec.*

Existindo essas edições à disposição dos interessados e podendo ser encontrado o texto, na íntegra, do original francês (bilíngüe, com tradução em face) da 1ª edição de "O Livro dos Espíritos", de 1857 ("O Primeiro Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, por Canuto Abreu, S. Paulo, 1957), tornam-se dispensáveis, de minha parte, considerações excessivamente longas a respeito de determinados pontos e ensinos, fatos e conseqüências de acontecimentos do século XIX, no Movimento Espírita, na França, na Europa em geral, como no Brasil. São facilmente verificáveis e comparáveis declarações, textos e documentos utilizados neste trabalho.

3. "La Revue Spirite" e a "Union Spirite Française" desaparecem em 1976

Registrou-se, enquanto o livro "Allan Kardec" esteve por ser redigido (segundo volume), o desaparecimento, em fins de 1976, de "La Revue Spirite", de propriedade e sob a direção do Sr. André Dumas, Secretário-Geral da U.S.F.I.P.E.S. (ex-"Union Spirite Française", fundada, em 1919, por Jean Meyer e Gabriel Delanne e prestigiosos seareiros do Espiritismo francês, sociedade que nada teve nem tem a ver com a primitiva

S.P.E.S., criada por Allan Kardec, ou com associações de responsabilidade do Codificador, de Mme. Allan Kardec ou de Pierre-Gaëtan Leymarie, que encerraram as atividades muito tempo antes, ainda no século passado).

4. Disposição de franqueza; ressalvas necessárias

Quanto às contribuições de André Moreil e Henri Sausse, principalmente as deste último, dispusemo-nos a analisar as hipóteses, até hoje não comprovadas, de ter sido Allan Kardec médico *(em aditamento ao que figurou no I volume),* autor *do dístico do frontispício do monumento druídico, no Père-Lachaise, etc. Cuidamos, igualmente, de referir e esclarecer distorções, afirmativas errôneas, precipitadas ou levianas de quaisquer procedências, envolvendo a vida ou a obra de Kardec, pensando na seriedade da História do Espiritismo; porém, ao escrever, em casos específicos, concluindo discordantemente de algumas idéias ou atos de espíritas ilustres, não tivemos em mira censurar pessoas, mas restabelecer a verdade histórica enquanto ainda existem à disposição elementos positivos suficientes para a idônea comprovação de tudo.*

5. "Divisor de águas"

Menos verdadeira não foi a nossa preocupação quanto às várias correntes científicas, filosóficas e religiosas, antigas ou não. E para nós, no caso delas, só interessou a indicação do divisor de águas, *prevenindo confusões com o Espiritismo.*

6. Respeito e acatamento às tradições vivas

Esclarecidas essas questões, para que não restem dúvidas acerca da finalidade da pesquisa biobibliográfica levada a termo — a verdade comprovada ou comprovável —, devemos declarar que de modo algum desprezamos as tradições vivas, encontradiças junto dos que participaram mais ou menos demoradamente da intimidade de Kardec, das suas atividades pessoais, do esforço do pioneirismo, do contacto com os trabalhadores da primeira hora. E essa é uma dentre as muitas razões por que inserimos neste livro resumos e quadros biográficos dos inte-

grantes da equipe que se possa considerar na contemporaneidade da Codificação, no século passado.

7. Extensão de alguns temas; descrições sem rigidez, sem abuso de terminologias técnicas

Tanto quanto no primeiro volume Zêus Wantuil sentiu necessidade de estender-se minuciosamente sobre Pestalozzi e algumas problemáticas características daquela época, na França, praticamente ignoradas nos dias que correm, também tive de deter-me em certos assuntos, dando-lhes atenção especial, a bem da clareza expositiva e da inteligibilidade das conclusões.

Isto posto, preocupamo-nos em imprimir à leitura um caráter ameno, agradável, fugindo, sempre que possível, na parte descritiva, à rigidez, tão comum nas obras de pesquisa, e ao abuso das palavras rebuscadas ou das terminologias excessivamente técnicas.

Por outra parte, despreocupamo-nos da observância aos cânones da cronologia, quando desnecessária nos pareceu tal observância.

Preferimos, geralmente, reproduzir textos, alguns longos, de autoria do próprio Kardec, transcrevendo-os da "Revue Spirite" e de livros do Codificador, preservando a precisão e fidelidade que as nossas próprias palavras talvez não conseguissem refletir, na transmissão dos pensamentos que elas encerram.

8. Críticas e perseguições; incursões em pontos e questões que ultrapassam os limites de sentido especificamente biobibliográfico

À guisa de alertamento e estímulo à prudência e vigilância no Movimento Espírita, foram exaustivamente examinados os problemas ligados às críticas em geral, calúnias e perseguições a adeptos e instituições do Espiritismo.

*Ao contrário da linha seguida mais rigorosamente no primeiro volume, da primeira fase da vida de H. L. D. Rivail (*não espírita*), nos seguintes não nos cingimos às questões de natureza biobibliográfica, sem com isso pretendermos ter estudado em profundidade o universo da obra de Allan Kardec. Quisemos, entretanto, aditar observações especiais aos pontos em que a vida de Kardec e suas realizações litero-doutrinárias do Espiri-*

tismo permeiam com aspectos altamente relevantes da Codificação, quer quando tais pontos sejam do nosso conhecimento por via de documentação histórica irrecusável, quer quando oriundos de fontes da mais pura tradição.

II — Reflexões em torno do pensamento de Kardec

1. Imenso preparo humanístico

Vimos à saciedade, no primeiro volume, que H. L. D. Rivail tivera uma formação humanística e humanitarista à altura das exigibilidades das ingentes tarefas que lhe foram cometidas pelo Alto. É intuitivo, ademais, que na Espiritualidade Superior e em vidas pregressas ele se investira de quantas qualidades intelectuais e morais lhe adornavam o Espírito. Era tão evoluído em sabedoria e amor, que os Invisíveis o qualificam de Apóstolo da Fé, Pontífice da Luz, Lúcido Apóstolo de Jesus.

Operando, no entanto, no campo vasto da Codificação do Espiritismo, Allan Kardec sofria as compreensíveis limitações que a condição humana, segundo leis invioláveis, impõem àqueles que vestem a indumentária carnal.

Instruído e educado na escola de Pestalozzi, haurindo as idéias, pensamentos e ensinos mais avançados reservados à juventude do primeiro quartel do século XIX, na Suiça e na França; familiarizando-se com o magnetismo e o sonambulismo, por cerca de trinta e cinco anos; exercendo o magistério, elaborando manuais didáticos, traduzindo livros, sofrendo insucessos empresariais; submetendo-se ao exercício profissional em diferentes empregos, para assegurar a própria subsistência, dedicando-se à escrituração de livros contábeis; instruindo gratuitamente os menos aquinhoados estudantes de Paris, produzia sempre, avançava nos próprios estudos, aprimorava seus recursos intelectuais e morais. Não descera à Crosta Planetária como potentado, nem se lhe reservara privilégio algum, para cumprir uma das mais excelsas missões, por delegação do Cristo de Deus, de que se tem notícia nos fastos da História, em todos os tempos. Ao contrário, teria de ombrear com os seus irmãos em Humanidade, não somente com os que ele, mais adiante, sinceramente chamaria de "Caros Irmãos Espíritas"; deveria conhecer, juntamente com sua esposa — Amélie

Boudet, Mme. Allan Kardec —, os percalços da existência, as dores, desilusões, decepções, calúnias, ingratidões e todo um elenco de provas espinhosas, a que ninguém se forra nesta vida, mas em proporções compatíveis com o seu grande e generoso coração.

2. Mente aberta, progressista, atualizada

Kardec caracterizava-se — ele próprio o dissera — pelo pensamento frio, analítico, sem arroubos de entusiasmos; não era um poeta. Raciocinava com profundidade e esmiuçava todas as questões, mas sabia ser sintético, e aberto como o próprio horizonte. Era dono, virtualmente, do saber e das virtudes de um sábio. Abarcava os já muito amplos conhecimentos da época, que, no entanto, nele não excluíam as altas reservas morais e espirituais, de longas eras amealhadas, que iriam representar no seu mundo íntimo a Luz poderosa que guia a reta conduta, o espírito de humildade e de ilimitada idoneidade para ser escolhido, eleito pelo Espírito da Verdade*, na condição de preferido entre os demais, a fim de articular-se com as Esferas Invisíveis e os Mensageiros do Governo Espiritual do Planeta, no estabelecimento dos fundamentos terrenos da Doutrina dos Espíritos.*

Precisaria ser suficientemente receptivo, sensível às vibrações de Excelsas Entidades Espirituais desencarnadas, Reveladoras e Orientadoras, encarregadas de pactuarem com ele as diretrizes básicas do intercâmbio particularíssimo que se iniciaria entre o Céu e a Terra, depois de principiado o estudo das manifestações e comunicações dos Espíritos. Ser-lhe-ia igualmente indispensável saber cumprir o duplo papel de mestre-escola e de missionário-chefe do Espiritismo. O trabalho era dos Espíritos e do seu instrumento humano. Muitos cooperariam, em vários setores e cidades terrenas. Mas ele, Kardec, estaria, do lado de cá*, com a administração e a responsabilidade das decisões finais, a risco seu, não como cego cumpridor de instruções e ditados mediúnicos. Haveria de submeter ao crivo da razão, da fé raciocinada, verdadeiras pirâmides de papéis; dirigiria um periódico, de que seria ele próprio o redator ("Revue Spirite"), fundando também uma associação, que presidiria, enquanto vivesse ("Société Parisienne des Études Spi-*

rites"); escreveria e reescreveria importantes livros e opúsculos; viajaria várias vezes, visitando o Movimento Espírita que nascera em seguimento às primeiras divulgações doutrinárias, na França e circunvizinhanças; receberia e visitaria gente simples ou eminente, da época; falaria em reuniões e escreveria em jornais, esclarecendo e refutando críticas e acusações. E não esqueceria de deixar, como Legado seu ao Porvir, anotações, sugestões e planos diversos de trabalho, de empreendimentos, alertas constantes, definições atualizadas e quanto lhe parecesse poder constituir-se em aprimoramento à doutrina e à prática do Espiritismo.

3. Intensivo aproveitamento do tempo

Espírito consciente e responsável, aceitando solenemente o encargo que lhe fora confirmado pelo Espírito Verdade, *medindo num relance todas as conseqüências da decisão livremente tomada, doou-se à sublime realização em perspectiva, buscou a plenitude da identificação com o Senhor e, conhecendo que o tempo urgia, que não eram tão longos os anos de vida física disponíveis para tudo preparar, organizar e fazer, entregou-se ao trabalho difícil e penoso, por quatorze anos consecutivos, até à desencarnação. O Espiritismo foi — como escreveria mais tarde — "a obra da minha vida".*

Bem informado do que se passava no mundo — pois recebia jornais e recortes de periódicos de toda parte —, mantinha-se em comunicação, pela "Revue Spirite" e por via epistolar, com os núcleos de recepção de ditados mediúnicos, jornalistas, escritores, homens públicos, magistrados e nobres da sua época, sem descurar da auscultação e atendimento às necessidades dos "filhos do Calvário", com os quais sentia-se muito à vontade.

Era o mordomo e o artesão, o chefe e o operário da grande obra. Quase não dormia. Sua vida, de 1855 em diante, girava em torno do Espiritismo, com ele dividindo o seu tempo, as suas energias, o seu saber, o seu amor. Centralizava em si todo o Movimento, na Terra, pertinente ao Consolador. *As linhas de entrosamento eram: Espírito da Verdade-Kardec-Movimento (e suas implicações gerais).*

Tempos depois de lançadas as balizas da Doutrina, aproximadamente no início do período final de sete anos das tarefas

de sistematização dos princípios e ensinos do Espiritismo, o Mundo Espiritual requisitou-lhe os esforços em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, exigência que, então, já estava preparado para satisfazer.

4. Os limites do conhecimento revelado

Faz total sentido a expressão de alguns Espíritos, denominando-o "Apóstolo da Fé". Da Fé Raciocinada! *Como a de Tomé. Não ainda, naquele momento, como a de Pedro:* Intuitiva! *Não que não na tivesse também intuitiva. São coisas diferentes.* Médium consciente-intuitivo por excelência, *Kardec devia, entretanto, utilizando-se de sua nobre faculdade, extremamente desenvolvida, condicionar todos os ensinos e princípios à rígida escala do raciocínio lógico, para que a Fé pudesse "enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade", oferecendo aos homens condições para que eles próprios, prescindindo de sacerdotes e intermediários, chegassem às conclusões finais possíveis em torno de toda e qualquer parte da Doutrina Espírita. A hora de a Espiritualidade Maior preconizar a* fé intuitiva *não podia ser aquela. Não o é ainda hoje; não para todos. Simplesmente os mestres-escolas* sabem e podem *mais que seus pupilos. Nenhuma vantagem trariam, no século XIX, pelo menos no âmbito da Codificação, sob a responsabilidade direta de Kardec, as antecipações intempestivas do conhecimento espiritual.*

Estas conclusões defluem do exame minucioso e atento das obras da Codificação, mormente das importantes peças introdutórias dos livros do mestre, dos seus comentários e de escritos contidos no volume de "Obras Póstumas".

Para o Espiritismo — vale dizer: para os espíritas, do presente e do futuro —, apenas como método de pesquisa do melhor, é importante tudo saber sobre Allan Kardec, sendo esse o nosso intuito ao organizar esta obra. Porque essencialmente precisamos entender-lhe os preciosos ensinamentos e recomendações, depois de honestamente avaliados, para incorporá-los às diretrizes de nossas vidas.

Com serenidade reconhecemos que no Movimento Espírita hodierno, no País e além-fronteiras, não faltam os afoitos a afirmar que a obra kardequiana está ultrapassada, tanto quanto

sobram os não menos temerários que pretendem conferir à figura do Codificador o dom da infalibilidade, nas questões em geral — não apenas nas que se vinculam à Fé, propriamente dita —, levando os adeptos ao absurdo de admitir na pessoa de Allan Kardec uma dupla condição falsa de criatura imune ao erro e às imperfeições dos seres terrenos, relativos, condição que ele por várias vezes verberou, francamente, quando na vida física.

Nem uma coisa, nem outra. Um grande homem, sim; um sábio. Um super-homem, nos termos da conceituação que desse tipo especial faz "Sua Voz", em "A Grande Síntese", de Pietro Ubaldi, pode-se admitir; um Apóstolo, no mais amplo sentido, também. Mas os que conhecem o Evangelho sabem muito bem o juízo que o Cristo fazia deles, seus discípulos diretos, advertindo-os e admoestando-os: "ainda hoje, antes que o galo cante, três vezes me terás negado"; "e Pedro chorou amargamente" ! E as coisas não se passaram de modo diverso com os demais companheiros do seu Colégio Apostólico.

Os exageros são perniciosos. As posições extremadas e as radicalizações conduzem às maiores imprudências.

Tendo analisado e criticado friamente — para usarmos as palavras de autodefinição de Kardec — os assuntos pesquisados, não encontramos evidências capazes de respaldar as pressuposições de uns e outros. Seguimos uma linha que, tanto quanto possível, será bem identificada pelos leitores e jamais se prestará a desvios e contornos para justificar, contrariamente ao traçado da Codificação mesma, conclusões precipitadas, juízos falsos, espírito de auto-suficiência de adeptos ardorosos, superdimensionamento da Doutrina ou do seu missionário maior.

A Codificação Kardequiana não está nem será ultrapassada, e o Codificador não gozou de regalias de infalibilidade.

5. Aferição da opinião; ensaios planificados

Especialmente, por duas vezes, em 1864 (pp. 351/2) e 1867 (p. 203), Kardec pronunciou-se pela "Revue Spirite", revelando a existência de um plano, seguido escrupulosamente, para aferir o amadurecimento da opinião pública, o grau de receptividade que iria paulatinamente evidenciando, de afinação com os ensinos do Espiritismo, à medida que "o velador mostrava

mais luz", ou seja, à proporção que novas verdades eram comunicadas, atendendo ao escopo do Programa, segundo o qual a iluminação devia ser constante e progressiva, mas sem deslumbrar os interessados. Aliás, vale reproduzir, aqui, algumas das palavras de Kardec, das páginas citadas:

> *"a "Revue Spirite" é uma obra pessoal, cuja responsabilidade assumimos sozinho, e pela qual não devemos nem queremos ser entravados por nenhuma vontade estranha; foi concebida segundo determinado plano, para concorrer ao objetivo que devemos atingir." (...) "Sendo a "Revue" um terreno de estudo e de elaboração dos princípios, ao dar ali decididamente a nossa opinião, não tememos comprometer a responsabilidade da Doutrina, porque a Doutrina a adotará se for justa, e a rejeitará, se for falsa."*

Esta pequena transcrição, por si só, põe por terra as pretensões dos endeusadores de Kardec, além de responder peremptoriamente aos presunçosos que insistem numa afirmativa extremamente ousada, de que a Codificação estaria superada. Só adotando o que for justo, rejeitando o que for falso, não será superada em tempo algum, de vez que as complementações à Codificação têm de ser normalmente encaradas com muita objetividade, sob pena de falsear-se-lhe o objetivo. Código de princípios até à época de Kardec esparsos — difusos no tempo e no espaço, mas coerentes entre si —, não pode ele ser petrificado e mantido como completo, perfeito e acabado. A Revelação é progressiva, novas verdades relativas vão sendo intuídas, captadas pela sensibilidade e pela inteligência dos homens e dos Espíritos, dia a dia mais amadurecidas. Não é, porém, a Codificação que está sujeita a mudar, ou a sua estrutura, os seus mecanismos, os seus métodos, mas uns tantos ensinos que carecerão de maior desenvolvimento ou clareza; outros mais, que se lhe incorporarão, frutos do progresso, porque este sim — o progresso — é o centro de gravidade, a medida e o paradigma da Revelação. Os Espíritos Orientadores e Elucidadores de modo algum interromperam a obra. Para nenhum espírita constitui novidade a informação do mestre de Lião, inserta num de seus livros, de que se a Ciência provar que o Espiritismo está errado num ponto, nesse ponto ele será

modificado; se nova verdade for revelada, ele a absorverá. A estagnação não poderia obviamente ter guarida no espírito, no pensamento de Kardec.

Em "A Gênese — Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", o Codificador termina a respectiva introdução, escrita para a primeira edição (janeiro de 1868), com estes elucidativos parágrafos:

> "Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas. (Os grifos são do Codificador. A este tópico a FEB aditou a seguinte NOTA DA EDITORA: Ao leitor cabe, pois, durante a leitura desta obra, distinguir a parte apresentada como complementar da Doutrina, daquela que o próprio Autor considera hipotética e pessoalmente dele.)
>
> "Aliás, os leitores assíduos da "Revue" hão tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços, a maioria das idéias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A "Revue", muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina." (As palavras grifadas o foram por nós.)

A amplitude do significado do trecho: "sondar a opinião dos homens e dos Espíritos" não deve passar sem maior exame e meditação. Tanto da parte dos Espíritos, como da dos homens, Kardec não aceitou, sem antes passá-los pelo crivo da

razão, quaisquer ensinos como princípios autênticos, inquestionáveis, definitivos, a serem incorporados à Doutrina.

Houve de estudá-los, submetê-los à prova da opinião, através de ensaios, para decidir-se no final — repetimos — a risco seu. *Está claro que dialogava com os Espíritos, concordava com eles e deles discordava, conforme o caso. Mas a decisão era dele, que, como vimos, agia escrupulosa e prudentemente. Pode, às vezes, não ter sido tão absolutamente exato. Por isso mesmo lhe não conferimos foros de infalibilidade.*

A Codificação do Espiritismo, porém, foi obra sua, na sua maior parcela, no âmbito terreno. Examinaremos, adiante, a questão do sentido de ditado. *E a da abrangência de sentido da palavra Codificação, que, a nosso ver, escapa aos próprios léxicos.*

6. Crenças e opiniões. Obra dos Espíritos em geral

Pela "Revue Spirite", em 1858 (pp. 53 e 59), Kardec nos diz:

> *"Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade, que é também uma espécie de crença, quando ela se respeita o bastante para não ofender as opiniões contrárias."*

A liberdade que o Espiritismo sempre reclamou para os seus adeptos, como se vê, Kardec a entendia dentro do critério da reciprocidade. E, coisa estranha, às vezes se encontram espíritas que fazem restrições aos próprios companheiros de trabalho, enfatizam o seu direito à liberdade de pensar, sobre determinados pontos doutrinários, de forma diferente de outrem, mas não admitem, em contrapartida, o direito de outrem esposar idéias diversas das deles, sobre os mesmos pontos.

A isso, a essa mentalidade pedante ou presunçosa, que nenhum argumento pode validar seriamente, antepor-se-ia o pensamento do inolvidável mestre da Codificação: "Seja como for, julgar o que não se conhece é falta de lógica, depreciar sem provas é esquecer as conveniências."

Allan Kardec, como homem, como pensador, professor emérito e dotado de visão ampla dos seres e das coisas, espírito eminentemente universal e despreconceituoso, tinha igualmente

sua opinião pessoal, seus pontos de vista, que, todavia, jamais confundia com os princípios doutrinários, pois estes eram e são os que conseguiram ou conseguem passar por todos os crivos da razão esclarecida e iluminada. "Podemos ter nossa opinião — escreveu na "Revue" (1858, p. 92) —, sustentá-la, discuti-la; mas o meio de nos esclarecermos não é nos denegrirmos, processo sempre pouco digno de homens graves e que se torna ignóbil se houver em jogo o interesse pessoal."

Ele escreveria coisas assim, enquanto vivesse. Em 1862, a "Revue" estamparia longo estudo interpretativo da doutrina dos anjos decaídos, do aparecimento do homem e sua origem na Terra. Mas, ao apresentar sua teoria, em concordância com a razão e a lógica, explica que é uma opinião pessoal *(pp. 1 a 12). Sem a prudente ressalva, sua opinião teria o peso de uma* verdade inconcussa! *Que poderia, mais tarde, ser invalidada por um fato ou argumento irrespondível.*

Uma coisa, acreditamos, lhe era pouco simpática: a neutralidade dos homens cujas idéias são conhecidas, externadas mesmo, em diferentes oportunidades, mas que em dado momento preferem nada dizer, podendo e devendo fazê-lo para edificação de todos. É o caso — agora é nossa vez de ressalvar que se trata de uma opinião pessoal nossa — do primeiro artigo espírita de Camille Flammarion, intitulado "Les Esprits et le Spiritisme", que ocupou vinte e três páginas (grand in-8º), das cento e vinte da importante "Revue Française", de Paris, mensário cuja direção havia solicitado o trabalho do famoso sábio e astrônomo. Em breve comentário ("Revue Spirite", 1863, p. 126), disse Kardec:

> *"O autor julgou melhor fazer, até certo ponto, abstração de sua opinião pessoal sobre o assunto, e ficar em terreno de alguma forma neutro, limitando-se à exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor toda a liberdade de apreciação."*

A maneira de dizer, de Kardec, tanto pode ser uma leve indireta ao autor, como uma secreta defesa dele, quanto às suas idéias espiritistas ali não salientadas.

No item anterior, último parágrafo, afirmamos algo sobre Codificação e ditado. Retomemos, pois, o assunto, iniciando

pelo primeiro ponto, louvando-nos no que está à página 307, de 1865, da "Revue Spirite":

> *"O Espiritismo não é obra nem* de um único Espírito, *nem* de um só homem *(grifos de Kardec). Segue-se que a opinião de um Espírito acerca de um princípio qualquer só é considerada pelos espíritas como opinião individual,* que pode ser justa ou falsa *(grifos nossos), e não tem valor senão quando sancionada pelo ensino da maioria, dado em diversos pontos do Globo. Este ensino universal fez o que ele é, e fará o que ele será. Diante desse eficacíssimo critério, caem necessariamente todas as teorias particulares que seriam o produto de idéias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito, individualmente. Uma idéia falsa pode, sem dúvida, agrupar* em torno dela *alguns partidários, mas jamais prevalecerá contra a que é ensinada por toda parte."*

Há um universo de considerações que podem ser alinhadas, no que vimos de transcrever. Mantendo-nos, porém, nos limites deste item, em prosseguimento ao final do precedente, destacaremos o seguinte:

a) O Espiritismo é obra dos Espíritos em geral, ou seja, desencarnados e encarnados, não sendo, como foi sublinhado por Allan Kardec, obra de um único Espírito ou homem.

b) O ensino universal fez o Espiritismo qual ele o é; e no futuro fará o que ele será.

c) As falsidades, interpolações, desfigurações, usurpações, desviações doutrinárias e de objetivos estão, diante de critério eficacíssimo, a nosso ver em princípio apenas (aparentemente), total e definitivamente afastadas. O fanatismo, a má-fé de Espíritos, ou a boa-fé dos espíritas, as mistificações de vária ordem e procedência não teriam chances de medrar no Espiritismo.

É realmente muito difícil e problemático acolher, sem maior exame, o que se acha nas letras b e c. *O que consta da letra* a, *no entanto, parece-nos absolutamente correto. Mas, para pre-*

venir deturpações de nossas palavras, queremos esclarecer que o correto, aí, de forma nenhuma significa que concordemos com a idéia de perfeição dos Espíritos e dos homens, de que o Espiritismo é obra. Nem com a idéia de que o Espiritismo represente a perfeição, já que é ele perfectível, como facilmente concluirá o estudioso atento. E isso pela razão muito simples de que a Revelação contém áreas que hão de ser edificadas pelos próprios Espíritos em evolução, à custa de muito trabalho, perseverança, prudência, oração e vigilância. É o momento, este, de recordar que uma coisa é Doutrina Espírita, outra, Revelação.

Consideremos o que ficou dito na letra b. Precisaríamos definir bem o que entendemos por "ensino universal". E se se faz distinção ou não entre Espiritismo e Codificação Espírita. Para nós não são coisas sinônimas, embora entendamos que Allan Kardec é o Codificador do Espiritismo. Não se trata de jogo de palavras. Bastará que digamos que a Codificação foi iniciada e atingiu um certo estágio, com o Codificador Allan Kardec. Em outros termos: o Código foi parcialmente concluído, no século XIX. Não totalmente. E acreditamos que jamais o será, dentro das limitações e da transitoriedade das condições peculiares à natureza humana, na época em que vivemos. Pelo menos por muito tempo ainda, uma vez que mais longe não seria prudente avançar raciocínios. Pois se há, e sempre há de haver, complementações, o Código não está completo, concluído. Assim, o Espiritismo não está todo codificado, nem o estará no futuro. Haverá permanentemente o que acrescentar ao Código. Ou se admite isso, confirmando a linha de evolução, ou se recusa a lógica do raciocínio, infirmando a idéia de progresso. Se, para nós, o ensino universal é aquele que é igual em todos os tempos e lugares, por força da atuação simultânea, dirigida, ordenada, disciplinada, uniforme, incidindo sobre criaturas do mesmo padrão vibratório, moral e espiritualmente falando, o Espiritismo que resultasse desse ensino poderia constituir um Código de tal maneira inquestionável, irrecusável, que, verdadeiramente, nos conduziria a uma identificação que efetivamente jamais existiu: Espiritismo = Codificação Espírita. Não teria havido necessidade de um missionário como Allan Kardec. Seleção alguma, estudo, análise crítica, alternativas de escolha e decisão a tomar. Estaríamos então confundindo Revelação

com Doutrina. E considerando a Revelação somente na sua primeira fase, na de transmissão do conhecimento, porquanto, na segunda, de recepção, as coisas não aconteceriam tão certinhas. Impõe-se-nos, conseqüentemente, considerar o enunciado da letra b em termos relativos e gerais, como acreditamos que foram ditados pelo pensamento do mestre Kardec.

Do concernente à letra c, preliminarmente, queremos explicar que aparentemente, em princípio apenas, estariam afastadas as hipóteses aventadas. No Espiritismo (ou Doutrina Espírita), não na Codificação Espírita, pois na parte não codificada do Espiritismo pode haver e há ocorrências de uma ou mais daquelas hipóteses. Basta lembrar que a reencarnação é ainda princípio não assimilado por algumas áreas do Espiritismo. Se nos referimos a este (Espiritismo), o aparentemente se justifica; mas, se queremos falar de Codificação, somente a expressão "em princípio apenas" seria mantida, pela razão da ausência de perfeição e pela decorrente inexeqüibilidade de um ensino universal equivalente a um presumível processamento uniforme da Revelação, em ambas as fases, de transmissão e recepção.

Esses raciocínios nós os oferecemos à guisa de questões para estudo, sem maiores pretensões, desejando, na oportunidade, chamar a atenção dos espíritas para os perigos das definições que pretendam ser integrais e definitivas. Somos homens imperfeitos, relativos, num mundo deveras atrasado. Segundo André Luiz, o vocabulário mais rico da atualidade é incapaz de traduzir e comunicar o pensamento de Entidades Sublimadas dos círculos menos distantes da Terra, que visitam a Colônia Espiritual "Nosso Lar". Parece-nos que, por simples deferência para com os Espíritos Reveladores e Orientadores, que serviram na Equipe do Espírito da Verdade, integrada por Allan Kardec, não deveríamos traçar limites ao Desconhecido. Perquirir, esmiuçar, penetrar cada vez mais fundo e mais longe em cada ponto da vastíssima temática da Doutrina dos Espíritos, afinados intuitivamente, receptivos e desataviados de barreiras preconceituosas no campo mental e moral, como Espíritos de ilimitado futuro, com vistas ao Bem, ao Amor e à Sabedoria, é dever e direito de todos. Prudentemente, não ergamos limites aos belos e longínquos horizontes das manhãs dos nossos dias ensolarados...

Talvez fosse dispensável, agora, dizer algo sobre ditado, *como anunciamos páginas atrás. Há quem pense que os Espíritos ditaram, da forma como fazem os executivos às suas secretárias, relativamente à correspondência, ou da que se valem as professoras primárias para exercitarem seus alunos nas questões da ortografia. A Codificação não contém ditados, no tocante aos princípios que abarca, concebidos dessa maneira. Ditar, no caso, tem o sentido de inspirar, sugerir, orientar, determinar. Podemos indicar aos interessados o "Larousse du XX^e^ Siècle", vol. II, pág. 851, onde, entre outras acepções mais comuns, encontram-se estas:*

> "Fig. *Inspirer, suggérer:* Dicter à un homme tout ce qu'il doit dire et faire.
>
> *Les vers que vous dicta l'amitié tendre et pure.*
>
> Voltaire.
>
> || *Prescrire, disposer:* Dicter la loi. *Dicter les conditions de la paix.* || *Etc."*

Os ensinos são dos Espíritos Superiores. Mas ditado *é palavra que significa* inspiração, *no caso.*

7. O pensamento de Kardec segundo um contexto, no espaço e no tempo

Em suma, para encerrar este capítulo, diríamos que o pensamento de Allan Kardec deve ser observado e seguido dentro do contexto de sua brilhante trajetória de missionário-chefe da Doutrina dos Espíritos, levando-se em conta não só a época em que foi emitido e propagado, mas, ainda, as circunstâncias e o exato momento na faixa de tempo em que o mestre se dedicou às tarefas do Espiritismo — 1855-1869.

III — Codificação Kardequiana e desenvolvimento doutrinal

A vida de Allan Kardec, aquele pouco que chegou até nós, anotado pelos correligionários que tiveram a feliz idéia ou inspiração de passar para o papel o que chegara ao seu conhecimento, mostra-nos episódios, procedimentos, atitudes e pensamentos que, mediante análise crítica sem parti pris, *põem em destacado relevo as suas qualidades de pensador e seus*

dotes de missionário-reformador. Em 1864 ("Revue Spirite", pp. 141/2), dissertando sobre os princípios do controle universal e do sufrágio universal, como capazes, o primeiro e o último, de resolver no futuro todas as questões litigiosas, de estabelecer a unidade da doutrina muito melhor que um concílio de homens (os últimos grupos de grifos são nossos), Kardec afiançou que o do controle universal "fará o seu caminho, como o princípio Fora da Caridade não há Salvação, pois que ele está fundado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade (grifos nossos). Não poderá contrariar senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais".

Felizmente, o Codificador escreveu páginas e artigos bastante elucidativos, ao longo de quatorze anos de intensas atividades espíritas. Publicando quase tudo, deixou, no entanto, significativas peças, algumas com o evidente intuito de divulgação no futuro e outras com possíveis instruções sobre a época em que deviam ser estampadas na "Revue", ou reunidas em livro ("Obras Póstumas"), pelos seus continuadores. (Entre o que escreveu, certamente teriam figurado importantes páginas e documentos que jamais vieram a público, não importa por que motivo, ou por decisão de quem, assim como apontamentos ou instruções que se perderam ou continuam inéditos.)

O certo, porém, é que podemos acompanhar o pensamento do Codificador, no tempo (nos referidos quatorze anos), as reciclagens dele, o seu contínuo "vir-a-ser", as novas aberturas da sua valorosa mentalidade, pari passu com o andamento da própria Codificação ou do desenvolvimento doutrinal do Espiritismo.

Quando os Espíritos falaram em reencarnação, nos primórdios das tarefas que resultariam na elaboração da 1ª edição de "O Livro dos Espíritos" — menos completo, então (1857), que na sua 2ª edição definitiva, subordinada a plano estrutural diverso —, Kardec precisou vencer as barreiras psicológicas da sua própria mente, pois o seu modo de pensar não se coadunava facilmente com tal princípio, o que era agravado pelo fato de os Espíritos, em comunicações captadas pelos médiuns, de toda parte, não se revelarem unânimes, mas, ao contrário, constituindo grupos que ensinavam sobre as vidas sucessivas e grupos que ensinavam sobre a unicidade da existência, afora

os que se omitiam nesse assunto. Mais tarde, compreendeu Kardec que os conhecimentos dos Espíritos eram limitados (sendo, como são, simplesmente homens desencarnados), e isto iria facilitar-lhe grandemente o trabalho, por afastar escolhos da trilha a ser percorrida. Compreendeu muito mais: ficou sabendo que os ensinos eram dados de tal maneira, em cada época e meio, que não discrepassem excessivamente dos preconceitos dos grupos humanos, que, assim, poderiam decidir-se por uma adoção de parte, maior ou menor, ou da integralidade do que estava sendo codificado. Hoje, a situação se nos apresenta menos chocante, porque até entre os anglo-saxões a reencarnação alcançou foros de verdade, havendo somente algumas áreas, pouco expressivas, nas quais o problema permanece em suspenso ou é objeto de renovadas pesquisas.

O aspecto religioso e cristão do Espiritismo, ao adepto da Doutrina, hoje, não mais oferece dúvida alguma, estando nela incorporado desde o advento de "O Livro dos Espíritos", obra de incalculável saber. Somente, porém, em novembro de 1868 Allan Kardec faria o célebre discurso, no qual definiria claramente que o Espiritismo é a Religião. E explicava por que não o fizera antes. Uma clara divisão, exclusivamente para efeitos didáticos, do Espiritismo, como Ciência, Filosofia e Religião não figurava na Codificação, no século XIX. Mesmo em "O Livro dos Espíritos" ficou registrado que o Espiritismo é de todos os tempos, de todos os lugares; que existe Espiritismo no Catolicismo. Em que sentido, perguntamos, é o Espiritismo velho quanto o mundo e está em todas as religiões?

A resposta está nos livros de Kardec e nos demais escritos dele, na "Revue Spirite" e em "Obras Póstumas". Não se deve, porém, indicar, isoladamente, qualquer desses escritos, página ou parágrafo. Ela se encontra no contexto e seguindo-se uma trilha progressivamente ascendente, no tempo. Cada livro, como cada artigo, tem a respectiva data. Ponha-se tudo em ordem lógica, compare-se ensino com ensino, texto com texto, e o resultado será surpreendente para alguns que ainda não fizeram isso. Na "Constituição do Espiritismo", item I, está registrado o seguinte (1869): "O Espiritismo teve, como todas as coisas, o seu período de gestação (...)." "Entreviu-se-lhe a finalidade, pressentiram-se-lhe as conseqüências, mas apenas de modo vago (...). Unicamente quando tiver desenvolvido todas as

partes em que se desdobra é que a Doutrina formará um todo harmônico e só então se poderá julgar do que é o Espiritismo. (...) O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, *que sucessivamente se desenvolverá." (Grifos nossos.)*

*Decorrem, também, do desenvolvimento doutrinal as sucessivas definições e a final redefinição de "*espírita*", nas obras do Codificador. Em certo momento, para ele,* espírita *verdadeiro seria o* espírita cristão. *O simples simpatizante das idéias, o convencido de alguns princípios, como o da reencarnação ou da pluralidade dos mundos habitados, da lei de causa e efeito ou das belezas espirituais que entrevêem nos vindouros dias da regeneração da humanidade, não devia ser chamado* espírita. *Era necessário bem mais. Pela "*Constituição do Espiritismo" *(*1869, *repetimos), seria o* espírita professo. *E aí o Codificador, em nosso entender, incidiu num exagero, que ele próprio reconhecia ser solução insuficiente para atingir o fim a que se propunha: preconizava a adoção de um formulário de profissão de fé e adesão, por escrito, do programa alvitrado (VIII —* Do Programa das Crenças*).*

Os limites a que nos cingimos nesta Introdução não nos permitem mais demoradas elucubrações. Todavia, cremos atender a imperativos de oportuno esclarecimento trasladar para este volume os conceitos que, já em 1863, Kardec emitia sobre a filosofia espírita ("Revue Spirite", p. 232):

> *"Quem, hoje, poderia afirmar que ela disse a última palavra? Certamente que não no disse; se as bases fundamentais estão estabelecidas, há ainda muitos pormenores a elucidar e que virão a seu tempo. Depois, quanto mais se avança, mais se vê quão múltiplos são os interesses em que ela toca, e podemos dizer, sem exagero, que toca em todas as questões de ordem social. Só o futuro pode, pois, desenvolver-lhe todas as conseqüências, ou, melhor dizendo, essas conseqüências se desenvolverão por si mesmas, por força das coisas, porque se encontra no Espiritismo o que inutilmente se* procurou alhures."

Realmente, "quanto mais se avança", "só o futuro"... Não disse nem dirá a última palavra, pois ela é desenvolvimento, progresso, evolução!...

IV — Prática do Espiritismo e busca da unidade

Allan Kardec, missionário incumbido de promover a Codificação, o seu iniciador e formulador, não restringiu seus passos às questões do pensamento puro, dos princípios doutrinário-filosóficos, científicos e morais do Espiritismo. A missão envolvia também o seu esforço de iniciador do próprio Movimento Espírita. Abstração feita da parte que só seria tratada com afinco depois de sua desencarnação, de que é exemplo, dentre outros, o trabalho de William Crookes com as famosas materializações de Katie King, a rigor tudo, ou praticamente tudo, ainda que por alto ou de passagem, mereceu de seu critério, iniciativa e poder realizador a atenção e o vigoroso acompanhamento, por vezes até aos mínimos detalhes.

Haja vista a fundação da "Revue Spirite", em 1858, quando só devia contar com seus parcos recursos pessoais; meses depois, no mesmo ano, a da "Société Parisienne des Études Spirites".

Orientando a criação ou transformações de grupos ou sociedades espíritas, recomendando cautelas aos adeptos desejosos de organizar empreendimentos vultosos, visitando núcleos de várias cidades européias, instruindo-as e alertando-as contra os perigos, para muitos então invisíveis e imponderáveis, mas para ele perfeitamente claros e identificáveis — não fora a sua extraordinária acuidade e visão intuitivas, aliadas a uma experiência digna da geral admiração dos contemporâneos e dos pósteros —, o mestre dinamicamente estruturava em sólidas bases o Movimento Espírita nascente. Suas viagens nos fazem lembrar as grandes peregrinações de Paulo de Tarso e seus companheiros. O prestígio da França e do seu próprio nome abria-lhe as portas das cidades e dos países, como outrora, no Movimento Cristão, a amplitude territorial do Império Romano assegurava ao "cidadão romano" Paulo de Tarso facilidades de penetração em quaisquer localidades do vasto mundo que tinha Roma por sua capital.

"Não basta, escreveu Allan Kardec ("Revue Spirite", 1866, julho), que uma idéia seja grande, bela e generosa, é preciso, antes de tudo, que seja praticável." (. . .) "Antes de empreender uma coisa, deve-se calcular friamente o pró e o contra, a fim de se evitarem os reveses sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários." Ele premunia, assim, os ingênuos e apressados das desilusões que nascem de fracassos evitáveis, de riscos desnecessários, de iniciativas prematuras, que, longe de beneficiarem a quem quer que seja, revelam-se prejudiciais aos seus autores, à comunidade espírita e à própria coletividade humana. Ele preservava, sempre que possível, a imagem do Espiritismo, para que na sua prática não se verificassem os abusos e arroubos que testificassem negativamente da grandiosidade da Doutrina, por culpa dos homens pouco amadurecidos que, mesmo cerrando fileiras com os adeptos mais esclarecidos, timbram em fazer prevalecer suas preferências pessoais e impulsos incontrolados.

As crises, no âmbito das atividades do Codificador, eram sérias e bastante freqüentes, a partir da Sociedade de Paris *(S. P. E. S.). Por várias vezes quis Kardec fazer-se substituir na Presidência, mas os apelos dos que lhe eram fiéis sempre o convenceram de permanecer por mais um período anual. No meio do caminho, entretanto, as coisas pioraram e ele não teria continuado à testa da Sociedade se não fora um* ditado *(no sentido comum e no sentido amplo) mediúnico: "(. . .)* Quando um mal existe, ele não se cura sem crise*; assim é do pequeno ao grande; no indivíduo como nas sociedades; nas sociedades como nos povos; nos povos como o é na humanidade. Nossa Sociedade, dizemos, é necessária; quando o deixar de ser sob a* forma atual, *ela se transformará como todas as coisas.* Quanto a ti, *não podes,* não deves retirar-te. *Não pretendemos, entretanto, subjugar o teu livre-arbítrio; apenas dizemos que a* tua retirada seria uma falta *que um dia lamentarias, pois* entravaria nossos planos." *(Todos os grifos são nossos.) ("Revue Spirite", 1862, pp. 161/2.)*

Qual a forma atual *a que aludira o comunicado do Mundo Espiritual? Está na "Revue", 1861, dezembro: "A Sociedade de Paris foi a primeira a constituir-se regular e legalmente. Por sua posição e pela natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo e, em nossa opinião,*

justifica o título de Sociedade Iniciadora, *que lhe deram certos Espíritos. (...) Como Sociedade Iniciadora e central, pode estabelecer com os outros grupos ou Sociedades relações puramente científicas; mas a isto se limita o seu papel: não exerce qualquer controle sobre essas Sociedades, que em nada dependem dela. (...) As Sociedades estrangeiras podem formar-se nas mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem depender dela senão pela concentração dos estudos, dos conselhos que lhe pedirem e que ela terá prazer em dar. (...) A Sociedade de Paris não se gaba de estar, mais que as outras, ao abrigo das vicissitudes. (...) Eles* — os grupos — *devem adquirir sua vitalidade nos princípios da Doutrina, que são os mesmos para todos e que a todos sobrevivem, estejam ou não esses princípios representados por uma Sociedade constituída. (...) Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para evitar qualquer equívoco ou falsa interpretação, as relações que estabelecer com as Sociedades estrangeiras são extremamente simplificadas; limitam-se a relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem qualquer sujeição."*

Os trechos acima foram copiados do artigo "Organização do Espiritismo", muito longo e de leitura proveitosa.

Realmente, a Sociedade de Paris transformou-se, depois de 1869. Novas entidades foram criadas, mas todas tiveram vida efêmera, à exceção de uma ou outra que conseguiu atingir um, dois ou mais decênios. Referimo-nos, aqui, às ligadas à equipe dos cooperadores diretos e imediatos de Kardec.

Vencer as crises e permanecer nos postos, este o dever dos espíritas responsáveis no Movimento. Renunciarem os que estão no caminho certo, como pretendeu Kardec, abandonarem os postos de luta, equivaleria à deserção dos deveres assumidos, dos compromissos seriíssimos livremente aceitos perante o Espírito da Verdade. *A Sociedade de Paris existiu em função do Codificador e da obra do Espiritismo, então em plena fase de formação doutrinal. Constituiu o "campo experimental" permanente de Kardec. Por ela passaram médiuns dotados de dons muito expressivos, de que se valeu o missionário e iniciador do Espiritismo. Razão de sobra tinham os Espíritos em enfatizar a necessidade de sua permanência no cargo.* Não deveria retirar-se: seria uma falta lamentável; entravaria os planos do Invisível.

Muitas afirmativas de Kardec, de 1862, foram reformuladas mais adiante, nos sete anos de que ainda dispôs, na carne. Lentamente. Mas, na Constituição do Espiritismo, *a última obra que escreveu, no primeiro trimestre de 1869, ano de sua desencarnação (recordemos que em dezembro foi estampado na "Revue" um esboço, sob o título de Constituição* Provisória *do Espiritismo, o que nos autoriza a declarar firme e convictamente que a peça* definitiva *de Kardec, a respeito, é de 1869, melhorada, ampliada, mais completa e mais lógica), encontram-se palavras peremptórias, de quem está bem mais seguro de si, do que faz, do que pretende. Representa, verdadeiramente, salvo pequenos senões, avantajada antevisão do futuro e que totalmente se realizou e permanece funcionando muito bem.*

Allan Kardec, assim, deixou para a posteridade o recado sobre o que ele teria iniciado pessoalmente, se mais longa se lhe estendesse a vida. Sabendo que o tempo corria célere, escreveu aquilo que carinhosamente alimentara no seu coração generoso e na sua mente universal. A receita ele no-la deixou, como um novo legado, dentro do Legado Maior: um seguro roteiro para conseguir-se a unidade no Espiritismo, seja como Doutrina, seja como Movimento. Depois do magnífico mapeamento, importa que os espíritas percorram seguramente as trilhas luminosas herdadas de Allan Kardec.

Ainda de 1866, julho, são estas as palavras do mestre, de aconselhamento ao Movimento:

"O Espiritismo só deve caminhar com firmeza, e quando põe o pé em alguma parte deve estar seguro de aí encontrar terreno sólido. A vitória nem sempre está com o mais apressado; mais seguramente, está com aquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que só podem ser obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas. Saibamos, pois, aguardar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedirmos uma abundante colheita." (P. 195.)

V — A progressividade da Revelação

Tanto quanto o Espiritismo, *ou Doutrina Espírita, é indivisível, embora o consideremos no seu tríplice aspecto — Ciência, Filosofia e Religião —, assim o é e deve ser entendida a* Revelação, *ou Revelação Espírita, que é de todos os tempos.*

Sempre existiram revelações do Mundo Maior, parciais, de determinados princípios e ensinos, que não se devem confundir com simples manifestações de Espíritos, qualquer que seja sua natureza e importância. O fato de ocorrerem, estas últimas não constituem necessariamente revelações, *da mesma sorte que as revelações não precisam abranger ou conter manifestações ostensivas de Espíritos.*

Houve e há, portanto, revelações circunscritas, limitadas, como as houve e há interessando amplas coletividades e representando porções maiores e mais substanciais de verdades.

Entretanto, sem contar as verificadas no Oriente, desde remotas eras, aqui estamos a nos referir às três grandes Revelações das Leis Divinas: a 1ª, com Moisés, no Sinai; a 2ª, com a vinda do Cristo de Deus, na Palestina, e a 3ª, com as manifestações de Espíritos no mundo inteiro, através de médiuns, no século XIX — respectivamente: o Decálogo, *o* Evangelho, *ou Revelação Cristã, e o Espiritismo, ou* Consolador. *São as três grandes revelações* a nível popular, *às massas humanas, contendo verdades a serem assimiladas por toda a gente, grandes e pequenos, letrados ou não, ricos e pobres, nobres e plebeus, sem quaisquer discriminações, preferências ou privilégios. É o ambicionado patrimônio científico, filosófico e ético do mundo antigo, que transborda das Escolas, Templos e Academias Iniciáticas, antes guardado ciosamente pelos homens que foram denominados, em todas as épocas, de iniciados, ou grandes iniciados. É aquilo que constituiu outrora o tesouro imortal de uns poucos, adestrados no conhecimento e nas rigorosas disciplinas do Espírito. Grandes parcelas do povo evoluíram no transcorrer de séculos e milênios e começaram a fazer jus a esse patrimônio geral, ao tempo de Moisés; depois, na fase do Messianato do Cristo; e, mais recentemente, do século XIX em diante, junto do Consolador Prometido por Jesus. Quão longa caminhada!...*

O direito adquirido pelo esforço próprio, as necessidades de maior progresso e os méritos e responsabilidades dos seres eternos e imortais, em provas e expiações na Terra, fizeram com que os Poderes da Luz e da Verdade, do Amor e da Sabedoria liberassem, sempre tempestivamente, as eclosões dos grandes movimentos de renovação, instrução e aprimoramento das criaturas. Aos espíritos são dadas as luzes segundo as suas obras. É o legítimo direito de conquista. Do mesmo modo, e pelas

mesmas razões e fins, são-lhes elas retiradas, individual ou coletivamente, por algum tempo, se não se mostram leais e dignos das concessões do Alto. O patrimônio é de Deus, destinado aos seus filhos, mas a estes se transmite por aquisição. Os detentores de parte desse patrimônio, que não se cinjam fielmente às leis de justiça, amor, caridade e fraternidade são destituídos da investidura na riqueza espiritual, para que aprendam, na penúria e nas amargas incertezas do caminho, a valorizar os bens que não souberam manter incólumes ou difundir em benefício da paz e da instrução dos homens.

É por isso que os núcleos ou focos de grandes luzes, de movimentos de renovação e de reformulação das condições de progresso e de ampliação e defesa dos direitos conquistados por uma época, às vezes sofrem o recrudescimento das dores maiores de outros tempos, apagam-se, contraem-se, para reacenderem-se e reexpandirem-se alhures, séculos depois. São exemplos disso o Egito Faraônico, Atenas, a Palestina e a França, além de Roma.

Ninguém possui nem pode, por isso mesmo, transmitir toda a Verdade, revelá-la integralmente. Principalmente, não poderá fazê-lo de chofre, mas gradativamente. As Revelações são, pois, progressivas (e — diríamos — contínuas).

Com a Primeira (de Moisés), ensinam os Espíritos, tivemos um dos aspectos da eterna Verdade: o da Justiça; com a Segunda (do Cristo), outro aspecto: o do Amor; com a Terceira (do Espírito da Verdade, através de suas imensas Falanges de Espíritos), o derradeiro: da Verdade progressiva. Esta última revelação é mesmo a última, porque não nos foi dada em circuito fechado, mas aberto. São as três Grandes Revelações sucessivas e complementares, pois a segunda engloba a primeira, tanto quanto a terceira enfeixa a segunda e não se encerra. Daí os Altos Espíritos considerarem-na como a Revelação da Revelação = Revelação das Revelações. É a própria Revelação Permanente.

Aqui e agora devemos estabelecer, com franqueza e sinceridade — e com a mais completa isenção —, determinadas distinções. O Espiritismo, ou Doutrina Espírita, nós o desdobramos em Doutrina (propriamente dita, filosófica-experimental) e Movimento (ou prática do Espiritismo, a vivência dos ensinos, pois que este é o seu escopo primordial, como a Religião). É claro

que um desdobramento assim representa simples preocupação didática, porque é ele uno, o Espiritismo, no seu triplice aspecto ou sentido: filosofia espiritualista, com base na comprovação experimental, científica, que pode ser repetidamente confirmada através de investigação e pesquisas, em qualquer tempo e por quaisquer pessoas, de conseqüências morais, éticas, ou religiosas. O Espiritismo, como religião, revivencia o Cristianismo Primitivo, adotando, em decorrência, o Evangelho de Jesus como o maior e mais completo e perfeito código religioso da Humanidade.

Em "O Livro dos Espíritos", Conclusão (V), registrou Allan Kardec:

"Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas idéias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das conseqüências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não aconteceu com o que desafia a meditação séria e o raciocínio. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente. (Grifos nossos.)

"O Espiritismo progrediu principalmente depois que foi sendo mais bem compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque tange a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo."

O terceiro período ou fase, que viria inevitavelmente, veio. É o que estamos vivendo, mais ou menos bem, há um século.

O Espiritismo, como Doutrina, vai tendo os seus ensinos complementados no Código, ou Codificação Espírita, à medida que as idéias amadureçam, pelo amadurecimento da opinião. Como Movimento, vai comportando definições e estruturações, ou redefinições e reestruturações, novas formas dinâmicas e métodos de ação cada vez mais eficientes, padrões de organização sempre mais adequados e meios mais justos, para que todas as células e unidades do sistema se formem dentro do espírito da unidade, no cumprimento de suas finalidades, com união dos adeptos e unificação dos respectivos esforços a prol da universalização efetiva da Doutrina dos Espíritos.

O Espiritismo, na sua marcha ascensional, prosseguirá acumulando parcelas sempre mais substanciais e amplas de

revelações, que, por sua vez, irão sendo paulatinamente incorporadas à Codificação Espírita, como ensinos complementares, por consenso geral dos próprios espíritas mais responsáveis, que, a cada século, ou períodos menores ou maiores, melhor habilitados estarão para assimilar conhecimentos novos, mais profundos e sutis, menos ponderáveis, restritos, incompletos. A universalidade e ilimitabilidade do saber e das mais acrisoladas virtudes terão de representar estágios progressivamente mais altos, mais felizes, mais luminosos, poderosos, divinos. E isso à medida que os Espíritos se forem deslocando mais celeremente da condição de humanidade para a de angelitude.

Por tudo quanto dissemos, nítida distinção fazemos entre Espiritismo, ou Doutrina Espírita (para nós, são uma só e a mesma coisa), e Revelação, que, por sua vez, não pode ser confundida com a Verdade, pois que, esta sim, é absoluta e desvelável, por partes e com parcimônia, pela Revelação, paralelamente às transformações progressivas dos seres, onde quer que se encontrem, nos degraus da infinita e radiante Escada de Jacó — símbolo insubstituível da evolução das criaturas de Deus.

VI — Fenomenologia espírita ou mediúnica

Não têm faltado confusões na mente de certas pessoas com respeito a Espiritismo e Fenomenologia Espírita ou Mediúnica, Espiritismo e Mediunidade, etc.

A mediunidade não é nem nunca foi exclusividade ou privilégio dos espíritas, da Doutrina do Espiritismo. Ela sempre foi e é patrimônio da Humanidade. A rigor todos somos médiuns, de uma ou muitas faculdades, mais ou menos desenvolvidas, aprimoradas. "O Livro dos Médiuns" dá-nos esclarecimentos satisfatórios a respeito do assunto.

Os fenômenos espíritas ou mediúnicos, psíquicos, anímicos, estão de há muito minuciosa e rigorosamente analisados, definidos, classificados, em livros de autores que se tornaram clássicos e podem ser compulsados por qualquer pessoa, pois são sempre disponíveis e estão nas livrarias. Podem, igualmente, ser repetidos, reproduzidos, e o são, diariamente, no mundo inteiro. Ocorrem em toda parte, no seio das religiões que não os aceitam ou entendem, nos lares, nos escritórios, nas fábricas,

nos veículos de transportes coletivos, nas ruas e estradas, de todas as modalidades, com mais freqüência os produzidos por seres moralmente inferiores, que buscam perturbar e geralmente dominam as pessoas que lhes são afins ou carmicamente dependentes, ou despreparadas nesses assuntos do psiquismo e do conhecimento espiritual. Tais fenômenos são de todos os tempos e, pelas claras razões expostas acima, não constituem exclusividade do Espiritismo, que, portanto, não pode responsabilizar-se pelos abusos, negligências e ignorância dos que os manipulam ou exploram, consciente ou inconscientemente.

Há, no Espiritismo ou Doutrina Espírita, fenômenos espíritas, e até aqueles denominados de animicos, os quais, longe de infirmarem, confirmam os produzidos por Espíritos. Os estudos de Ernesto Bozzano e Alexandre Aksakof, a respeito, são assaz conhecidos. Há, portanto, mediunidade no Espiritismo: ela representa a base ou o meio de comunicação entre os mundos visível e invisível. É instrumento de comunicabilidade entre seres de Esferas diferentes, pela vibração do pensamento em ondas longas e curtas, de baixas e altas freqüências.

Não existe, porém, Espiritismo em todo e qualquer campo fenomênico mediúnico. No capítulo I, de "A Gênese", item 19, Kardec escreveu o seguinte: "Acusam-no (o Espiritismo*) de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. (...) O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas,* com as quais o moderno Espiritismo, *fruto da experiência e da observação,* acabou. *Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia.* Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina." *(Os grifos são nossos.)*

Não há por que, com tão lúcidas declarações, alimentar dúvidas no que concerne à Quimbanda, à Umbanda, às filosofias orientalistas e crenças de que o mundo se acha abarrotado,

confundindo-as com o Espiritismo, somente porque essas religiões, filosofias e crenças pratiquem o mediunismo. Para prevenir errôneas conclusões de pessoas inescrupulosas, declaramos que nossas afirmativas não estão envolvendo o mérito de nenhuma das práticas citadas; que, simplesmente, não as consideramos Espiritismo, como Kardec também não considerava as que, à sua época, se equivaliam a elas.

Quanto ao moderno Espiritismo *do texto kardequiano, acreditamos que tem o sentido de* moderno Espiritualismo, *pois o único Espiritismo que existe é o moderno, sem necessidade de salientar isso, porquanto não faria sentido falar-se em Espiritismo* medieval *ou* antigo.

Temos procurado chamar a atenção para as distinções que presumimos indispensáveis, racionalmente situando Espiritismo ou Doutrina Espírita, Codificação do Espiritismo ou da Doutrina Espírita, Revelação e revelações, Doutrina e Movimento, Espiritismo no seu tríplice aspecto, Fenomenologia e tudo o mais, somente preocupados em facilitar o estudo e o entendimento das coisas, com a precisão possível, de parte de quantos se interessam ou, no porvir, vierem a interessar-se pelas questões da Doutrina dos Espíritos, que é o Consolador Prometido por Jesus. E se a tanto nos encorajamos foi pelo fato notório de virem promovendo confusões, e até mesmo propagando disparates, aqueles que se propõem a ensinar sem antes se terem familiarizado com os assuntos de que se arvoram em instrutores. Não nos consideramos tais. Nosso escopo é mais modesto: nossas palavras devem ser interpretadas estritamente e, no geral das vezes, como sugestão à pesquisa ou análise em profundidade. Acreditamos que os males são provenientes da demasiada preocupação das definições restritivas de sentido, cerceadoras do livre desabrochar do pensamento crítico dos estudiosos. Moderação no definir, definir sem restringir em demasia e jamais emitir enunciados definidores em termos que não sejam de transitoriedade. As definições humanas são parciais e provisórias, sujeitas a revisões periódicas e reformulações, no tempo. Definir, no fundo, é agrilhoar. Os grilhões, no entanto, se jungem o homem, jamais limitam a Verdade, que não cabe em nenhuma prisão.

Por pensar assim, rogamos que nos leiam as páginas sem reservas mentais e que não nos julguem pelas intenções que

não alojamos no cérebro ou no coração, porquanto as coisas que estamos escrevendo prestar-se-ão mais tarde a reformulações que, no interesse do Espiritismo, hão de ser diligenciadas por amigos e irmãos espíritas mais esclarecidos e melhor dotados, que nós, do dom da percuciência, do descortino, da sensibilidade intuitiva e da clareza descritiva. Sabemos disso e de antemão nos curvamos respeitosamente à sabedoria e ao amor dos mais evoluídos que, no Amanhã, perlustrarão com mais luz, ponderação, equilíbrio e bom senso os pedregosos e espinhentos caminhos do mundo.

VII — "Religião da razão ou Cristianismo humanitário"

Os abusos humanos, em geral, e do sacerdócio profissional, em particular, têm sido os responsáveis pelos desgastes sofridos pelas religiões, como um todo, e pela confusão que habitualmente fazem entre Cristianismo e Igreja Romana.

Esse desgaste não é de hoje, mas secular, para não dizermos milenar. A partir do século XVIII, mormente do XIX, a religiosidade autêntica vem sendo malvista por muitos, a ponto de atualmente ser confundida injustamente com as manifestações exteriores da crença e da descrença, do ateísmo e do materialismo, porquanto tais manifestações, pelo menos em determinadas camadas sociais, na Europa como nas Américas, servem a interesses pessoais e de grupos, pouco ou nada significando além de atos de presença em templos e igrejas, como se exibem trajes da moda nas festas e solenidades de vária ordem. Salvo, é óbvio, honrosas exceções.

As igrejas e catedrais da Europa são hodiernamente os túmulos ataviados, mas frios, do pensamento religioso convencional dos povos. Atraem pelas expressões da arte e da suntuosidade, para eles convergindo as atenções e a admiração compreensível de visitantes e turistas. O clero e a nobreza garantiram, outrora, as manifestações do gênio artístico, arcando com a responsabilidade de patrocinar construções e decorações de edifícios que ainda hoje causam perplexidade e até mesmo assombro, conservando o patrimônio de todas as artes de várias épocas. Mas o Espírito não se acha presente e não é sentido pelos que visitam as esplêndidas naves ou cuja curiosidade se

detém nos detalhes das telas, das tapeçarias, das esculturas, vitrais, ornamentos e efígies.

Escritores brilhantes e historiadores respeitáveis, via de regra, não conseguem igualmente separar, nas suas obras, o joio do trigo. Causam-nos certa perplexidade as conclusões a que chegou, por exemplo, o eminente André Maurois, na sua "História da França" (tradução de Godofredo Rangel, Cia. Editora Nacional, 1950, S. Paulo-SP):

> *"O século XVI substituira na França e em grande parte da Europa uma* civilização baseada na verdade revelada *por outra* civilização baseada na experiência dos sentidos. *Por ocasião da queda do Império Romano a filosofia antiga achava-se adormecida; então a filosofia cristã salvara a humanidade. A Renascença retomou a história do espírito no ponto em que a tinham deixado os filósofos gregos. Nada existia ainda, no aspecto exterior da França, com exceção dos monumentos e poemas, que revelasse essa mudança. Mas o tiro atingira o alvo; os homens dos tempos modernos consultariam mais a Natureza do que a Bíblia. Boa ou má, essa revolução ainda não terminou em nossos tempos. Poderá terminar, quer com um desastre universal, quer com uma nova forma de estado mundial, por uma "cristandade" científica e humanitária, por uma religião da razão, ou, finalmente, por um retorno à Cidade de Deus." (P. 188.)*

Quando o historiador grafou essas palavras existia no mundo o Espiritismo. O trabalho de Allan Kardec estava concluído, na mesma França onde Maurois terminaria de escrever a substanciosa obra citada.

Uma cristandade científica e humanitária como sinônima de religião da razão, não como diferentes opções, ele a teria identificado na Doutrina dos Espíritos, se houvesse levado um pouco adiante as suas perquirições históricas, desde que disposto realmente a investigar de mente aberta. Todavia, a barreira representada pelo desgaste das idéias das religiões cristalizadas nos dogmas e conveniências políticas e mundanas, que ele não saberia transpor, como não transpôs realmente,

velou-lhe a perspectiva maior para poder contemplar uma santa realidade. Possivelmente também não lhe fossem suficientes algumas leituras ou estudos menos profundos, para acertar na conclusão de que, a despeito da presença do Consolador Prometido por Jesus, entre os homens, desde o século passado, não seria essa presença de molde a preservar do desastre antevisto, como primeira alternativa, a civilização que se detém ainda alicerçada exclusivamente na experiência dos sentidos e na consulta à Natureza. O desastre pode acontecer e então o Consolador funcionará como instrumento de cooperação nos esforços de refazimento, porquanto dos escombros da insensatez humana brotará outra vez a verdade revelada e os seres infelizes consultarão os textos divinos, ao mesmo tempo que não desprezarão a experiência dos sentidos e os recursos da Natureza. As três primeiras alternativas de André Maurois se constituem, efetivamente, em dois momentos complementares de uma seqüência dos fatos da História. Não haverá, porém, um retorno à Cidade de Deus, da obra de Santo Agostinho, porque, depois, a Nova Civilização marcará o fim dos conflitos intentados pela cidade terrestre contra a cidade de Deus: os homens terão adquirido duramente a certeza de que suas muitas iniqüidades levaram-nos a todos os dramas funestos e não conseguiram solucionar os problemas do ser e do destino. Experimentarão, daí em diante, com êxito, o Evangelho!

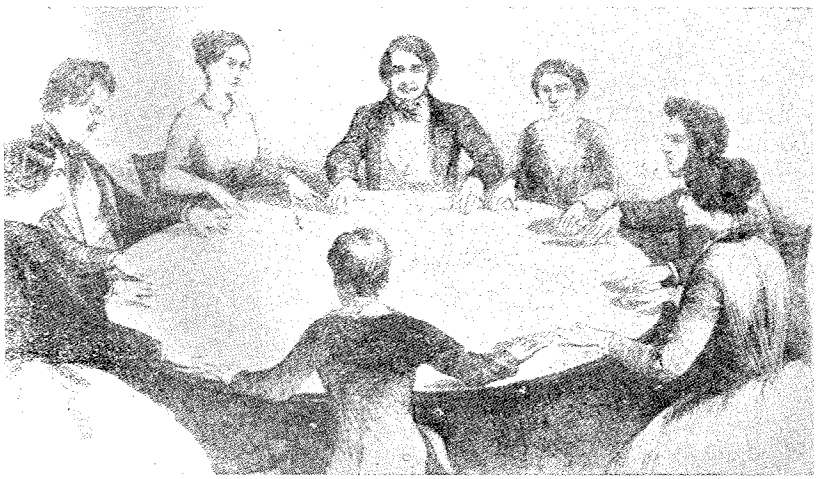
Rio de Janeiro-RJ, 31 de maio de 1979

Francisco Thiesen

Capítulo I

A FAGULHA DA RENOVAÇÃO

As insólitas manifestações de Hydesville (Estado de New York), misteriosamente surgidas na residência das irmãs Fox, em fins da metade do século XIX, rapidamente foram tomando terreno e em pouco tempo todo o Velho Continente estava a par dos *rappings*, das mesas girantes e dançantes e de outros fenômenos inabituais. O grande ruído da América comunicou-se à Alemanha, à França, à Inglaterra, à Espanha, à Itália, à Turquia e a outros países, invadindo todas as classes sociais, da choupana ao palácio. Verdadeira época de loucura — comentavam os jornais da época. Revolução inacreditável nas leis físicas. Os objetos repentinamente pareciam ter adquirido movimento autônomo, nos pontos mais diferentes do Mundo.



Experiências com as "mesas girantes", na Alemanha, em 1853

1 — Os acontecimentos de Hydesville, em 1848

Devendo citar várias vezes os sucessos de Hydesville, reproduzimos sucinto histórico das ruidosas e célebres manifestações havidas na América do Norte, da pena brilhante de Lino Teles (Ismael Gomes Braga) (1):

"Na noite de 28 de março de 1848, nas paredes de madeira do barracão de John D. Fox, começaram a soar pancadas incomodativas, perturbando o sono da família, toda ela metodista. As meninas Katherine (Katie ou Kate), de nove anos de idade, e Margaretta, de doze anos (2), correram para o quarto dos pais, assustadas com os golpes fortes nas paredes e teto de seu quarto.

Esse barracão, na aldeia de Hydesville, no Condado de Wayne, perto de New York, era construído em terreno pantanoso. Os alicerces eram de pedra e tijolos até à altura da adega e daí para cima surgiam paredes de tábuas. Seus últimos ocupantes haviam sido os Weekmans, que posteriormente também confessaram ter ouvido ali batidas na porta, passos na adega e fenômenos outros inexplicáveis.

No dia 31 de março de 1848 a família Fox deitou-se mais cedo do que de costume, pois havia três noites seguidas que não podiam conciliar o sono. Foi severamente recomendado às crianças, agora dormindo no quarto dos pais, que não se referissem aos tais ruídos, mesmo que elas os ouvissem.

---

(1) "O começo da história sem fim", artigo republicado em "Reformador" de abril de 1978, pp. 129/130.

(2) Há, com relação a essas idades, pequenas diferenças entre os autores, seja para menos, seja para mais. As idades que anotamos são devidas a Robert Dale Owen, e parecem ser as corretas. (Veja-se a obra "Katie Fox", de W. G. Langworthy Taylor, 1933, pp. 47/48.)



The Fox Cottage, Wayne Country, Hydesville, N.Y., 31 de março de 1848

Nada, porém, obstou a que pouco depois as pancadas voltassem, tornando-se às vezes em verdadeiros estrondos, que faziam tremer até os móveis do quarto.

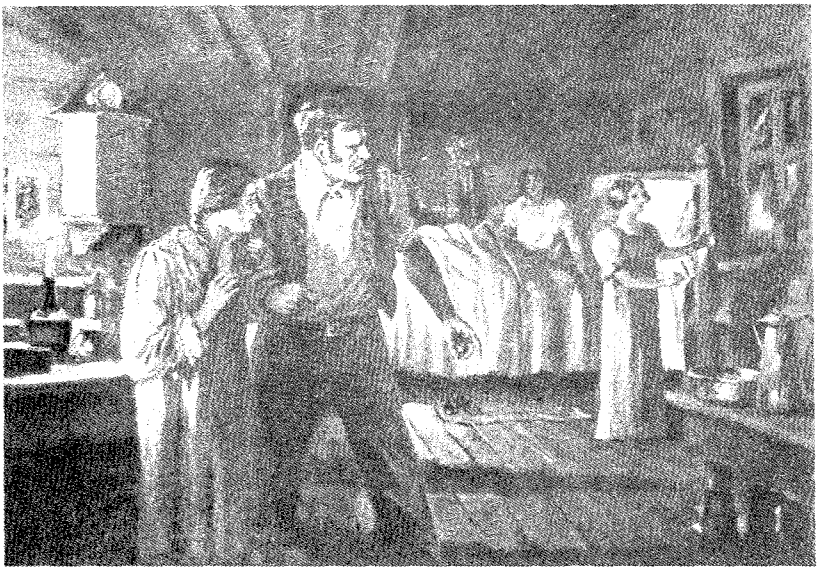
As meninas assentaram-se na cama, e o Sr. John Fox resolveu dar uma busca completa pelo interior e pelo exterior da pequena vivenda, mas nada encontraram que explicasse aquele mistério.

Kate, a filha mais jovem do casal, muito viva e já um tanto acostumada ao fenômeno, pôs-se em dado momento a imitar as pancadas, batendo com os seus dedos sobre um móvel, enquanto exclamava em direção ao ponto onde os ruídos eram mais constantes: "Vamos, *Old Splitfoot*, faça o que eu faço." Prontamente as pancadas do "desconhecido" se fizeram ouvir, em igual número, e paravam quando a menina também parava.

Margaretta, brincando, disse: "Agora, faça o mesmo que eu: conte um, dois, três, quatro", e ao mesmo tempo dava pequenas pancadas com os dedos. Foi-lhe plenamente satisfeito esse pedido, deixando a todos estupefatos e medrosos.

Estava estabelecida a comunicação dos vivos com os mortos e assentada uma nova era de mais dilatadas esperanças, com a prova provada da continuidade da vida além do túmulo.

Naquela mesma noite de 31 de março várias perguntas foram feitas pelos donos da humilde casa e por alguns dos inúmeros vizinhos ali chamados, obtendo-se sempre, por meio de certo número de pancadas, respostas exatas às questões formuladas. O comunicante invisível forneceu ainda a sua história: fora um vendedor ambulante, que antigos moradores daquela casa assassinaram, havia uns cinco anos, para furtar-lhe o dinheiro que trazia; seu corpo se achava sepultado no porão, a dez pés de profundidade.



Primeira comunicação obtida em Hydesville, quando Kate Fox recebe resposta aos seus sinais. Desenho de S. Drigin

No barracão havia residido, em 1844, o casal Bell, sem filhos, e que só tinha uma criadinha, Lucretia Pulver, que não raro dormia fora, em casa dos pais. Feito um inquérito, foi ela ouvida, pois o casal já havia desaparecido do lugar. Lembrava-se de um vendedor ambulante que certo dia aparecera no barracão, e que os patrões a mandaram dormir na casa dos pais, para que o hóspede pernoitasse no quarto dela. Pela manhã compareceu ela em casa dos patrões e soube que o vendedor partira muito cedo.

Diante do depoimento obtido pelos golpes do batedor invisível, foram feitas escavações no porão, mas era tempo de chuvas e, como a água enchia logo a fossa que se abria no terreno pantanoso, resolveram realizar a busca em época pro-

pícia. No verão, continuaram a escavação e, a cinco pés de profundidade, foram encontrados carvão, cal e alguns ossos humanos. Por ser muito incompleto o achado, os incrédulos teceram suas dúvidas sobre a verdade da revelação.

As pancadas continuavam, tendo-as testemunhado várias centenas de curiosos. A pouco e pouco foram estabelecendo uma convenção para receberem respostas mais detalhadas às perguntas que se faziam aos autores invisíveis. Convencionou-se um alfabeto em que cada letra representaria determinado número de batidas: o A seria uma, o B seria duas, o C, três, e assim por diante.

As meninas Fox viajaram, e também em outras casas, onde se hospedavam, ouviam-se as tais pancadas, travavam-se novas conversações com os Espíritos, processando-se ainda outros fenômenos interessantíssimos. Notou-se que possuíam elas uma faculdade especial, e pouco depois se observou que outras pessoas eram dotadas de semelhantes faculdades: ao contacto de suas mãos uma mesa se levantava, dava pan-



As irmãs Fox (Margaret, Kate e Leah), litografia de 1850

cadas com os pés, e essas pancadas respondiam com inteligência a perguntas. Nomes de respeitáveis personalidades já falecidas assinavam belas mensagens anunciadoras de uma revolução no campo moral das criaturas humanas, dizendo que afinal os tempos eram chegados para que novos horizontes se descortinassem aos destinos do homem.

Surgiu a época das mesas girantes que se tornou epidemia no mundo, como se pode ver da interessante obra de Zêus Wantuil, "As Mesas Girantes e o Espiritismo".

Foram as mesas girantes, e depois falantes, que chamaram a atenção do Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail para os fenômenos espíritas.

Depois das mesas surgiu a escrita com o lápis preso a uma cestinha de vime e, finalmente, com a mão do médium. Servindo-se desses últimos meios, Rivail elaborou a grandiosa Codificação do Espiritismo.

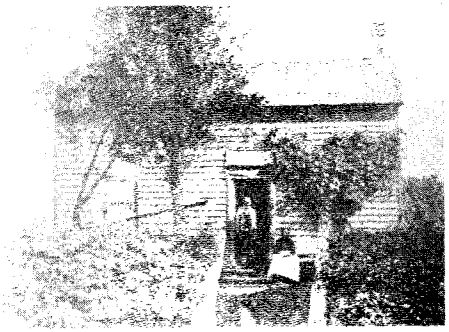
Outros casos de depoimentos pessoais de mortos foram registrados e alguns confirmados posteriormente. Os *rappings* e *knockings* não mais se usaram na transmissão de notícias e informações de além-túmulo. O barracão de John Fox envelheceu e desmoronou em parte (3), esquecido de todos, visto que surgiram fenômenos muito mais expressivos, formas de identificação de Espíritos comunicantes muito mais convincentes que levaram os estudiosos à certeza da continuação da vida *post mortem*.

Passou meio século de esquecimento sobre Hydesville. Eis senão quando, alguns escolares da aldeia, brincando no local das ruínas do barracão, notaram que havia caído parte de uma parede interna, junto do alicerce, deixando visível um esqueleto humano quase inteiro e um baú de ferro. Reconfirmava-se, assim, a declaração do Espírito do vendedor ambulante feita havia cinqüenta e cinco anos. O casal Bell ocultara o cadáver e o baú junto da parede da adega e construíra pelo lado interior outra parede. O fato foi consignado pelo "Boston Journal" de 23 de novembro de 1904, que disse terem ficado assim desvanecidas as últimas sombras de dúvida ainda existentes.

---

(3) Em 1916, Benjamin F. Bartlett adquiriu os restos do velho barracão, reconstruindo-o na cidade de Lily Dale, N.Y., onde é conservado até os dias atuais. (Veja-se o "Grand Souvenir Book of the World Centennial Celebration of Modern Spiritualism", obra publicada nos Estados Unidos, em 1948, p. 12.)

Ao que tudo indica, o cadáver fora enterrado no centro do porão. Depois, conforme argumenta Sir Arthur Conan Doyle, alarmado o criminoso pela facilidade que havia em ser descoberto o crime, exumou o corpo para junto do muro. Ou porque a transferência se verificasse com muita precipitação, ou porque a luz era escassa, ficaram vestígios da inumação anterior.



Situação atual do barracão de Hydesville transferido por Benjamin F. Bartlett, em maio de 1916, para Lily Dale Spiritualist Camp. N. Y.

Hoje, esses ossos e o baú se acham em Lily Dale, em um museu, registrando a triste história da inferioridade humana, e recordando o nascimento de uma Nova História para a Humanidade.

Um mundo de novos fenômenos mediúnicos, que se seguiram ao episódio de Hydesville, abriu outros caminhos aos estudiosos. Allan Kardec dilatou ainda mais os conhecimentos a esse respeito, sabiamente coordenando-os para uma compreensão menos imperfeita e mais justa do todo. Posteriormente, célebres trabalhos, devidos a homens notáveis, trouxeram subsídios importantes à obra do Codificador, muitos deles incorporando-se à Codificação, pois que esta não poderia ficar estática em determinado tempo, tendo de viver e crescer sempre, confirmada e apoiada por novos fatos bem verificados e inteligentemente interpretados."

2 — As «mesas girantes e dançantes»

Em 1853, a Europa inteira tinha as atenções gerais convergidas para o fenômeno das chamadas "mesas girantes e dançantes", considerado "o maior acontecimento do século" pelo Rev.^{mo} Padre Ventura de Raulica, então o mais ilustre repre-



G. Ventura de Raulica
(1792-1861)

sentante da teologia e da filosofia católicas. Em toda palestra havia sempre uma referência às mesas fantásticas: *table volante* ou *table tournante*, para os franceses; *table-moving*, para os ingleses; *tischrüeken*, para os alemães. (4)

A imprensa informava e tecia largos comentários acerca das estranhas manifestações, e, a não ser o grande físico inglês Faraday, o sábio químico Chevreul, o conde de Gasparin, o marquês de Mirville, o abade Moigno, Arago, Babinet e alguns outros eminentes homens de ciência, bem poucos se importavam em descobrir-lhes as causas, em explicá-las, a maioria dos acadêmicos olhando os fenômenos com superioridade e desdém.

Um articulista da época transcrevia em "História da Semana", no periódico "L'Illustration" (14 de maio de 1853), a interessante crônica do famoso crítico e literato francês, Júlio Janin:

"Toda a Europa (que digo eu, a Europa?), neste momento o mundo inteiro tem o espírito voltado para uma



Jules-Gabriel Janin
(1804-1874)

(4) O leitor que desejar conhecer melhor o histórico dessa época, poderá fazê-lo em "As Mesas Girantes e o Espiritismo", de *Zêus Wantuil*, 2.ª edição da FEB, 1978, com ilustrações e mais de trezentas páginas.

experiência que consiste em fazer girar uma mesa. Só se ouve falar, por toda parte, da mesa que gira; o próprio Galileu fez menos ruído no dia em que ele provou ser realmente a Terra quem girava em torno do Sol. Ide por aqui, ide por ali, nos grandes salões, nas mais humildes mansardas, no atelier do pintor, em Londres, em Paris, em New York, em São Petersburgo — e vereis pessoas gravemente assentadas em torno de uma mesa vazia, que eles contemplam à semelhança daqueles crentes que passam a vida a olhar seus umbigos! Oh! a mesa! ela fez tábua rasa dos nossos prazeres de todas as tardes."

Em Paris de 1853, principalmente, a recreação mais palpitante e mais original era a das "mesas girantes", havendo uma preferência quase que absoluta pelas mesas feitas de acaju.

Desenhos da época pintam os salões da alta aristocracia parisiense com a sua nota característica: senhores respeitáveis, senhoras e senhorinhas elegantes, reuniam-se em torno de mesas redondas, espalmando as mãos um pouco acima delas (formava-se uma corrente pelo contacto de todos os dedos mínimos), com o intuito de fazê-las movimentar; outro grupo tentava obter o movimento de uma bola suspensa por um fio; outro, um pouco distante, usava uma cesta munida de um lápis, sobre a qual uma dama *coquette* colocava a mão adornada de brilhantes, na esperança de conseguir algum rabisco numa ardósia; além, respeitável senhor de cavanhaque procurava movimentar uma cartola, sem tocá-la, é lógico. Nos mais diferentes locais, eram as experiências da moda. A conversa, tanto nos elegantes *boulevards* quanto nos *faubourgs* mais humildes, discorria invariavelmente acerca das mesas falantes e da guerra da Rússia contra a Turquia (5).

Os fenômenos constituíam para a generalidade dos assistentes um passatempo como qualquer outro. Quase ninguém se aprofundava no estudo da causa de tais manifestações extraordinárias. Às vezes surgia uma que outra pretensiosa explicação, que logo era desprezada, por não poder satisfazer aos fatos observados. Por esta época, o grande físico inglês

(5) *"Paris s'occupe en ce moment de deux choses: la guerre d'Orient et les tables parlantes"* — assim se iniciava um artigo publicado em "L'Illustration" de 26 de novembro de 1853.



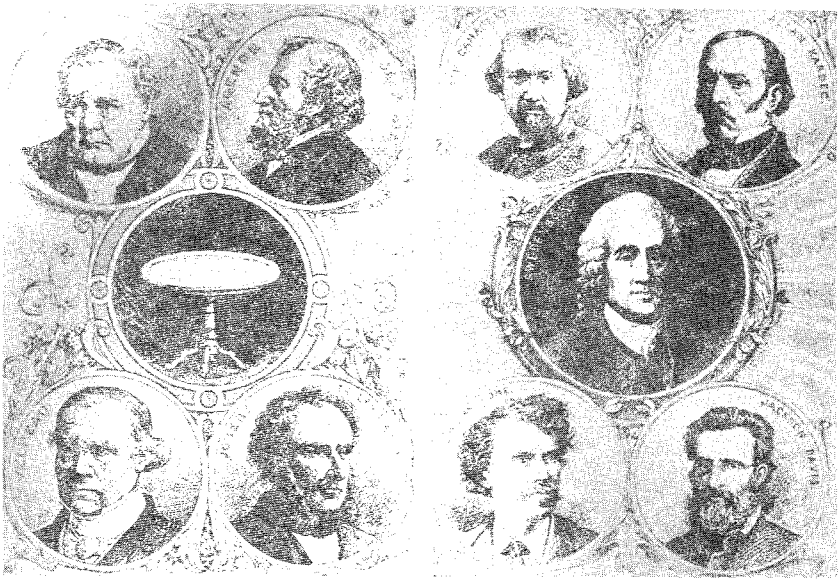
Michaël Faraday
(1791-1867)

Faraday, embora afirmasse a sua convicção na realidade das mesas girantes, expôs, no jornal inglês "L'Athenaeum", uma teoria tendenciosa, a que, entretanto, não se deu a importância que parecia desejar.

O importante semanário parisiense "L'Illustration", de 25 de junho de 1853, informava então que uma única "pessoa" não se achava nada satisfeita com tudo isto: a Academia, "que ainda — acrescentava com certo ar de pouca esperança — está a pesquisar as causas ocultas desse fenômeno de mesas girantes". Livros que tratavam dessas mesas começaram a aparecer, atraindo leitores aos milhares, citando-se, entre os autores, Roubaud, Gasparin, Mirville e outros.

Em 24 de dezembro de 1853, "L'Illustration" registrava a seguinte nota: "Depois que um eclesiástico, correspondente de "L'Univers", descobriu Satã, em pessoa, numa mesa de três pés, as "mesas falantes" adquiriram uma fama sinistra que lhes valeu serem postas formalmente no *Index* por dois dos nossos prelados, os Rev.^{mos} bispos de Orleães e de Viviers."

Mas as mesas continuaram... Veio o Santo Ofício e, em 4 de agosto de 1856, condenou os fenômenos em voga, dizendo



À esquerda, os teóricos das "mesas girantes": Babinet era físico, Gasparin, político, Velpeau e Lamballe, cirurgiões. À direita, alguns investigadores do mundo de além-túmulo, vendo-se o próprio Kardec

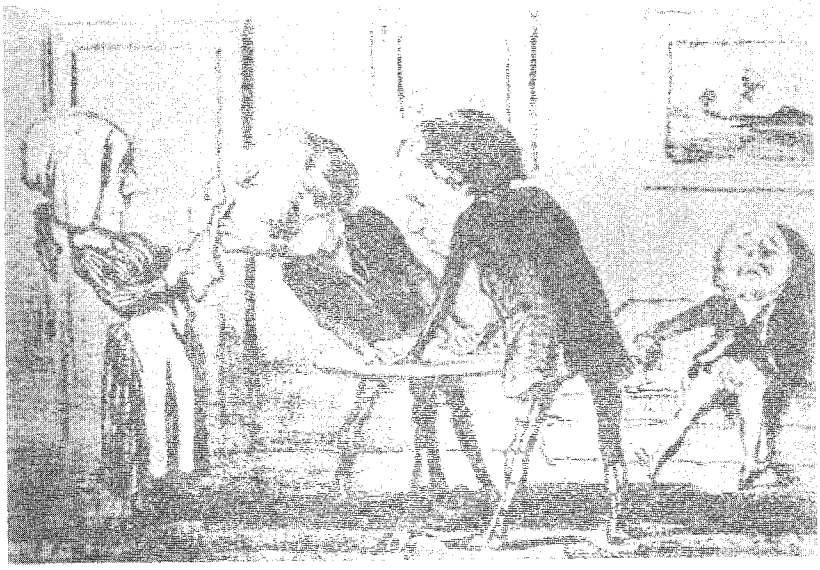
serem conseqüência de hipnotismo e magnetismo (já que pouca gente acreditava em peripécias do "diabo"), e tachava de hereges as pessoas por intermédio das quais eles eram produzidos. (6)

(6) *J. Bricout*: "Dictionnaire pratique des connaissances religieuses", 1928, t. VI, p. 443.

3 — Da diversão aos estudos sérios

A princípio, os magnetistas e outros observadores supunham que tudo fosse conseqüência da ação de um fluido magnético ou elétrico ou de um outro qualquer, de propriedades desconhecidas.

Partilhava do mesmo pensamento, como ele próprio o confessa em sua obra "O que é o Espiritismo" (7), o Professor



Honoré Daumier satirizou numa das suas litografias as mesas girantes; um dos magnetizadores da mesa está resfriado

(7) *Allan Kardec*: "O que é o Espiritismo", 14.ª edição FEB, pp. 40 e 47.

Denizard Rivail, que desde os 19 anos de idade (8) se interessava pelos estudos de "magnetismo animal" e que aceitara o fluidismo mesmeriano. Segundo ele, "o fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam", e daí, naturalmente, ter também aceito esta primeira explicação para as "mesas girantes".

Em fins de 1854, o Sr. Fortier, magnetizador com quem Rivail mantinha relações, lhe trouxe a estranha nova: as mesas também "falavam", isto é, interrogadas, respondiam qual se fossem seres inteligentes. E mais: por um dos seus pés, ditavam até magníficas composições literárias e musicais.

Rivail, possuidor daquela lógica austera e daquele senso que abriga o espírito de entusiasmos desarrazoados e de negações *a priori*, ouviu tudo o que o amigo lhe contava e respondeu, como verdadeiro homem de razão científica: "Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto da carochinha."

(8) "Revue Spirite", 1858, pp. 175/176.

4 — H. L. D. Rivail, educador, estuda os fatos

A propósito da notícia veiculada pelo Sr. Fortier, o ilustre professor faria este comentário adicional: "Eu ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa "falante" ainda não me entrara na mente."

Conforme assinalara a escritora inglesa Anna Blackwell, que o conheceu de perto, aquele espírito "ativo e tenaz" era "precavido até quase à friez, céptico por natureza e por educação".

Aliás, cerca de trinta anos antes, quando Rivail tinha apenas 24 primaveras, sua preocupação científica e seu caráter eminentemente positivo o fariam escrever numa obra sobre a educação pública: "Aquele que houver estudado as ciências rirá, então, da credulidade supersticiosa dos ignorantes. Não mais crerá em espectros e fantasmas. Não mais aceitará fogos-fátuos por espíritos." (9)

Foi, portanto, como racionalista estudioso, emancipado do misticismo, que ele se pôs a examinar os fatos relacionados com as "mesas falantes": "Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência (o Espiritismo) nos seus mais íntimos refolhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma, sem lhe conhecer o como e o porquê." (10)

---

(9) *Jean Vartier*: "Allan Kardec, la naissance du spiritisme", Paris, Librairie Hachette, 1971, p. 29.

(10) *Allan Kardec*: "O que é o Espiritismo", 14.ª ed. FEB, p. 36.

Como se vê, e o disse muito bem André Moreil (11), "entre Rivail, o educador, e Allan Kardec não há diferença alguma, nem de método, nem de rigor científico".

Em maio de 1855, convidado para assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, nº 18, aí presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, "em condições tais" — depõe ele mesmo — "que não deixavam margem a qualquer dúvida". Viu, ainda, as respostas inteligentes que, por meio de pancadas, a mesa fornecia, e assistiu a alguns ensaios de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio do primitivo processo da "cesta-de-bico" (*corbeille-toupie*) descrita em "O Livro dos Médiuns". (12)

Os fatos posteriormente observados por Rivail, em 1855, com diferentes médiuns, foram de tal ordem que o perspicaz e clarividente professor sentiu que algo de momentoso se estaria passando: "Entrevi — diria ele mais tarde — naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim investigar a fundo." (13)

Continuando a freqüentar a casa da Sra. Plainemaison, efetuou observações cuidadosas, repetiu experiências, até que encontrou nas sessões da família Baudin, então residente à rua Rochechouart, o ambiente ideal para prosseguir seus estudos.

Em 1856, as sessões realizadas na casa do Sr. Baudin, então sita na rua Lamartine, atraíam seleta e numerosa assistência. Conforme escreve o próprio Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos" ali fora começado e feito em grande parte. Entre os Espíritos menos sérios que ali se comunicaram, Kardec cita Frédéric Soulié, notável romancista e autor dramático, falecido em 1847, que se identificou de mil maneiras e escreveu um conto, publicado na "Revue Spirite". Ele se manifestou espontaneamente. "Sua conversação era espirituosa, fina, mordente, bem a propósito, e jamais desmentiu o autor das "Mémoires du Diable"." "O médium que lhe servia de intérprete era a Srta. Caroline Baudin, uma

(11) *André Moreil*: "La vie et l'oeuvre d'Allan Kardec", Éditions Sperar, Paris, 1961, p. 84.

(12) *Allan Kardec*: "O Livro dos Médiuns", ed. da FEB, capítulo XIII, n.º 154.

(13) *Allan Kardec*: "Obras Póstumas", 10.ª ed. da FEB, p. 239.



Frédéric Soulié
(1800-1847)

das filhas do dono da casa, médium inteiramente passiva, que nunca tinha a menor consciência do que escrevia, podendo rir e conversar livremente, o que ela fazia com naturalidade, enquanto a sua mão psicografava. O meio mecânico usado fora, durante muito tempo, a cesta-de-bico (*corbeille-toupie*) (...). Mais tarde, o médium se serviu da psicografia direta."

Estes dados informativos constam do Prefácio que Kardec fez para o conto de Soulié, acima referido, e que assim intitulou: "Une nuit oubliée ou la sorcière Manouza" (Mille deuxième nuit des Contes arabes)". (14)

Diante de fatos que tais, pôde o Professor Rivail concluir pela origem extraterrena dos numerosos manifestantes, a revelarem a sua condição de Espíritos, de almas daqueles que já tinham vivido na Terra, identificando-se de mil maneiras.

"Quando uma raça, uma arte, uma ciência, um credo preparam o seu advento, o homem extraordinário aparece

(14) "Revue Spirite", 1858, pp. 315/317.

personificando novas orientações dos povos ou das idéias. Anuncia-se como artista ou profeta, desentranha-as como inventor ou filósofo; empreende-as como conquistador ou estadista." Estas palavras de Ingenieros se aplicam como uma luva ao nosso biografado.

O Consolador, consubstanciado no Espiritismo, vinha de alvorecer, e um homem extraordinário fora destinado a preparar-lhe o advento e a consolidação. Hippolyte Léon Denizard Rivail foi este homem. Observando, comparando e julgando os fatos, sempre com cuidado e perseverança, concluiu que realmente eram os Espíritos daqueles que morreram a causa inteligente dos efeitos inteligentes e deduziu as leis que regem esses fenômenos, deles extraindo admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de consolações e de solidariedade universal.

A Terceira Revelação chegava na "hora H". O século XIX vivia a filosofia do desespero, e o nada era a "suprema libertação" que todos esperavam. O criticismo, o positivismo, o materialismo e o pessimismo reduziam a vida a simples agregação de matéria, que com a morte se extinguiria. Como justificar a vida, se o nada era o fim de tudo? Portanto, viver era um contra-senso, uma aberração da Natureza. Todos esses sistemas de filosofia negativista eram a conseqüência inevitável, fatal, da corrupção mesma da Igreja, "corrupção de que resultava, a um só tempo, a decadência da fé nas almas cristãs, e a reação dos espíritos independentes, interessados na obra da civilização e ávidos do conhecimento da verdade". (15)

Eis como pintou a tragédia da época o Dr. Romeu do Amaral Camargo: "Sepultada na treva da própria cegueira, a Humanidade havia esquecido a palavra redentora do Nazareno. A imortalidade sufocava-se ao peso de um materialismo sem peias. No oceano da vida, flutuava sem leme a idéia espiritualista, batida pelo furacão da dúvida, gerada e desovada pelo negativismo já triunfante..." (16)

Lamennais, o famoso filósofo e teólogo francês da primeira metade do século XIX, assinalava que então se vivia a praga do século, *a indiferença em matéria de religião.* (17)

---

(15) *Farias Brito*: "O Mundo Interior".

(16) "O Revelador", órgão da União Federativa Paulista, São Paulo, 1941, p. 74.

(17) *Apud* "L'Illustration", 1869, pp. 237/8.



F. R. de Lamennais
(1782-1854)

No meio de todo esse caos, desse "século de tempestade e de enfraquecimento, que se faz devorar pelo cepticismo e maldiz seu mal, sem querer curá-lo" (18), ameaçado de fazer soçobrar as esperanças da Humanidade, de decretar "a morte de todas as crenças, a ruína e o desastre da civilização contemporânea", os homens puderam contemplar a luz de uma nova Doutrina, que despontava no horizonte, anunciando a claridade do dia.

É Kardec quem nos diz dos seus temores ante a relevância da magna revelação que a Espiritualidade vinha trazer à Terra: "Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspecção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir."

Freqüentando reuniões inúmeras onde, por meio da "cesta", muitas vezes se obtinham comunicações que deixa-

(18) Palavras do filósofo suiço Charles Secrétan, no século XIX.

vam fora de toda a dúvida a intervenção de entidades estranhas aos presentes, Rivail começou a levar para as sessões uma série de perguntas sobre problemas diversos, às quais os Espíritos comunicantes respondiam "com precisão, profundeza e lógica". "Mais tarde — escreveu ele depois —, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinos recebidos, para instrução de toda a gente." (19)

(19) *Kardec*: "Obras Póstumas", 10.ª ed. da FEB, p. 242.

5 — O Missionário-chefe da Doutrina Espírita

Em 1856, a 30 de abril, em casa do Sr. Roustan, a médium Srta. Japhet, utilizando-se da "cesta", transmitiu a Rivail a primeira revelação positiva da missão que teria de desempenhar, fato que mais adiante, em circunstâncias diferentes, seria confirmado, e com mais clareza, por outros médiuns.

É uma página emocionante da história da vida de Rivail. Humilde, sem compreender a razão de sua escolha para missionário-chefe de uma doutrina que revolucionaria o pensamento científico, filosófico e religioso, pareceu duvidar. Mas o *Espírito da Verdade* lhe respondeu: "Confirmo o que foi dito, mas recomendo-te discrição, se quiseres sair-te bem. Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que ora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem."

E à imitação da Virgem Maria, Rivail elevou uma prece ao Criador, nestes termos: "Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa-vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios."

A tarefa agora é bem maior, de gravíssima responsabilidade e de suma relevância, visto que traria conseqüências

de alcance mundial, para todos os tempos. O "discípulo de Pestalozzi" aceita as funções de "missionário do Consolador".

Nunca elaborando teorias preconcebidas, sem nenhuma tendência ao espírito de sistema, e só admitindo por válida uma explicação quando ela resolvia todas as dificuldades do problema, o Prof. Rivail começou a tecer com os fatos, considerados ridículos ou vulgares pela maioria, a grande obra da Terceira Revelação.

"Um dos primeiros resultados das minhas observações — frisa ele — foi que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a opinião deles não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, evitou-me o grave escolho de crer na sua infalibilidade e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns. Só o fato da comunicação com os Espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível ambiente; era já um ponto capital, um imenso campo franqueado às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo e seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Cedo, observei que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, desvendava-me uma face desse mundo exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e condições, podendo cada qual nos ensinar alguma coisa e nenhum deles podendo, individualmente, ensinar-nos tudo."

Hippolyte Léon Denizard Rivail prosseguiu com devotamento exemplar seus estudos acerca da comunhão entre o mundo dos encarnados e o dos desencarnados. Acumulava o fruto de intenso trabalho, revendo anotações anteriormente feitas e procedendo a retificações sugeridas pelos Espíritos que o assistiam em tão nobilitante labor.

Inicialmente, o Professor Rivail esteve a ponto de abandonar as investigações, porquanto não era positivamente um entusiasta das manifestações espíritas. Premido também por preocupações de outra ordem, quase deixou de freqüentar as sessões, somente não o fazendo em atenção a pedidos reiterados de um amigo de vinte e cinco anos, o Sr. Carlotti, e de um grupo de intelectuais composto do dramaturgo

Victorien Sardou e seu pai, o Professor e lexicógrafo Antoine Léandre Sardou; do futuro membro da Academia Francesa, Saint-René Taillandier; do livreiro e editor da Academia,



Victorien Sardou,
aos 25 anos

Pierre-Paul Didier; de Tiedeman-Marthèse (20) e de outros, que acompanhavam, havia cinco anos, o estudo desses fenômenos e tinham reunido cinqüenta cadernos de comunicações diversas, obtidas principalmente por intermédio da "sonâmbula" Srta. Japhet.

Confiando na competência e honestidade de Rivail, eles lhe delegaram a ingente tarefa de compilar, separar, comparar, condensar e coordenar as comunicações que os Espíritos lhes ditaram.

O talentoso professor leu atentamente esses cadernos, dissecou-os com aquela sua conhecida acuidade intelectual, joeirou com prudência e imparcialidade as informações vindas dos Espíritos, elegendo os ditados que pudessem formar, juntamente com outros recebidos de mais de uma dezena

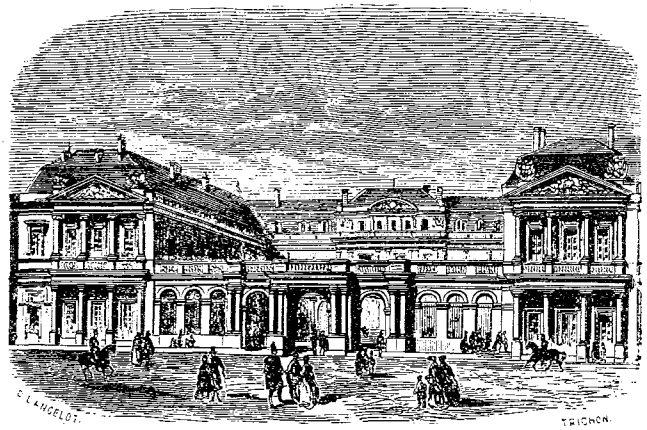
(20) Distinto filósofo holandês, segundo colhemos num discurso de P.-G. Leymarie. Primo coirmão da rainha da Holanda, certa vez representou, como "residente", o governo holandês perante a população de Java.

de médiuns psicógrafos, a obra que seria o clarim do "Consolador" prometido por Jesus. Assinala Kardec (21) que foram as senhoritas Baudin os médiuns que mais concorreram para esse trabalho, sendo quase todo o livro escrito por intermédio delas e na presença de seleta e numerosa assistência.

Infenso ao misticismo e ao fanatismo, começou ele a erigir, no *tête-à-tête* com o Além, as bases do monumental edifício doutrinário do Espiritismo.

"Conduzi-me com os Espíritos, como houvera feito com os homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*. Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui."

Assistido direta e indiretamente de uma plêiade de Espíritos Superiores superintendidos pelo Espírito da Verdade, ele desenvolvia, completava e remodelava aqui e ali o seu trabalho. Pronta a obra, antes de ser entregue aos editores, os Espíritos recomendaram uma revisão completa, que foi feita com o concurso mediúnico da Srta. Japhet, em sessões particulares realizadas à rua Tiquetonne, nº 14, na casa do Sr. Roustan, em dias e horas predeterminados pelos próprios Espíritos. (22)



Palais-Royal (1853)

(21) "Revue Spirite", 1858, pp. 36 e 315/317.

(22) Id. ib., p. 36.

Em princípios de 1857, o livreiro E. Dentu (Palais Royal, Galérie d'Orléans, 13 — Paris) encaminhava a primeira obra espírita de Rivail à Tipografia de Beau, em Saint-Germain-en-Laye, cidade situada 23 quilômetros a oeste de Paris, palco, em 1570, da assinatura do tratado de paz entre católicos e protestantes, que pôs fim à terceira guerra de religião.

Novos trabalhos de revisão e aprimoramento e a obra primeira da Codificação estava concluída. A citada tipografia começou, por sua vez, a impressão, dando-lhe o indispensável acabamento, e os editores, representados pelo livreiro Dentu, tiravam-na à praça, na cidade-luz, num dia inesquecível: 18 de abril.





6 — Allan Kardec — 18 de abril de 1857 — «Le Livre des Esprits»

A primeira edição de "O Livro dos Espíritos", cujo frontispício aqui estampamos (23), era em formato grande, in-8º, com 176 páginas de texto, e apresentava o assunto distribuído em duas colunas. Quinhentas e uma perguntas e respectivas respostas estavam contidas nas três partes em que então se dividia a obra: "Doutrina Espírita", "Leis Morais", "Esperanças e Consolações". A primeira parte tem dez capítulos; a segunda, onze; e a terceira, três. Cinco páginas eram ocupadas com interessante índice alfabético das matérias, índice que nas edições seguintes foi cancelado.

"No momento de publicá-lo — diz H. Sausse (24) —, o Autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com o seu nome — Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de *Allan Kardec*, nome que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos druidas."

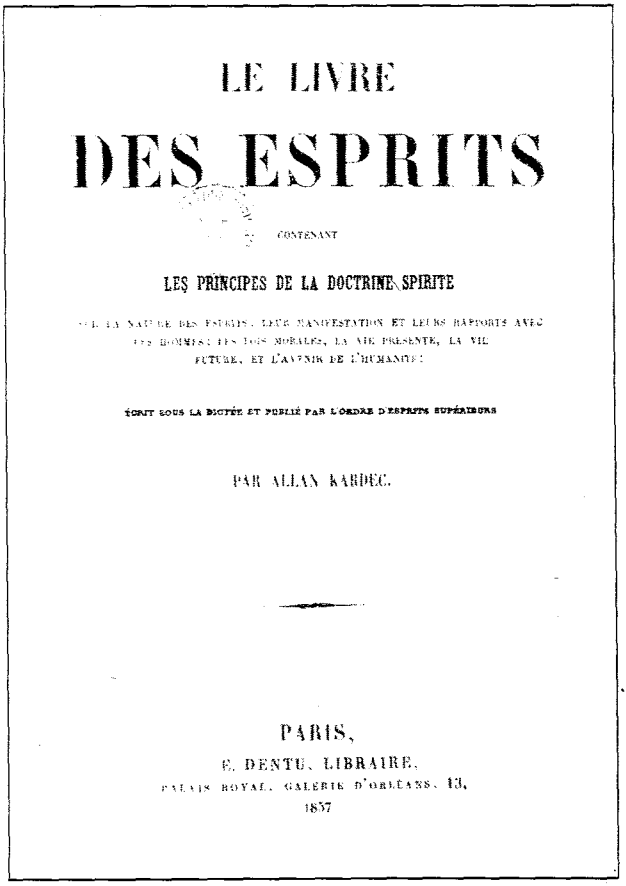
Sausse explica, noutro lugar de sua obra, que Z..., o Espírito protetor do Professor Rivail, é quem fez a revelação acima, tendo Z... (ou Zéfiro) acrescentado que ambos viveram juntos nas Gálias, unindo-os, desde então, uma amizade que os séculos fortaleceriam ainda mais.

---

(23) Fotografado na "Bibliothèque Nationale", de Paris.

(24) *Henri Sausse*: "Biographie d'Allan Kardec", 4me édition, página 32.

Foi assim que o surgimento de "O Livro dos Espíritos", fruto de revelações dos Invisíveis — "observadas, comparadas e julgadas" —, tornou duplamente histórica a data de 18 de abril de 1857, pois o nome *Allan Kardec* identificava o Missionário Máximo do Espiritismo, nascido no mundo dos homens com o livro divulgador da respectiva filosofia.



LE LIVRE

DES ESPRITS

CONTENANT

LES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE

SUR LA NATURE DES ESPRITS, LEUR MANIFESTATION ET LEURS RAPPORTS AVEC LES HOMMES; LES LOIS MORALES, LA VIE PRÉSENTE, LA VIE FUTURE, ET L'AVENIR DE L'HUMANITÉ;

ÉCRIT SOUS LA DICTÉE ET PUBLIÉ PAR L'ORDRE D'ESPRITS SUPÉRIEURS

PAR ALLAN KARDEC.

PARIS,

E. DENTU, LIBRAIRE,

PALAIS ROYAL, GALERIE D'ORLÉANS, 13,

1857

Primeira edição francesa de
"O Livro dos Espíritos"

A crítica malévola dos adversários do Espiritismo não deixou passar sem animadversão o pseudônimo do Professor Rivail. Já em 1857, este se preocupava em prestar esclareci-

mentos sobre o assunto (25). O Dr. Sylvino Canuto Abreu, residente na cidade de São Paulo, possui em seus arquivos o rascunho, escrito pelo próprio punho do Codificador, de uma carta por ele dirigida a Tiedeman, em 27 de outubro de 1857, nos seguintes termos:

> *"Duas palavras ainda a propósito do pseudônimo. Direi primeiramente que neste assunto lancei mão de um artifício, uma vez que dentre 100 escritores há sempre 3/4 que não são conhecidos por seus nomes verdadeiros, com a só diferença de que a maior parte toma apelidos de pura fantasia, enquanto que o pseudônimo Allan Kardec guarda uma certa significação, podendo eu reivindicá-lo como próprio em nome da Doutrina. Digo mais: ele engloba todo um ensinamento cujo conhecimento por parte do público reservo-me o direito de protelar... Existe, aliás, um motivo que a tudo orienta: não tomei esta atitude sem consultar os Espíritos, uma vez que nada faço sem lhes ouvir a opinião. E isto o fiz por diversas vezes e através de diferentes médiuns, e não somente eles autorizaram esta medida, como também a aprovaram."* (26)

---

(25) Em "Reformador" de 1976 (novembro, pp. 331/333), no artigo "Rivail — o direito de ser Kardec", antecipáramos considerações e referências sobre o pseudônimo de H.L.D. Rivail, aqui formuladas.

(26) Esse Sr. Tiedeman, destinatário da carta, parece ser o mesmo que, à época, hesitou muito em decidir-se a apoiar Rivail, financeiramente, no empreendimento da "Revue Spirite". Mais tarde (vide "Obras Póstumas", Segunda Parte, *nota* aos apontamentos da reunião de 15-11-1857, 15.ª edição, FEB, p. 294), o Codificador reconheceu fora para ele uma felicidade não ter tido quem lhe fornecesse fundos, pois, "sozinho, eu não tinha que prestar contas a ninguém, embora, pelo que respeitava ao trabalho, me fosse pesada a tarefa". A Espiritualidade Superior lhe adiantara: "Podes prescindir dele." Pôde, realmente, arcando pessoalmente com todo o ônus da empreitada.

A carta aludida, por constituir documento histórico do Espiritismo, vai transcrita, a seguir, em francês, na parte referente ao pseudônimo:

> "Deux mots encore sur le pseudonyme. Je dirai d'abord qu'en cela j'ai suivi un rusage reçu, puisque sur 100 écrivains il y en a les 3/4 qui ne sont pas connus sous leur véritable nom, avec cette différence que la plupart prennent des noms de pure fantaisie, tandis que celui d'Allan Kardec a une signification et que je puis le revendiquer comme mien au nom de la doctrine. Je dis plus: il renferme tout un enseignement que je me reserve de faire connaître plus tard. (...) Il y a

Somente dezoito anos depois da publicação de "O Livro dos Espíritos" surgiria a oportunidade que os inimigos da Doutrina Espírita esperavam para atacar publicamente e sem rebuços a onomatópose do Codificador. A história desse ataque foi resumida em "Reformador" de dezembro de 1975, às páginas 20 e 21, donde tiramos os seguintes trechos:

> *"Cinco anos após a desencarnação de Allan Kardec, a "Revue Spirite" publicou inúmeros artigos sobre* fotografia de Espíritos, *ilustrando-os, bem assim as notas informativas que a respeito estampava, com as fotos das pessoas que posavam para os fotógrafos (Buguet — médium — e Firman), e junto às quais apareciam amigos ou parentes desencarnados. Uma das fotografias, de Madame Allan Kardec, trazia a*



Madame Allan Kardec. Uma das fotos que deram margem ao célebre *Procès des Spirites*

---

d'ailleurs une raison qui domine tout: je n'ai point pris ce parti sans consulter les Esprits, puisque je ne fais rien sans leur avis. Je l'ai fait à plusieurs reprises et par différents médiums; or, ils ont non seulement autorisé, mais approuvé cette mesure." (*O manuscrito integra o rico acervo do arquivo de raridades históricas do Espiritismo, pertencente ao Dr. Canuto Abreu.*)

imagem do Codificador do Espiritismo, ostentando uma mensagem em francês, transcrita também na "Revue Spirite". No ano seguinte — 1875 —, precisamente no dia 16 de junho, quarta-feira, instaurava-se um processo que ficaria célebre: o Procès des Spirites *(Processo dos Espíritas), movido em Paris, pelo Ministério Público, contra Buguet, Firman e, também (e especialmente, é óbvio), Pierre-Gaëtan Leymarie.* (...) *O Procès des Spirites é algo tenebroso, autêntica peça inquisitorial, só concebível de ter existido nos distantes tempos da Idade Média. As próprias autoridades judiciais se permitiram dialogar de forma desrespeitosa com os acusados, avançando conclusões e, mesmo, desvirtuando informações, com o intuito indisfarçado de prejulgar. Nem sequer a Viúva Allan Kardec, que prestou declarações como testemunha intimada a comparecer a interrogatório, teve o tratamento devido aos seus cabelos brancos, conforme protesto verbal, na hora, e escrito, que exigiu fosse exarado nos autos respectivos."* (27)

Do mencionado interrogatório, a que foi submetida a Viúva Kardec, constam as seguintes perguntas e respostas, relativas ao pseudônimo do Codificador:

Juiz Millet — *Afinal, em que época o Sr. Rivail adotou o nome de Allan Kardec?*

Sra. Rivail — *Por volta de 1850.*

Juiz Millet — *Onde buscou ele esse nome? Num manual de bruxaria?*

Sra. Rivail — *Não sei o que o Sr. pretende dizer.*

Juiz Millet — *Nós conhecemos as origens dos livros de seu marido; ele se valeu sobretudo de um manual de bruxaria de 1522, de um outro livro intitulado* Alberti... *e de outros.*

---

(27) O "Procès des Spirites" foi editado pela FEB. Precedendo o inteiro teor do documentário, em francês, há uma "Apresentação", em português, fartamente ilustrada e anotada, que Hermínio C. Miranda preparou (de 123 páginas), a pedido da Federação Espírita Brasileira, resumindo o livro da Sra. Marina P.-G. Leymarie. Esta última parte foi publicada, também, separadamente.

Sra. Rivail — *Todos os livros de meu marido foram criados por ele, com a ajuda de médiuns e evocações. Não conheço nenhum dos livros a que o Sr. se refere.*

Juiz Millet — *Nós os conhecemos; o nome de Allan Kardec, que seu marido adotou, é o nome de uma grande floresta da Bretanha* (28). *A Sra. erigiu a seu esposo um túmulo no Père-Lachaise e nele colocou o nome de Allan Kardec; está convencida de que ele foi tal?*

Sra. Rivail — *Eu creio que não se deve gracejar sobre isso. Não é agradável ver rir de tais coisas.*

Juiz Millet — *Nós não estimamos as pessoas que se apropriam de nomes que não lhes pertencem, escritores que pilham de obras antigas, que ludibriam o espírito público.*

Sra. Rivail — *Todos os literatos usam pseudônimos; meu marido nada pilhou.*

Juiz Millet — *Foi um compilador, não um literato; um homem que fez magia negra ou branca; fique sentada!* (29)

O que a cega e irreverente malevolência dos acusadores do Codificador sempre fez questão de esquecer é que o uso de

---

(28) O Juiz incorreu em "equívoco": não sendo tão grande, a tal floresta não mereceu registro nos compêndios de Geografia nem nos dicionários e enciclopédias...

(29) Eis o protesto escrito da Viúva Rivail (p. 8 do apêndice ao "Procès des Spirites"):

> "Declaro que o Sr. Presidente da Sétima Câmara Correcional não me deixou livre para bem desenvolver o meu pensamento, pois, em meu interrogatório, introduziu reflexões estranhas ao debate e desejou ridicularizar o Sr. Rivail, conhecido como Allan Kardec, fazendo dele um simples compilador e negando seu título de escritor. Protesto energicamente contra essa maneira de interrogar e solicito ser ouvida novamente, porque é costume na França respeitar as senhoras, sobretudo quando têm cabelos brancos. Não deveriam interromper-me e mandar assentar-me, após terem-se divertido com o que considero como inatacável, ou seja, o direito de ter feito construir um túmulo para o meu companheiro de provações, para o esposo estimável e honrado por homens do mais alto valor."

pseudônimo sempre foi, é e será comum em toda parte. Não são apenas os literatos que os utilizam; a prática também é vulgar entre os artistas e até entre os políticos. Os monarcas e os Papas se dão novos nomes quando são coroados. Nas ordens religiosas católicas trocam-se os nomes dos que fazem votos. E as pessoas de todos os povos, em todos os países do mundo, usam corriqueiramente apelidos familiares ou sociais.

A verdade é que, ao adotar o pseudônimo de Kardec, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail deu valioso testemunho não somente de fé, mas igualmente de humildade, pois seu nome civil era dos mais ilustres da França. Ele descendia de antiga e conceituada família, cujos membros brilharam na advocacia e na magistratura.

Uma pessoa com tantos méritos e nome tão ilustre não precisava ocultar-se, senão por nobres razões, por trás de um pseudônimo.

* * *

Se Allan Kardec não fora um austero sacerdote druida, teria sido talvez, no começo da era cristã, um daqueles jovens gauleses que, esquecidos da língua dos pais, disputavam entre si, em grego ou latim, a palma da eloqüência nos chamados "*ludi miscelli*", espécie de torneios oratórios instituídos por Calígula em Lugdunum (Lião). Esta cidade tornara-se para a Gália qual foco literário cujo brilho radiava ao longe. Sábios romanos ali fixaram residência, foram fundadas livrarias e, a exemplo de Roma, a capital das Gálias tinha, também, seus professores livres e suas escolas municipais onde se ensinavam as gramáticas grega e latina, a retórica e a poesia.

7 — A data máxima do Espiritismo e a repercussão causada por «O Livro dos Espíritos»

"Data do aparecimento de "O Livro dos Espíritos" — sentenciou o escritor e editor Maurice Lachâtre (30) — a verdadeira fundação do Espiritismo, que, até então, só contava com elementos esparsos, sem coordenação e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento."

Que contém este luminoso livro? Contém, conforme diz, em síntese, o frontispício da obra, os Princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade. É uma obra de filosofia, não a filosofia que se entroniza em alturas abstratas, mas aquela acessível às inteligências mais humildes.

"O Livro dos Espíritos" alcançou êxito surpreendente na França e no resto da Europa, com repercussão pelas Américas. Sancionou-o a universalidade dos ensinos dos Espíritos.

Victorien Sardou leu a obra e, antes mesmo de haver chegado ao fim da leitura, escreveu a Kardec elogiosa carta, assim formulando a sua opinião:

> *"É o livro mais interessante e instrutivo que já li. É impossível que ele não tenha grande repercussão: todas as grandes questões de metafísica e de moral ali estão elucidadas da maneira mais satisfatória; todos*

(30) "Nouveau Dictionnaire Universel" — Panthéon Littéraire et Encyclopédie Illustrée, par *Maurice Lachâtre*, tome premier, Paris, Librairie du Progrès, s.d., p. 199.

Rascunho de carta que Victorien Sardou dirigiu a H.-L.-D. Rivail (Allan Kardec), em 18-7-1858

os grandes problemas ali são resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não puderam resolver. É o livro da vida, é o guia da Humanidade.

"Recebei, senhor, meus cumprimentos pelo modo como classificastes e coordenastes os materiais fornecidos pelos próprios Espíritos: tudo é perfeitamente metódico, tudo se encadeia bem, e vossa introdução é uma obra-prima de lógica, de discussão e de exposição."

O Sr. G. Du Chalard, num belo artigo publicado no "Courrier de Paris", de 11 de julho de 1857, escrevia, entre outras coisas (31): " "O Livro dos Espíritos", do Sr. Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do infinito, e estamos convencidos de que esta página será assinalada (...) Não conhecemos o autor, mas confessamos, abertamente, que ficaríamos felizes em conhecê-lo. Quem escreveu a introdução de "O Livro dos Espíritos" deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres." "A todos os deserdados da Terra, a todos quantos avançam ou caem, regando com as lágrimas o pó da estrada, diremos: Lede "O Livro dos Espíritos"; ele vos tornará mais fortes. Também aos felizes, aos que em seu caminho só encontram as aclamações da multidão e os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o e ele vos tornará melhores."

O abade Leçanu, em sua "História de Satanás", assim apreciava o alcance moral desta obra: "Observando-se as máximas de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, faz-se o bastante para se tornar santo na Terra." (32)

"Quem quer que leia esse livro, nele meditando, como eu o fiz, aí encontrará inesgotáveis tesouros de consolações, pois que ele abarca todas as fases da existência" (33), escrevia a Kardec, em 25 de abril de 1857, um capitão reformado, da cidade de Bordéus.

Humilde filho do povo, de Lião, exprimia também ao Codificador o seu reconhecimento pela publicação de "O Livro dos Espíritos" e falava da felicidade que esta obra lhe trouxe ao coração.

Era a vitória do Espírito sobre a Matéria. A primeira edição imediatamente se esgotou. A segunda, dada a lume

(31) "Revue Spirite", 1858, pp. 33 e 34.
(32) *Léon Denis*: "Cristianismo e Espiritismo", 5.ª ed., p. 298.
(33) "Revue Spirite", 1858, p. 35.

em março de 1860, "inteiramente refundida e consideravelmente aumentada", composta de quatro partes com 1.019 perguntas, foi impressa em Paris pelos livreiros-editores Didier et Cie. Trouxe na parte superior do frontispício as palavras "Filosofia Espiritualista", as quais, desde então, nunca mais deixaram de aparecer. (34)

"O Espiritismo — assinalou então Kardec — não fez soar a trombeta da publicidade, não encheu os jornais de pomposos anúncios", e, entretanto, essa segunda edição se esgotaria em quatro meses! (35)

Como frisou o Missionário de Lião em várias oportunidades, "O Livro dos Espíritos", quer em sua primeira, quer em sua segunda e definitiva edição, é a compilação dos ensinos ditados pelos Espíritos Superiores e publicado por ordem deles: "(...) ele nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não lhes tenha sofrido o controle. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem a obra daquele que recebeu a missão de o publicar."

Conquanto Kardec sempre repetisse que o mérito da obra cabia todo aos Espíritos que a ditaram, não é menos verdadeiro que a ele é que coube a ingente tarefa de organizar e ordenar as perguntas (e que perguntas!) sobre os assuntos mais simples aos mais complexos, abrangendo variados ramos do conhecimento humano.

A distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos, os quais primam pela concisão e pela clareza com que foram expostos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as elucidações complementares de sua autoria; as observações e anotações, as paráfrases e conclusões, sempre profundas e incisivas; e bem assim a sua notável "Introdução" — tudo isto atesta a grande cultura de Kardec, o carinho e a diligência com que ele se houve no afanoso trabalho que se comprometera a publicar. Kardec fez o que ninguém ainda havia feito: foi o primeiro a formar com os fatos observados um corpo de doutrina metódico e regular, claro e inteligível para todos, extraindo do amontoado caótico de mensagens mediúnicas

(34) Curiosos esclarecimentos podem ser conhecidos em "O Livro dos Espíritos no centenário de sua 2.ª edição, definitiva", impresso ao fim deste capítulo.

(35) "Revue Spirite", 1860, p. 370.

os princípios fundamentais com que elaborou uma nova doutrina filosófica, de caráter científico e de conseqüências morais ou religiosas. Assim, é como co-autor de "O Livro dos Espíritos", e não como simples compilador, que o devemos apreciar. A ele, pois, cabe, com mais razão, segundo o nosso despretensioso parecer, o mérito da grandiosa obra.

É bem verdade que Allan Kardec teve precursores, notadamente Andrew Jackson Davis, nos Estados Unidos, e Louis Alphonse Cahagnet, na França. Ambos publicaram, antes e depois de Kardec, inúmeras obras sobre o intercâmbio com o Além, recolhendo os materiais que os Espíritos lhes transmitiam, mas a Allan Kardec, como bem destacou o grande espírita italiano Ernesto Volpi, "coube a glória de haver solidamente estabelecido as bases do Espiritismo".

8 — Andrew Jackson Davis

Tendo já referido os fatos de Hydesville, de 1848, apresentamos agora o que em "Reformador" de abril de 1978 foi publicado a respeito de Andrew Jackson Davis, cognominado o "Pai do Espiritualismo Moderno", o "Allan Kardec americano".

"Filho de pais humildes e incultos, nasceu, em 1826, num distrito rural do Estado de New York (E.U.A.), às margens do rio Hudson, entre gente simples e ignorante. Era um menino pouco atilado, falto de atividade intelectual, corpo mirrado, sem nenhum traço que denunciasse a sua excepcional mediunidade futura.

Tal como sucedeu com Francisco Cândido Xavier, o célebre médium brasileiro dos dias atuais, Jackson Davis começou a ouvir, nos derradeiros anos de sua infância, vozes agradáveis e gentis, seguidas de belas clarividências, nele se desenvolvendo ao mesmo tempo os dons mediúnicos com aplicação em diagnósticos médicos.

Em 6 de março de 1844, provavelmente em corpo perispirítico, foi transportado da pequena localidade de Poughkeepsie, onde morava, às montanhas de Catskill, quarenta milhas distantes. Nestas montanhas encontrou dois anciães, que lhe revelaram ser seus mentores, posteriormente identificados como os Espíritos de Galeno e de Swedenborg. Foi este o primeiro contacto que o rapazinho teve com os chamados mortos.

Com o tempo, sua mediunidade ganhou novos rumos. Quando em transe, falava várias línguas, inclusive o hebraico, todas dele desconhecidas, expondo admiráveis conhecimentos de Geologia e discutindo, com rara habilidade, intrincadas

questões de Arqueologia histórica e bíblica, de Mitologia, bem como temas lingüísticos e sociais — apesar de nada conhecer de gramática ou de regras de linguagem e sem quaisquer estudos literários ou científicos. De tal modo eram as respostas, que "fariam honra — segundo o Dr. Jorge Bush, professor da Universidade de New York — a qualquer estudante daquela idade, mesmo que, para as fornecer, tivesse consultado todas as bibliotecas da Cristandade".



Andrew Jackson Davis
(1826-1910)

Sua pessoa chamou logo a atenção do Dr. Lyon, do reverendo Guilherme Fishbough e de muitos homens sérios e cultos, entre os quais sobressai o nome de Edgar Allan Poe.

Durante dois anos Davis ditou, em transe inconsciente, um livro sobre os segredos da Natureza, dado a público, em 1847, sob o título "Os Princípios da Natureza". A ele Conan Doyle se referiu, dizendo ser "um dos livros mais profundos e originais de Filosofia" e conta, nos Estados Unidos, com dezenas de edições.

Fato semelhante mais tarde se passaria, aqui no Brasil, com o médium atrás citado, o qual, nascido em meio igualmente pobre e inculto, e sem conhecimentos à altura, psico-

grafou, aos vinte anos, a notável e originalíssima obra poética "Parnaso de Além-Túmulo".

Como este médium, Davis também recebeu muitos outros livros, cerca de trinta, em parte editados com o título geral de "Filosofia Harmônica", a ele transmitidos pela entidade espiritual Swedenborg. Dezenas de edições foram publicadas nos Estados Unidos, o que bem mostra o interesse que suas doutrinas reveladoras despertaram, conquistando milhares de prosélitos.

Davis não era um místico nem um religioso no sentido vulgar, e nem aceitava a revelação bíblica na sua interpretação literal. Era honrado, sério, incorruptível, amante da Verdade e sinceramente compenetrado de sua responsabilidade naqueles acontecimentos renovadores. Na sua pobreza material, jamais esqueceu a justiça e a caridade para com todos.

Suas faculdades medianímicas chegaram a maior desenvolvimento depois dos 21 anos de idade, e ele pôde então observar mais claramente o processo desencarnatório de várias pessoas, narrando-o em todas as minúcias. Suas descrições estão concordes com inúmeras outras feitas por médiuns de diferentes países, adquirindo na obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier complementação assaz relevante.

Antes de 1856, Jackson Davis profetizou o aparecimento dos automóveis e dos veículos aéreos movidos por uma força motriz de natureza explosiva (36), como também as máquinas de escrever e, ao que tudo indica, as locomotivas com motores de combustão interna. É extraordinária, pasmosa mesmo, a riqueza de detalhes que acerca desses inventos futuros Davis deixou estampados em sua obra "Penetralia", hoje centenária.

Afora isso, ele também predisse, em 1847, a manifestação ostensiva dos Espíritos com as criaturas humanas, frisando que não levaria muito tempo para que essa verdade se revelasse numa exuberante demonstração. (37)

Sua obra inicial, de grande luminosidade, foi uma preparação para o aparecimento do Espiritismo, e numa de suas

---

(36) Veja-se no APÊNDICE do III vol. de "Allan Kardec" o capítulo IV: "A navegação aérea entrevista por Allan Kardec".

(37) Para maiores detalhes neste ponto e em outros, leia-se o capítulo III da obra "The History of Spiritualism", tomo primeiro, Cassell and Company, 1926, de *Arthur Conan Doyle*, capítulo inteiramente dedicado a Andrew Jackson Davis.

notas, datada a 31 de março de 1848, lê-se este significativo trecho:

"Esta madrugada um sopro fresco passou pelo meu rosto, e ouvi uma voz, suave e firme, dizer-me: "Irmão, foi dado início a um bom trabalho; contempla a demonstração viva que surge." Pus-me a cismar no significado de tal mensagem."

Muito longe estava ele de supor que, justamente na noite do citado dia, as irmãs Fox, em Hydesville, conversariam, por meio de batidas, com o Espírito de um morto, inaugurando o grandioso movimento espiritista mundial.

Por causa desse fato, Jackson Davis passou a ser citado por alguns escritores espíritas como "o profeta da Nova Revelação", como o fez Conan Doyle.

À série de livros sob o título geral de "Filosofia Harmônica", livros de alto nível moral e intelectual, seguiram-se as "Revelações Divinas da Natureza", cuja recepção absorveu os anos seguintes de sua vida.

Mediante suas visões espirituais do Além, deste apresentou descrição bem aproximada da que os Espíritos forneceriam em diversos países, inclusive no Brasil, aqui pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, nos livros do Espírito André Luiz.

Davis viu por lá uma vida semelhante à da Terra, vida a que se poderia chamar semimaterial, com gostos e objetivos adaptados às nossas naturezas, que a morte não modifica. Viu que, nesse vasto Além, o trabalho científico, o artístico, o literário e o humanitário não cessam. Viu as várias fases e graus do progresso espiritual, referindo-se às causas que retardam a evolução humana.

A bem da Verdade, diga-se que os numerosos livros que ele deu a lume, de alto alcance doutrinário, diferem, em vários pontos, dos ensinos kardequianos, sem, contudo, estar com eles em contradição, salientando-se a lei das reencarnações, que Davis apresentou como não obrigatória para o progresso do Espírito, entendendo que o Espírito pode e deve progredir no Espaço, sem necessidade de reencarnar.

Jackson Davis avançou mais do que Swedenborg no levantamento dos véus que encobrem os mistérios da Vida, mas o emérito pedagogo Allan Kardec, missionário posterior, complementou-lhe e ampliou-lhe a obra, baseado nas comunicações de muitos Espíritos Superiores, sob a égide do Espírito da Verdade.



Andrew Jackson Davis
(1826-1910)

Esta justa ressalva não empana e nem desmerece a real importância dos ensinos legados pelo grande médium norte-americano, a respeito dos quais o notável crítico E. Wake Cook disse serem capazes de reorganizar o mundo.

Nas viagens que, desprendido do corpo, fez ao Mundo dos Espíritos, Davis presenciou, num lugar a que chamou "Summerland", a educação harmoniosa das crianças desencarnadas, reunidas, por grupos, em grandes e belos edifícios, nos quais se lhes administrava instrução e cuidados especiais, tudo de acordo com a idade e os conhecimentos delas.

Davis ficou tão maravilhado com o sistema ali adotado e sua engenhosa organização, que buscou concretizá-lo no plano terrestre. Daí nasceu o primeiro Liceu Espiritista, por ele fundado em 25 de janeiro de 1863, em Dodsworth Hall, Broadway, New York. Esse movimento liceano ramificou-se nos Estados Unidos e propagou-se à Inglaterra, ao Canadá, à Austrália, etc.

O célebre vidente americano sofreu acusações caluniosas e críticas acerbas, contra ele assacadas pelos eternos mal-

versadores da Verdade. Homem superior, a tudo se sobrepunha com tolerância evangélica e larga compreensão.

Nos últimos anos de vida, Andrew Jackson Davis dirigiu uma pequena livraria em Boston, e aos 13 de janeiro de 1910, com a idade de 84 anos, desencarnava na sua residência de Watertown, no Estado de Massachusetts, legando à Humanidade o exemplo dignificante de sua frutuosa existência."

9 — Louis Alphonse Cahagnet

> "Se há *estações* para as flores, há *séculos* para as luzes." (Últimas palavras dos "Arcanos", t. III.)

A reprodução deste estudo, estampado em "Reformador" de junho de 1978, complementa o anterior, pois ambos referem-se a precursores de Allan Kardec, na França.

"Anos antes de surgirem os fenômenos tiptológicos e as mesas falantes, girantes, através da mediunidade das irmãs Fox, no Estado de New York, os quais iniciaram celeremente uma verdadeira revolução nos conhecimentos do porquê de nossa existência, já Louis Alphonse Cahagnet, conceituado magnetizador, nascido em Caen (França), em 1809, mantinha relações com os entes do além-túmulo por intermédio de vários pacientes em estado sonambúlico, ou de êxtase, estados provocados pela ação magnética. Desse intercâmbio surgiu, em 1847, o primeiro tomo de "Arcanes de la vie future dévoilés", mais ou menos ao mesmo tempo que aparecia nos Estados Unidos a volumosa obra mediúnica intitulada "The principles of nature, her divine revelations and a voice to mankind", ditada pelos Espíritos ao reverendo William Fishbough, através da mediunidade de Andrew Jackson Davis.

Do primeiro volume dos "Arcanos" fez-se uma tradução portuguesa, que sabemos ser muito antiga, mas não podemos precisar o nome do tradutor e o ano de sua publicação, por falta absoluta de referências nesse sentido. Nos Estados Unidos da América foi a obra em pauta vertida em inglês sob o título "Celestial Telegraph".

A 27 de novembro de 1848, Cahagnet reunia em Argenteuil (arredores de Versalhes) um grupo de dezesseis a dezoito homens que haviam testemunhado os fatos obtidos através da sonâmbula Adèle Maginot. Propôs então fundar uma Sociedade espiritualista, sugerida, aliás, pelo Espírito Emmanuel Swedenborg. Todos concordaram, e a 27 de dezembro de 1848 foi criada a primeira *"Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas"*, tendo ele, nessa ocasião, enunciado as suas famosas proposições, em número de sessenta e três, todas "se encadeando umas às outras como teoremas de geometria", e muitas delas confirmadas posteriormente.

Em 29 de março de 1852 essa Sociedade continuou seus estudos sob a denominação de *"Sociedade dos Estudantes Swedenborgianos"*, aproximando-se, mais tarde, do Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Não obstante todo o cuidado que se deve tomar na aceitação das narrativas dos sonâmbulos, Gabriel Delanne é o primeiro a afirmar que com Cahagnet o caso é diferente, sustentando que o célebre magnetista realmente conversou com os Espíritos, identificando muitos deles. "Não são simples reprodução de imagem dos seres desaparecidos: são individualidades que conversam, se movem, vivem e afirmam categoricamente que a morte não as atingiu" — fala Delanne, confirmando o intercâmbio entre o Além e Cahagnet.

Em 1850 Cahagnet publicou "Sanctuaire du Spiritualisme", ou o Estudo da alma humana e de suas relações com o Universo, segundo o sonambulismo e o êxtase; em 1851 aparecia "Lumière des morts ou Études magnétiques, philosophiques et spiritualistes", e "Traitement des maladies", obra esta que engloba um estudo das propriedades medicinais de 150 plantas que a extática Adèle Maginot transmitira a Cahagnet, além de uma exposição de diversos métodos de magnetização; em 1853, traduzidas do alemão, dava à luz em Paris as "Lettres odiques-magnétiques du chevalier de Reichenbach".

Embora descendente de uma família pobre, e tendo trabalhado sucessivamente, para poder viver, como relojoeiro, torneiro de cadeiras, caixeiro de comércio, fotógrafo, conseguiu, com sua poderosa força de vontade e seu dinamismo extraordinário e sua honestidade, adquirir posição de destaque, respeitado e admirado por todos quantos com ele privavam, mesmo os inimigos.

No primeiro tomo dos "Arcanos da vida futura desvendados", o Autor, numa dedicatória aos ilustres magnetizadores barão du Potet e Hébert de Garnay (este último, gerente do "Journal du Magnétisme"), declara desassombradamente num certo ponto: "Outros têm temor em revelar verdades



Alphonse Cahagnet
(1809-1885)

que poderiam ofender o espírito das seitas. Se estas últimas sustentam com denodo e boa-fé os erros, quanto não devemos nós dar a conhecer a fim de esclarecê-las? Acaso devemos temer qualquer coisa quando nos é dado substituir a fé pela experiência, e quando demonstramos a todos a inefável bondade do Criador? Não, senhores, vós o sabeis após haver adquirido, como eu, provas irrefutáveis de um mundo melhor; são estas provas que se torna necessário que todos as obtenham, e a ciência, que propagais com tão corajosa perseverança, deve fornecê-las a todas as pessoas."

"Se eu não houvesse sido auxiliado pela luz divina, teria sucumbido sob tão penosa tarefa" — declara mais adiante Cahagnet.

O barão du Potet, homem que na época era um tanto céptico com respeito a essas revelações do Além, mas que mais tarde foi constrangido a acreditar nelas e no mundo dos Espíritos, "por efeito de sério exame dos fatos", no próprio dizer dele, escreve então a Cahagnet longa carta de agradecimento, com alguma ironia, e termina assim: "Um filósofo céptico disse: "A alma não me parece senão fraca centelha que no instante do trespasse se dissipa nos ares." Vós provareis — eu espero — que tal filósofo estava em erro."

De fato, assim fez Cahagnet e, "interrogando os túmulos, falando com os seres falecidos" e anotando as palestras desse maravilhoso intercâmbio, edificou a portentosa obra com cerca de mil páginas, que formaram o tomo I dos "Arcanos", descortinando para a Humanidade desorientada uma nova pátria, cheia de vida, de atividade, onde moram os nossos mortos. Na bela introdução a esse monumental trabalho adverte o Autor: "Sede prudentes, não admitais nem rejeiteis nada sem um exame maduro; aquilo que não puderdes compreender, jamais digais que não é!" E mais adiante informa: "Esta obra vos oferecerá a prova de um mundo melhor que o nosso, onde vivereis após deixardes aqui o vosso corpo, e onde um Deus infinitamente bom vos recompensará em cêntuplo as aflições que vos eram proveitosas nesta terra de dor. Vou demonstrar que vossos pais e amigos ali vos esperam com impaciência, e que podeis, embora ainda sobre este Globo, entrar em comunicação com eles, falar-lhes e deles obter as informações que julgardes necessárias."

Concluindo sua introdução, disse que se sentiria muito feliz se "conseguisse firmar com outros homens essa crença que adquirira sobre a existência desse mundo de consolação, e fizesse penetrar pelo menos em algumas almas toda a felicidade que sentia, de esperanças tão doces!".

Ao tomo I dos "Arcanos", seguiram-se os tomos II e III. "Tudo o que a ignorância, o fanatismo, a tolice reeditaram posteriormente contra a nossa doutrina foi então despejado sobre o pobre magnetizador" — diz Gabriel Delanne. Cahagnet, porém, não esmorece. Nessa época, ele, juntamente com outros companheiros, funda, sob os auspícios da "*Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas*", o jornal "Le Magnétiseur Spiritualiste", no qual são consignados todos os fatos maravilhosos das relações com o Além, obtidos por ele e pelos magnetistas de todo o mundo que o quisessem fazer.

Os dois primeiros volumes dos "Arcanos" contêm as descrições de experiências realizadas com oito extáticos que possuíam a faculdade de ver e conversar com os Espíritos. Adèle Maginot foi um dos mais notáveis, sendo ela a intermediária de extensa série de evocações. Mais de 150 atas foram ratificadas por testemunhas que afirmaram reconhecer os Espíritos que a sonâmbula descreveu. O abade Almignana, doutor em Direito Canônico, teólogo, assistiu com entusiasmo a várias sessões de Cahagnet, tornando-se adepto do magnetismo e desenvolvendo, mesmo, suas possibilidades mediúnicas.

Somente no tomo III dos "Arcanos" refere-se o Autor aos fenômenos espíritas que se produziam nos Estados Unidos da América, e que foram também registrados no nº 162 do "Journal du Magnétisme". Neste volume, Cahagnet, em diálogos-refutações, responde vigorosa e inteligentemente aos seus contraditores: padres, homens de ciência, materialistas, etc., pondo por terra os diversos argumentos desfavoráveis ao conteúdo de sua obra. Cita ainda testemunhas merecedoras de crédito que relatam fenômenos de aparição, além de inúmeras respostas do Espírito Swedenborg a questões formuladas.

Pouco tempo depois de ter saído o primeiro tomo dos "Arcanos", o Autor foi premiado por seus denodados esforços: ele recebe várias cartas, onde os signatários expandem sua satisfação, o seu júbilo emocionado por tão gratas revelações.

Outros, entretanto, como o barão du Potet, acharam que o assunto era cedo ainda para ser tratado. Procederam tal e qual, até hoje, procedem os nossos irmãos sacerdotes católicos, mesmo os desencarnados, sempre a dizerem que o homem ainda não deve conhecer essas *profundas* questões do ser, sendo-lhe necessária a disciplina dogmática. Mas assim não pensava Cahagnet, e, hoje, nós com ele. Potet, por exemplo, escrevera: "Tratais destas questões com o avanço de 20 anos; o homem ainda não está preparado para compreendê-las", ao que Cahagnet replicou, no vol. III, dizendo: "Ah! respondemos então, por que o vemos banhar com suas lágrimas as cinzas daqueles que julga haver perdido para sempre? Em que momento da existência podemos chegar mais a propósito para dizer a esse homem: Consola-te, irmão, aquele que presumes separado de ti, para sempre, acha-se ao teu lado, a te asseverar, por meu intermédio, que ele vive, que é mais feliz do que na Terra, e que te aguarda nas esferas próximas para continuar o convívio contigo."

Qual ocorreu com as obras de Kardec, as de Cahagnet também foram batizadas pelo fogo. A leitura dos "Arcanos" foi proibida em todos os países católicos, por decisão do Tribunal Supremo e Sagrado, chamado a "Sagrada Congregação", tribunal cristícola e não *cristão*, diz Cahagnet, tribunal que — informa ainda o Autor — "julgou sem nos ouvir e condenou sem outro motivo que o de prazerosamente arremessar três de nossas obras, num só dia, no fogo..."

Em 1856, um ano antes de aparecer "O Livro dos Espíritos", Cahagnet fazia surgir as "Révélations d'outre-tombe", pelos Espíritos de Galileu, Hipócrates, Franklin, e outros, obra que estuda Deus, a preexistência das almas, a criação da Terra, vários problemas da Física, da Botânica, da Metafísica, da Medicina, a análise da existência do Cristo e do mundo espiritual, passando em revista as aparições e manifestações dos Espíritos, no século XIX, etc.

"Magie magnétique", outra publicação da autoria dele, surgida em 1857 ou 1858, trata dos fenômenos de transporte, de suspensão, das possessões, das convulsões, etc.

Publica em 1858 "Étude sur l'homme", uma brochura de oitenta páginas que tece profundas considerações sobre o homem e sobre todas as faculdades da alma humana.

O nome de Cahagnet atravessa as fronteiras francesas. Em 1861, ele recebe a honrosa visita do sábio Aksakof, que buscava dilatar seus conhecimentos e seus estudos sobre o magnetismo e o psiquismo.

O número de produções aumenta. Aparecem: "Encyclopédie magnétique spiritualiste" (1854-1861); "Étude sur le matérialisme et sur le spiritualisme" (1869); "Étude sur l'âme et le libre arbitre" (1880) e várias outras, num total de trinta, parecendo-nos que a última obra de Cahagnet tenha sido "Thérapeutique du magnétisme et du somnambulisme", impressa em 1883.

Realmente, Cahagnet foi um grande trabalhador, digno, sob todos os aspectos, da nossa admiração e reverência pela muita luz que, a par das críticas que sobre ele choviam, distribuiu entre muitos necessitados do espírito. "Um lutador soberbo", "que teve a glória de fazer-se o que foi: um dos pioneiros da verdade" — manifesta-se Gabriel Delanne, com ênfase.

Interrogando os mortos, Cahagnet obteve respostas interessantes e reveladoras sobre diversos assuntos: noções de

magnetismo, as propriedades da alma, a oração como meio de evitar os maus pensamentos, o modo por que deve ela ser proferida, as punições reservadas no mundo espiritual aos criminosos, as ocupações dos Espíritos, as sociedades formadas pelos Espíritos, as obsessões, descrição da separação que se faz entre a alma e o corpo no momento da morte, descrição dos Espíritos luminosos, sensações experimentadas no momento da morte, formas diversas que os Espíritos podem tomar, o inferno dos católicos (o que é), o fenômeno dos transportes, reunião dos familiares e afins no Espaço, noções sobre a loucura, suas causas, suas conseqüências no mundo espiritual, alucinações causadas pelos maus Espíritos, o livre-arbítrio, a cura pela prece, a linguagem do pensamento entre os Espíritos, a vestimenta dos Espíritos, as conseqüências do suicídio no além-túmulo, os lugares de reparação do mal, etc., etc. Dezenas de Espíritos, conhecidos e desconhecidos, se comunicaram com Cahagnet.

Embora muitas respostas sejam imperfeitas e incompletas, pois o Espiritismo apenas alvorecia, e embora a obra do magnetista de Caen não se iguale à inimitável exposição feita nos livros de Kardec, todos os espíritas devemos reverenciar a memória desse homem de fé e de coragem que foi Cahagnet.

Atualmente o Espírito André Luiz nos vem dando revelações mais claras sobre a vida no além-túmulo, revelações que resumidamente já estavam explanadas em 1847, nos "Arcanos" e em algumas outras obras ditadas por sonâmbulos.

Registraremos algumas das perguntas e respostas constantes no livro mencionado:

P. — Que fazem os irmãos (da sonâmbula) no céu?

R. — Eles recreiam e passeiam.

P. — Não se pode recrear e passear durante uma eternidade, sem um fim.

R. — Oh! eles fazem música, estudam ciências; ocupam-se melhor e com mais prazer que nós.

P. — Que faz ela (o Espírito da mãe da sonâmbula) no céu?

R. — Ela está com meu pai, meus irmãos, minha irmã, enfim, toda a família; ela se inquieta muito por mim, mas está muito feliz; ela lê e se sente satisfeita em ouvir meus irmãos tocar música.

P. — Há então livros no céu?

R. — Eu te rogo crê-lo, e não são eles romances como na Terra.

P. — De que falam eles?

R. — Dos mistérios de Deus, das ciências; mas não são escritos da maneira por que o são sobre a Terra, diz-me a minha mãe.

Noutra página, informa o Espírito da mãe da sonâmbula que, para o conhecimento de altos problemas, há instrutores, "que são mais amigos que mestres".

Eis agora como o Espírito de um sacerdote católico responde a algumas questões:

P. — A forma da alma que tendes é perfeitamente semelhante à do corpo em que ela habitava?

R. — Sim.

P. — Vós dormis e comeis?

R. — Dorme e come quem quer; isto não é uma necessidade como no Planeta; é mais uma satisfação para aqueles que o fazem.

P. — Morais numa casa como na Terra?

R. — Eu estou numa casa; há casas nesta vida, do mesmo modo que sobre a Terra.

P. — Há também cidades e aldeias?

R. — Eu não sei como se nomeiam as cidades no céu; basta dizer-vos que há casas. Não me ocupo do resto.

P. — Quais são as vossas ocupações ordinárias?

R. — Leio, escrevo e passo parte do meu tempo a aconselhar o bem aos indivíduos inclinados ao mal.

P. — Podeis então comunicar com eles?

R. — Sim, com os espíritos deles.

O espiritista italiano Ernesto Volpi, tendo publicado, em determinado ano, um artigo em que narrava os primeiros albores do Espiritismo no mundo, foi contraditado por alguns espíritas americanos, que disseram não ter sido Kardec o fundador do Espiritismo, porque antes dele já haviam aparecido Davis e Cahagnet.

Eis como Volpi, em junho de 1890, a isso respondia, com clareza e exatidão: "Os fundadores do Espiritismo são os Espíritos que sempre e em todos os tempos se têm manifestado. Doutro lado, é bom observar que não falei de Kardec somente,

mas da Doutrina que ele compendiou. Neste ponto ele é mais completo que os precedentes, precisamente porque sua sábia capacidade coordenadora pôde servir-se também dessas últimas fontes. A Davis e a Cahagnet coube a glória de terem sido os primeiros a recolher os materiais para formar a base do Espiritismo moderno, e a Allan Kardec, a glória de havê-la solidamente estabelecido." Dessa forma, fica definida a posição de Cahagnet na história do Espiritismo, lugar de pioneiro que sempre será lembrado pelo nosso coração agradecido.

* * *

A 10 de abril de 1885, com 76 anos, desencarnava, em Argenteuil, o velho batalhador Cahagnet, a cujo enterro compareceram inúmeros amigos e espiritistas. A esposa, meses depois, o acompanhava.

O jornal "Phare", dos departamentos do Seine-et-Oise e do Sena, publicou um artigo necrológico que a "Revue Spirite" de 1º de maio de 1885 transcreveu e do qual registraremos um trecho:

"Cahagnet é um exemplo raro do que pode uma firme vontade aliada a uma vasta inteligência. Ele se tornara, à força de trabalho e perseverança, um erudito, um profundo metafísico, e adquirira, no mundo que se ocupa do Magnetismo e do Espiritismo, distinguido lugar como publicista. Suas diversas obras — e o número é grande —, traduzidas para o inglês e o alemão, valeram-lhe numerosos testemunhos de estima e simpatia. Nada mais curioso e mais interessante a esse respeito que sua volumosa correspondência com sumidades científicas e literárias de todos os países."

10 — Allan Kardec, «o primeiro teórico do Espiritismo»

Henry Joly, arquivista-paleógrafo francês, Conservador-chefe das Bibliotecas e Arquivos da cidade de Lião, Diretor da Biblioteca Central de Prêt du Rhône, Conservador da Biblioteca e dos Arquivos Municipais de Caen, etc., oficial da Legião de Honra, premiado pela Academia das Ciências Morais e Políticas, com vários livros publicados, assim se referiu à primeira obra de Kardec: "O Livro dos Espíritos" oferece realmente o corpo da doutrina, exposta com uma nitidez em que se nota o antigo professor de ciências exatas, e que faz de Allan Kardec "o primeiro teórico do Espiritismo"." (38)

Ao demonstrar que até mesmo Sócrates e Platão foram precursores do Espiritismo, tanto quanto da idéia cristã, Kardec explicava que as grandes idéias jamais irrompem de súbito, e as que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam os caminhos. Chegado, porém, o grande momento de uma larga e ampla difusão, Deus envia à Terra o homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina.

Esse homem, no Espiritismo, foi, sem dúvida, Allan Kardec. Com simplicidade e clareza inigualáveis e extraordinário espírito de síntese, ele forneceu uma visão global do mundo dos Espíritos e suas relações com os seres encarnados, determinando as leis que regem a comunhão entre os dois

---

(38) *Apud* "Dictionnaire de Biographie Française", sous la direction de M. *J. Balteau*, M. *Barroux* et M. *Prevost*, avec le concours de nombreux collaborateurs, tome deuxième, Paris, VI, Librairie Letouzey et Ané, 1936.



Allan Kardec

planos da vida e erigindo, no trinômio passado-presente-futuro, toda a evolução do ser humano integral: alma e corpo.

E hoje, que tanto se fala em Parapsicologia, designação moderna da antiga Metapsíquica, convém lembrar que o fundador desta, Charles Richet, afirmou ser Allan Kardec "o homem que no período de 1847 a 1871 exerceu a mais penetrante influência, que traçou o sulco mais profundo na ciência metapsíquica". (39)

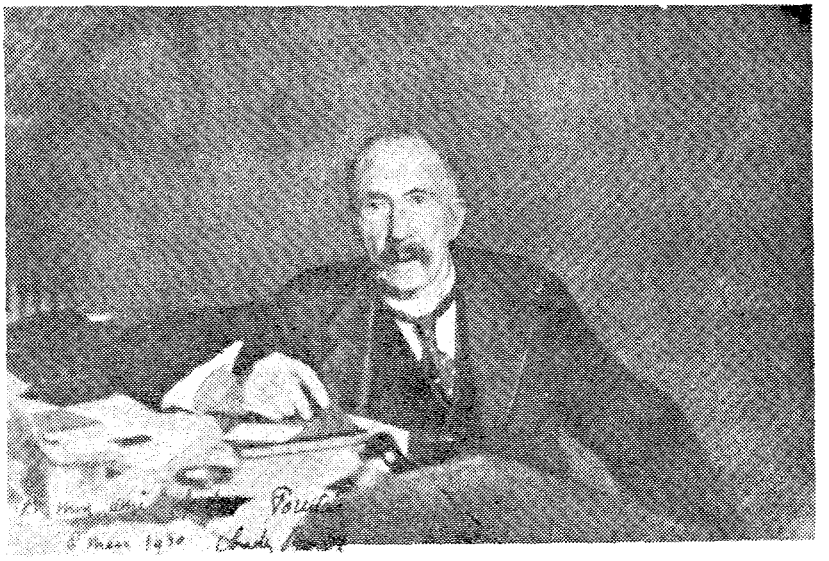


Foto de Charles Richet, em 6 de março de 1930, dedicada a Hubert Forestier, então diretor da "Revue Spirite" (clichê Jacques Boyer, Paris)

Como se fazia necessário, Kardec criou uma terminologia apropriada às coisas da nova doutrina. Entre outros, os vocábulos *espírita*, *espiritista* e *Espiritismo* exprimiriam, sem nenhum equívoco, as idéias relativas aos Espíritos. Seu criador explica que as palavras espiritual (*spiritual*), espiritualista (*spiritualist*) e Espiritualismo (*Spiritualism*), relacionadas pelos norte-americanos e ingleses às manifestações dos Espíritos, desde que estas surgiram ostensivamente nos Estados Unidos, eram motivo de confusão, visto que elas já tinham, de há muito, outra acepção bem determinada.

(39) *Charles Richet*: "Traité de Métapsychique", deuxième édition refondue, Paris, Librairie Félix Alcan, 1923. p. 34.

11 — «O Livro dos Espíritos» na sua 2ª edição, definitiva

"Pode-se ter muito atilamento, muita instrução mesmo, e carecer-se de bom senso; ora, o primeiro indício de falta de bom senso está em crer alguém infalível o seu juízo." (40)

A primeira edição de "O Livro dos Espíritos", entregue ao público em 18 de abril de 1857, dividia-se em três livros, com cerca de 501 perguntas de Allan Kardec e respectivas respostas de Espíritos superiores, acrescidas de notas e comentários do Codificador.

Segundo esclarecimentos daquele que recebeu a missão de publicá-la, toda essa obra

"foi obtida pela escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos". (41)

"Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são textualmente as que foram dadas pelos Espíritos, escritas, na maioria, diante de nossos olhos, algumas extraídas de comunicações que correspondentes nos remeteram ou que coligimos por toda parte onde nos foi possível fazer estudos: para este fim, os Espíritos parecem multiplicar aos nossos olhos os assuntos de observação.

"Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho foram as senhorinhas B..., cuja boa-vontade jamais nos faltou; o livro foi quase todo escrito por mediação delas e na presença de numeroso

---

(40) *Allan Kardec*: "O Livro dos Espíritos", Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, Parte XVII.

(41) "Revue Spirite", 1858, p. 36.

auditório que assistia às sessões com o mais vivo interesse." (42)

Parece, porém, que, afora os médiuns psicógrafos, também médiuns falantes ou psicofônicos tenham contribuído para a elaboração de "O Livro dos Espíritos", ainda que em pequeníssima parte dele, conforme se depreende da Nota XVII na 1ª edição. Aí, Kardec explica que o ensinamento que os Espíritos lhe deram

> *"o foi por intermédio de vários médiuns escreventes e falantes, que diferiam inteiramente entre si de caráter, e cujos conhecimentos sobre muitas perguntas não lhes permitiam ter uma opinião preconcebida; malgrado isso, houve sempre identidade perfeita na teoria que eles transmitiram, e freqüentemente um completou, com vários meses de intervalo, o pensamento expresso pelo outro. Mas com o que o autor buscou exercer uma influência real, foi com o desejo e a vontade de se esclarecer, com a ordem e a seqüência metódicas que ele pôs no trabalho, o que permitiu aos Espíritos darem-lhe um ensinamento completo e regular, como o faria um professor que ensinasse uma ciência, seguindo o encadeamento das idéias".* (43)

Quando da preparação do livro, Kardec recebe do Alto esta mensagem:

> *"Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso concurso; este trabalho é também nosso. Nós o reveremos juntos, a fim de que ele nada encerre que não seja a expressão do nosso pensamento e da verdade."* (44)

* * *

Em 1856, Kardec começou a também freqüentar as reuniões espíritas na casa do Sr. Roustan, nas quais a médium Srta. Japhet, mediante a cesta-de-bico, lhe transmitia comunicações sérias.

---

(42) Idem, ibidem.
(43) *Allan Kardec*: "Le Livre des Esprits", ed. de 1857, p. 170.
(44) Id., ib., p. 30.

Concluído em grande parte "O Livro dos Espíritos", Kardec resolveu então submetê-lo ao exame de outros Espíritos e com o auxílio de diferentes médiuns. (45)

> *"Mais tarde os Espíritos prescreveram a revisão completa em conversações particulares, para se fazerem todas as adições e correções que eles julgassem necessárias. Esta parte essencial do trabalho foi realizada com o concurso da Srta. Japhet* (46)*, que se prestou com a maior boa-vontade e o mais completo desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que marcavam os dias e as horas para as suas lições."* (47).

A 25 de março de 1856, o Missionário toma conhecimento da existência do seu guia espiritual — *A Verdade* —, que o protegeria e ajudaria sempre, assistindo-o quer diretamente, através de médiuns, quer pelo pensamento, forma esta que se tornou, mais tarde, a única. (48)

> *"A proteção desse Espírito, cuja superioridade eu estava longe de imaginar, jamais, de fato, me faltou. A sua solicitude e a dos bons Espíritos que agiam sob suas ordens, se manifestou em todas as circunstâncias da minha vida, quer a me remover dificuldades materiais, quer a me facilitar a execução dos meus trabalhos, quer, enfim, a me preservar dos efeitos da malignidade dos meus antagonistas, que foram sempre reduzidos à impotência."* (49)

Aos 17 de junho de 1856, na casa do Sr. Baudin, o *Espírito de Verdade*, após declarar que estava bem a parte já revista da obra, incumbe a Kardec, quando esta estivesse acabada, de

> *"tornar a revê-la, a fim de ampliá-la em certos pontos e abreviá-la em outros".* (50)

Não se contentando com a revisão que se fazia através do concurso mediúnico da Srta. Japhet, o Missionário, de

---

(45) *Allan Kardec*: "Oeuvres Posthumes", première édition, pp. 307/308.
(46) Rua Tiquetonne, 14.
(47) "Revue Spirite", 1858, p. 36.
(48) "Oeuvres Posthumes", 1ère. éd., pp. 312/313 ("Remarque").
(49) Id., ib., p. 314 ("Remarque").
(50) Id., ib., p. 324.

acordo, aliás, com a recomendação dos próprios Espíritos, procede dessa maneira:

> *"Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de "O Livro dos Espíritos", que apareceu em 18 de abril de 1857."* (51)

Quase ao terminar a obra, os Espíritos lhe dizem com alegria e entusiasmo, pela médium Srta. Baudin:

> *"Compreendeste bem a tua missão; estamos contentes contigo. Prossegue, e não te abandonaremos jamais. Crê em Deus e avança confiante!"* (52)

E como que a preparar e animar o espírito do Codificador para as árduas tarefas que se seguiriam, voltam os seus Instrutores a afirmar-lhe:

> *"Estaremos contigo todas as vezes que o pedires e para te auxiliar nos teus outros trabalhos, porquanto esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já um de nós te revelou."* (53)

* * *

No "Epílogo" da 1ª edição de "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec anunciava aos leitores o seguinte:

> *"O ensino dado pelos Espíritos prossegue neste momento sobre diversas partes, cuja publicação eles adiaram a fim de termos tempo para elaborá-las e completá-las. A próxima publicação, que se seguirá aos três livros contidos nesta primeira obra, compreenderá, entre outras coisas, os meios práticos pelos quais*

(51) Id., ib., p. 308.

(52) "Le Livre des Esprits", 1857, p. 30; "Oeuvres Posthumes", 1ère. éd., p. 326.

(53) "Le Livre des Esprits", 15ème. éd., 1867, p. XLII.

o homem pode conseguir neutralizar o egoísmo, fonte da maioria dos males que afligem a sociedade. Toca este assunto a todas as questões de sua posição no Mundo e de seu destino terrestre.

"Nota. — *Esta segunda parte será publicada por meio de subscrição, e remetida às pessoas*"... etc. (54)

Evidentemente, Kardec não se refere, no trecho acima, à obra, também de sua autoria, que surgiu em 1858 com o título: "INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS, *com a exposição completa das condições necessárias para comunicar com os Espíritos e os meios de desenvolver a faculdade mediadora nos médiuns.*" (55)

Esta nova obra não estuda o assunto de que fala Kardec no "Epílogo". O assunto em causa formaria, isto sim, o prosseguimento dos três livros da 1ª edição, formaria a *segunda parte* de "O Livro dos Espíritos", formaria, enfim, uma publicação à parte, um segundo volume de "O Livro dos Espíritos".

Tal era, então, o intento de Kardec com respeito a essa *segunda parte*, cuja publicação os Espíritos superiores haviam por bem adiado, dando ao Missionário da Codificação tempo para preparar e completar várias questões doutrinárias.

Aliás, já em 17 de junho de 1856, pela médium Srta. Baudin, o *Espírito de Verdade* informava a Kardec, ao se referir à publicação de "O Livro dos Espíritos":

"Por muito importante que seja esse primeiro trabalho, ele não é, de certo modo, mais do que uma introdução. *Assumirá proporções que hoje estás longe de suspeitar, e tu mesmo compreenderás que certas partes só muito mais tarde e gradualmente poderão ser dadas a lume, à medida que as novas idéias se desenvolverem e enraizarem. Dar tudo de uma vez fora imprudente; importa dar tempo a que a opinião se forme."* (56)

Pelo motivo que adiante o próprio Kardec apresenta, ele desiste da idéia, bem mais fácil talvez, de criar um segundo

---

(54) Id., 1857, p. 158.

(55) Na RS, agosto de 1860, p. 256, Kardec comunica aos leitores que esta obra, estando inteiramente esgotada, não seria mais impressa, substituída por um novo trabalho mais completo e obediente a outro plano.

(56) "Oeuvres Posthumes", 1ère. éd., pp. 324/325.

volume de "O Livro dos Espíritos". Inspirado pelo *Espírito de Verdade*, cuja ação era constante ao seu derredor (57), o mestre inicia o admirável e árduo trabalho de transformar "O Livro dos Espíritos" primitivo numa obra duplamente digna dos Espíritos superiores.

E eis que em março (58) de 1860, a "Revue Spirite" anunciava a venda da 2ª edição (*inteiramente refundida e consi-*

---

(57) Id., ib., p. 352.

(58) O Dr. Canuto Abreu mencionou o dia *18* de março de 1860, como sendo o lançamento da 2.ª edição, no trabalho que publicou em 1957 (texto em fac-símile, versão em face — Primeiro Centenário, 1957 — Companhia Editora Ismael, São Paulo, SP). Sua obra, bilíngüe (páginas pares, reprodução fotomecânica da 1.ª edição do original, de 1857; páginas ímpares, tradução do francês para o português), contém notas interessantes. A propósito do dia 18, teve ele a gentileza de endereçar carta a Francisco Thiesen, em 8-12-1974, respondendo a perguntas que lhe foram feitas através deste articulista, por ocasião de um encontro em São Paulo. Ao item 2 do lembrete deixado em seu poder ("Dia 18-3-1860, 2.ª edição de "O Livro dos Espíritos"), o Dr. Canuto Abreu informou o seguinte:

"R. Suponho referir-se à data encontrada no "Primeiro Livro dos Espiritos de Allan Kardec, 1857", p. VIII. Permita-me uma preliminar. Como se sabe, as edições de livros e jornais, na França, se regem por lei. Em 1860, vigorava o decreto de Napoleão, de 14 de outubro de 1811, que reza no art. 1.º — La direction de l'Imprimérie et de la Librairie est autorisée à publier, à dater de 1er novembre prochain, un journal dans lequel seront annoncées toutes les éditions d'ouvrages imprimés ou gravés qui seront faites à l'avenir, avec le nom des éditeurs et des auteurs, si ces derniers sont connus, le nombre d'exemplaires de chaque édition et le prix de l'ouvrage. Elle y fera aussi insérer avant la publication des ouvrages, les déclarations qui auront été faites par les libraires, pour la reimpression des livres de domaine public." Obedecendo à lei e aos regulamentos da época, DIDIER ET Cie., Libraires-Éditeurs, levaram a nova edição de "O Livro dos Espíritos", "entièrement refondue et considerablement augmenté", ao Ministério do Interior, em Paris, para a censura prévia e o competente registro. Isso ocorreu em 10 de março de 1860. Aprovada a obra, foi ela inscrita na "Bibliographie de la France, ou Journal Général", sob n.º 2.238, em 1860. Com todas as declarações de DIDIER, constantes de papéis impressos, na forma regulamentar. Em 1921, Paul LEYMARIE, então "éditeur" de obras espíritas e diretor da "Librairie des Sciences Psychiques", 42, Rue Saint-Jacques, Paris, permitiu-me examinar o livro de registro de todas as obras de Allan Kardec. Esse registro, organizado inicialmente por Pierre-Gaëtan LEYMARIE, encerrava a história resumida de todas as edi-

deravelmente aumentada) de "O Livro dos Espíritos", e Allan Kardec, com sua costumeira lealdade, advertia o leitor:

"AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO

"Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela devia compor-se de todas as questões que ali não couberam, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos fizessem nascer; mas como são todas relativas a alguma das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma seqüência. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para fundir tudo junto, e aproveitamos o ensejo para empregar na distribuição dos assuntos uma ordem bem mais metódica, ao mesmo tempo que suprimimos tudo quanto fosse repetição inútil. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, se bem que os princípios não hajam sofrido alteração alguma, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios exarados, apesar da diversidade das fontes de que nos servimos, é fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência demonstra, mesmo, que comunicações, perfeitamente idênticas, senão na forma, pelo menos no fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isto bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A História, por sua vez, atesta que a maior parte desses princípios foram professados pelos mais eminentes

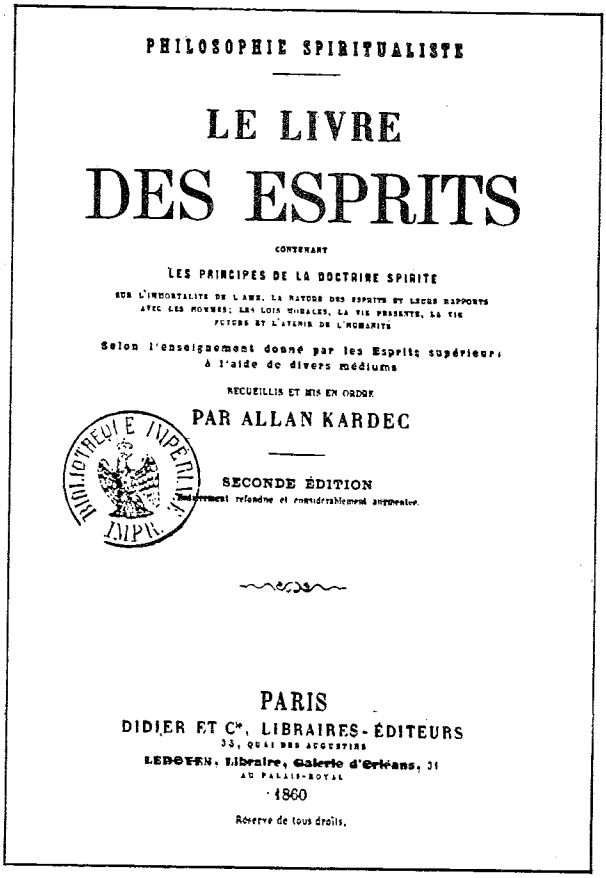
---

ções espíritas dos livros de Allan Kardec, mesmo as de *outros* editores. Ali se encontravam as datas 10 e 18 de março de 1860 relativas à entrada e à saída da 2.ª edição. Copiei. E encontrei, depois, no arquivo espírita de Allan Kardec, em parte com Paul LEYMARIE e noutra parte com Jean MEYER, algumas referências atinentes à mesma edição. Numa das "preces" rascunhadas pelo punho de Kardec, datada de 18 de março de 1860 (*), há um agradecimento a Deus, à "Verdade" e aos Espíritos Instrutores por motivo do lançamento da segunda edição."

(*) Poderia aparecer nas livrarias de Paris, à época, um novo livro, em *domingo* (18-3-1860)?

homens dos tempos antigos e modernos, recebendo deles a sanção." (59)

Pela transcrição desse "Aviso", que deve ser lido com redobrada atenção, fica claramente confirmado o que atrás dissemos. A *parte suplementar*, anunciada por Allan Kardec na primeira edição, nada mais é que a *segunda parte*, a *próxima publicação* de que fala o próprio Kardec no *"Epílogo"*, e que *se seguiria aos três livros contidos na primeira obra.* Esta nova parte, que os Espíritos adiaram e que sairia em *publicação isolada*, separada, aguardou, porém, a reimpressão da obra para aí se fundir e assim formar a 2ª edição, com-



PHILOSOPHIE SPIRITUALISTE

LE LIVRE

DES ESPRITS

CONTENANT

LES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE

SUR L'IMMORTALITÉ DE L'AME, LA NATURE DES ESPRITS ET LEURS RAPPORTS AVEC LES HOMMES; LES LOIS MORALES, LA VIE PRÉSENTE, LA VIE FUTURE ET L'AVENIR DE L'HUMANITÉ

Selon l'enseignement donné par les Esprits supérieurs à l'aide de divers médiums

RECUEILLIS ET MIS EN ORDRE

PAR ALLAN KARDEC

BIBLIOTHEQUE IMPERIALE IMPR.

SECONDE ÉDITION

Entièrement refondue et considérablement augmentée.

PARIS

DIDIER ET Cie, LIBRAIRES-ÉDITEURS

33, QUAI DES AUGUSTINS

LEDOYEN, Libraire, Galerie d'Orléans, 31

AU PALAIS-ROYAL

1860

Réserve de tous droits.

Segunda edição francesa de "O Livro dos Espíritos"

(59) "Revue Spirite", 1860, p. 96.

posta agora de quatro livros, aquela que se tornou definitiva, passando a ser adotada e seguida em todo o mundo espiritista.

* * *

Como frisou o Missionário de Lião em várias oportunidades, "O Livro dos Espíritos", quer em sua primeira, quer em sua segunda edição, é a compilação dos ensinos ditados pelos Espíritos superiores e publicado por ordem deles:

> *"... ele nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não lhes tenha sofrido o controle. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem a obra daquele que recebeu a missão de o publicar."* (60)

Portanto, é mais do que patente, em ambas as edições o papel dos Espíritos foi de amplitude e importância quase absolutas, e é Allan Kardec, ele próprio, quem declara, conforme já vimos, ter-se servido de vários médiuns ou fontes de ensinamentos. (61)

Se não podemos assegurar que ele submetera a nova edição à revisão e corrigenda dos Espíritos, igualmente nada nos autoriza a afirmar em contrário.

Permita-se-nos, entretanto, considerar não ser improvável essa revisão direta e ostensiva por parte dos Guias de Kardec, apesar de este não havê-la mencionado, lembrando-nos de que na 2ª edição de "O Livro dos Médiuns", "muito mais completa do que a primeira", os Espíritos nela tomaram parte ativa, corrigindo-a com particular cuidado, tudo revendo, aprovando-a ou modificando-a à vontade deles. (62)

Ora, se em a nova edição desta segunda obra da Codificação kardequiana os Espíritos superiores a reviram diretamente para a reedição, por que não teriam feito o mesmo com a primeira obra?

Todavia, mesmo que assim não fora, assistido pelo *Espírito de Verdade* e seus Prepostos durante toda a sua vida

---

(60) "Le Livre des Esprits", 1867, p. XLII; id., 1857, p. 30.

(61) Vejam-se os trechos correspondentes às notas (42) e (51).

(62) "Revue Spirite", 1861, pp. 361/362; *Allan Kardec*, "Le Livre des Médiums", 11ème. édition, 1869, p. VIII.

missionária (63), não era ele o intérprete fiel dessas mesmas entidades, em quaisquer circunstâncias?

> *"Nossa ação, principalmente a do* Espírito de Verdade, *é constante ao teu derredor, e tal que não a podes negar."* (64)

Allan Kardec, ele próprio, sentindo, a cada passo de sua missão, esta ajuda contínua, manifesta-a aos espíritas de Bordéus, ao tratar da elaboração da Doutrina:

> *"Nos trabalhos que executei, para atingir o objetivo que me propus, fui sem dúvida auxiliado pelos Espíritos, tal como eles me disseram várias vezes, embora sem nenhum sinal exterior de mediunidade."* (65)

Se incidentes vários se urdiram para lhe comprovar que os Espíritos superiores tomavam parte em seus trabalhos (66); se mereceu ser assistido, de modo todo particular, até pelo Mestre de todos nós, quando da elaboração de "O Evangelho segundo o Espiritismo" (67); se — como lhe afirmou um Espírito superior e seu companheiro de velhos tempos — o seu cérebro percebia as inspirações de mais Alto com uma facilidade de que nem ele mesmo suspeitava (68), ninguém, de boa mente, poderia pontificar que, na elaboração da segunda edição de "O Livro dos Espíritos", prevalecera exclusivamente o critério humano e pessoal do Missionário, tanto mais que, nos "Prolegômenos" desta edição, o mestre reiterou, incisiva e bem claramente, o que já havia afirmado para a 1ª edição:

> *"... ele ("O Livro dos Espíritos") nada encerra que não seja a expressão do pensamento deles (dos Espíritos superiores) e que não lhes tenha sofrido o controle."* (69)

E se se pretendesse dizer que a Terceira Revelação impreterivelmente findara em 18 de abril de 1857, ter-se-ia que afirmar também que os acréscimos existentes na edição de

---

(63) "Oeuvres Posthumes", 1ère éd., p. 314.
(64) Id., ib., p. 352.
(65) "Revue Spirite", 1861, p. 340.
(66) "Oeuvres Posthumes", 1ère éd., p. 353.
(67) Id., ib., p. 351.
(68) Id., ib., p. 352.
(69) Veja-se a nota 60.

1860 estariam dentro dessa mesma Revelação, porque já antecipada e implicitamente autorizados na 1ª edição (veja-se o extrato do "Epílogo", atrás transcrito) pelos Espíritos que a Providência encarregara de "instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade". (70)

* * *

Ao registrar, cerca de oito meses mais tarde, os primeiros comentários escritos em torno da 1ª edição de "O Livro dos Espíritos", Kardec esclarecia mais uma vez:

> *"Esta obra, como o indica seu título, não é de forma alguma uma doutrina pessoal, é o resultado do ensino direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do mundo onde um dia estaremos e sobre todas as questões que interessam à Humanidade."* (71)

No banquete que os espíritas lioneses ofereceram a Kardec, em 19 de setembro de 1860, o homenageado, ao agradecer as palavras carinhosas dirigidas a ele e a "O Livro dos Espíritos", assim ressaltava quase ao começo do seu discurso, provavelmente se referindo à 2ª edição, já lançada havia seis meses:

> *" "O Livro dos Espíritos" teve o objetivo de mostrar o alcance filosófico (do Espiritismo); se este livro tem algum mérito, presunçoso eu seria se disso me glorificasse, pois a doutrina que ele encerra de maneira alguma é minha; todo o mérito do bem que ele tem produzido pertence aos Espíritos sábios que o ditaram e que se dignaram servir-se de mim. Posso, assim, ouvir o elogio a ele, sem que minha modéstia se melindre e sem que meu amor-próprio se exalte."* (72)

Os textos dispensam qualquer comentário. Por si sós, dizem tudo.

* * *

Na edição de 1860, Kardec põe na parte superior do frontispício as palavras *"Filosofia Espiritualista"*, de acordo,

---

(70) "Le Livre des Esprits", 1857, p. 29.
(71) "Revue Spirite", 1858, p. 33.
(72) Id., 1860, p. 299.

aliás, com o seu pensamento emitido no "Epílogo" da edição de 1857:

> *"A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações materiais; filosófica a outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado a filosofia da ciência."* (73)

A referida deliberação do mestre também não foi tomada à revelia dos Espíritos superiores. Ao revés, deles já possuía, indiretamente, o sinete da aprovação, conforme se verá no trecho a seguir:

> *"No começo, toda a atenção se concentrou nos fenômenos materiais, que então alimentavam a curiosidade pública, mas esta tem o seu tempo: uma vez satisfeita, abandonam o que afeta os sentidos, assim como a criança que esquece o seu brinquedo. Os Espíritos disseram-nos a esse tempo: "Isto é o primeiro período, que em breve passará para dar lugar a idéias mais elevadas; novos fatos vão revelar-se e assinalarão um novo período, o filosófico, e a doutrina crescerá em pouco tempo, tal como a criança que deixa o berço. (...) Deus quer que seja assim, e estamos encarregados de executar-Lhe a vontade (...)"* (74)

Logo após recordar, em 1858, esses acontecimentos previstos pelos Espíritos, Kardec continua:

> *"Estamos longe, com efeito, das mesas girantes que quase não mais divertem, porque delas se cansaram; só o que fala ao nosso entendimento não nos enfada, e o Espiritismo vai de vento em popa em seu segundo período. (...) Elevando-se à posição de doutrina filosófica, o Espiritismo conquistou numerosos aderentes, mesmo entre aqueles que não testemunharam nenhum fato material."* (75)

---

(73) "Le Livre des Esprits", 1857, p. 158.
(74) "Revue Spirite", 1858, pp. 352/353.
(75) Id., ib., p. 353.

Foi, portanto, ainda de comum acordo com os Espíritos superiores que o Codificador introduziu no frontispício o vocábulo Filosofia, fornecendo, ao demais, na 2ª edição, o esclarecimento complementar seguinte:

> *"Como especialidade, "O Livro dos Espíritos" contém a doutrina* espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina* espiritualista*, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras:* Filosofia espiritualista." (76)

* * *

Nos "Prolegômenos" da 1ª edição, Kardec declara que este Livro fora escrito

> *". . . para estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita, isenta dos erros e dos prejuízos."* (77)

Ora, que é a "verdadeira doutrina espírita"? Eis que o próprio mestre nos responde:

> *"A verdadeira doutrina espírita está no ensino dado pelos Espíritos."* (78)

Se tanto na 1ª edição quanto na 2ª "O Livro dos Espíritos" é *o repositório dos ensinos dos Espíritos* (79), fica patenteado que ambas expressam a "verdadeira doutrina espírita".

Seja para evitar redundância, seja para expressar com precisão a parte do Espiritismo que se acha exposta em "O Livro dos Espíritos", isto é, a parte filosófica (80), Allan Kardec preferiu escrever nos "Prolegômenos" da 2ª edição o que se segue, sem dúvida com a aprovação dos seus Guias:

> *"Este livro (...) foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos prejuízos do espírito de sistema."* (81)

---

(76) "Le Livre des Esprits", 1867, pp. III e IV.
(77) Id., 1857, p. 30.
(78) Id., ib., p. 158; id., 1867, p. XXXIX.
(79) Id., 1857, p. 29; id., 1867, p. XLI.
(80) "Le Livre des Médiums", 1869, p. VII.
(81) "Le Livre des Esprits", 1867, pp. XLI e XLII.

Salientando que não é o fundador, criador ou inventor da filosofia espírita, "o discípulo fiel da verdade" reafirma em sua obra "O que é o Espiritismo", editada em 1859:

> *"Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital: que estes últimos são todos obra de homens mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuís, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio. Diz-se a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos."* (82)

Diante dos espíritas de Bordéus, em 1861, ele volta a sustentar que lhe coube, na elaboração da Doutrina, o papel de simples coordenador dos elementos que os bons Espíritos lhe forneceram, e acrescenta:

> *"... é a única parte que nela me coube, por isso jamais me arvorei como o seu criador; toda a honra pertence aos Espíritos; é, pois, a eles somente que os testemunhos de vossa gratidão se devem transportar."* (83)

Três anos mais tarde, falando aos espiritistas de Antuérpia, Kardec, em magistral discurso, reduz o seu lugar no advento do Espiritismo às proporções seguintes:

> *"Não é ele nem o de inventor, nem o de criador; vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e deles deduzi as conseqüências: eis a única parte que me coube. Em tudo isso fui um simples instrumento dos desígnios da Providência, e rendo graças a Deus e aos bons Espíritos por se dignarem servir-se de mim."* (84)

* * *

Conservemos sempre bem alto o nome de Allan Kardec, definindo claramente e sem paralogismos o seu papel e o dos

---

(82) *Allan Kardec*: "Qu'est-ce que le Spiritisme", 8ème édition, 1868, pp. 76/77.

(83) "Revue Spirite", 1861, p. 340.

(84) Id., 1864, p. 328.

Espíritos superiores na elaboração da doutrina contida em "O Livro dos Espíritos", desprezando as miseráveis questões de palavras para nos ocuparmos tão-somente com o que é essencial (85), tendo em vista que o que caracteriza a revelação espírita — "é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem". (86)

E esta revelação, identificada no Consolador prometido por Jesus, não findou com a publicação de "O Livro dos Espíritos", e quem o diz é o próprio Missionário da Codificação, em 1868, após uma série de considerações:

> *"A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado."* (87)

* * *

Acreditamos desnecessário apresentar conclusões finais, visto que o leitor por si mesmo a elas facilmente chegará, meditando sobre o que expusemos.

Não temos por infalível o nosso juízo a respeito das questões aqui levantadas, de modo que o entendimento deste trabalho — alusivo à 2ª edição de "O Livro dos Espíritos", àquela que, dada a lume em março de 1860, se tornou a definitiva, com 1019 (88) perguntas, em vez das 501 existentes no livro primitivo — será obra de cada um, com seu próprio discernimento.

---

(85) "Le Livre des Esprits", 1857, p. 31.

(86) *Allan Kardec*: "La Genèse", 5ème édition, p. 9.

(87) Id., ib., p. 33.

(88) A FEB, de 1974 em diante (34.ª edição), incorporou às notas da tradução de Guillon Ribeiro, de "O Livro dos Espíritos" (p. 494), a seguinte *Nota Especial n.º 2*: "Em edições anteriores a esta, as questões n.os 1012 a 1019 figuraram sob os n.os 1011 a 1018, respectivamente, sem ter sido atribuído número à questão imediatamente seguinte à de n.º 1010, mantendo-se, não obstante, o texto em sua incolumidade original. O lapso nasceu, no passado, de compreensível equívoco, pois na seqüência da numeração das questões o Codificador saltou o n.º 1011 na 2.ª edição francesa, definitiva, de março de 1860. Todavia, o texto foi mantido assim, mesmo nas quatorze edições que se seguiram até a desencarnação de Allan Kardec.

A propósito dos 122 anos, já decorridos, do advento, no Mundo, do Paracleto prometido pelo Mestre Divino, poderíamos finalizar, parafraseando as expressões do Cântico de Simeão (Lucas, 2:34):

"Este livro vem para a ruína e a ressurreição de muitos, e para ser alvo da contradição dos homens."

Capítulo II

LIMIAR DO MUNDO INVISÍVEL

1 — Missão de Allan Kardec

Emmanuel, Espírito que teria funcionado na Equipe de Espíritos Orientadores durante o período de atividades humanas de Allan Kardec (89), nos assuntos do Espiritismo, e que se comunica, nos últimos cinqüenta anos, pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Brasil, afirma, nos capítulos XXII e XXIII, do livro "A Caminho da Luz", o seguinte:

> " (...) nascia Allan Kardec, aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo." "Consolador da Humanidade, segundo as promessas do Cristo, o Espiritismo vinha esclarecer os homens, preparando-lhes o coração para o perfeito aproveitamento de tantas riquezas do Céu."

E na resposta à questão 353, do seu livro "O Consolador", o citado Espírito completa, a nosso ver, o que acima transcrevemos:

> "O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por

---

(89) Essa informação teria partido do médium F. C. Xavier. Em "O Evangelho segundo o Espiritismo" há uma comunicação muito significativa, sobre *O egoísmo*, assinada *Emmanuel*. (Cap. XI, item 11.)

transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloríolas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus-Cristo."

Mas, voltemos ao livro "A Caminho da Luz", ao segundo dos capítulos que indicamos:

"A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas." E, no capítulo XXIV, arremata a exposição do seu pensamento: "Somente o Espiritismo, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem ignorante do seu glorioso destino, barco que ameaça voltar às correntes da força e da violência, longe das plagas iluminadas da Razão, da Cultura e do Direito. Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças, mas o mundo não está à disposição dos ditadores terrestres."

Os livros mencionados foram preparados entre os anos de 1938 e 1940 e editados pela FEB, mas os seus enunciados estão plenos de verdade e atualidade.

Em consonância com tais ensinos merece relevo situar aqui a irrecusável realidade de que as missões do Espiritismo e de Allan Kardec confundiram-se e identificaram-se de maneira quase absoluta enquanto durou o trabalho espírita do Codificador, na Crosta Planetária. Principalmente se se dá o devido apreço ao Irmão X ("Cartas e Crônicas"), por Francisco Cândido Xavier, capítulo 28, "Kardec e Napoleão":

"(...) Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que trazia

à Terra, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro."

* * *

O Espiritismo surgiu em circunstâncias eminentemente favoráveis, como explica e demonstra Kardec, na RS (90) (1863, p. 295):

> "Mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido sufocado pelo fanatismo cego. Apresenta-se no momento em que o fanatismo, aniquilado pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode opor uma barreira séria, e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; apresenta-se no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os espíritos, em que se está à procura das grandes soluções que interessam o futuro da Humanidade. É, pois, nesse momento que o Espiritismo vem resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo caráter positivo, o único que convém à nossa época."

Kardec sabia muita coisa que não transmitiu, limitando-se, às vezes, a simples indicações, naturalmente adstrito às condições que lhe impunham as precisas ordens que possuía e ao resguardo dos inconvenientes de romper o silêncio prudente com muitas palavras extemporâneas.

Quanta propriedade existe, por exemplo, nesta declaração formal, mas sucinta, anotada na RS (1864, p. 147):

> "A AMÉRICA FOI O BERÇO DO ESPIRITISMO, MAS FOI NA EUROPA QUE ELE CRESCEU E FEZ SUAS HUMANIDADES."

Na "Conclusão" de "O Livro dos Espíritos", ele falou em três períodos do Espiritismo, que examinamos na "Introdução"

---

(90) Doravante, usaremos a abreviatura *RS* para designar a "Revue Spirite".

deste volume. Mas, anos mais tarde (RS, 1863, pp. 377 a 379), em belo estudo sobre o "período da luta", escreveu:

> "O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, assinalado pelo aparecimento de "O Livro dos Espíritos". O auto-de-fé de Barcelona, em 9 de outubro de 1861, foi o sinal que deu início ao *período da luta*. Desde esse momento, os ataques tomaram caráter de violência inaudita; a palavra de ordem foi dada: sermões furibundos, mandamentos, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi esquecido, nem mesmo a calúnia. Estamos em pleno período da luta, pois ele não acabou. Vendo a inutilidade do ataque a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai-se fazer sentir, mas é a calma precursora da tormenta." Mais adiante: "A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao quarto período, que será o *período religioso*; depois, virá o quinto, *período intermediário*, conseqüência natural do precedente, e que receberá mais tarde a sua denominação característica. O sexto e último período será o da *renovação social*, que abrirá a era do século vinte."

Allan Kardec esclarece como será esta última fase em que entrará a Humanidade — de união, de paz e de fraternidade entre os homens.

Aos nossos olhos ainda parece longe o último período do Espiritismo. Talvez Kardec devesse ter dito a coisa algo diferente: "(...) *que abrirá, com o término do século XX, a era do Terceiro Milênio.*"

2 — Na iniciação espírita de H. L. D. Rivail

Em 1854, por duas vezes, encontrou-se Rivail com seu amigo Fortier: ficara então sabendo das mesas girantes; que podiam ser *magnetizadas*, quais as pessoas, e que, não só era possível magnetizá-las como, até mesmo, conseguir que *falassem*. Às entusiásticas e sucessivas notícias de Fortier, o Professor Rivail antepunha razoáveis raciocínios, como tudo se acha exposto em "Obras Póstumas" — Segunda Parte —, "Minha primeira iniciação no Espiritismo". Mas, no ano seguinte, *começo de 1855*, um velho amigo seu, havia 25 anos, Sr. Carlotti, "corso de temperamento ardoroso e enérgico", de cuja "exaltação" Rivail desconfiava, falara-lhe, ao mesmo tempo que lhe contava "tantas coisas surpreendentes", na intervenção dos Espíritos nos fenômenos das mesas girantes. Foi o primeiro a tocar nesse ponto ao futuro Codificador, que, ao contrário do esperado, encheu-se de novas dúvidas, respondendo: "Veremos isso mais tarde." Pouco tempo decorrido, com efeito, ele *veria isso*. Foi em maio de 1855, com o Sr. Fortier, na casa de Mme. Plainemaison, onde se achava também o Sr. Pâtier. Na rua Grange-Battelière, 18, às 20 horas de uma terça-feira de maio, H. L. D. Rivail assistiu pela primeira vez aos fenômenos das mesas que "giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. (...) Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, *qualquer coisa de sério*, como que *a revelação de uma nova lei*, que *tomei a mim estudar a fundo*. (...) travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rochechouart. (...) Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin. (...) Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a

perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha". O Espírito Z. (*Zéfiro*) o missionário o encontrara nessa ocasião. Há revelações pessoais ligadas à intervenção dele junto a Rivail. "Obras Póstumas" é fonte de valiosos pormenores, dos quais só uns poucos deveremos reproduzir. Existe, porém, na referida coletânea de escritos do mestre, um parágrafo que transcreveremos imediatamente, porque seus termos são sobremodo significativos e elucidativos deste item:

> "Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, *desde a idade de 15 a 16 anos*. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, *a solução que eu procurara em toda a minha vida*. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; *ser positivista* e *não idealista*, para *não me deixar iludir*." (Todos os grifos da transcrição são nossos.)

De 1855 em diante, pelo menos, ou a contar de 1856 — no primeiro semestre —, Rivail já sabia, *por revelação mediúnica*: 1) que *Zéfiro* era seu Espírito Protetor e aquela que fora, na Terra, sua mãe, o visitava "em sonhos" (11-12-1855); 2) que seu Guia espiritual se autodenominava *a Verdade* ("cuja superioridade ele estava longe de imaginar") e lhe provara o interesse pelo trabalho que escrevia e revisava, tanto que aludiu a particularidades e deu-lhe conselhos sobre a reserva a ser mantida antes da respectiva *publicação*, no que o missionário sequer pensara antes (25 de março e 9 de abril de 1856); 3) que tinha importante tarefa a desempenhar, de missionário-chefe do Espiritismo, sucessivamente

objeto de comunicações (30-4-1856 — primeira revelação —, 7-5-1856, 12-6-1856 — a plena confirmação) do Mundo Invisível; 4) que, conforme suas próprias anotações de 1º-1-1867, expressamente assumira as graves responsabilidades que lhe comunicara o *Espírito Verdade* aos 12 de junho de 1856, nesse mesmo momento tendo-se assim pronunciado:

> "Espírito Verdade, agradeço os teus sábios conselhos. Aceito tudo, sem restrição e sem idéia preconcebida.
>
> "Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa-vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios."

De 1855 em diante, portanto, ou a contar de 1856, o Espiritismo e o Codificador eleito pelo Alto progressivamente se identificariam numa decisiva faixa de tempo, da mesma sorte que o futuro Allan Kardec (não estamos esquecendo que tal fora seu nome em pregressa peregrinação) e H. L. D. Rivail se confundiriam paulatinamente e numa doação completa à Causa da Humanidade.

A 6 de maio do ano seguinte, dezoito dias depois de "O Livro dos Espíritos" haver sido lançado, uma quiromante, a Sra. de Cardone, pela via intuitiva (embora, como bem asseverou e argumentou Kardec, o pretexto da leitura das linhas da mão não encontrasse respaldo na lógica, a explicação de uma "segunda vista" — ou clarividência — fazia perfeito sentido), identifica em Kardec "a tiara espiritual". No ano imediato a referida *médium* deixou Paris, mas em 1866 — passados oito anos — o Codificador tornou a vê-la. "Lembra-se da minha predição acerca da *tiara espiritual*? Aí a tem realizada. (...) O senhor não é, de fato, o chefe da Doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro? Em matéria de Espiritismo, haverá alguém cujo nome tenha mais autoridade do que o seu? Os títulos de sumo-sacerdote, de pontífice, mesmo de papa, não lhe são dados espontanea-

mente? São-no, sobretudo, pelos seus adversários e por ironia, bem o sei, mas nem por isso o fato deixa de indicar de que gênero é a influência que lhe reconhecem, porque pressentem qual o papel que lhe cabe. Assim, esses títulos lhe ficarão. Em suma, o senhor conquistou, sem a buscar, uma posição moral que ninguém lhe pode tirar, dado que, sejam quais forem os trabalhos que se elaborem depois dos seus, ou concomitantemente com eles, o senhor será sempre o proclamado fundador da Doutrina. Logo, em realidade, está com a *tiara espiritual*, isto é, com a supremacia moral. Reconheça, portanto, que eu disse a verdade."

Kardec demonstrou à Sra. de Cardone que ela viu tudo aquilo no espírito dela mesma, pela intuição, pela inspiração, pela dupla vista. Mais tarde ele teria ocasião de dizer e repetir que jamais se considerou "fundador" da Doutrina, mas seu "iniciador". Só reivindicava um título: o de "*irmão em crença*"!

Falaremos, no momento próprio, da comunicação de 17-1-1857, pela Srta. Baudin, sobre "uma nova encarnação" de Allan Kardec — a primeira notícia que tivera, a respeito.

3 — Disseminação dos fenômenos e das idéias espíritas no tempo e no espaço

Vamos averiguar, agora, servindo-nos das palavras do mestre, o que pensava ele sobre a ancianidade do Espiritismo, questão que a tantos ainda confunde na atualidade. Há, como dissemos na Introdução deste volume, uma linha indelével que pode ser seguida, no curso dos quatorze anos do esforço de Kardec como iniciador e sistematizador, "*o primeiro teórico do Espiritismo*".

É claro que Kardec tinha, por observações pessoais, pleno conhecimento da antiguidade e universalidade dos ensinos dados pelos Espíritos. Entretanto, diz ele, "se encontramos por toda parte traços da doutrina espírita, em parte alguma a vemos completa". E conclui: "Parece ter sido reservada à nossa época a tarefa de coordenar esses fragmentos esparsos em todos os povos, a fim de se chegar à unidade de princípios, mediante uma harmonia mais completa e, sobretudo, mais geral das manifestações (...)." (RS, 1858, p. 95.)

"Embora o Espiritismo esteja na natureza e tenha sido conhecido e praticado desde a mais alta antiguidade, é indubitável que em nenhuma outra época foi tão universalmente difundido quanto em nossos dias. Outrora só se fazia dele um estudo misterioso, no qual o vulgo não era iniciado; conservou-se por uma tradição, que as vicissitudes da Humanidade e a falta de meios de transmissão insensivelmente enfraqueceram. Os fenômenos espontâneos, que não cessaram de se produzir de tempos a tempos, passaram despercebidos ou foram interpretados segundo os preconceitos ou a ignorância da época, ou foram explorados em proveito de tal ou qual crença. Estava reservado ao nosso século (XIX),

em que o progresso recebe incessante impulso, dar à luz uma ciência que, por assim dizer, só existia em estado latente." (RS, 1858, p. 206.)

"Sucedeu com o Espiritismo o que, no começo, acontece com todas as coisas: os primeiros observadores não puderam ver tudo; cada qual viu de seu lado e se apressou em comunicar suas impressões sob o seu ponto de vista e de acordo com as suas idéias ou prevenções. (...) Porque se apressassem em explicar os fenômenos antes que vissem tudo, cada um o fez à sua maneira e, muito naturalmente, procurou as causas naquilo que constituía o objeto de suas preocupações. O magnetista relacionou tudo à ação magnética; o físico, à ação elétrica, etc. A divergência de opiniões em matéria de Espiritismo vem, então, da diferença dos aspectos sob os quais é ele considerado." (RS, 1858, p. 207.)

"A questão de prioridade em matéria de Espiritismo é, sem contradita, secundária" — salienta o Codificador, que prossegue: "Mas não é menos notável que, desde a importação dos fenômenos americanos, grande número de acontecimentos autênticos, ignorados do público, revelaram a produção de fenômenos semelhantes, tanto na França, quanto em outros países europeus, em época contemporânea ou anterior. É do nosso conhecimento que muitas pessoas se ocupavam de comunicações espíritas bem antes de surgirem as mesas girantes, e disso temos provas perfeitamente datadas." (RS, 1858, p. 351.)

Conforme já fizemos aqui notar, Kardec sabia perfeitamente que em todos os tempos houve comunicação com os Espíritos. Constantemente ele o repetia, dizendo, ainda, que em Paris, muitos anos antes que se cogitasse dos Espíritos dos E.U.A., certas pessoas já se ocupavam com essas manifestações. Esclarece, porém (RS, 1859, p. 275), que antes do meado do século XIX todos aqueles que possuíam tal conhecimento, dele faziam mistério e que agora caíra no domínio público e se vulgarizara, ganhando foros de verdade incontestável.

"Já dissemos centenas de vezes — insiste Kardec — que o Espiritismo está na Natureza e é uma das forças da Natureza. Os fenômenos dele decorrentes deveriam ter-se produzido em todos os tempos e com todos os povos, interpretados, comentados e vestidos de acordo com os costumes e o grau de instrução de cada um. Jamais pretendemos que fosse uma

invenção moderna. Quanto mais caminharmos, mais descobriremos os traços que ele deixou por toda parte e em todas as idades. Os modernos têm apenas o mérito de havê-lo despojado do misticismo, do exagero e das idéias supersticiosas dos tempos de ignorância." (RS, 1859, p. 280.)

* * *

Na RS de agosto de 1863, Kardec anuncia o falecimento de Jean Reynaud, "homem tão recomendável pelo seu saber quanto por suas qualidades morais". Nascido em Lião, em



Pierre Leroux
(1797-1871)

fevereiro de 1808, desencarnou em Paris aos 28 de junho de 1863. Ocupou importantes cargos na administração pública, cercou-se de amigos e admiradores ilustres, como Pierre Leroux, Ernest Legouvé e Carnot, e sua obra "Terre et Ciel",

que mais contribuiu para a sua popularidade, colocou-o na primeira linha dos filósofos espiritualistas.

Kardec inclui-o entre os mais eloqüentes precursores do Espiritismo. Como Charles Fourier, Pierre Leroux e Louis Jourdan, Reynaud também chegou, pela simples força do raciocínio e da intuição, à teoria reencarnacionista. "A única diferença entre eles e nós" — explicou Kardec —, "é que eles encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos." E mais adiante acentua (RS, 1863, p. 233): "Entre os precursores do Espiritismo há que colocar uma multidão de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, sem o saberem talvez, de idéias espíritas. Haveria volumes a escrever se quiséssemos recolher as numerosas passagens em que se faz alusão, mais ou menos direta, à preexistência e à sobrevivência da alma, à sua presença entre os vivos, às suas manifestações, às suas peregrinações através dos mundos progressivos, à pluralidade das existências, etc."

Allan Kardec reproduz na RS de 1867 o trecho de uma carta do padre Lacordaire à Sra. Swetchine, datada de Flavigny, 29 de junho de 1853, extraída de sua correspondência publicada em 1865.

Lacordaire confirma a realidade das mesas girantes e falantes, aceitando os Espíritos como os autores dessas mani-



J.-B.-Henri Lacordaire
(1802-1861)

festações, "numa época em que esses fenômenos eram mais objeto da curiosidade do que assunto de meditações sérias". (p. 43.)

"Para ele" — escreve Kardec —, "essas manifestações são *providenciais*; devem *perturbar e confundir os incrédulos*; admira nelas a profundeza dos desígnios de Deus."

"Os traços do Espiritismo" — enfatiza o mestre —, "encontrados por toda parte, são como as inscrições e as medalhas antigas que atestam, através dos séculos, o movimento do espírito humano. As crenças populares contêm, indubitavelmente, os traços, ou melhor, os germens das idéias espíritas em todas as épocas e com todos os povos, mas misturadas a lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. Não somente ali os devemos procurar, mas também na expressão dos sentimentos íntimos, onde os encontramos sobretudo no estado de pureza. Se pudéssemos sondar todos os arquivos do pensamento, ficaríamos surpresos de ver a que ponto estão enraizados no coração humano, desde a vaga intuição até os princípios nitidamente formulados." (RS, 1868, p. 268.)

4 — Orientação e métodos de pesquisa, sem «parti pris». — Credulidade e ingenuidades não tinham vez. — O fim essencial do Espiritismo. — Na ordem moral tudo tem valor filosófico. — Meticulosidade. — Desconfiar das idéias sistemáticas. — Prudência com as teorias científicas. — Periculosidade de um amigo imprudente. — A doutrina da reencarnação. — Exame crítico de comunicações na SPEE. — Teoria da incrustação na formação da Terra. — Ciladas das teorias engenhosas de alguns Espíritos. — Examinar friamente as coisas, sem entusiasmos. — Circunspeção

"Dirigimos nossas investigações a tudo quanto possa esclarecer-nos — informa Allan Kardec —, interessando-nos, de preferência, as comunicações inteligentes — fonte da filosofia espírita e cujo campo é ilimitado —, às manifestações puramente materiais, de interesse apenas momentâneo." (RS, 1859, p. 174.) E prossegue, no mesmo número da "Revue":

"Os Espíritos são o que são, e não podemos alterar a ordem das coisas. Não sendo todos perfeitos, só lhes aceitamos as palavras reservando-nos o direito de verificá-las e não com a credulidade das crianças. Julgamos, comparamos, extraímos conseqüências das nossas observações, e os próprios erros são ensinamentos para nós, porquanto não renunciamos ao nosso discernimento." (P. 176.) "Saibam, pois, aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, que consideramos toda opinião expressa por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão após tê-la submetido ao

controle da lógica e dos meios de investigação a nós fornecidos pela própria ciência espírita, meios que todos vós conheceis." (Pp. 176/7.)

"Há duas partes no Espiritismo — repete Kardec —: a dos fatos materiais, e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, por isso é que os Espíritos começaram por ela. A segunda, que decorre da primeira, é a única capaz de conduzir à transformação da Humanidade pelo melhoramento do indivíduo. O melhoramento é, pois, o fim essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírita sério. Havendo deduzido essas conseqüências segundo as instruções dos Espíritos, definimos os deveres que esta crença impõe. Inscrevemos o primeiro na bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, ao seu aparecimento, como o facho do futuro, e que não demorou a dar volta ao Mundo, tornando-se a contra-senha de quantos vêem no Espiritismo mais do que um fato material. Por toda parte, ela foi acolhida como símbolo da fraternidade universal, como penhor de segurança nas relações sociais, como aurora de uma nova era, em que devem extinguir-se os ódios e as dissensões." (RS, 1866, p. 113.)

Sob o título "Os tempos são chegados", Allan Kardec escreve longo artigo na RS de outubro de 1866, reproduzido em sua quase totalidade em "A Gênese", cap. XVIII.

Falta à referida transcrição, entre alguns outros trechos de menor importância, o que abaixo traduzimos, digno de registro, embora seu conteúdo tenha sido repetido em outros lugares da obra kardequiana. Ei-lo:

"Fazendo conhecer novas leis da Natureza, o Espiritismo dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até o presente, e aniquila ao mesmo tempo a incredulidade e a superstição. Para ele não existe nem sobrenatural nem maravilhas; tudo, no mundo, se cumpre em virtude de leis imutáveis. Em vez de substituir um exclusivismo por outro, erige-se em campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta pela raiz, ao proclamar a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegarem, por seus próprios esforços, pela expiação e reparação, à perfeição, meta que conduz à suprema felicidade. Em vez de

desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o alvo que pode atingir.

"Não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que ligará os homens num sentimento comum de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Não há fé inabalável senão a que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade*, ele destrói o império da fé cega, aniquiladora da razão, e o da obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta seu moral.

"Conseqüente consigo mesmo, o Espiritismo não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que venham a ele livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras, e apenas combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos mais sérios ao progresso moral. Ele, porém, não lança anátema em ninguém, nem mesmo sobre seus inimigos, porque está convencido de que a estrada do bem está aberta aos mais imperfeitos, e, cedo ou tarde, estes ali entrarão." (RS, 1866, p. 299.) É isso essencialmente o que figura em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XV, itens 8 e 9.

"Tudo, no Espiritismo — escreveria em 1868 —, é objeto de estudo para o observador sério; os fatos insignificantes na aparência têm sua causa, e esta causa pode relacionar-se com os mais importantes princípios. Não é que as grandes leis da Natureza se revelam no mais pequeno inseto, tanto quanto no animal gigantesco? no grão de areia que cai, quanto no movimento dos astros? Despreza o botânico uma flor, porque ela é humilde e sem esplendor? O mesmo acontece na ordem moral, onde tudo tem o seu valor filosófico, como na ordem física tudo tem seu valor científico." (RS, pp. 83/4.)

Allan Kardec era meticuloso em suas pesquisas, e antes de aceitar um fenômeno como oriundo dos Espíritos, ele o fazia passar pelo crivo da razão, examinando-o sob todos os ângulos e tentando-o explicar, primeiro, pelas hipóteses fisiológicas. Ele pontifica que "os únicos sinais que realmente podem atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes". Fora isso, só lhe caberá ver apenas fenômenos fisiológicos ou de óptica em todos e quaisquer gêneros de manifestações, "sobretudo nos ruídos, nas pancadas, nos movi-

mentos insólitos de corpos inertes, os quais podem ser produzidos por mil causas físicas". "Nós o repetimos: enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, faz-se mister apreciá-lo duas vezes, antes de atribuí-lo aos Espíritos." (RS, 1860, p. 43.)

A teoria da formação da Terra por incrustação, isto é, pela incrustação de vários corpos planetários, dada por certos Espíritos, em várias épocas, não recebe a adesão do Codificador, que a põe no rol das hipóteses pouco admissíveis. Declarando que esta teoria não era a única dada pelos Espíritos, ele comenta: "Isso nos prova que, fora da moral, que não pode ter duas interpretações, só se devem aceitar as teorias científicas dos Espíritos com a maior reserva, porque, repito-o, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência totalmente elaborada; estão longe de tudo saber, máxime no que respeita ao princípio das coisas; enfim, é preciso desconfiar das idéias sistemáticas que alguns dentre eles buscam fazer que prevaleçam, e às quais não têm nem mesmo o escrúpulo de dar uma origem divina." (RS, 1860, pp. 107/8.)

"É, pois — adverte Kardec —, sobretudo com as teorias científicas que se precisa usar de extrema prudência e guardar-se de dar precipitadamente, como verdades, sistemas amiúde mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, possam receber desmentido oficial. Que os apresentem como probabilidades, se são lógicos, e como podendo servir de base a observações posteriores, vá lá; mas seria imprudência consagrá-los prematuramente como artigo de fé. Diz um provérbio: *Nada é mais perigoso que um amigo imprudente.* Ora, é o caso daqueles que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido." (RS, 1860, p. 224.) "(...) temos muitos motivos para não aceitar levianamente todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando surge uma, nós nos limitamos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixarmos seduzir pela ostentação de nomes pomposos. Examinamo-la como se emanasse de um simples mortal, e vemos se ela é racional, se satisfaz em tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não adotamos, ainda que vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que apenas ela, *e só ela*, podia resolver o que nenhuma filosofia tinha ainda resolvido, e isto abstração feita das provas materiais que dela nos são dadas todos os dias, a nós e a muitos outros." (RS, 1860, p. 108.)

A começar de 1860, ficou estabelecido que certas comunicações dos Espíritos, recebidas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), seriam submetidas a exame crítico, a fim de que os Espíritos esclarecessem e desenvolvessem os pontos aparentemente obscuros. O guia espiritual dos trabalhos, o Espírito de S. Luís, concordou com essa medida, considerando-a útil para que os Espíritos mistificadores não tivessem facilidade de penetração. Por diversas vezes, Kardec martelou os Espíritos comunicantes com perguntas baseadas no texto da dissertação.

Por vezes, certos críticos insinuam que o Codificador era ingênuo, que tudo aceitava de boa-fé, vibrando com qualquer manifestação que lhe contassem ou que ele visse com os próprios olhos. Nada mais falso! Quem ler a sua obra, encontrará formal desmentido a toda essa cascata de calúnias. Quando alguma revelação ou pseudo-revelação lhe era transmitida, especialmente de caráter científico, ele a punha de quarentena, guardando-se de lhe emprestar uma fé cega e irrefletida. Aliás, seguia, nada mais, nada menos, as instruções dadas tantas vezes pelos Espíritos, as quais a sua própria experiência confirmava a toda hora.

Entre os inúmeros casos que ele defrontou, há o da teoria da incrustação na formação da Terra e do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem. Tais idéias, a que já nos referimos, haviam sido transmitidas mediunicamente ao seu amigo Sr. Jobard, de Bruxelas, que insistia pelo seu estudo e publicação. O mestre, prudente, arquiva esses trabalhos, à espera de confirmação futura, e explica (RS, 1860, p. 286): "O Sr. Jobard, que é homem positivo e de grande senso, compreenderá mais do que ninguém ser este o melhor caminho para nos preservarmos do perigo das utopias. Não é a nós, certamente, que acusarão de querer ficar na retaguarda; o que desejamos é evitar pisar em falso e tudo quanto poderia comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdade incontestável o que é ainda apenas hipotético."

"Se, por vezes — diria anos depois —, os sistemas são o produto de cérebros humanos, sabe-se que, a esse respeito, certos Espíritos não ficam atrás. Com efeito, vê-se que arquitetam com maravilhosa sagacidade, e conciliam com muita arte, idéias freqüentemente absurdas, e daí fazem um conjunto mais engenhoso que sólido, que, entretanto, poderia falsear a opinião das pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundá-lo, ou que são incapazes de fazê-lo por insuficiência

de seus conhecimentos. Sem dúvida, as idéias falsas acabam por cair diante da experiência e da lógica inflexível; mas, enquanto isso não acontece, podem espalhar a incerteza. Sabe-se, também, que, de acordo com a sua elevação, os Espíritos podem ter sobre certos pontos um modo de ver mais, ou menos, justo; que as assinaturas apostas nas comunicações nem sempre são garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos às vezes procuram introduzir utopias ao abrigo de nomes respeitáveis com que se ataviam. É esta, indubitavelmente, uma das principais dificuldades da ciência prática e contra a qual muitos se chocaram." (RS, 1862, pp. 16/17.)

A propósito de alguns fenômenos operados pela Srta. Godu e descritos pelo Dr. Morhéry, Kardec explica o seu silêncio: "A razão é que não aceitamos nenhum fato com entusiasmo; examinamos friamente as coisas antes de aceitá-las, tendo-nos a experiência ensinado quanto devemos desconfiar de certas ilusões."

Transcreve um trecho da resposta que deu ao Dr. Morhéry, na qual se diz na impossibilidade de trazer a público os estranhos fenômenos, a não ser que tivessem confirmação de maneira irrecusável.

Aqueles críticos que de vez em quando diziam que Kardec tudo aceitava de olhos fechados encontram aqui, mais uma vez, o desmentido formal às suas caluniosas insinuações. Ele aconselhava sempre a prudência e sempre procedia, diante dos fatos, com a maior circunspeção.

5 — Análise geral das mensagens recebidas. — Ciência infusa não na têm os Espíritos. — Pessoalidade e imperfeições. — Critério infalível para julgá-los. — Fraude e imitação. — Repelir dez verdades e não admitir uma única falsidade. — Como viu Kardec o surgimento de fotografias de Espíritos

Allan Kardec faz em 1863 uma análise geral das comunicações mediúnicas que lhe vinham às mãos, de todas as partes. Diz então (RS, 1863, maio) que tem mais de 3.600 examinadas e classificadas, das quais 3.000 são de uma moralidade irreprochável. Desse número, considera publicáveis menos de trezentas, embora apenas cem sejam de mérito excepcional. Quanto aos manuscritos e trabalhos de grande fôlego, que lhe remeteram, sobre trinta só achara cinco ou seis de real valor. E ele comenta: "No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons escritores são raros."

Àqueles que preconizavam a desnecessidade de comunicações com os Espíritos, porque não saíam das "banalidades" da moral, Kardec dá em seis páginas (RS, 1866, abril) resposta à altura, apresentando uma série de ponderações racionais. Dizendo, afinal, que as comunicações dos Espíritos fundaram o Espiritismo, repeli-las agora "é querer sapar o Espiritismo pela sua base, tirar-lhe a pedra de sustentação".

"É erro crer — esclarece Kardec, quase ao fim de sua existência — que os Espíritos tenham a ciência infusa; o saber deles está, no espaço como na Terra, subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, acerca de certas

coisas, sabem menos que os homens. Suas comunicações estão em relação com seus conhecimentos, e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, ademais, ser alterado pelo meio que atravessa para se manifestar.

"Aos que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, já que não sabem mais que os homens, respondemos que elas servem, primeiro, para provar que os Espíritos existem, e, conseqüentemente, a imortalidade da alma; segundo, para nos ensinar onde eles estão, o que são, o que fazem, e em que condições alguém é feliz ou infeliz na vida futura; terceiro, para destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas após a morte, coisas que não saberíamos sem as comunicações com o mundo invisível." (RS, 1869, pp. 103/104.) "As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais que não devem ser aceitas cegamente. Em nenhuma circunstância deve o homem renunciar ao seu julgamento e livre-arbítrio. Seria dar prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo que venha dos Espíritos. Eles dizem o que sabem; cabe a nós submeter-lhes os ensinos ao controle da lógica e da razão." (P. 104.)

"Todas as qualidades e todas as imperfeições dos Espíritos — dissera nos primeiros anos — se revelam por sua linguagem. Pode-se, com razão, aplicar-lhes este adágio de célebre escritor: *O estilo é o homem.*" (RS, 1858, p. 192.) "O observador sério que aprofunda todas as coisas com madureza, paciência e perseverança, percebe grande número de delicadas nuanças que escapam ao observador superficial. É por esses detalhes íntimos que ele se inicia nos segredos da ciência espírita. *A experiência ensina a conhecer os Espíritos, como nos ensina a conhecer os homens.*" (Grifos nossos, p. 215.) "Se não quisermos ser enganados por Espíritos levianos, devemos julgá-los, e para isso possuímos um critério infalível: o bom senso e a razão." (RS, 1859, p. 32.) "A possibilidade da fraude e da imitação não impede a realidade dos fatos, e o Espiritismo só tem a ganhar com o desmascaramento dos impostores." (P. 96.)

Allan Kardec sabia que a fraude se insinua por toda parte. Quando fazia seus estudos de Magnetismo, teve ocasião de ver pseudo-sonâmbulos que simulavam o sonambulismo com muita habilidade. Achava que era até possível, com destreza, dirigir a cesta e a prancheta (com as quais se obti-

nham comunicações escritas), dando-lhes todas as aparências de movimentos espontâneos. Portanto, não desconhecia, ao contrário do que dizem seus adversários, o que podem fazer hábeis prestidigitadores e mistificadores contumazes. Sobre o assunto, deixou inúmeros artigos em que previne os espíritas contra os subterfúgios de que eles poderiam ser vítimas por parte de pessoas interessadas em simular certos fenômenos.

Durante toda a sua existência, Kardec orientou-se por este conselho que o Espírito de S. Luís deu aos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

"Por mais legítima que seja a confiança a vós inspirada pelos Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação, nunca demais repetida, que sempre deveis ter presente no pensamento, quando vos dedicardes aos vossos estudos: tudo pesar e amadurecer; submeter ao controle da mais severa razão todas as comunicações que receberdes; não deixar de pedir, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, os esclarecimentos necessários para vos consolidar." (RS, 1859.)

"(...) Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade." ("O Livro dos Médiuns", questão nº 230.)

A RS, 1863, pp. 92/93, reproduz o artigo "Fotografia espectral", publicado pelo "Courrier du Bas-Rhin", de 3 de janeiro de 1863, no qual é relatada, *cremos que pela primeira vez na França*, a obtenção de fotografias de Espíritos, pelo Sr. William Mumler, de Boston (E.U.A.).

Talvez por ser um fato inusitado, Kardec aconselha os espíritas a acolhê-lo com prudente reserva. "Semelhante descoberta — escreveu —, se for real, terá, seguramente, imensas conseqüências, e seria um dos fatos de manifestação mais notáveis."

Novamente se pode observar aqui, contrastando com o que proclamam os adversários, o zelo de Kardec pela verdade, reborado nestes comentários:

"Para qualquer um que conheça as propriedades do perispírito, a coisa, à primeira vista, não parece materialmente impossível. Vêem-se surgir tantas coisas extraordinárias, que nada mais nos causa admiração. Os Espíritos nos anunciaram manifestações de nova ordem, ainda mais surpreendentes que as já vistas. Nesse número estaria, incontestavelmente, a que transcrevemos. Mas, ainda uma vez, até que surja confirmação mais autêntica que um relato de jornal, é prudente ficar na dúvida. Se a coisa é verdadeira, será vulgarizada. Na expectativa, é preciso guardarmo-nos de dar crédito a todas as narrativas maravilhosas, que os próprios inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para levá-lo ao ridículo, bem assim os que as aceitam muito facilmente. Deve-se, além disso, observar mais de duas vezes antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos inexplicáveis. O exame atento aí mostra, quase sempre, uma causa perfeitamente material que passara despercebida. É recomendação expressa que fazemos em "O Livro dos Médiuns"."

Pelo jornal "Paris", de 15 de janeiro de 1869, Allan Kardec fica sabendo que a médium inglesa Srta. Nichol, médium de transportes, iria a Roma a fim de submeter a exame pelo Santo Padre a sua faculdade, de fazer caírem chuvas de flores. Kardec diz ter assistido, em sessão íntima, havia mais de um ano, a algumas dessas experiências, e confessa que elas deixaram muito a desejar. "É verdade que somos mais ou menos céptico quanto a certas manifestações, e um tanto exigente no que respeita às condições em que se produzem, não que tenhamos dúvida da boa-fé dessa dama: dizemos apenas que aquilo que *vimos* não nos pareceu de molde a convencer os incrédulos." (RS, 1869, p. 80.)

Aí está o homem cônscio de sua responsabilidade, nada aceitando sem exame aprofundado e cauteloso, o que desmente, mais uma vez, nesse ponto, os adversários.

6 — Fenômenos de efeitos físicos testemunhados por Kardec. — Vidência do Sr. Adrien. — Fragmento de sonata. — Pneumatografia: experiências do livreiro Didier e comprovação, ao microscópio, do processo por ele utilizado. — Evocações de Espíritos encarnados. — Mesma mensagem em duas línguas. — Fenômeno de transporte ou trazimento

Allan Kardec acha interessantíssimo, e "fato realmente excepcional", a suspensão de corpos pesados, derrogando a lei da gravidade, e diz que assistiu, antes de 1858, a sessões na casa do Sr. B..., à rua Lamartine, onde testemunhou o levantamento de pesada mesa de 100 kg sobre um dos seus pés, até formar um ângulo de 45°, a qual balançava com desenvoltura. Em volta da mesa estavam oito ou dez pessoas. Esses movimentos às vezes também se produziam sem contacto das mãos sobre a borda da mesa. Embora fosse difícil conseguir o isolamento total do chão, isto, contudo, se repetiu várias vezes. E ele afirma que todas essas coisas se passavam à frente de vinte ou trinta testemunhas, entre as quais havia descrentes e incrédulos. (RS, 1858, p. 49.)

Segundo esse mesmo número da RS, pp. 186/191, em casa de Kardec (rua dos Mártires, nº 8) fizeram-se, com a presença de outras pessoas, várias sessões com o propósito de confirmar certas manifestações. Golpes foram ouvidos na própria contextura da madeira de uma mesa, os quais, pela tiptologia alfabética, respondiam às perguntas dos assistentes. Os sons imitavam ainda a fuzilaria, o canhoneio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do sapateiro, o rufar de

um tambor; faziam eco com admirável precisão, marcavam o ritmo de uma ária ou marcha qualquer, etc.

Ocorreu igualmente o movimento de uma mesa e sua translação *sem qualquer contacto das mãos*, mantidos os assistentes afastados. As pancadas ouviram-se também em diversos móveis da sala, às vezes simultaneamente, outras como se elas se respondessem.

Kardec sempre procurava extrair ensinamentos nessas sessões de efeitos físicos, e por meio de médiuns psicógrafos fazia inúmeras perguntas aos Espíritos, cujas respostas esclareciam muitas obscuridades ou confirmavam partes essenciais da doutrina. "Nunca seria demais repetir" — acentuou ele (RS, 1858, p. 191) — "que para bem conhecer uma coisa e dela fazer uma idéia isenta de ilusões, é mister apreciá-la sob todos os aspectos, do mesmo modo que o botânico só pode conhecer o reino vegetal observando desde o humilde criptógamo, oculto sob o musgo, até o carvalho que se eleva aos ares."

Na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris (SPEE) havia um jovem e extraordinário médium, de nome Adrien, vidente, escrevente, auditivo e sensitivo. De todas as suas faculdades como médium, afirma Kardec que a seu ver a mais notável e mais preciosa era a vidência. Adrien via com perfeição os Espíritos e até mesmo fatos que estavam acontecendo a grande distância, e tudo isso em estado de vigília e com a maior naturalidade. Outros curiosos característicos de sua mediunidade fizeram que o Codificador assim se pronunciasse: "Colocamos o Sr. Adrien entre os médiuns mais notáveis e na primeira plana daqueles que têm fornecido os mais preciosos elementos para o conhecimento do mundo espírita." E mais adiante: "Sua faculdade e sua complacência foram postas em benefício de nossa instrução, quer na intimidade ou nas sessões da Sociedade, quer, enfim, em visita a diversos locais de reunião. Temos estado juntos nos teatros, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; temos assistido a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões. Em toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham reunir-se; estabelecemos conversação com alguns deles, interrogamo-los e aprendemos muitas coisas, que serão úteis aos nossos leitores, porque nosso objetivo é fazê-los penetrar, conosco, nesse mundo que nos é tão novo." (RS, 1858, pp. 325/326.)

Um dos médiuns da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Bryon-Dorgeval, recebeu em 1859 um fragmento de sonata, pelo Espírito de Mozart, o qual foi pouco depois dado a público. Vários artistas reconheceram sem hesitação o estilo de Mozart. E a peça chegou a ser executada na própria Sociedade, em 8 de abril de 1859, na presença de numerosos *experts*, pela senhorinha de Devans, distinta pianista que fora aluna de Frederico Chopin.

Como elemento de comparação, a Srta. de Devans tocou primeiro uma sonata composta por Mozart quando encarnado. Todos foram unânimes em reconhecer, não só a perfeita identidade do gênero, mas ainda a superioridade da composição espírita. (RS, 1859, p. 123.)

Allan Kardec interessou-se vivamente pela *pneumatografia*, ou escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário, tendo-a considerado um dos mais extraordinários fenômenos do Espiritismo. Conhecia-lhe o histórico, inclusive a notável obra do barão de Guldenstubbé, intitulada: "La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe".

Observou Kardec que a escrita direta podia ser obtida sem a presença do lápis junto ao papel em branco. Sobre este, dobrado ou não, apareciam, ao cabo de algum tempo, os caracteres, traçados com uma substância qualquer, não fornecida ao Espírito. Esse processo foi usado, com êxito, pelo livreiro Didier, honrado membro titular da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e os resultados não deixam margem alguma a qualquer dúvida.

Conhecedor de todos os truques que podiam fraudar esse fenômeno, pôde Kardec confirmar a autenticidade das experiências de Didier, levando suas pesquisas a ponto de examinar ao microscópio os caracteres postos na folha pelo Espírito. Viu, então, que a substância de que eles são feitos, com todas as aparências de plumbagina e facilmente apagável pela borracha, "não é incorporada ao papel, mas simplesmente depositada na sua superfície, de maneira irregular, sobre as asperezas, formando arborescências muito semelhantes às de certas cristalizações". Lamentou que a pequena quantidade da substância recolhida não lhe permitira fazer-lhe a análise química, guardando, porém, a esperança de um dia conseguí-lo. (RS, 1859, pp. 205/210.)

Vê-se, por essa amostra, o cuidado com que Kardec examinava os fatos, a fim de descobrir os processos íntimos da sua produção.

Em 1859, realizou curiosas experiências através de evocações dos Espíritos de pessoas vivas, o que permitiu a ele obter informações e esclarecimentos preciosos. Para esse gênero de pesquisa, espontaneamente se ofereceram alguns membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, entre eles o conde de R. C., o Dr. Vignal, a Srta. Indermuhle, de Berna.

Na sessão geral de 27 de julho de 1860, da SPEE, Kardec relata interessante fato por ele presenciado em sua casa, numa sessão particular. A esta assistia o Sr. Rabache, muito bom médium, e por cujo intermédio se havia comunicado espontaneamente Adam Smith, economista escocês, num café de Londres. Tendo sido Adam Smith evocado (91) através de outro médium, a Sra. Costel, ele respondeu simultaneamente por essa dama, em francês, e pelo Sr. Rabache, em inglês. Várias respostas foram de uma similitude perfeita nas duas línguas, sendo mesmo a tradução *literal* uma da outra. (RS, 1860, p. 259.)

O fenômeno de transporte, que consiste no trazimento espontâneo de um objeto pelos Espíritos, inexistente no lugar onde as pessoas se reúnem, já era, havia muito tempo, conhecido de Allan Kardec, por intermédio de relatos de terceiros. Mas, só em fevereiro de 1861, pôde ele testemunhar, bem como vários membros da SPEE, o fenômeno de transporte, obtido através da médium e sonâmbula Srta. V. B.

---

(91) Sendo "O Livro dos Médiuns" conhecido também como *Guia dos Médiuns e Evocadores*, a questão abaixo foi formulada e respondida, em 1939, na localidade de Pedro Leopoldo-MG, no Brasil:

"369 — *É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?*

— "Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.

"Se essa evocação é passível de êxito, sua exeqüibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. (...) Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidades e méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns." — Cf. "O Consolador", de Emmanuel, por F. C. Xavier.

Tomadas todas as precauções contra a fraude, presenciou o transporte de anel, flores e bombons. A sua curiosidade, porém, não se limitava a ver. Como sempre, ia mais longe, e, evocando os Espíritos, fazia-lhes numerosas perguntas, com o fim de aprender e esclarecer-se. No caso presente, o Codificador dirigiu 38 perguntas aos Espíritos superiores.

7 — Do magnetismo-sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas. — Estudos da ciência magnética pelo Sr. Rivail. — Reuniões nos aniversários natalícios de Mesmer, em Paris (uma delas relatada por Allan Kardec). — Espiritismo e Magnetismo. — Distinção que Kardec fazia entre sonâmbulo e médium. — O Dr. Paul Broca e o Hipnotismo (entrada do Magnetismo, rebatizado, na Academia das Ciências)

"O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo — assegurava Kardec —, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias acerca da primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro." (RS, 1858, p. 92.) Aliás, Jobard, culto espírita belga, muito considerado por Allan Kardec, chama ao Magnetismo e ao sonambulismo "primos coirmãos do Espiritismo". (RS, 1860, p. 27.)

O Codificador do Espiritismo afirmou em 1858 (RS, junho, 1858, pp. 175/176) que, havia 35 anos, professava a ciência magnética, tendo-se iniciado, assim, em 1823.

Foi sobretudo o marquês de Puységur, que, modificando os métodos de Franz Anton Mesmer, verdadeiramente criou (com d'Eslon e com o sábio naturalista Deleuze, bibliotecário da Biblioteca do Jardim das Plantas) o magnetismo animal (sonambulismo provocado). Kardec a eles se refere como ilustres pioneiros (RS, 1858, p. 92), que a posteridade faria justiça, colocando ao lado deles os nomes do barão Du Potet,



F.-A. Mesmer
(1733-1815)

diretor do "Journal du Magnétisme" (1845-1885), e do Sr. Millet, diretor da "Union Magnétique".

Os magnetizadores dessa época tendiam principalmente para os trabalhos de cura, concentrando quase todos os esforços na diagnose e terapêutica das doenças. Mas também observaram e estudaram, nos sonâmbulos, vários fatos hoje catalogados como metapsíquicos ou parapsicológicos, quais a ação a distância, a visão através de corpos opacos, a clarividência (ou lucidez), a previsão, etc.

Ao que tudo indica, Kardec seguia a mesma orientação aceita pelo magnetismo de então, ou seja, a que acabamos de nos referir, muito embora entre seus adeptos houvesse naturais divergências.

Todos os anos, no dia 26 de maio, aniversário natalício de Mesmer, realizavam-se em Paris dois banquetes, com a presença da elite dos magnetizadores parisienses. Eram dois grupos rivais, com as mesmas crenças e o mesmo mestre, Mesmer, os quais, nessas solenidades, faziam reciprocamente promessas de união, nunca concretizadas.

Conta o Codificador (RS, 1858, p. 176) que recebera nesse ano convites para ambas as reuniões. Não podendo ir às duas, pois que se realizavam simultaneamente, ele apenas comparecera ao banquete presidido pelo Dr. Duplanty, no qual os partidários do Espiritismo não eram muitos. Com satisfação verificou que, salvo alguns versos espirituosos sobre os Espíritos, declamados por dois magnetizadores, um dos quais, o Sr. Fortier, lhe era velho amigo, tudo correu sem que a doutrina espírita sofresse críticas inconvenientes. Elogiou o "notável discurso" do Dr. Duplanty, que, sem se pronunciar pró ou contra o Espiritismo, observou que os fenômenos do magnetismo revelaram uma força natural até então desconhecida e que nada impedia a eclosão de outros fenômenos, sendo imprudência negar aqueles que não eram compreendidos ou que não tinham tido comprovação, principalmente quando apoiados na autoridade de homens honrados, cujas luzes e probidade não poderiam ser postas em dúvida.

"São palavras sensatas — escreveu Kardec — que agradecemos ao Sr. Duplanty; elas contrastam, de modo singular, com as de certos adeptos do magnetismo, que lançam, sem contemplação, o ridículo sobre uma doutrina que confessam desconhecer, esquecidos de que outrora eles mesmos estiveram expostos aos sarcasmos e também foram tachados de loucos e perseguidos pelos cépticos, como inimigos do bom senso e da religião."

Kardec lamentava, então, que certa classe de magnetizadores procurasse levar ao ridículo o Espiritismo, usando até de represálias "para com essa ciência irmã que só pode prestar ao magnetismo um apoio salutar".

"Em nossa opinião — comentou ele —, a ciência magnética, ciência que praticamos há 35 anos, deveria ser inseparável da dignidade; parece-nos que neste mundo não falta alimento para a sua verve satírica, sem necessidade de tomar por alvo coisas sérias."

Eram extensos os conhecimentos do Codificador quanto ao Magnetismo, e ele mesmo disse possuir, igualmente, grande número de livros contra o Magnetismo, escritos por homens em evidência. (RS, 1858, p. 277.)

"O Espiritismo se liga ao Magnetismo por laços íntimos. São duas ciências solidárias entre si" — reconhecia ele. Lamenta, entretanto, que entre os adversários encarniçados do Espiritismo estavam certos magnetizadores. Apesar disso, "os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, quer como

meio de cura, quer como causa primeira de uma porção de coisas; eles lhe defendem a causa e vêm prestar-lhe apoio contra seus inimigos". (RS, 1858, p. 278.)

Após diferenciar sonâmbulo de médium, Allan Kardec escreve (RS, 1859, p. 134): "Para mim, que durante trinta e cinco anos fiz do sonambulismo um estudo especial, que fiz um não menos aprofundado estudo de todas as variedades de médiuns, digo, como todos os que não julgam apenas por uma face do problema, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundi-lo com o sonâmbulo (...)."

Em janeiro de 1860, comunicaria que o Magnetismo, após vinte anos de paciência, entrava na Academia das Ciências com o nome de Hipnotismo, a ela conduzido por uma sumi-



Paul Broca
(1824-1880)

dade, o Dr. Paul Broca, e apresentado aos ilustres membros pelo Dr. Velpeau. Fora experimentado por uma plêiade de conceituados cirurgiões de hospitais franceses, no que diz



A.-L.-A.-M. Velpeau
(1795-1867)

respeito à insensibilidade à dor pelo paciente hipnotizado. O hipnotismo, descoberto, havia vinte anos, pelo Dr. Braid, médico escocês, penetrava enfim os portais da Academia, com grande repercussão na França.

8 — Mediunidade curadora. — Curar, sem diplomas. — A lei e os médicos; quando estes não conseguem curar, embora diplomados. — O «doutor Acaso». — A Medicina oficial diante dos médiuns curadores. — Não se pensa em destronar a Medicina e os médicos. — Médiuns-médicos. — Estudos acerca das relações entre Espírito e organismo físico. — Ação do elemento espiritual sobre o organismo material: médico do corpo e da alma. — Ensaio teórico das curas instantâneas. — Onde a ciência pára, avança o Espiritismo. — Grupos curadores. — Qualificação impropriamente aplicada de taumaturgo. — Os desenganados pela Medicina

No artigo "A lei e os médiuns curadores" (RS, 1867, p. 197), Allan Kardec focaliza pela primeira vez a questão, em virtude de um processo movido contra um ex-cozinheiro de Paris, que diziam ter feito curas extraordinárias, por meio da prece e da imposição das mãos. Os jornais noticiaram o fato e tacharam de louco o curador, muito embora o inquérito levado a efeito revelasse que ele curara mais de quarenta pessoas afetadas de graves enfermidades.

Loucos foram então o cura d'Ars e tantos outros que curaram por processos idênticos — argumentou Kardec, acrescentando: "O Cristo, que curava sem diploma e não empregava medicamentos, era louco, e teria pago muitas das multas de nossos dias. Loucos ou não, quando há cura, muita

gente prefere ser curada por um louco do que ser enterrada por um homem de bom senso." (P. 198.)

"Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permissíveis" — comentou Kardec, que passa a ilustrar essa afirmação com um exemplo, findo o qual declara: "Mas ele é médico; que seu processo seja bom, mau ou incipiente, isso não importa; tudo lhe é permitido, até mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade. Se um indivíduo não diplomado desejar imitá-lo, será perseguido por trapaça (*escroquerie*)." (P. 199.)

"Se os médicos curassem mais freqüentemente e com mais segurança, não se iria além. Acontece, quase sempre, que só se recorre a meios excepcionais após haver esgotado inutilmente os recursos oficiais. Ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se importa que o seja segundo as regras ou contra as regras.

"Não repetiremos aqui o que está claramente demonstrado quanto às causas de certas curas, inexplicáveis somente para aqueles que não se querem dar ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se se dá a cura, é um fato, e este fato tem uma causa. Será mais racional negá-la do que pesquisá-la? — É o acaso, dirão; o doente curou-se por si mesmo. — Seja; mas então o médico que o declarara incurável deu prova de grande ignorância. E depois, se há vinte, quarenta, cem curas semelhantes, será sempre o acaso? Forçoso é convir que seria um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poderíamos dar o nome de *doutor Acaso*." (Pp. 198/199.)

A seguir, Kardec examina a questão sob um ângulo mais sério:

"As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que apenas é uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, — são passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina?

"Os termos da lei são sem dúvida muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosa e logicamente, só se pode considerar no exercício da arte de curar aqueles que dela fazem profissão, isto é, que dela tiram proveito. Entretanto, vêem-se condenações pronunciadas contra indivíduos

que se ocupam desses cuidados por puro devotamento, sem nenhum interesse ostensivo ou dissimulado. O delito está, sobretudo, na prescrição de remédios. Todavia, o *notório* desinteresse é geralmente tomado em consideração, como circunstância atenuante.

"Até agora, não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; a lei não previu, pois, o caso dos tratamentos curativos sem remédios, e não seria senão por extensão que a aplicariam aos magnetizadores e aos médiuns curadores. Como a Medicina oficial não reconhece nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos, e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não haveria como legalmente condenar, por exercício ilegal de medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores que nada prescrevem, ou nada além de água magnetizada, porque então seria reconhecer oficialmente uma virtude no agente magnético e colocá-lo entre os meios de cura; seria compreender o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à Faculdade." (Pp. 199/200.)

Kardec esclarece que em tais casos condena-se, às vezes, por "delito de trapaça" (*délit d'escroquerie*) e abuso de confiança, quando o curador tira proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado, sob a forma de retribuição facultativa.

Acha, entretanto, que aquele que nada prescreve e nada recebe, e cujo desinteresse é absoluto, não pode ser atingido pela lei. Do contrário, adianta Kardec, seria preciso dar à lei uma extensão que nem o espírito nem a letra comportam. "Onde não há nada a ganhar, não haveria charlatanismo. Nenhum poder do mundo pode opor-se ao exercício da mediunidade ou da magnetização curadoras, na verdadeira acepção da palavra." (P. 201.)

"Dissemos, e o repetimos, seria erro crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos; ela vem abrir-lhes uma nova via, mostrar-lhes, na Natureza, recursos e forças que ignoravam, e de que se possam beneficiar a ciência e os doentes; em suma, provar-lhes que não sabem tudo, pois há pessoas que, fora da ciência oficial, obtêm o que eles próprios não obtêm. Não temos, então, nenhuma dúvida de que haja, algum dia, *médicos-médiuns* (como há *médiuns-médicos*), que, à ciência adquirida, associarão o dom de faculdades mediúnicas especiais." (RS, 1867, p. 299.)

"Dissemos que a mediunidade curadora não matará nem a medicina nem os médicos, mas não poderá deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida, sempre haverá médiuns curadores, porque sempre os houve, e porque esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à proporção que o número de *médicos-médiuns* aumentar, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos." (RS, 1867, p. 301.)

"Porque um médico se torna médium, e seja assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue daí que ele deva renunciar a toda remuneração, o que o obrigaria a procurar fora da medicina os meios de vida e a renunciar, assim, à sua profissão. Mas, se ele estiver animado do sentimento das obrigações que lhe impõe o dom que lhe é concedido, saberá conciliar seus interesses com os deveres de humanidade." (RS, 1867, p. 301.)

Na RS de março de 1869, Kardec realiza importante estudo acerca das íntimas relações entre o Espírito e o organismo físico.

"Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, ela deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, assim, o artífice do seu próprio corpo, que ele afeiçoa, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas tendências." (P. 65.)

"A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente, que freqüentemente se vêem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais." (P. 66.)

"*A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que deita por terra a questão, e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não é nem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria; é o Espírito quem dá à carne as qualidades correspondentes a seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito afeiçoa um corpo que não é mais um tirano de suas aspirações, rumo à espiritualidade do seu ser: é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive para comer." (P. 68.)

Allan Kardec salienta a ação do elemento espiritual sobre o organismo físico e considera que o médico do corpo deve fazer-se médico da alma, no instante em que vê no estado da alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde do corpo. "O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, segundo as circunstâncias." E como que prevendo o nascimento da medicina psiquiátrica, escrevia: "Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a ciência. Quando a ciência levar em conta a ação desse princípio, verá abrirem-se à sua frente horizontes totalmente novos." (P. 69.)

Allan Kardec realiza na RS de 1868, pp. 84/90, inteligente ensaio teórico das curas instantâneas, "de todos os fenômenos espíritas um dos mais extraordinários". Tenta, baseado em considerações fisiológicas, lançar nova luz sobre a questão, e o faz a título de hipótese e como tema de estudo, declarando haver muita coisa ainda para aprender, principalmente no que diz respeito aos fluidos e sua ação na cura das doenças.

"O Espiritismo caminha no mesmo terreno que a ciência, até os limites da matéria tangível; mas enquanto a ciência pára nesse ponto, o Espiritismo continua a sua rota, e leva adiante suas investigações nos fenômenos da Natureza, com o auxílio dos elementos que colhe no mundo extramaterial; somente aí está a solução das dificuldades contra as quais se choca a ciência." (P. 90.)

O mestre toma conhecimento do grupo curador de Marmande, onde, por meio de passes, e com ajuda dos próprios parentes do enfermo ou do obsidiado, se obtinham curas maravilhosas. Acredita que a vulgarização da mediunidade curadora é outro meio engenhoso que os Espíritos usam para levar a Doutrina Espírita às massas, mas que "os resultados dependerão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores e do *élan* que souberem imprimir, por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo".

O jornal "L'Exposition populaire illustrée", nº 24, escreve sob o título "Correspondência acerca dos taumaturgos" interessante nota sobre as curas obtidas pelo padre Jean-Joseph Gassner (1727-1779), nascido na Suábia. Como Allan Kardec protesta contra a qualificação de *taumaturgo* dada aos curadores (RS, 1867, p. 332), o referido jornal, em seu nº 34,

entra em polêmica com Kardec, pretendendo contestar-lhe o protesto e outras considerações expendidas. O protestante respondeu-lhe às dúvidas e asserções e não se estende demasiadamente porque, diz ele, suas obras espíritas e bem assim a "Revue Spirite" já desenvolveram todos os pontos que interessam à elucidação.

Kardec recebe do Dr. Morhéry, de Plessis-Bloudet, perto de Loudéac (Côtes-du-Nord), cartas em que esse membro da SPEE comunicava notáveis curas realizadas pela Srta. Désirée Godu, então colocada sob a sua observação direta. Elogiando a imparcialidade do esclarecido médico no controle das curas obtidas em doentes desenganados pela medicina terrena, sobre a médium escreve: "Pode-se dizer que essa jovem é para a arte de curar o que Joana d'Arc foi para a arte militar." (RS, 1860, pp. 110/115, 140/143.) O curioso é que a médium usava, na maioria dos casos, medicamentos revulsivos, além de medicação interna. (Id., pp. 182/183.)

9 — Ação da Homeopatia sobre o perispírito. — As disposições morais e a Homeopatia. — A Homeopatia na loucura patológica. — Frenologia e Fisiognomonia. — Considerações em torno da Numerologia. — Quiromancia

Allan Kardec refere-se ao papel importante da Homeopatia, relacionando sua ação sobre o perispírito, fonte primária de certas afecções que atingem o organismo carnal. Daí a razão, diz ele, por que a Homeopatia triunfa numa porção de casos em que falha a medicina galênica. "Mais que esta, ela leva em conta o elemento espiritual, tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com que os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e porque a maioria dos médicos espíritas pertencem à escola de Hahnemann." (RS, 1863, p. 234.)

Sob o título "Da Homeopatia nas enfermidades morais", ele realiza profundo estudo em torno da afirmação de certos médicos homeopatas, de que a homeopatia pode modificar as disposições morais do indivíduo. (RS, 1867, pp. 65/70.)

Após várias considerações de ordem fisiológica e filosófica, conclui que "um medicamento qualquer, não tendo poder de agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem lhe tirar o que tem; mas, agindo sobre o órgão de transmissão do pensamento, pode facilitar esta transmissão sem que, por isso, nada seja mudado no modo de ser do Espírito". (P. 70.)

Volta à questão na RS de 1867, pp. 168/172, para confirmar sua opinião a respeito, declarando que em certos casos, como a *loucura patológica*, em que a desordem moral é conseqüência da desordem física, a homeopatia pode ser aplicada

com êxito. O Espírito não é louco; apenas lhe faltam os meios para se manifestar livremente. A homeopatia teria, ainda, possibilidade de agir sobre o perispírito, que desempenha preponderante papel nessa afecção.

As conclusões do Codificador são concordantes com o que se acha enfeixado no volume II da obra "Os Quatro Evangelhos", por J.-B. Roustaing, na tradução de Guillon Ribeiro, FEB, p. 80 (interpretação de Mateus, 8:5 a 13, e Lucas, 7:1 a 10).

Kardec mostra-se profundo conhecedor da Frenologia e da Fisiognomonia, e dessas ciências faz consciencioso estudo em torno de suas conseqüências psicológicas.

A Frenologia, fundada pelo Dr. Gall, trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro, ou seja, da localização das faculdades. "Se certos detalhes são ainda hipotéticos" — escreveu Kardec —, "nem por isso ela deixa de assentar num princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e nas relações que existem entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais."

A Fisiognomonia baseia-se no princípio de que é o pensamento que põe em jogo os órgãos, que imprime aos músculos certos movimentos, daí se seguindo que, estudando-se as relações entre os movimentos aparentes e o pensamento, daqueles se pode deduzir o pensamento que não vemos. Lavater teve a glória, diz Kardec, se não de a ter descoberto, pelo menos de a haver desenvolvido e formulado em corpo de doutrina.

O Codificador procura conciliar os princípios dessas ciências com o espiritualismo e com a Doutrina Espírita, criticando os exageros em que ambas caíram, por um excesso de generalização de suas conseqüências. (RS, 1860, p. 198.)

Satisfazendo a constantes pedidos, Kardec faz, na RS de julho de 1868, longo e minucioso estudo quanto à concordância dos números e a fatalidade.

"Por várias vezes nos perguntaram o que pensamos da concordância dos números, e se acreditamos no valor dessa ciência. Nossa resposta é bem simples: até o momento nada pensamos a respeito, porque jamais nos ocupamos com isso. É certo que vimos alguns fatos de concordâncias singulares entre as datas de certos acontecimentos, mas em pequenísimo número para daí se tirar uma conclusão mesmo aproximada. Para dizer a verdade, não vemos a razão de tal coincidência; mas, porque não se compreende uma coisa, não é

motivo para que ela não exista. A Natureza não disse a última palavra, e, o que hoje é utopia, poderá ser verdade amanhã. É possível, então, que exista entre os fatos certa correlação que não suspeitamos, e que poderia traduzir-se por números. Em todos os casos, não se saberia dar o nome de *ciência* a um cálculo tão hipotético quanto ao das relações numéricas, no que concerne à sucessão dos acontecimentos." E logo adiante: "Há fatos acerca dos quais temos opinião pessoal; no caso presente, não temos nenhuma, e, se nos inclinássemos para um lado, seria mais pela negativa, até prova em contrário." (Pp. 193/194.)

Kardec aproveita essa oportunidade para trazer novos esclarecimentos à questão da fatalidade e do livre-arbítrio, tão bem tratada nas obras da Codificação.

* * *

A respeito desses pontos, os interessados poderão ler com proveito o livro de Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier, "O Consolador", editado pela FEB, especialmente as respostas às questões n.os 132 a 145. Vimos, por exemplo, qual o pensamento do Codificador quanto à Quiromancia (a "tiara espiritual"), no capítulo I. Mais adiante, sem entrar no mérito do assunto, daremos um apanhado que fizemos, nesta pesquisa, sobre períodos de sete anos, e seus múltiplos, de quartos de século, etc., suscitados, estes últimos, pelo próprio mestre Allan Kardec.

10 — Alucinação e vidência mediúnica. — Alucinação e aparições. — Loucura espírita? — Suicídios: não é o Espiritismo responsável por suas ocorrências. — Materialismo: mal de uma época de transição

Aquilo a que se convencionou chamar *alucinação*, quase sempre conseqüência de um estado patológico, foi muito usado pelos negativistas e incrédulos contra a vidência mediúnica. O Codificador comenta que essa faculdade anormal foi por ele estudada, tendo-a observado diariamente em seus mais minuciosos detalhes, para concluir pela sua realidade. E aduz: "A alucinação não é, pois, para nós objeto de nenhuma dúvida, e, como verão, ela nos foi de inestimável auxílio em nossos estudos espíritas; permitiu-nos meter o escalpelo da investigação na vida extracorporal. É o facho na escuridão." (RS, 1859, p. 8.)

Ele prova haver fatos de vidência que desmentem categoricamente a alucinação, "palavra sacramental com que se pretende explicar o que não se compreende".

O vocábulo "alucinação" já estava muito em voga ao tempo de Kardec. Este não a desconhecia, e na RS de 1861, pp. 193/198, apresenta longo estudo intitulado "Ensaio sobre a teoria da alucinação" (*Essai sur la théorie de l'hallucination*), no qual chega a articular explicação plausível para o erro, para a ilusão da pessoa que crê ter percepções realmente inexistentes. Após expor suas idéias, pondera: "Nossa explicação é boa? Apresentamo-la pelo que possa valer, à falta de outras, e, se o quiserem, a título de hipótese, aguardando coisa melhor. Pelo menos tem a vantagem de dar à alucinação uma base, um corpo, uma razão de ser; ao passo que,

quando os fisiologistas pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação, de exaltação, de efeitos da imaginação, eles nada disseram, ou não disseram tudo, porque não observaram todas as fases do fenômeno."

Kardec passa, em seguida, a diferenciar a alucinação da verdadeira aparição, determinando os caracteres que distinguem uma da outra e provando, por fatos, a ocorrência das aparições reais, parte das quais os parapsicólogos de hoje denominam de "percepções extra-sensoriais", e a Medicina, de alucinações verídicas.

A alucinação em si e suas causas são até hoje objeto de divergências entre os estudiosos, até mesmo quanto à sua definição.

Em 16 de abril de 1866, o jornal "Moniteur" transcreveu o relatório dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Trabalhos Públicos, a respeito da alienação mental na França. A RS de 1866, pp. 205/212, reproduz quase todo o extenso relatório para, mediante minuciosas estatísticas, fornecer o desmentido formal e autêntico às acusações de que o Espiritismo enchia de loucos os hospícios.

Desses documentos ressalta que o aumento da loucura, na França, seguiu, ano a ano, marcha ascendente, de 1835 a 1846. De 1847 a 1861, ela foi declinando de ano para ano, e a diminuição mais acentuada se deu de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomou seu desenvolvimento. Por essa época é que os adversários, em brochuras e jornais, começaram a repetir que as casas de alienados estavam cheias de loucos espíritas, somando a mais de 40.000 (!). Ora, pelo relatório apresentado em 1866, o número de alienados era, em 1861, de 30.239, estando alinhadas inúmeras causas predominantes da loucura, nelas não figurando o Espiritismo, nem nominalmente nem por alusão. "Em resumo" — conclui Kardec —, "esse relatório é a mais peremptória resposta que se possa dar aos que acusam o Espiritismo de ser causa preponderante da loucura. Aqui não estão hipóteses nem raciocínios; são números autênticos opostos a números fantásticos, fatos materiais opostos às alegações mentirosas de seus detratores, interessados em desacreditá-lo junto à opinião pública." (P. 212.)

O "Moniteur" de 6 de agosto de 1864 e "Le Siècle" do dia seguinte, ambos de Paris, noticiaram o suicídio de um jovem, não deixando de dizer que "com ou sem razão, o estudo

do Espiritismo, a que se entregava com ardor, não tinha sido estranho à fatal resolução".

Mais uma vez tentavam, pela calúnia, indispor as autoridades públicas com o Espiritismo. Acontece que o diretor do jornal "L'Avenir", Sr. d'Ambel, procurou saber realmente a causa do suicídio, e a publicou em 11 de agosto: o rapaz, que fracassara em várias tentativas nos exames de bacharelato, teve viva discussão com o pai na véspera de novo exame e, temendo ser reprovado mais uma vez, tomara a fatal decisão. (RS, 1864, pp. 286/287.)

Ante o suicídio de um industrial, que abusava de bebidas fortes e que não estava bem nos negócios, vários jornais, como a "Gazette de Midi" e o "Sémaphore", de Marselha, de 29 de setembro de 1864, atribuíram o suicídio à prática do Espiritismo pelo morto, "esse flagelo moderno que já fez tão numerosas vítimas nas grandes cidades".

De Marselha, o Sr. Chavaux, doutor em Medicina, escreve ao Codificador, dizendo-se amigo do suicida e afirmando categoricamente que "ele jamais se ocupou de Espiritismo, não tendo lido nenhuma obra nem alguma publicação acerca dessa matéria". O Dr. Chavaux autorizava a usar seu nome e, se necessário, estaria pronto a provar a verdade do que afirmara, ele, seus irmãos e os melhores amigos do finado.

Como se vê, a campanha caluniosa contra o Espiritismo continuava a sua marcha, servindo-se de todos os meios. (RS, 1864, pp. 347/348.)

Allan Kardec escreve, na RS de agosto de 1868, ponderado artigo em torno do materialismo, reproduzindo, por inteiro, longo trabalho contra as tendências materialistas da época, publicado pelo jornal "Le Droit", de 14 de maio de 1868, trabalho que ele elogia, pela sua notável profundeza e perfeita lógica, no duplo aspecto da ordem social e da jurisprudência.

"Há, nesse momento" — escreveu Kardec —, "da parte de certo partido, uma insurreição contra as idéias espiritualistas em geral, nas quais o Espiritismo se encontra naturalmente englobado. O que ele busca não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus-matéria, menos incômodo, porque não se lhe precisa prestar contas. Ninguém contesta a este partido o direito de ter sua opinião, de discutir as opiniões contrárias, mas o que não se poderia conceber é a pretensão, ao menos singular para homens que se arvoram em apóstolos da liberdade, de impedir os outros de crer à sua maneira

e de discutir as doutrinas que não partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais que a outra." (P. 226.)

"O materialismo é conseqüência da época de transição em que estamos; não é verdade que seja um progresso, mas um instrumento do progresso. Desaparecerá, provando sua insuficiência na manutenção da ordem social e na satisfação dos espíritos sérios que buscam o porquê de cada coisa. Para isto, basta uma vista d'olhos em sua obra. A Humanidade, que necessita crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que ele deixa após si, e procurará alguma coisa de melhor para preenchê-lo." (RS, 1868, pp. 310/311.)

11 — Análise crítica das faculdades e do comportamento de vários médiuns diante da respectiva fenomenologia. — Jean Hillaire, vidente. — «O Vidente da Floresta de Zimmerwald». — O Espiritismo não é estacionário nem imutável. — Ruídos noturnos em Poitiers. — «Epidemia de Morzine»: obsessão coletiva? — O zuavo Jacob. — Daniel D. Home, o médium. — Mercantilização da mediunidade nos E.U.A. — Os Irmãos Davenport. — Emilie Collignon

Em agosto saía em Bordéus a obra "Les Miracles de nos jours", na qual o Sr. Aug. Bez faz um relato das manifestações mediúnicas de Jean Hillaire, simples cultivador de Charente-Inférieure, pouco letrado e vivendo do seu trabalho na aldeia de Sonnac. Suas faculdades lembram — segundo Kardec —, sob vários aspectos, as do Sr. Home, e até mesmo as ultrapassa. Médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e, ademais, escrevente. Por seu intermédio, houve a escrita direta e transportes notáveis. Por várias vezes foi erguido do chão e atravessou o espaço. "Todas as comunicações e todas as manifestações que obtém atestam a assistência de boníssimos Espíritos, e sempre se realizam em plena luz."

Kardec escreve longamente (pp. 253/256) sobre a referida obra, seu autor e o médium, a quem felicita pelo devotamento e previne contra as ciladas do orgulho, "que já perdeu tantos médiuns".

Tal como previra, o médium quase iletrado (Hillaire), de notável e diversificada mediunidade, cujos detalhes podem ser lidos na obra do Sr. Bez: "Les Miracles de nos jours" (ver fl. 395), faliu em sua missão, "por muita presunção de um lado e muita fraqueza do outro", e acabou sendo notícia de um processo que o condenava a um ano de prisão e nas custas.

Allan Kardec lamentou tudo isso, mas declarou, baseado nos relatórios referentes ao processo, e publicados em alguns jornais, que o Tribunal tratou o Espiritismo e seus adeptos com grande respeito, tendo o seu presidente elogiado a bela moral contida numa carta que ele, Kardec, escrevera ao Sr. Vitet, o principal lesado pelo médium, carta que passara a ser uma das peças do processo.

Vinte testemunhas confirmaram os fenômenos mediúnicos de Hillaire e receberam elogios do próprio promotor, pela coragem, sinceridade e boa-fé que demonstraram, sem se deterem nem pelo receio dos sarcasmos e da zombaria, nem por seus interesses materiais, que podiam ser prejudicados.

A essas corajosas e devotadas testemunhas o mestre se dirige, pela RS, numa mensagem enaltecedora, e, no final, ao referir-se ao infeliz médium, escreve: "Não podemos condená-lo nem absolvê-lo; a Deus somente cabe julgá-lo por não haver cumprido sua missão até o fim. Possa a expiação que ele sofre e uma séria reflexão sobre a sua conduta fazerem-no merecedor da clemência divina." (RS, 1865, pp. 86/93.)

Antes desse final, Kardec transmite a seguinte lição: "Se nem sempre o Espiritismo triunfa sobre os maus pendores de maneira completa, um resultado parcial não deixa de ser um progresso a ser levado em conta, e como cada um de nós tem o seu lado fraco, isto nos deve tornar indulgentes. O tempo e as novas existências acabarão o que foi começado. Felizes aqueles que se pouparem a novas provações!" (P. 93.)

Na RS de outubro de 1865, Allan Kardec fala do vidente da Floresta de Zimmerwald, camponês do cantão de Berna, na Suíça, o qual já fora estudado por ele, anteriormente.

Aproveitando as férias da Sociedade Espírita de Paris (de 1º de agosto a 1º de outubro), Kardec fizera novas visitas àquele vidente, cuja clarividência se aplicava principalmente às fontes e aos cursos dágua subterrâneos. O tal camponês, de uma ignorância absoluta quanto aos princípios, mesmo os mais elementares, das ciências, logo de saída se ocupou da saúde do Codificador, descrevendo com facilidade e perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal que o minava,

e indicando-lhe, inclusive, os remédios necessários. Sem ser provocado por nenhuma pergunta, o vidente falou dos trabalhos do missionário, objetivo e resultados, entrando em detalhes sobre a marcha atual e futura da causa, com longas e desenvolvidas instruções que não podiam deixar dúvidas quanto à clarividência dele.

Kardec procura retificar a teoria explicativa que dera quando tratou do mesmo assunto na RS de outubro de 1864, acrescentando: "Como antes de tudo pesquisamos a verdade, e não temos a pretensão de ser infalível, quando sucede enganarmo-nos não hesitamos em reconhecê-lo. Nada conhecemos de mais tolo do que a obstinação numa opinião errônea." (P. 289.)

"Desde que o Espiritismo não se declara nem estacionário nem imutável — são, ainda, palavras de Kardec —, ele assimilará todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, mesmo da parte de seus antagonistas, e jamais ficará na retaguarda do progresso real. Assimilará essas verdades, dizemos, mas só quando forem claramente demonstradas, e não porque apraza a alguém dá-las como tais, satisfazendo a desejos pessoais ou a produtos da imaginação." (RS, 1865, p. 9.)

* * *

Allan Kardec acompanha, em vários números da RS de 1864, pp. 47, 78 e 156, as manifestações de fortes ruídos noturnos (pancadas, estrondos, disparos semelhantes aos de artilharia, etc.) na rua Neuve-Saint-Paul, em casa da Srta. O..., irmã do conde de O..., na cidade de Poitiers. Vários jornais noticiaram os fatos, entre eles o "Journal de la Vienne", de 21 de janeiro e 17 e 18 de fevereiro de 1864, dizendo que a própria polícia não conseguira descobrir os autores e que nem os exorcismos adiantaram. Mal acabaram de cessar ali, os fenômenos reapareceram na localidade de Bois-de-Dœuil, na casa de um Sr. Perroche, segundo o jornal "Courrier de la Vienne", de 24 de fevereiro.

Kardec demonstra que os fatos em questão são puramente espíritas, sendo insuficiente qualquer outra explicação.

Na RS de 1862, pp. 321/322, o Codificador noticia a sua viagem de mais de seis semanas (na RS, 1863, p. 154, diz que partira de Paris em fins de agosto e voltara em 20 de outubro), num percurso total de 693 léguas.

Em sua rota, foi visitar os possessos de Morzine (também está escrito Morzines), na Alta Sabóia. As observações que fez, os dados que recolheu sobre a obsessão coletiva ou epidêmica que desde 1857 abatia sobre a comuna de Morzine, não lhe deixaram dúvidas quanto à causa, apoiando sua opinião em casos idênticos, isolados ou também epidêmicos, vistos em outras localidades, e nos quais se reconhecia a participação e a ação de maus Espíritos.

Num artigo na RS, intitulado "Estudo acerca dos possessos de Morzine" (RS, 1862, pp. 353/363), Kardec realizou longa e profunda análise das causas da obsessão e dos meios de combater esse mal, aduzindo algumas considerações novas que facilitavam ainda mais o entendimento do assunto, que já havia sido tratado em vários artigos da RS e em "O Livro dos Médiuns".

O referido "Estudo" continua na RS de janeiro de 1863, pp. 1 a 9, com múltiplos e variados esclarecimentos e citação de fatos que permitem enquadrar a epidemia de Morzine entre as obsessões coletivas. "O que um Espírito pode fazer a um indivíduo, vários podem fazê-lo sobre diferentes indivíduos, simultaneamente, e dar à obsessão caráter epidêmico."

Em fevereiro (pp. 33/41), abril (pp. 101/113) e maio (pp. 133/142), Kardec realiza, afinal, o estudo circunstanciado da singular "afecção" que atingira muitos habitantes de Morzine. Analisa demoradamente os relatórios dos médicos que a observaram, entre outros o Dr. Constant, enviado pelo governo francês, o Dr. Chiara, o Dr. Arthaud, médico-chefe do Hospital de Alienados de Lião, bem assim os meios curativos empregados quer pela medicina, quer pelos exorcismos. Após longo estudo comparativo e detalhado exame dos fatos, Kardec estabeleceu o caráter essencialmente obsessivo dos doentes de Morzine.

Tanto o assunto lhe interessou, que escreveu cinco artigos, com um total de 41 páginas em formato grande.

Na RS de agosto de 1864, volta a dar novos detalhes quanto à "epidemia demoníaca" de Morzine, que reapareceu em 1864 com nova intensidade. Conforme escreveu Ch. Lafontaine no seu jornal "Magnétiseur", de Genebra, baldos todos os meios para conjurar "a terrível doença", ali esteve Monsenhor Maguin, bispo de Annecy, em 30 de abril e 1º de maio. À chegada do bispo, a epidemia tomou proporções assustadoras, e o prelado, após horroroso escândalo na igreja

local, confessou não ser bastante forte para debelar a praga que tinha vindo curar.

Novamente se falou no envio de "médicos especialistas" para estudar a enfermidade, e do êxito deles se duvidava, à vista do fracasso daqueles que anteriormente tinham sido ali encaminhados. Lembra Kardec que um estudo atento dos sintomas demonstra com toda a evidência que a verdadeira causa está na ação do mundo invisível, "ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a ciência não tem êxito, pela razão de ela opor-se ao efeito e não à causa. Em suma, é o que o Espiritismo designa pelo nome de *obsessão* levada ao mais alto grau, isto é, de *subjugação* e *possessão*. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessor, e é então sobre este que se deve agir, assim como nas convulsões ocasionadas por vermes se age sobre os vermes" (RS, 1864, p. 229). A seguir, aponta as várias razões por que os espíritas não foram a Morzine tentar a cura daqueles obsidiados, com isso se antecipando aos críticos que porventura poderiam levantar a pergunta, muito natural, aliás.

Em dois artigos (RS, outubro e novembro de 1867) intitulados "O zuavo Jacob", Kardec tece longas considerações explicativas acerca da mediunidade curadora desse jovem, seu conhecido, agora morando em Paris, à rua de la Roquette. Posto os acontecimentos do campo de Châlons, onde realizara curas extraordinárias, tinham sido esquecidos, mal ele recomeçara suas sessões na capital francesa, uma multidão de doentes encheu a referida rua, obrigando-o a suspender suas atividades, por causa da interferência da saúde pública.

A imprensa não poupou o Sr. Jacob. Piadas, injúrias grosseiras foram lançadas contra ele. Solicitaram até mesmo a sua prisão como impostor, embora ele nada prometesse, nada recebesse, e, quanto aos doentes, neles nem tocava. Kardec saiu em sua defesa, através de sólida argumentação, respondendo ponto por ponto a todas as questões levantadas contra o médium. Quiseram os médicos explicar as curas espantosas, dizendo que o Sr. Jacob agia sobre a imaginação dos doentes, ao que Kardec respondeu: "Seja; mas se então reconheceis na influência da imaginação tal poder sobre as paralisias, epilepsias, sobre os membros anquilosados, por que não empregais esse meio, em lugar de deixar sofrerem tantos enfermos infelizes, ou de lhes dar drogas que sabeis inúteis?" (P. 343.)

O Codificador considera que a presença de Daniel Dunglas Home em Paris, em outubro de 1855, foi de certa forma providencial, constituindo-se em poderoso auxiliar na propagação das idéias espíritas. Abalou Home, por suas notáveis faculdades mediúnicas, as convicções de muita gente, mesmo entre as pessoas que não puderam ser testemunhas oculares.

Kardec elogia o caráter de Home, a sua modéstia, seus sentimentos nobres e elevação de alma, e passa a relatar os fatos por ele próprio (Kardec) constatados ou pelas testemunhas oculares mais dignas de fé.

Home, médium sob cuja influência se produziam principalmente fenômenos físicos, sem excluir, por isso, as manifestações inteligentes, foi defendido por Allan Kardec contra os detratores e maledicentes. O mestre declara que alguns fenômenos foram observados, na França, por testemunhas sérias, muito esclarecidas e altamente colocadas. Entre esses fenômenos relata a suspensão de Home no ar, fato comprovado não só em Paris e Florença, como, principalmente, em Bordéus. Não apenas ele (Home) mas também a mesa se elevavam no espaço sem nenhum contacto. Esse fenômeno não se produzia por ato da vontade do médium. Kardec escreve que o próprio Home lhe disse não se aperceber do que se passava, julgando estar sempre no chão, salvo quando olhava para baixo.

Allan Kardec considerava a produção de aparições a manifestação mais extraordinária devida a Home, e relata vários casos de formação de mãos fluídicas, em tudo semelhantes a mãos vivas, sólidas e resistentes, que apareciam e repentinamente se evaporavam ao tentarem agarrá-las. A seguir, fala de pianos e harmônicas que tocavam sozinhos, com o auxílio de mãos ora visíveis, ora invisíveis. (RS, 1858.)

Ao que parece, ele se correspondeu com Home, quando este esteve, em 1858, nas cidades italianas de Pisa, Roma e Nápoles. Às calúnias assacadas contra o médium, que diziam estar preso em Mazas, Kardec respondeu: "Temos sob os nossos olhos várias cartas do Sr. Home, datadas de Pisa, de Roma e de Nápoles, onde ele está neste momento." (RS, 1858, p. 120.)

Daniel Dunglas Home era casado com a irmã da condessa Kouchelew-Bezborodko. Era católico romano, e sua mulher, antes de falecer, em 1862, abjurou a religião grega diante do bispo de Périgueux, fato que se passou no castelo de Laroche, residência do conde Kouchelew. (RS, 1862, p. 234.)



Daniel Dunglas Home (cópia de um quadro existente na London Spiritualist Alliance)

Na RS, 1863 (março), o missionário de Lião informa que o médium D. D. Home veio a Paris, onde ficou apenas alguns dias. Fenômenos extraordinários se produziram diante de augustas personalidades, tendo os jornais falado vagamente do assunto. Mais uma vez defende Home das calúnias assacadas contra ele, pretendendo-se, com narrativas absurdas, lançar o ridículo sobre o Espiritismo. "Acrescentaremos que a estada do Sr. Home em Paris, assim como a qualidade das casas onde foi recebido, são formal desmentido às infames calúnias

segundo as quais teria sido expulso de Paris, como, há tempos, durante a sua ausência, fizeram correr o boato de que ele se achava preso em Mazas, por graves razões, quando estava tranqüilamente em Nápoles, por motivo de saúde. Calúnia! sempre a calúnia!" (RS, 1863, p. 96.)

Em "Notícias bibliográficas" de setembro de 1863, Kardec faz extenso comentário crítico à obra, traduzida do inglês, "Révélations sur ma vie surnaturelle", escrita por Daniel Dunglas Home. "Esta obra" — diz ele — "é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenômenos medianímicos produzidos pelo Sr. Home." Lamenta que na tradução haja freqüentes incorreções de estilo, e que em certas passagens ela se afasta bastante do gênio da língua francesa. Aí se revela o antigo Professor Rivail. Lamenta, ainda, na obra a monotonia e a ausência de conclusões, ou de deduções filosóficas e morais.

Faz (como sempre o fez) a defesa do médium contra a malevolência e o ridículo com que tentaram denegrir-lhe a reputação:

"Seguramente, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o Sr. Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honestidade, e, entretanto, bom número daqueles que o viram em ação o tratam ainda, na hora que passa, como hábil prestidigitador. Para muitos, ele faz coisas bem curiosas, mais curiosas que Robert Houdin, e eis tudo." (RS, 1863, p. 284.)

Para Allan Kardec, o médium Home está acima de qualquer suspeita de charlatanismo: o que faltou aos que viram e não se convenceram foi a chave que lhes permitisse compreender as manifestações produzidas pelo médium. Ainda para ele, a vinda de Home à França contribuiu para ali acelerar o desenvolvimento do Espiritismo, quer pelo maravilhoso dos fenômenos, quer pela repercussão destes no mundo social que freqüentou (RS, 1863, p. 284).

Na RS de fevereiro de 1864, volta a defender o médium Daniel Dunglas Home das injúrias e aleivosias que certos jornais lançavam sobre ele. Agora, o médium estava em Roma, onde o chefe de polícia, após interrogá-lo, como se estivessem num tribunal da Santa Inquisição, determinara a sua saída da cidade, em três dias. Durante o longo interrogatório a que o submeteram, batidas e levantamento da mesa foram testemunhados pelos próprios policiais, o que fez ainda

mais supor que Home tinha consigo o diabo (RS, 1864, p. 88). Contudo, *démarches* feitas junto ao cônsul da Inglaterra permitiram que aquela ordem fosse revogada, constando que ele fora obrigado a contrair o compromisso de se abster de qualquer comunicação com o mundo espiritual. As forças contrárias, porém, tanto trabalharam, que o Sr. Home teve que partir rapidamente de Roma, sob a acusação de feitiçaria.

Allan Kardec diz que esse pavor do governo pontifical de Pio IX prova que ele temia as manifestações ostensivas do Sr. Home, no qual via algo de sério e não charlatanarias. Elogiou o comportamento do médium, que nunca explorou suas faculdades e sempre recusou ofertas vantajosas para dar sessões. Home, por mais de uma vez, declarara que o seu poder era "um dom de Deus", poder que ele frisava não depender de sua vontade para se manifestar.

Após várias digressões sobre Home, Kardec perguntava: "Onde estão, assim, as faltas e os crimes do Sr. Home? É injúria gratuita, não somente a ele, mas a todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas que o recebem e que parecem, assim, patrocinar um homem de má fama." (RS, 1864, p. 36.)

"O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras serenas e plenas de urbanidade, e que só se revelou à mais alta aristocracia" — declara ainda Kardec, acrescentando:

"A crítica e a odiosa calúnia não o pouparam. Sem consideração pelas altas personalidades que o honraram com sua estima, que o receberam e recebem ainda em sua intimidade, a título de comensal e amigo, a escarnecedora incredulidade, que nada respeita, comprazeu-se em injuriá-lo, em apresentá-lo como vil charlatão, hábil trapaceiro, em suma, como saltimbanco da elite. Nem mesmo se deteve à idéia de que tais ataques atingiam a honorabilidade das pessoas mais respeitáveis, acusadas, assim, de conivência com um suposto fabricante de simplórios. Dissemos, com relação à sua pessoa, que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desajeitado charlatão, porque não tem nem comportamentos decisivos, nem a facúndia, que não se acomodariam com a sua timidez habitual. Quem, aliás, poderia dizer que ele alguma vez fixara preço para as suas manifestações? O motivo que o conduzira ultimamente a Roma, de onde foi expulso, para ali se aperfeiçoar em escultura e conseguir recursos, é o mais formal desmentido aos seus detratores. Mas, que importa? disseram que é um charlatão, e não querem ceder."

Kardec lastima (RS, 1861, p. 211) que se os Estados Unidos tiveram a honra de terem sido os primeiros, naqueles tempos, a revelar as manifestações de além-túmulo, foram eles também os primeiros a mercantilizar a mediunidade. Passa a transcrever de jornais americanos vários anúncios de "médiuns mercenários" e informa que estes também ganharam a Inglaterra. "Não contestamos as faculdades, mesmo poderosas, de certos médiuns mercenários" — declarou —, "mas dizemos que o atrativo do ganho é tentação para a fraude, e deve inspirar desconfiança, tanto mais legítima quanto não se pode ver nessa exploração um efeito de excesso de zelo pelo bem exclusivo da causa. Mesmo que não houvesse fraude, não seria menos reprovável aquele que especula com uma coisa tão sagrada como as almas dos mortos." (RS, 1861, pp. 213/214.)

Na RS de 1865, pp. 311/321, Allan Kardec fala da presença dos irmãos Davenport, dois jovens médiuns norte-americanos, em Paris. Deram sua primeira sessão pública, em 12 de setembro de 1865, na sala Hertz. O desfecho dessa sessão foi deplorável, com a acusação de charlatanaria. Mas, apesar de tudo, já tinha sido observada extensa fenomenologia de efeitos físicos produzidos por seu intermédio, nos Estados Unidos, na Inglaterra e outras várias partes da Europa, muitos relatados pelo Dr. Nichols numa biografia dos citados médiuns.

Conta Kardec que, algum tempo antes da chegada dos irmãos Davenport a Paris, "uma pessoa nos veio ver da parte deles, para nos pedir os apoiássemos em nossa Revista. Mas sabem que não nos entusiasmamos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos, com mais forte razão por aquelas que não conhecemos. Não pudemos, então, prometer cooperação antecipada, pois só temos o hábito de falar com conhecimento de causa. Na França, onde eles eram conhecidos apenas por relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, estava dividida a seu respeito; não podíamos, assim, formular prematuramente nem censura, que poderia ser injusta, nem aprovação, de que se poderiam prevalecer. Eis por que nos abstivemos." (P. 313.)

Procedeu bem o mestre, ainda mais que os médiuns recebiam pagamento por suas apresentações, em dias e horas fixados. Daí talvez o fracasso da apresentação na sala Hertz, que serviu de fértil pasto a vários jornais contrários ao Espiritismo, que desencadearam violenta campanha antiespírita,

ultrapassando a tudo o que até então havia sido feito. Sobre os irmãos Davenport e os adeptos em geral despejaram sarcasmo, injúria e calúnia, e, se não fora a conduta prudente e reservada de Kardec, seu nome seria escandalosamente envolvido no caso. Aliás, quando essas coisas aconteceram, ele estava longe, na Suíça.

Na RS, 1866, setembro, o Codificador comunica que os irmãos Davenport estiveram na Bélgica, onde deram representações muito concorridas, na presença de pessoas altamente colocadas, sem que ali se repetissem as cenas lamentáveis ocorridas em Paris.

O "Office de Publicité", jornal de Bruxelas, publicou dois artigos, em 8 e 22 de julho, sobre os irmãos Davenport, assinados pelo cronista Bertram, pseudônimo de Eugène Landois. Os artigos não contestam várias e notáveis artes produzidas pelos irmãos Davenport, mas o autor, que as viu de perto, declara não saber como explicá-las, e, na verdade, nem isso lhe interessava. Como o Sr. Bertram passa a tratar de Espiritismo e a dizer uma série de incongruências, dois espíritas belgas lhe respondem pelo mesmo jornal, e Kardec o faz, igualmente, pela RS, com aquele saber que caracteriza seus sólidos conhecimentos.

EMILIE COLLIGNON (NASCIDA BRÉARD)

Emilie Collignon desencarnou aos 25-12-1902, em Quimper, Finistère, França. Foi mãe de um dos prefeitos de Paris. Médium mecânica. A partir da visita que lhe fez Jean-Baptiste Roustaing, iniciou a recepção da obra, originariamente em três volumes, "Os Quatro Evangelhos" ou "Revelação da Revelação", ditada pelos próprios evangelistas (Espíritos). Os escritos mecanicamente obtidos foram coordenados pelo advogado Roustaing ("Reformador", 1974, p. 326). "Reformador" de 1903, p. 172, comenta a lacônica notícia de RS sobre a sua desencarnação.

Em Bordéus, o Sr. Sabô realizava sessões mediúnicas a que compareciam, entre outros, pelo menos desde 1862, o Sr. Ch. Collignon e sua esposa, Sra. Emilie Collignon. O casal vivia de suas rendas. As mensagens eram enviadas para publicação na RS. (RS, 1862, p. 84.)

As advertências de um padre, em carta de 8-1-1862 à mãe de Emilie Collignon, muito idosa e doente, prevenindo-a das "superstições diabólicas" que lhe haviam pene-

trado a casa, a filha responde, dizendo ao padre que ela e o marido tinham sido os únicos, em toda a família, a ter a felicidade de estudar o Espiritismo, carta que Allan Kardec registrou na RS de maio de 1862, pp. 148/150.

Emilie Collignon escreve a Allan Kardec (RS, 1862, p. 186), assinalando o trecho de uma mensagem publicada na sua "Revue", do qual discorda devido aos seus termos aparentemente descaridosos. Kardec dá-lhe extensa e ponderada explicação e, logo a seguir, lhe transcreve a dissertação mediúnica intitulada "O Espiritismo filosófico", por ela recebida em Bordéus, aos 4 de abril, e na qual, sob outra linguagem, se encontra o fundo do pensamento expresso na mensagem criticada. Parece que a comunicação transmitida à Sra. Collignon, do Espírito de Bernardin, é a primeira que se refere ao Espiritismo do ponto de vista religioso, publicada na RS, se bem haja outra, anterior, sobre o mesmo assunto, mas que não saiu na "Revue" do Codificador.

Após a transcrição de "O Espiritismo filosófico", Kardec apõe sua observação, que assim começa: "Esta comunicação faz parte de uma série de ditados, sob o título: "O Espiritismo para todos", assinalados todos eles por um mesmo cunho de profundeza e de simplicidade paternal. Como nem todos podem ser publicados na "Revue", farão parte das coleções especiais que preparamos."

Ainda no ano de 1862 (pp. 337/339), Kardec transcreve a longa poesia mediúnica — "Mon Testament" — recebida, em Bordéus, pela Sra. Emilie Collignon. Em 1863 (outubro, pp. 314/316), o Codificador da Doutrina dos Espíritos estampa um artigo referente à proibição moisaica da evocação dos mortos, de sua autoria. Só depois, no entanto, ele teve conhecimento de uma comunicação assinada: *Simeão, por Mateus*, que a médium Collignon recebera num grupo espírita de Bordéus, em resposta à pergunta: "Tendo Moisés proibido evocar os mortos, é permitido fazê-lo?" Precisamente por causa da concordância das idéias, Kardec reproduziu essa comunicação mediúnica logo após o seu artigo, nas páginas da "Revue".

Em "Notícias bibliográficas" (RS, 1864, pp. 223/224), Allan Kardec faz largos elogios à brochura "Conseils aux mères de famille", formada de instruções mediúnicas ditadas à Sra. Collignon pelo Espírito que se assinara *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções haviam sido anteriormente publicadas pelo jornal "Le Sauveur". Eis a apreciação

de Kardec: "Estamos felizes em poder aprovar, sem reservas, esse trabalho, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo. Estilo simples, claro, conciso, não enfático, sem palavras inúteis ou vazias de sentido, pensamentos profundos, de irreprochável lógica, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso dos Espíritos que crêem compensar o vazio das idéias com a abundância de palavras. Não temos receio em fazer esses elogios, porque sabemos que a Sra. Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio de forma alguma será sobreexcitado, do mesmo modo que não se formalizaria com a mais severa crítica. Nesse escrito, a educação é encarada no seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerada desde o berço até à sua formação no mundo. As mães espíritas, melhor que as demais, apreciarão a sabedoria dos conselhos que ele encerra, daí por que lhes recomendamos como obra digna de toda a sua atenção. A brochura é completada com um pequeno poema intitulado "Corpo e Espírito", produção igualmente mediúnica, que mais de um autor de renome poderia subscrever sem receio."

A propósito de "Entretiens familiers sur le Spiritisme", pela Sra. Emilie Collignon, de Bordéus, Allan Kardec faz o seguinte comentário: "Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para esta brochura, que apenas anunciamos em nosso último número, inscrevendo-a entre os livros recomendados. É uma exposição completa, ainda que sumária, dos verdadeiros princípios do Espiritismo, em linguagem familiar, ao alcance de todos e sob forma atraente. Fazer a análise dessa produção seria fazer a de "O Livro dos Espíritos" e de "O Livro dos Médiuns". Não é, pois, como contendo idéias novas que recomendamos esse opúsculo, mas como meio de propagar a Doutrina." (RS, 1865, p. 288.)

RS, nos anos seguintes, prossegue informando o Movimento Espírita sobre as atividades da Sra. Emilie Collignon, sempre infatigável e generosa. Vejam-se as edições de 1871 (p. 63), 1872 (pp. 212 a 215, 235/236), 1873 (p. 164), 1876 (pp. 127, 232 e 264), 1877 (p. 231), etc. Noticiando ou apreciando suas brochuras "Esquisses contemporains", "Education maternelle" e "L'Éducation dans la Famille", ou divulgando seus apelos a favor da escola para meninas pobres, que ela criou no princípio de 1870, dos cursos de instrução para mulheres adultas, etc., as expressões da revista fundada por Allan Kardec eram invariavelmente deste quilate: "Nossa

inteligente e infatigável irmã espírita", "páginas (de seus livros) interessantes, instrutivas, cheias de belas idéias, ditadas pelo coração e de fácil aplicação".

Não obstante sua firmeza e perseverança, dedicação e sacrifícios, nem todas as suas idéias puderam ser concretizadas, por falta de apoio do meio espírita em nível compatível com as exigências de recursos dos empreendimentos idealizados.

A escola para a juventude, nos moldes da "Société de Tutelle", por exemplo, por ela classificada de "ouvrier-école", constituiu-se em frustrada tentativa. Os Espíritos animavam-na muito, como um que se assinava *Jean, dit Bahutier*, mas a realidade é que mais tarde a RS divulgaria carta sua, lamentando não ter conseguido levar avante a fundação da escola, como dissemos, por ausência de apoio. Uma bela carta, reveladora do seu entranhado amor pelos pequeninos necessitados.

Fato curioso, também narrado na RS, foi o de uma Creche maçônica ter declinado da aceitação da oferta pela Sra. Collignon, em nome dos espíritas, de um berço e uma cama de campanha. Os donativos são colocados à disposição dos ofertantes, mas, posteriormente, a quantia arrecadada é recebida pela Creche, por ter sido omitido o detalhe da "origem espírita" do donativo.

A Sra. Emilie Collignon residia em Bordéus (Gironde), à rua Sausse nº 12.

12 — Allan Kardec e a reencarnação. — Ante essa doutrina, Kardec revela-se surpreso e contrariado; a final aceitação dela pelo Codificador. — Notícia de um negociante de New York. — Novas considerações sobre a reencarnação. — Distinção que faz, quanto à Doutrina Espírita, entre o que é aceito nos E.U.A. e na Europa. — Preferíveis as consoladoras comunicações aos prodígios dos médiuns americanos. — A moral consola, melhora; os fenômenos maravilham. — O progresso moral aproxima dos desígnios de Deus

"Dizem certas pessoas — escreve Kardec (RS, 1858, p. 295) — que o dogma da reencarnação não é novo; é ressuscitado de Pitágoras. Jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse invenção moderna. Sendo uma lei da Natureza, o Espiritismo deve ter existido desde a origem dos tempos, e sempre nos esforçamos em provar que seus traços se encontram na mais remota antigüidade. Como se sabe, Pitágoras não é o autor do sistema da metempsicose; ele a colheu nos filósofos indianos e com os egípcios, onde existia desde tempos imemoriais."

"Sem dúvida, acrescentam também alguns contraditores, estáveis imbuído dessas idéias, e daí porque os Espíritos abraçaram a vossa maneira de ver. Isto é um erro, o que prova, mais uma vez, o perigo dos julgamentos precipitados e sem exame. Se, antes de julgar, tais pessoas se dessem ao trabalho de ler o que temos escrito acerca do Espiritismo, poupariam o esforço de uma objeção feita um tanto frivola-

mente. Repetiremos, então, o que já declaramos a esse respeito, ou seja: quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava tão longe do nosso pensamento, que havíamos criado sobre os antecedentes da alma um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. A doutrina dos Espíritos acerca da reencarnação nos surpreendeu, pois; diremos mais: contrariou-nos, porque lançava por terra nossas próprias idéias. Como se vê, ela estava longe de ser o reflexo destas. Isto não é tudo; não cedemos ao primeiro choque. Combatemo-la, defendemos a nossa opinião, levantamos objeções, e só nos rendemos à evidência quando vimos a insuficiência do nosso sistema para resolver todas as questões que esse assunto suscita." (RS, 1858, pp. 295/296.)

Kardec volta a refutar a idéia de que essa doutrina não passa de uma tradução do seu pensamento, e afirma que ela, antes mesmo da publicação de "O Livro dos Espíritos", fora ensinada em muitos outros lugares, tanto na França, quanto na Alemanha, Holanda, Rússia, etc.

Afinal, após apresentar as inúmeras razões que o fizeram *aceitar* a doutrina reencarnacionista, escreveu:

"Se, como tantos outros, adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos viesse dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica, a única que resolve problemas até então insolúveis. Tivesse ela vindo de um simples mortal, tê-la-íamos adotado da mesma forma e não hesitaríamos em renunciar às nossas próprias idéias. Do momento em que um erro fique demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar, ao obstinar-se numa idéia falsa. Tê-la-íamos igualmente repelido, ainda que viesse dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, justamente como temos feito com muitas outras, de vez que sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo que proceda da parte deles, tanto quanto o que venha da parte dos homens." (RS, 1858, pp. 301/302.)

Um negociante de New York, presente à sessão particular de 4 de janeiro de 1861, relata o que naquela cidade se passava com o Espiritismo. Com a palavra Allan Kardec, que assinala o progresso feito nos E.U.A. pelos princípios formulados em "O Livro dos Espíritos", obra que fora traduzida em inglês, em fragmentos, destacando que a doutrina da reencarnação ali contava numerosos partidários. (RS, 1861, p. 36.)

Kardec torna a tratar da reencarnação nos Estados Unidos, de que os incrédulos se aproveitam para acusar os Espíritos de contradição, visto não ser essa doutrina ensinada ali pelos Espíritos. Explica, de novo, que, diante dos fortes preconceitos da escravidão e da cor, os Espíritos preferiram momentaneamente sacrificar o acessório ao principal, aguardando para mais tarde a unidade sobre este, como sobre outros pontos.

Volta a reiterar que ele apenas *aceitou* essa doutrina, essa "lei natural"; não a *inventou*, como muitos antagonistas escreveram e escrevem. Diz, ainda, que o princípio da reencarnação tinha sido exposto claramente em várias outras obras anteriores a "O Livro dos Espíritos", e cita a de Louis Jourdan, redator de "Le Siècle", em "Les Prières de Ludovic", publicada em 1849, a de Jean Reynaud, em "Terre et Ciel", acrescentando a de Charles Fourier e a que era professada pelos druidas. Quando os Espíritos lhe revelaram o princípio da reencarnação, diz Kardec: "(...) ficamos surpresos, e o acolhemos com hesitação, com desconfiança; combatemo-lo, mesmo, durante algum tempo, até que a sua evidência nos fosse demonstrada." (RS, 1862, p. 51.)

Allan Kardec procura explicar as diferenças da Doutrina Espírita nos Estados Unidos e na Europa, dando os motivos que conduziram a isto. "O que precisamente distingue a escola espírita dita americana da escola européia, é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e, na segunda, da parte filosófica." (RS, 1864, p. 148.)

"De todos os princípios da doutrina, o que mais encontrou oposição na América, e por América devemos entender exclusivamente os Estados Unidos, é o da reencarnação; pode-se mesmo dizer que é a única divergência capital, sendo as outras mais na forma que no fundo (...). Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria chocar-se com os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados nesse país. O essencial era tornar aceito o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões acessórias deveriam vir a seu tempo." (RS, 1864, p. 148.)

O "Herald of Progress", de New York, jornal *espiritualista* sob a direção de Andrew Jackson Davis, narra a obtenção de curiosos desenhos mediúnicos por intermédio da Sra. French, na 4ª Avenida, nº 8, diante de dezenove testemunhas, entre as quais o Sr. Gurney, o Prof. Brittan e os

Drs. Warner e Hallock. Tais fatos se verificaram em 22 de novembro de 1860. Kardec os traduz para a RS de 1861, pp. 208/210, dizendo que a origem dos desenhos não lhe parece provada de maneira autêntica, e, a seguir, faz este judicioso comentário:

"Decididamente os médiuns americanos têm uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, visto que os jornais daquele país estão cheios de uma multidão de fatos desse gênero, dos quais os nossos médiuns europeus estão longe de se aproximar; por causa disso, do outro lado do Atlântico dizem que estamos ainda muito atrasados em Espiritismo. Quando perguntamos aos Espíritos a razão dessa diferença, eles nos responderam: "A cada um o seu papel; o vosso não é o mesmo, e Deus não vos deu a menor parte na obra regeneradora." E Kardec prossegue: "Se se considerar o mérito dos médiuns sob o ponto de vista da rapidez da execução, da energia e do poder dos efeitos, os nossos são pálidos ao lado daqueles de além-mar. Todavia, conhecemos muitos médiuns que não trocariam as simples e consoladoras comunicações que obtêm, pelos prodígios dos médiuns americanos. Elas bastam para lhes dar a fé, e eles preferem o que toca a alma ao que impressiona os olhos; a moral que consola e torna melhor, aos fenômenos que maravilham. Por um instante, na Europa, preocuparam-se com os fatos materiais; mas, cedo, os desprezaram pela filosofia, que abre um campo mais vasto ao pensamento e tende para o objetivo final e providencial do Espiritismo: a regeneração social. Cada povo tem seu gênio particular e suas tendências especiais, e cada qual, nos limites que lhe são determinados, concorre para os planos da Providência. O mais avançado será aquele que mais rapidamente marchar na via do progresso moral, porque é este que mais se aproximará dos desígnios de Deus." (RS, 1861, p. 211.)

13 — O fim do Espiritismo. — Instrução dada pelo Espírito de São Luís. — «Que entre vós se compreenda, se ame». — Não permanecer no a-bê-cê das mesas girantes. — Comentários de Allan Kardec. — A Doutrina Espírita demonstra os princípios fundamentais da religião. — Estabilidade do Espiritismo: fatos e teoria. — A imutabilidade do princípio. — O futuro cabe aos espíritas

"O fim do Espiritismo — diz Kardec — é tornar melhores aqueles que o compreendem. Esforcemo-nos em dar o exemplo e em demonstrar que, para nós, a doutrina não é letra morta. Em suma, sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos que os bons Espíritos nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual sempre se despedaçarão as armas da malevolência." (RS, 1859, p. 183.)

Na sessão geral de 9 de novembro de 1860, o Codificador lembra a instrução dada por São Luís, em novembro de 1858, quanto aos objetivos dos trabalhos da Sociedade. Eis a instrução:

"Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Elas foram o vestíbulo da ciência; ao penetrar aí devem-se abandonar os preconceitos, como se deixa o manto. É com insistência que vos empenho a fazer das vossas reuniões um centro sério. Que algures façam demonstrações físicas, que alhures vejam, ouçam, *que entre vós se compreenda e se ame.* Que pensais ser aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar ou levantar uma mesa? Apren-

dizes. Passará o sábio o seu tempo a repetir o a-bê-cê da ciência? Vendo-vos, entretanto, no estudo das comunicações sérias, eles vos consideram como homens em busca da verdade. — *São Luís.*"

O Codificador acrescentou a esta mensagem este comentário:

"Não está aí, senhores, admirável programa, traçado com a precisão, a simplicidade de palavra que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que entre vós se compreenda*, isto é, que tudo devamos aprofundar, para nos darmos conta de tudo. *Que entre vós se ame*, isto é, que a caridade e a benevolência mútua devam ser o objetivo dos nossos esforços, o elo a nos unir, a fim de mostrarmos, por nosso exemplo, o verdadeiro fim do Espiritismo. Enganar-se-iam, estranhamente, acerca dos sentimentos da Sociedade, se cressem que ela menospreza o que se faz algures. Nada é inútil, e as experiências físicas têm também a sua vantagem, que nenhum de nós contesta. Se não nos ocupamos delas, não é porque tenhamos outra bandeira. Temos nossa especialidade de estudos, como outros têm a sua, mas tudo isso se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da ciência." (RS, 1860, pp. 364/365.)

Do longo discurso que Allan Kardec pronunciou em 5 de abril de 1861, a respeito dos trabalhos da SPEE, por ocasião da renovação do ano social, extraímos este trecho:

"A Doutrina Espírita, tal qual é hoje professada, tem uma amplidão que lhe permite abranger todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações e, pode-se dizer, à razão mais exigente, para quem queira estudá-la e não esteja dominado pelos preconceitos. Ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga ao infinito o círculo das idéias e nenhuma é capaz de elevar mais alto o pensamento e livrar o homem da estreita esfera do egoísmo na qual têm procurado confiná-lo. Ela se apóia, enfim, nos imutáveis princípios fundamentais da religião, dos quais é a demonstração patente." (RS, 1861, p. 136.)

"Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, uma escola filosófica, fundada numa opinião pessoal, nada lhe garantiria a estabilidade, porque poderia satisfazer hoje e não mais satisfazer amanhã; num dado tempo, poderia não estar mais em harmonia com os costumes e o desenvolvimento inte-

lectual, e então cairia como todas as coisas caducas que ficam para trás do movimento; enfim, poderia ser substituído por alguma coisa de melhor. Assim é com todas as concepções humanas, com todas as legislações, todas as doutrinas puramente especulativas.

"O Espiritismo se apresenta em condições inteiramente outras, como tantas vezes fizemos notar. Ele se apóia sobre um fato, o da comunicação do mundo visível com o mundo invisível. Ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como o é uma opinião." (RS, 1865, p. 38.)

"Mas, dirão, *pari passu* com os fatos tendes uma teoria, uma doutrina. Quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações, que a de hoje será a mesma dentro de alguns anos?

"Ela pode, sem dúvida, sofrer modificações em seus detalhes, em conseqüência de novas observações; mas, uma vez alcançado o princípio, este não pode variar e, muito menos, ser anulado; aí está o essencial. Desde Copérnico e Galileu, calcula-se o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento permaneceu como princípio." (RS, 1865, p. 40.)

"O Espiritismo não se afastará da verdade, e nada terá a temer das opiniões contraditórias enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosa e conscienciosamente observados, sem prejuízos nem sistemas preconcebidos." (RS, 1865, p. 41.)

"As lacunas que a teoria atual possa ainda conter serão supridas da mesma maneira. O Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inabalável em sua base, porque esta base está assentada em fatos.

"Que os espíritas, pois, não tenham receio: o futuro lhes cabe; que deixem os adversários se debaterem sob o aperto da verdade que os ofusca, visto que toda denegação é impotente contra a evidência que triunfa, inevitavelmente, pela força mesma das coisas. É questão de tempo, e neste século o tempo marcha a passos de gigante, sob o impulso do progresso." (RS, 1865, p. 41.)

Capítulo III

NOS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO

1 — Alguns traços do caráter do mestre da Codificação

Preferimos, num capítulo como este, que esflora problemáticas do Movimento, em seus primórdios, com lições adequadamente aproveitáveis na atualidade da prática do Espiritismo, em todo o mundo, começar lembrando particularidades do caráter daquele que foi, no dizer de Henry Joly, de Lião, "*o primeiro teórico do Espiritismo*", não obstante tal aspecto da personalidade de Kardec ser objeto de tratamento à parte, noutro capítulo do volume.

O grande Missionário da Doutrina era muito polido, de fina educação, sério, mas não sisudo, circunspecto e moralista por excelência. Serviu-se poucas vezes da ironia em seus escritos. "Tenho consciência — disse-nos, em 1859 (RS, p. 232) — de não ter feito, voluntariamente, mal a ninguém; aqueles que me fizeram mal, não poderão dizer o mesmo, e, entre nós, Deus será juiz."

Embora houvesse, em 1858 (RS, p. 206), declarado que "as mesas girantes são como a maçã de Newton, que, na sua queda, encerra o sistema do mundo", o fato de ele ter sido o sistematizador não lhe subiu jamais à cabeça, pois declinou da honra de ter fundado o Espiritismo. Em 1861, aspirava apenas ao "modesto título de propagador" (RS, p. 7).

Kardec considerava, por exemplo, que as cartas incógnitas tornam suspeita a sua origem, razão por que nem mesmo delas tomava conhecimento, destinando-as à cesta de papéis

velhos, ainda que mencionassem: *Um dos vossos assinantes*, *Um espírita*, etc. (RS, 1864, p. 64).

Ao alegarem, gratuitamente, os opositores de Kardec que a Doutrina estaria decadente e indiferentes os seus adeptos, o Diretor da "Revue Spirite" inicia o primeiro número de 1865, dizendo: "Um jornal especial, que está em seu oitavo ano de existência e que vê todos os anos o número de seus assinantes crescer em notável proporção; que desde a sua fundação viu três vezes esgotadas as coleções dos anos anteriores", não provava essa decadência ou essa indiferença.

No mesmo fascículo, às páginas 2 e 3, encontramos mais o seguinte, suficientemente ilustrativo e comprobatório do que escrevemos no início:

"(...) a ninguém lisonjeamos para obter adesões à nossa causa; deixamos que as coisas sigam seu curso natural, ciente de que, se nossa maneira de ver e fazer não for boa, nada a fará prevalecer. Sabemos muito bem que, por não termos incensado certos indivíduos, os afastamos de nós, e eles se voltaram para o lado de onde vinha o incenso." (P. 2.)

"Temos consciência de que, em toda a nossa vida, nunca devemos nada à adulação nem à intriga, razão por que não acumulamos grande coisa, e não é com o Espiritismo que começaríamos." (P. 3.)

"Louvamos com alegria os fatos realizados, os serviços prestados, porém jamais, por antecipação, os serviços que possam prestar ou que prometam prestar." (P. 3.)

"Quando cessamos de aprovar, não censuramos; guardamos silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-lo." (P. 3.)

2 — Polêmicas. — Controvérsias e discussões. — Antagonistas de má-fé. — Polêmica útil

É bem certo que não são de hoje os problemas suscitados no âmbito do Espiritismo, na sua difusão entre os homens, pois nos primórdios já existiam, e em grande número. Vale a pena extrair da RS (1858, p. 293) estas palavras de Kardec:

"Mas há polêmica e polêmica. Existe aquela ante a qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos. Todavia, mesmo nesse caso, faz-se preciso uma distinção: se se trata apenas de ataques gerais dirigidos contra a doutrina, sem outro fim que o de criticar, e feitas por pessoas arraigadas em rejeitar tudo quanto não compreendem, nada disso merecerá a nossa atenção; o terreno que o Espiritismo ganha a cada dia é resposta suficientemente peremptória e prova de que seus sarcasmos não têm produzido grande efeito."

O mestre aconselha os espíritas a não discutirem com antagonistas de má-fé ou que sejam possuídos de *parti pris*. "Com eles, toda polêmica é ociosa, porque sem propósito, já que não os faz mudar de opinião." Tal conduta, ele, Kardec, sempre seguiu, abstendo-se de ceder às provocações que o teriam feito descer à arena da controvérsia. "Se às vezes" — explica — "rebato certos ataques e certas asserções errôneas é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta e para dar aos espíritas meios de refutação, se necessário." (...) "Até aqui não há uma só objeção séria que não se ache refutada em meus escritos." (...) "Digo, pois, a todos os espíritas: continuai a semear a idéia. Espalhai-a com doçura e persuasão, e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia, às quais

só se recorre quando não se sente bastante forte pelo raciocínio." (RS, 1863, pp. 155/6.)

"Notemos, ainda — escrevera anos antes —, que, entre os críticos, há muita gente que fala sem conhecer a coisa, sem se ter dado ao trabalho de aprofundá-la. Para responder a eles, fora necessário recomeçar, incessantemente, as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, o que acreditamos inútil. O mesmo não acontece com aqueles críticos que estudaram e que nem tudo compreenderam, com aqueles que realmente querem esclarecer-se, que levantam objeções de boa-fé e com conhecimento de causa. Neste terreno, aceitamos a controvérsia, sem termos a esperança de resolver todas as dificuldades, o que seria muita presunção. (...) Confessaremos, sem constrangimento, nossa insuficiência quanto aos pontos para os quais não temos resposta. Assim, longe de repelir as objeções e as perguntas, nós as solicitamos (desde que não sejam ociosas e nem nos façam perder tempo com futilidades), pois constituem um meio de nos esclarecermos.

"É a isto que chamamos polêmica útil, e sempre o será quando se processar entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências." (RS, 1858, p. 294.)

3 — «O silêncio é a melhor resposta». — Cépticos endurecidos. — Resposta ao padre Marouzeau. — «Quereis matar-nos polidamente». — «Tenho coisas mais importantes a fazer». — Apartar do mal, pela persuasão. — «Jamais me constituí chefe de coisa alguma». — Autoridade moral. — Felicidade que ninguém lhe arrebataria. — Caridade, fraternidade, sinceridade. — O Espiritismo independe de certas personalidades. — Deus saberá prover a continuação da obra

Evoquemos seus pensamentos, insertos nos escritos que confiou à "Revue Spirite", de 1858 a 1864, em torno da política que seguia de não dar resposta à maioria das publicações de autoria de opositores, adversários inconseqüentes e sistemáticos, cultores do narcisismo intelectual, personalistas e obstinados em injuriar e insinuarem-se como individualidades que devessem merecer acatamento e às quais fosse o Codificador submeter as suas altas decisões, qual se ainda vingassem os promotores de censuras à orientação e à liberdade do pensamento em matéria científica, filosófica, religiosa ou artística.

Eis, a seguir, para início de meditação e estudo, dois pronunciamentos da maior relevância:

"Perguntam-nos freqüentemente por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, às vezes, mesmo contra nós. Cremos que, em certos casos, o silêncio é a melhor resposta. Há, por outro lado, um gênero

de polêmica que nos impomos a norma de abster-nos: é a que pode degenerar em personalismos. Ela não só nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, além do que seria bem pouco interessante para os nossos leitores, que assinam o jornal para se instruírem e não para ouvir diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez embrenhado nesse caminho, dele seria difícil sair; eis por que preferimos aí não entrar, e julgamos que assim o Espiritismo só terá a ganhar em dignidade." (RS, 1858, p. 293.)

"Há cépticos que negam até à evidência, nem milagres poderiam convencê-los. Há mesmo aqueles que ficariam bem desgostosos se fossem forçados a crer, porquanto seu amor-próprio sofreria com a confissão de que estavam enganados. Que responder a pessoas que por toda parte só vêem ilusão e charlatanismo? Nada; deve-se deixá-las tranqüilas, a repetirem, enquanto quiserem, que nada viram e até mesmo que nada lhes pôde ser mostrado. Ao lado desses cépticos endurecidos, há os que querem ver à sua maneira; os que, firmados numa opinião, a esta tudo querem ajustar, não compreendendo existirem fenômenos que não podem sujeitar-se à sua vontade. Eles não sabem ou não querem adaptar-se às condições necessárias." (RS, 1859, p. 153.)

Em 1863, Allan Kardec escreve duas cartas ao padre Marouzeau, referentes à brochura "Réfutation complète de la doctrine spirite au point de vue religieux", publicada dois anos atrás. As cartas foram estampadas nos meses de julho e setembro de 1863, e delas traduzimos os trechos a seguir:

"Dir-vos-ei, de começo, que se não respondi diretamente à vossa brochura foi porque me havíeis anunciado que ela deveria enterrar-nos vivinhos. Quis, então, esperar o acontecimento, e verifico com prazer que não estamos mortos; que mesmo o Espiritismo está um pouco mais vivaz que antes; que o número de sociedades se multiplica em todos os países; que em toda parte, onde pregaram contra ele, o número de adeptos aumentou; que este crescimento está na razão da violência dos ataques." (P. 218.)

"Vossa brochura, vós o sabeis, senhor padre, foi seguida de grande número de outras; a vossa tem, sobre muitas, um mérito, o da perfeita urbanidade; quereis matar-nos polidamente, e vos agradeço. Mas, de todos os lados os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos polidamente e em francês mais ou menos correto; para refutá-los a todos, ar-

tigo por artigo, eu precisaria repetir-me sem cessar, e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer." (P. 218/19.)

"Sou um homem positivo, sem entusiasmo, que tudo julga friamente; raciocino de acordo com os fatos e digo: Já que os espíritas são mais numerosos do que nunca, malgrado a brochura do Sr. Marouzeau e todas as outras, malgrado todos os sermões e mandamentos, é que os argumentos de que se fizeram valer não persuadiram as massas, produzindo efeito contrário. Ora, creio ser de lógica elementar julgar o valor da causa por seus efeitos; conseguintemente, para que refutá-los? (P. 219.)

"Vejo as coisas sob um ponto de vista diferente do vosso, senhor padre. Como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o ruído que fazem, mas o efeito que produzem. É o conjunto que vejo: sendo o conjunto satisfatório, é-me suficiente. Respostas individuais seriam, assim, inúteis. Quando trato, de maneira geral, de questões suscitadas por algum adversário, não é para convencê-lo — longe disso — e, ainda menos, para levá-lo a renunciar à sua crença, que respeito quando sincera: é unicamente para instrução dos espíritas e porque ali encontro pontos a desenvolver ou a elucidar. Refuto os princípios, não os indivíduos; os princípios ficam, os indivíduos desaparecem. Eis por que pouco me inquieto com personalidades que amanhã, talvez, não mais existam ou das quais não mais se falará, seja qual for a importância que elas procurem dar-se. Vejo muito mais o futuro que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais que os fatos isolados e secundários. Reconduzir ao bem é, aos nossos olhos, a verdadeira conversão. Um homem arrancado às suas más inclinações e reconduzido a Deus e à caridade *para com todos*, pelo Espiritismo, é para nós a mais útil vitória; é a que nos causa mais alegria, e agradecemos a Deus no-la dar tão freqüentemente. Para nós, a vitória mais honrosa não consiste em desligar um indivíduo de tal ou qual culto, de tal ou qual crença, pela violência ou pelo medo, mas de apartá-lo do mal pela persuasão." (RS, 1863, p. 219.)

Da brochura do padre Marouzeau, Allan Kardec transcreve a seguinte passagem, talvez a mais interessante de todas:

"Concluamos de tudo isso que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio das manifestações de

além-túmulo bem verificadas; que, fora daí, tudo nele só é incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, é tão-somente uma verdadeira utopia, como tantas outras consignadas na História, e da qual o tempo fará a devida justiça, a despeito do exército espiritual de que vos constituístes general-chefe."

Com relação ao trecho inicial do citado parágrafo, Kardec di-lo estar em contradição com a doutrina da Igreja e tece excelente comentário, que assim começa: "O Espiritismo serve então para alguma coisa. Se as manifestações de além-túmulo são úteis para destruir o materialismo e provar a imortalidade da alma, não é então o diabo que se manifesta." (RS, 1863, p. 277.)

Quanto ao final do parágrafo de Marouzeau, o Codificador não o deixa passar em brancas nuvens, pondo as coisas no seu devido lugar: "De princípio, perguntar-vos-ei o que entendeis por *exército espiritual*; é o exército dos Espíritos ou o dos espíritas? Com a primeira interpretação exprimiríeis um absurdo; com a segunda, uma falsidade, pois é notório que eu jamais me *constituí* chefe de coisa alguma. Se os espíritas me dão esse título, é por espontâneo sentimento da parte deles, em razão da confiança que se dignam depositar em mim, ao passo que dais a entender que me impus e tomei tal iniciativa, o que nego formalmente. De resto, se o êxito da doutrina que professo me dá certa autoridade sobre os adeptos, é esta puramente moral, que apenas uso para recomendar-lhes calma, moderação e abstenção de quaisquer represálias para com aqueles que os tratam tão indignamente, para lembrar-lhes, em suma, a prática da caridade mesmo com seus inimigos." (RS, 1863, p. 276.)

O padre Marouzeau esperava que Kardec reconhecesse seus erros, ao que este responde:

"Não o creio, e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de idéia, nem desertar do posto em que a Providência me colocou, posto no qual tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar na Terra, vendo frutificar o que semeou. É uma felicidade bem grande e muito suave, asseguro-vos, à vista das pessoas que se tornaram felizes, tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e reconduzidos ao bem. Uma única de suas bênçãos me paga largamente todas as fadigas e todos os insultos. Ninguém tem o poder

de me arrebatar essa felicidade. Não a conheceis, pois que me quereis tirá-la; eu vo-la desejo de toda a minha alma." (RS, 1863, p. 279.)

"A caridade e a fraternidade — enfatiza o mestre — são reconhecidas por suas obras e não por palavras. (...) é a pedra de toque com a qual identificamos a sinceridade dos sentimentos. E quando, em Espiritismo, se fala de caridade, sabemos que não se trata apenas daquela que dá, mas também, e sobretudo, da que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de inveja e de rancor. Toda reunião espírita que não for fundada no princípio da verdadeira caridade, será mais nociva que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de reunir." (RS, 1864, p. 26.)

"É grave erro crer — escreve convictamente o Codificador — que a sorte do Espiritismo depende da adesão de tal ou qual indivíduo. Ele se apóia em base mais sólida: o assentimento das massas, nas quais a opinião dos mais pequenos pesa como a das mais altas personalidades. A solidez de um edifício não é dada por uma pedra apenas, tanto que esta pode ser retirada, mas pelo conjunto de todas as pedras que lhe servem de alicerce. Num assunto de tão vasto interesse, a importância das individualidades, consideradas em si mesmas, se apaga de alguma forma; cada uma traz o seu contingente de ação, mas, se algumas faltarem ao chamamento, nem por isso o conjunto sofrerá." (RS, 1863, p. 361.)

Em "Aos nossos correspondentes", na RS de janeiro de 1867, Kardec diz, entre outras coisas: "Aos que se dignam fazer votos pela nossa estada aqui embaixo, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável na execução dos desígnios de Deus. O que fizemos, outros poderiam fazê-lo; e o que não pudermos fazer, outros o farão. Assim, quando lhe aprouver chamar-nos, Ele saberá prover a continuação de sua obra. Aquele que será chamado a tomar as rédeas cresce na sombra e se revelará, quando chegar o tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas por *seus atos*, que o assinalarão à atenção de todos. Neste momento, ele próprio ainda o ignora, e é bom, por enquanto, que se conserve à parte." (Pp. 1 e 2.)

Na RS de janeiro de 1868, ao fazer breve retrospecto do movimento espírita de 1867, finaliza assim: "Aos que nos

dizem: Coragem! diremos que jamais recuaremos diante de nenhuma das necessidades de nossa posição, por mais duras que elas sejam. Que contem conosco, como contamos encontrar neles, no dia da vitória, soldados da vigília e não soldados do amanhã." (P. 5.)

1 — Resposta aos espíritas lioneses. — Tarefas gigantescas. — Aflições e fadigas; parcos recursos; planos a serem executados ou legados. — Expectativas ultrapassadas. — Táticas principais dos inimigos do Espiritismo. — «Afastai em vossas reuniões o que se relaciona à política e questões irritantes». — Arvorai bem alto a divisa: «Fora da Caridade...» — Uma quarta parte das tarefas: a correspondência. — Sozinho para fazer tudo. — Alocução de 6-10-1865 na Sociedade de Paris. — A humildade de Kardec. — Recomendava: «Coragem e Perseverança!»

Por ocasião da passagem do Ano-Novo de 1862, os espíritas de Lião dirigiram a Allan Kardec mensagem subscrita por cerca de duzentas assinaturas, mensagem a que ele responde com longa carta, da qual extraímos os trechos a seguir:

"Considero como grande favor do céu ser testemunha do bem que ela (a Doutrina Espírita) já fez. Esta certeza, da qual diariamente recebo os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todas as minhas aflições e fadigas. Só uma graça peço a Deus, a de me dar a força física necessária para ir até o fim de minha tarefa, que está longe de terminar. Mas, suceda o que suceder, terei sempre a consolação de haver assegurado a imperecibilidade da semente das idéias novas, agora espalhada por toda parte." (...) "Se alguma coisa lamento, é que a exigüidade de meus recursos pessoais não me permita executar os planos que concebi para seu mais rápido progresso. Mas, se Deus, na sua sabedoria, achar

por bem decidir de outra forma, legarei esses planos aos meus sucessores, que, sem dúvida, serão mais felizes. Malgrado a penúria dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião pública foi além de todas as esperanças." (RS, 1862, p. 34.)

Satisfazendo ao pedido dos amigos de Lião, o mestre lhes dá vários conselhos, prevenindo-os das principais táticas que os inimigos do Espiritismo usariam com maior intensidade, quais a de "tentar dividir os espíritas, pela criação de sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e a inveja"; a de "procurar comprometer os espíritas, levando-os a se afastarem do verdadeiro objetivo da doutrina, que é o da moral, para tratarem de questões que não são de sua alçada, e que poderiam, a justo título, despertar susceptibilidades. (...) Em vossas reuniões, afastai, com cuidado, tudo quanto tenha relação com política e questões irritantes". "Ficai advertidos de que a luta não terminou. Fui prevenido de que eles vão tentar um supremo esforço. Não temais, porém: o penhor do êxito está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *Fora da caridade não há salvação.* Arvorai-a bem alto, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas." (P. 36.)

Bem grande era a correspondência enviada a Kardec, vendo-se ele, por vezes, na impossibilidade material de responder, como desejava, às cartas a ele endereçadas.

Com respeito às perguntas que lhe eram dirigidas acerca de diferentes pontos de doutrina, freqüentemente repetidas por muitos consulentes, ele procurava responder a todos, ao mesmo tempo, pelas páginas da RS.

É curioso registrar as múltiplas tarefas que em março de 1862 tomavam todo o tempo de Allan Kardec. Deixemos que este mesmo nos faça o relatório que se segue:

"Há seis meses, com a melhor boa-vontade do mundo, me tem sido materialmente impossível pôr em dia a minha correspondência, que se acumula além de todas as previsões. Estou, assim, na posição de um devedor que pede conciliação com seus credores, sob pena de se declarar em falência. À proporção que algumas dívidas são pagas, surgem novas e mais numerosas obrigações, se bem que os atrasados crescem sem cessar, em lugar de diminuírem, e nesse momento me encontro em presença de um passivo de mais de duzentas

cartas. Ora, sendo a média diária cerca de dez, não teria nenhum meio de me liberar se eu não obtivesse de vossa parte ilimitado *sursis*.

"Longe de mim lamentar-me pelo número de cartas que recebo, pois isto é uma prova irrecusável da extensão da doutrina, e a maior parte exprimem sentimentos que me comovem profundamente, e que constituem para mim arquivos de preço inestimável."

"Só a correspondência bastaria para absorver todo o meu tempo e mesmo ultrapassá-lo, e no entanto ela constitui apenas a quarta parte das ocupações necessárias à tarefa que empreendi, tarefa cujo desenvolvimento eu estava longe de prever no começo de minha carreira espírita. Igualmente, várias publicações importantíssimas se acham paradas por falta do tempo necessário para nelas trabalhar, e dos meus guias espirituais acabo de receber o convite *premente* para me ocupar das mesmas sem demora e, acima de tudo, por causas urgentes. Forçoso me é, então, a menos que falhe no cumprimento da obra começada com tanta felicidade, operar uma espécie de liquidação epistolar para o passado, e limitar-me, para o futuro, às respostas estritamente necessárias, pedindo, coletivamente, aos meus honrados correspondentes, aceitem a expressão de minha viva e sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia que se dignarem enviar-me."

. . . . . .

"À medida que a doutrina cresce, minhas relações se multiplicam, e os deveres de minha posição aumentam, o que me obriga a negligenciar um pouco as minúcias, em favor dos interesses gerais. O tempo e as forças do homem têm limites, e confesso que as minhas, desde algum tempo, freqüentemente me têm faltado, e não posso ter o repouso que às vezes me seria necessário, porque sou sozinho para fazer tudo."

Em novembro de 1862, volta a falar da volumosa correspondência que lhe chegava diariamente e pede indulgência pela falta de pontualidade nas respostas. Acrescenta que só esse trabalho absorveria o tempo de duas pessoas, e "somos uma só", frisava ele, considerando ainda que tinha outras obrigações inadiáveis. Longe de se lastimar pelo número de cartas que lhe escreviam, apenas esperava — segundo os Espíritos lhe prometeram — "que cedo pudesse contar com

colaboradores permanentes e assíduos, a fim de que tudo andasse em dia". (RS, 1862, pp. 322/3.)

Na reabertura das sessões da Sociedade de Paris, a 6 de outubro de 1865, Kardec pronunciou uma alocução, em que se refere ao desagradável caso dos irmãos Davenport, entrando em várias considerações de ordem doutrinária.

Eis dois trechos relacionados com as tarefas do Codificador:

"Desde a nossa separação aprendi muitas coisas, senhores. Porque não julgueis que, durante a interrupção dos nossos trabalhos, eu tenha ido gozar as doçuras do *far-niente*. Na verdade, não fui visitar centros espíritas, mas ao menos vi e observei muito, e, por isso mesmo, muito trabalhei." (P. 327.)

"Deus me guarde ter a presunção de me julgar o único capaz, ou mais capaz que qualquer outro, ou o único encarregado de cumprir os desígnios da Providência. Não, tal pensamento está longe de mim. Nesse grande movimento renovador, tenho minha parte de ação. Só falo, pois, do que me concerne; mas o que posso afirmar, sem vã jactância, é que, no papel a mim incumbido, nem a coragem nem a perseverança me faltarão. Jamais falhei, e hoje, que vejo a estrada iluminar-se de maravilhosa claridade, sinto minhas forças aumentadas. Jamais duvidei, e hoje, graças às novas luzes que a Deus aprouve dar-me, estou certo; e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: coragem e perseverança, porque brilhante êxito coroará nossos esforços." (P. 328.)

5 — A correspondência de Allan Kardec. — Vasto campo experimental (como o era a RS). — Histórico de uma divulgação (Paul Bodier). — Estratégia na ação de Kardec. — Inscreveu voluntários para futuras jornadas. — O progresso é um parto laborioso. — Vasto repositório da História do Espiritismo moderno

Em 1913, a Federação Espírita Brasileira foi instada por confrades franceses a secundar "La Revue Spirite" (92) na divulgação da "Correspondência Póstuma de Allan Kardec", abrangendo o período de 1857 a 1869. "O Sr. Paul Leymarie (93), diretor da "Revue Spirite", fundada pelo mestre em 1858, julgou de utilidade inserir na dita revista alguns extratos dessa correspondência, cuja publicação parece impor-se, muito particularmente na época atual." "Escritores, pensadores, políticos, eclesiásticos, sábios, homens de todas as condições e de todos os países corresponderam-se com Allan Kardec." "Com incansável paciência e a fé esclarecida de um apóstolo seguro de sua missão, com toda a sua energia e talento de escritor, o grande Iniciador esforçou-se por consolar, satisfazer e instruir, abrindo às almas aflitas e torturadas as ridentes e doces perspectivas da vida supraterrestre. *Minha correspondência* — escreve em uma de suas cartas, a primeira

---

(92) O artigo "La" só foi preposto ao nome da "Revue Spirite" a partir de 1913. Mas, os franceses custaram muito a se habituar com a inovação; por isso, no início, ainda usaram várias vezes a grafia antiga na própria "La Revue Spirite".

(93) Não confundir com o pai, Pierre-Gaëtan Leymarie, companheiro e amigo de Kardec, e também administrador e redator-responsável da "Revue" durante longo tempo.

que vai aparecer no número de dezembro de 1913 da "Revue Spirite" — *será um dia, quando eu tiver desaparecido, uma coisa bem curiosa: será o mais vasto repertório da história do Espiritismo moderno.*"

As palavras de Paul Bodier (94), que reproduzimos entre aspas, são parte das que ele escreveu no prefácio à publicação referida e que estamos recolhendo do "Reformador", janeiro de 1914, pp. 4 a 7. O nosso órgão não se limitou a anuir ao convite que lhe vinha de Paris, acolhendo, desde logo, em suas páginas a importante correspondência do Codificador, pois teve, também, a primazia de estampar algumas cartas, às vezes seguidas de ligeiros comentários do apresentador aludido, já que a guerra européia de 1914/1918 causou problemas à "Revue", obrigando-a a atrasos e interrupções, enquanto o "Reformador", inobstante as dificuldades de outra ordem, peculiares à época e ao meio, conseguia manter-se à tona, propagando as questões e os ensinos, os fatos e as notícias pertinentes à doutrina e ao movimento do Espiritismo.

"Mais tarde — dizia Paul Bodier —, a reunião de todas essas cartas (95), classificadas cronologicamente, será suscetível de formar muitos volumes; mas, antes dessa exibição definitiva, achamos que devíamos dar importantes extratos,

---

(94) Os nossos leitores já o conhecem: é o autor do livro "A Granja do Silêncio" (Documentos póstumos de um Doutor em Medicina relativos a um caso de reencarnação), prefaciado por Gabriel Delanne, na qualidade de presidente da União Espírita da França, e traduzido por Guillon Ribeiro para a FEB.

(95) Como é do conhecimento público, o Dr. Canuto Abreu é possuidor de volumosa correspondência original (rascunhos manuscritos) de Kardec. Em junho de 1974, esse nosso confrade gentilmente nos exibiu algumas peças de sua vasta coleção, uma delas pertinente à oferta de um exemplar de "O Livro dos Espíritos", em abril de 1857, pelo Codificador, ao Sr. Pâtier, responsável em parte pela iniciação de Allan Kardec no Espiritismo, segundo se depreende da referida carta. Quase todos os manuscritos são inéditos.

Em virtude de as cartas publicadas na "Revue", dentro do esquema traçado pela sua direção e sob a orientação de Paul Bodier, não terem atingido grande número de originais, como se esperava, entendemos que isso já foi decorrência da destruição de documentos por motivo da guerra 1914/1918 (fenômeno que se repetiu, com importantes papéis do Espiritismo, em 1939/1945).

Não excluímos a possibilidade, entretanto, de que muitos documentos tenham sido salvos, daqueles que constituiriam os muitos volumes do Sr. Paul Bodier, e estejam integrando o rico e bem catalogado acervo do nosso amigo de São Paulo, Dr. Canuto Abreu.

persuadidos de antemão de que serão favoravelmente acolhidos pelos admiradores do mestre."

* * *

Veremos, a seguir, que as epístolas de Kardec, ainda aquelas redigidas por secretário, longe de se ligarem a razões de mera formalidade convencional, obedeciam a ditames de invariável essencialidade, revelando na figura cativante do missionário de Lião a clareza, a precisão e a lógica rigorosas que ressaltam dos seus trabalhos publicados, ao mesmo tempo que da sua superioridade moral, emergente das palavras, conceitos e atitudes, sobressaía aquela imensa humildade que fora a sua fortaleza de todas as horas, humildade que o conservara sereno e tranqüilo na luta, até o fim da jornada.

* * *

Em 1865, com carta de 24 de setembro, o Sr. J. P. Sanson remeteu de Madri a Allan Kardec uma coletânea de poesias que escreveu com o fim de popularizar na Espanha as idéias espíritas. O mestre respondeu àquela missiva nestes termos:

"Sr. Só muito tardiamente recebi vossa carta de 24 de setembro de 1865, assim como o volume de poesias que a acompanhava. *Não agradeci mais cedo porque, não compreendendo a linguagem espanhola, não podia apreciá-las por mim mesmo,* a meu pesar. *Tive de confiá-las a pessoa mais capaz* e só há pouco tempo foi-me restituído o volume com uma análise que me prova quanto a nossa bela doutrina felizmente vos inspirou. É uma mina fecunda para a literatura e as belas-artes, que um dia nela se avigorarão largamente. (...)" (Grifos nossos.)

Depois dessas demonstrações de modéstia e humildade, e da previsão do desenvolvimento da literatura espírita — em plena realização no século XX — e da arte inspirada nos ensinos da revelação nova, vejamos uns parágrafos da carta de 30 de dezembro, do mesmo ano, endereçada ao Sr. Villou:

"(...) mas estais enganado pensando que estou impaciente por deixar a Terra. Certamente, não é ela uma mansão agradável, mas, como minha tarefa não está ainda cumprida, peço a Deus que me dê forças e tempo para terminá-la.

Entregue ao dever que ela me impõe, encaro, graças a Deus, as coisas de um ponto assaz elevado para suportar com indiferença as coisas da vida. Deus, em sua bondade, concede-me além disso tão doces e numerosas compensações que eu seria muito ingrato se me queixasse. Se aqueles que se ligam ostensivamente com meus inimigos pudessem ver o fundo de meu coração compreenderiam que perdem o tempo. O resultado que obtêm é fazer-me estremar os amigos duvidosos dos amigos sinceros e devotados. Lastimo aqueles que esperam, por pequenas intrigas, impedir a marcha das coisas. Não é contra mim que eles se ligam, mas contra a vontade de Deus, que lhes pedirá contas do moral de todas as suas ações. Não é a mim que pertence julgá-los; não posso senão implorar para eles a misericórdia do soberano Mestre. Recebei, etc."

A fé raciocinada era, na vida de Kardec, autêntica, experimental, como no-lo revelam suas palavras cheias de conformação às asperezas da existência e de confiança na Providência Divina, mas conformação e confiança ativas no ininterrupto trabalho a que se impunha, no esforço de cumprir plenamente o seu dever — a sistematização dos ensinos do Espiritismo. Tudo isso mais se configura nas linhas abaixo, de 13 de janeiro de 1865, à Sra. Bouillant, de Lião, além da polida e franca abordagem de delicadíssimo assunto contido na carta sob resposta:

"Quando vejo os benefícios da doutrina, as consolações que ela oferece, considero-me largamente pago de todas as minhas fadigas e pergunto o que são a par disso as diatribes de alguns detratores invejosos e ciumentos que não pensariam em mim se não estivessem aterrorizados pelos progressos da doutrina." "Desejais tanto estar comigo em minha próxima volta à Terra que me recomendais incessantemente não me esquecer de vos inscrever. Não sabeis a quanto vos comprometeis; a tarefa será, talvez, mais rude do que supondes. Ser-me-ão necessários companheiros firmes que não recuem diante de nada; eu os manterei na vanguarda. Tanto pior para vós se vos arrependerdes mais tarde; estais arregimentados, vós e o Sr. Bouillant, e não podeis mais recuar, a menos de ser desertor (*sic*). Cumprimentos ao Sr. Bouillant e acreditai no devotamento de Allan Kardec."

Quando escreveu, em 5 de janeiro de 1863, ao Sr. Normand, advogado, secretário da Sociedade Espírita de Tours, o mestre revelou-se atilado psicólogo e não menor estrate-

gista no trato de problemas de alta relevância no âmbito do movimento espiritista:

"... em presença de semelhante resultado (pertinente ao futuro da humanidade), as questões de pessoas devem desaparecer, como quando se trata de uma grande batalha que deve decidir da sorte de um império. Considerar-me-ia feliz se pudesse inscrever a Sociedade Espírita de Tours no número dos melhores trabalhadores e aqueles que a dirigem no número dos melhores generais da grande falange espírita; mas, não se deve perder de vista que o melhor general é aquele que sabe aliar a prudência à coragem. Se virdes o inimigo extraviar-se, não vos apresseis em atacá-lo; deixai-o, ao contrário, embaraçar-se na sua própria rede e então não tereis grande trabalho para vencê-lo, porque ele se enfraquece e se desacredita e mata-se a si mesmo por seus próprios excessos."

O trabalho de implantação do Espiritismo no mundo realmente não se consolidou sem lutas, e estas Kardec teve de vencê-las por fora e por dentro da área do edifício da Codificação, envolto em considerável andaimaria. É o que observaremos mais pormenorizadamente, a seguir, principiando por tópicos da carta ao Sr. T. Jaubert, em resposta à que este lhe endereçara em fins de 1865 e lida na Sociedade de Paris:

"Há tantas pessoas que não apanham senão a superfície das melhores coisas! E, demais, é preciso considerar que alguns vêem no Espiritismo muito menos assunto de convicção do que uma nova mina a explorar..." "Finalmente, devemos fazer entrar em linha de conta os falsos irmãos, dóceis agentes de seitas tenebrosas, que tomam todas as máscaras para se insinuarem por toda parte; lobos que se vestem com pele de ovelhas para se introduzirem no redil; hipócritas de devotamento factício que, com o auxílio de falências verdadeiras ou simuladas, esperam lançar a desordem e o desânimo nas fileiras..." "Sim, caro Sr., é preciso que a humanidade crie pele nova para se purgar de todas as suas chagas! Os inimigos mais poderosos do Espiritismo não são seus adversários abertamente declarados, mas aqueles que lhe tomam a máscara. Fiscalizar todas as suas intrigas e frustrá-las com prudência não é a parte menos rude e menos penosa da minha tarefa. Felizmente, tenho por mim a coragem e a perseverança que dão a certeza de conseguir o fim. Conheço os homens e de nada me admiro; sei que as grandes idéias

não se estabelecem sem luta; sei que terei ainda grandes obstáculos a vencer, mas não os temo porque sei que a vontade dos homens nada pode contra a vontade de Deus. O progresso é um parto laborioso que encontra resistência tenaz nos abusos que ele tem de arrancar e que lhe disputam o terreno, palmo a palmo. Digamos ainda outra coisa — evito falar de mim —, é que se o êxito de minhas obras é causa de alegria para os adeptos sinceros, o é para alguns uma dor de coração: o crédito que esse sucesso me dá os ofusca. Não são verdadeiros espíritas, direis; de acordo; mas querem ter-lhes a aparência. Têm ciúmes da minha posição! Desejaria vê-los em meu lugar, trabalhando sem tréguas nem descanso, acabrunhado pela fadiga e pelas vigílias, com o espírito sempre tenso, o olhar constantemente sobre todos os pontos do horizonte para vigiar a minha barca à feição e conduzi-la mais seguramente ao porto e isso sem poder tomar o repouso que seria necessário à minha saúde. Ao menos o marinheiro, uma vez no porto, descansa; para mim, o porto é no outro mundo."

As respostas dirigidas através de secretário não eram, como chamamos a atenção linhas atrás, formais, superficiais. Eis parte da que foi dada a um professor que anteriormente merecera uma carta do mestre a propósito de comunicação de Voltaire, publicada na "Revue" em 1862:

"O Sr. Allan Kardec, como outro qualquer, não tem a pretensão de satisfazer a todos; se achais o Espiritismo muito católico, outros supõem que não o é bastante. Entre estas duas apreciações, encontra-se uma massa, crescente dia a dia, que o considera como a filosofia mais racional." "Deixemos, pois, ao tempo o cuidado de esclarecer os pontos ainda obscuros, porque cada dia se alarga o círculo dos mistérios que ele revela. O Sr. Allan Kardec, que acompanha esse progresso, sabe também que não se deve, por uma impaciência inconsiderada, ultrapassar a ordem das coisas, e que, antes de colher, é necessário deixar que o grão amadureça." "Além de muitas questões secundárias que encontrarão solução ulteriormente, há uma que domina todas, é a prova da existência da alma e da vida futura, baseada em fatos e apresentada sob aspecto mais racional do que até hoje se fizera; somente dessa prova decorrem conseqüências de incalculável alcance para o futuro da humanidade." "Termino dizendo-vos que o Sr. Allan Kardec tomou muito em consideração

as vossas observações, que encontrarão lugar, em tempo útil, em seus escritos ulteriores. Recebei, etc."

A correspondência e a RS constituíam para Kardec — e é importante lembrarmo-nos disso — vasto campo experimental, no qual ensaiava junto à opinião pública — àquela parte consciente e ativa da coletividade que se não confunde com a massa inconsciente e passiva —, o desenvolvimento das idéias e a gradação dos ensinamentos, pois não ignorava que tudo vem, no mecanismo sensível da evolução, no tempo próprio. É por isso que, às vezes, e não poucas, identificamos em suas cartas, como anteriormente constatáramos em artigos e mensagens mediúnicas na "Revue", estudos pelo mestre incorporados às páginas dos livros da Codificação e aos escritos que deixou entre seus papéis, e que P.-G. Leymarie reuniu e fez publicar sob o título de "Obras Póstumas", em 1890 — vinte e um anos após a desencarnação do missionário de Lião.

Na carta abaixo, dirigida à Sra. M... ("Reformador", 1914, pp. 369 e 370), encontraremos Allan Kardec, em sua bondade e humildade habituais, analisando a situação da sua pessoa, da tarefa que lhe fora confiada, dos companheiros de lutas em face dos deveres comuns, das dificuldades que encontrava, da posição de firmeza por ele assumida e do rumo a ser seguido — tudo objetivando, sem equívocos nem ambigüidades, o fiel e integral cumprimento daquilo de que lhe incumbira o Espírito de Verdade: a implantação na Terra do Consolador prometido por Jesus-Cristo. O caráter sem jaça do valoroso codificador do Espiritismo pode ser avaliado por este documento transcrito integralmente, e que se constitui, como tantos outros, em *termômetro imparcial*, no dizer do Doutor Demeure, e parte importante do *mais vasto repertório da história do Espiritismo moderno*, na apreciação do próprio Kardec.

"Cara Senhora. Embora tenha tido o prazer de ver o Sr. M... na sexta-feira última, não me julgo dispensado de agradecer-vos pessoalmente a boa e afetuosa carta que tivestes a bondade de escrever-me e os testemunhos de simpatia que ela encerra.

"Minha pessoa é questão secundária: eu sei que a verdade será um dia conhecida e que isso não se dará para a maior glória de certas pessoas; mas, cada coisa deve vir a seu tempo e esta é desse número.

"Certamente, minha tarefa não é toda de rosas, e o que aumenta a dificuldade é que a maior parte cai sobre mim; é que muitas vezes aqueles que deveriam secundar-me trazem-me peias e suscitam embaraços. Mas, que é que isso me faz, desde que sei que hei de chegar ao fim? Sinto um pouco mais de peso e eis tudo. Isso não traz prejuízo nem a mim nem à doutrina, mas àqueles que não tiverem querido partilhar as fadigas e os perigos da campanha; colherão o que semearam.

"Não me lamenteis, porque eu próprio não me queixo; tenho a pele de um elefante para as mordidelas; ela é à prova de bala. Tenho além disso tantos bálsamos para acalmá-las, quando não fossem cartas da natureza da vossa. Tudo isso é necessário e tem sua utilidade. Jesus não teve seu Judas? Ora, eu, que estou longe de ser Jesus, devo admirar-me de os ter, às dúzias? Isso me está anunciado há muito tempo, e tudo que me acontece não me impede de seguir meu caminho reto e de marchar a meu fim. Dia virá, tenho a certeza, em que o Espiritismo terá campeões devotados, que saberão falar alto e fazer calar as más línguas e em que eu próprio serei secundado por homens de coração na minha tarefa pessoal, que crescerá em lugar de diminuir.

"Não creais, minha cara Senhora, que minhas respostas e explicações sejam de natureza a acalmar a malevolência; longe disso, quanto mais irrefutáveis forem elas, mais irritação causarão a certos indivíduos, como é lógico, porque eles não procuram convencer-se da verdade: ora, quanto mais clara é a verdade, mais os ofusca. Aqueles, sobretudo, que se escondem sob falsas máscaras ficarão furiosos por se verem adivinhados. Não querendo confessar-se vencidos, forjam novas armas, inventam novos estratagemas, e é querendo salvar-se que se perdem, porque se desmascaram.

"Há pessoas que nunca me perdoarão o ter sido bem sucedido e que prefeririam ver perecer o Espiritismo, ao verem-no prosperar em outras mãos que não as suas. Mas, se fui bem sucedido, não é ao meu mérito pessoal que o devo — porque não tenho a tola pretensão de ser o único homem no mundo capaz de levar esse negócio a bom fim: é ao apoio dos bons Espíritos, que quiseram servir-se de mim; é pois dos Espíritos que eles se devem queixar de não terem sido escolhidos.

"Os Espíritos têm muita razão de dizer que o Espiritismo levanta a vasa do mundo encarnado e desencarnado e dele

faz sair uma multidão de animais venenosos. Nunca doutrina alguma causou tanta inquietação nem cólera e é o que prova a sua importância. Parece-me ver bandos de pássaros que se agitam, se inquietam e gritam à aproximação da tempestade.

"Mas, embora rindo-me desse rebuliço, vejo que devo agir com extrema prudência para governar meu barco através dos escolhos; avançar ou parar a propósito, interrogando os quatro ventos do horizonte. É um combate perpétuo com o inimigo, que está em face, ocupado em barrar a passagem, e o que está por trás, procurando nos morder as pernas e para o qual é muitas vezes de alta política fingir-se morto.

"É preciso que eu esteja sempre alerta, sempre trabalhando na construção do edifício. Semelhante aos colonos do deserto, é preciso que eu tenha a enxada numa mão e a espada na outra.

"Mas, através da bruma, tenho uma bússola segura que me mostra a estrela polar e o ponto a que devo chegar; e se sucumbisse antes de alcançá-lo, Deus providenciaria, porque, falhe eu cedo ou tarde, Ele não deixará sua obra inacabada: as obras divinas não repousam sobre a cabeça frágil de um homem: se um instrumento se quebra, é imediatamente substituído. Deus tem-nos sempre de sobressalente; é para pô-las em prova que Ele permite que certas pessoas se façam conhecer desde já pelo seu justo valor. Tenho sido, e sou ainda agora, ao mesmo tempo, o capitão e o tenente, mas o alferes virá e, por sua vez, tornar-se-á capitão; somente é preciso ganhar suas esporas.

"Perdão, Senhora, de toda esta verbiagem, à qual me levou, sem que eu percebesse, não sei que Espírito tagarela. Se eu não o fizesse parar, ele diria muito mais.

"A Sra. Allan Kardec incumbe-me de vos apresentar e a vossas senhoritas os mais afetuosos cumprimentos e eu vos ofereço, assim como a toda a família, a expressão de meu inteiro devotamento.

ALLAN KARDEC."

(Este nosso trabalho foi publicado em "Reformador" de setembro de 1974, pp. 262/264 e 284/286. Embora, adiante, ainda façamos referência à correspondência do mestre, nem por isso estão esgotados todos os pontos nela abordados. Para outras consultas, podem ser lidas as coleções de "Reformador" de *1914*, pp. 4 a 9; 97 a 100; 178 a 181; 226 a 229; 287 a 289; 321 a 323; 361 a 363; 369 a 372; de *1917*, pp. 268 a 271; 285

a 286; 316 a 319; 331 a 334 (e p. 226, sobre "La Revue" (Nota), cf. RS de *1916*, p. 128); de *1918*, pp. 58 a 60; 91 a 94; 281 a 283; e de *1920*, pp. 133 a 135. As pp. 361 a 363, de 1914, indicadas, são de estudo sobre o perispírito, por Allan Kardec, e não de correspondência póstuma.)

6 — As viagens espíritas de Allan Kardec: Anos de 1860, 1861, 1862, 1864, 1866 e 1867. — Amplos esclarecimentos doutrinários e práticos do Espiritismo, em reuniões na França e países limítrofes. — O largo e profundo alcance de suas palavras. — O caráter do missionário

É provável que outras viagens, além das arroladas adiante, hajam sido objeto da programação que cumpriu, na visitação ao Movimento, com vistas à orientação e à constatação do andamento da difusão da Doutrina Espírita, em solo francês ou estrangeiro, como o fazia através dos livros, da "Revue Spirite", de companheiros domiciliados em vários pontos do mundo, de emissários de sua confiança, com os quais mantinha contactos em Paris, e de intenso e permanente intercâmbio epistolar.

Não faltava principalmente, nessas reuniões efetuadas fora dos limites da cidade de Paris, o alto sentido confraternizador, que, mais que as palavras e os escritos, prova à saciedade a força da fé racional, do espírito de caridade, da vivência da fraternidade verdadeira, da união e da paz nos corações, testificando plenamente que a presença do Consolador, no mundo, não era utópica, mas real.

Allan Kardec escreveu que as coisas ficariam concentradas num só homem, na fase inicial da sistematização doutrinária do Espiritismo, mas que, no futuro, outra seria a maneira ideal para o prosseguimento da obra. Aliás, o que figura na *Constituição do Espiritismo* (*texto aumentado, modificado e redigido definitivamente no primeiro trimestre de 1869*), nesse sentido, seguramente invalidaria os preparativos

ditados pela idéia contida na comunicação de 17-1-1857, e em outras posteriores, sobre uma nova encarnação de Kardec, ligada a uma retomada do trabalho que seria interrompido pela desencarnação dele, no ano de 1869 (ele calculara, aproximadamente, *1870*). Mas, sobre isso falaremos em outro capítulo.

Realmente, a concentração de encargos foi surpreendente. A rigor, não se compreende como podia aquele grande homem, não obstante todas as qualidades que reunia — vinculadas a poderosíssima força de vontade e persistência —, manter-se todo o tempo firme e atuante, lúcido e compenetrado, sem esmorecer e sem atrasar etapa alguma da *obra de sua vida* — o Espiritismo. Consideremos, por outro lado, a época, a novidade do assunto, os pouquíssimos recursos, os meios de comunicação, a mentalidade e os costumes, os regimes vigentes no campo das idéias, do pensamento religioso, os interesses terra-a-terra dos dominadores nas esferas da política, do clero reacionário, da intolerância até mesmo da Imprensa, do cepticismo, do materialismo.

Ele conseguiu, no entanto, tempo, energias e recursos para tudo quanto lhe competia promover. E assim foi que as viagens passaram, a partir de 1860, a integrar sua vasta agenda de obrigações.

1860

Tendo a SPEE entrado em férias no mês de setembro, Allan Kardec aproveitou a oportunidade para, "no interesse do Espiritismo", visitar os espíritas de várias cidades francesas. Em todas recebeu cordial acolhimento, notadamente em Sens, Mâcon, Lião e Saint-Étienne. Por toda parte verificou, satisfeito, que se ocupavam da Doutrina Espírita de modo sério, compreendendo-lhe o alcance e as conseqüências futuras. Nas proximidades de Saint-Étienne, ele testemunhou o fenômeno da transfiguração, com uma mocinha que tomava, em certos momentos, a aparência completa de seu irmão, morto havia alguns anos.

Mas é principalmente em Lião, com espíritas numerosos em todas as classes, contando-se por centenas na classe operária, que o missionário se sentiu duplamente feliz, por ver ali instalado, de modo irreversível, o Espiritismo, e, também, pela alta compreensão que tinham dos verdadeiros objetivos da Doutrina.

Num banquete que os amigos de Lião ofereceram a Kardec, em 19 de setembro de 1860, o Sr. Guillaume expressa os sentimentos dos espíritas lioneses ao "zeloso propagador da Doutrina Espírita". Kardec publica, a contragosto, essa alocução na RS, rogando aos leitores só verem nas palavras do Sr. Guillaume uma homenagem prestada à Doutrina.

A resposta do Codificador aos correligionários de sua cidade natal ocupa pouco mais de sete páginas da RS (pp. 299/306). Declara haver encontrado em Lião apenas espíritas sinceros, que aceitam a Doutrina sob o seu verdadeiro ponto de vista, e isto despertara nele certa surpresa, ao que os Espíritos lhe disseram: "Por que te admiras disso? Lião foi a cidade dos mártires. A fé ali permanece viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lião será o coração."

A seguir, relaciona três categorias de adeptos, e o interesse geral nos move a transcrevê-las aqui:

"Há os que se limitam a crer na realidade das manifestações, e que pesquisam, de preferência, os fenômenos. Para esses o Espiritismo é simplesmente uma série de fatos mais ou menos interessantes.

"Os segundos vêem no Espiritismo algo mais que fatos. Compreendem-lhe o alcance filosófico, admiram a moral que daí decorre, mas não na praticam: para eles a moral cristã é uma bela máxima, e é só.

"Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na, aceitando-lhe todas as conseqüências. Assaz convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar utilmente esses curtos instantes para trilhar na via do progresso que os Espíritos lhes traçam, esforçando-se por fazer o bem e em reprimir seus maus pendores. Suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. A caridade lhes é, em todas as coisas, a regra de conduta. São esses os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*." (RS, 1860, p. 300.)

O visitante dá aos confrades lioneses alguns conselhos quanto à formação de grupos, às divergências que possam surgir e ao critério para solucioná-las, quanto à ação dos Espíritos embusteiros, e bem assim à influência futura do

Espiritismo na estrutura social, a qual já se delineava salutarmente junto às classes laboriosas, a inculcar-lhes, "pela *convicção*, idéias de ordem, de respeito à propriedade, fazendo-lhes compreender a fragilidade das utopias".

O discurso de Allan Kardec abrange outros aspectos da Doutrina, e nele se destaca o talento de conferencista. Não é, em trecho algum, vazio de idéias e falto de elevados objetivos.

1861

Cientes, pela RS de 1861, que a SPEE entraria em férias de 15 de agosto a 1º de outubro, os espíritas de Lião (mediante carta do Sr. C. Rey) e os de Bordéus (mediante carta de A. Sabò) se apressaram em convidar o mestre para honrar, com a sua presença, os confrades dessas cidades.

Kardec vai, em setembro, a Lião, visitando de passagem as cidades de Sens e Mâcon, onde recebeu simpática acolhida.

Chegando a Lião, constata ali o grande progresso do Espiritismo, principalmente na classe operária. Um ano antes existia apenas um centro de reunião: o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud e sua esposa. Agora havia em diferentes pontos da cidade (Guillotière, Perrache, Croix-Rousse, Vaise, Saint-Just, etc.) vários grupos formados, não se contando as reuniões particulares.

Ele declara, alto e bom som, que em parte alguma vira reuniões espíritas mais edificantes que as dos operários de Lião, no que respeita à ordem, ao recolhimento e à atenção que davam às instruções de seus guias espirituais, confirmando, ainda, o interesse deles pelo lado sério da Doutrina, apesar de serem, na maioria, homens iletrados e endurecidos nos mais rudes trabalhos.

Quando de sua visita ao humilde grupo de Saint-Just, dirigiram-lhe, ali, uma alocução de agradecimentos, transbordante de alegria espiritual, após o que lhe ofereceram modesta ceia, que aos olhos do convidado "tinha cem vezes mais valor que os mais esplêndidos repastos".

A 19 de setembro de 1861, os grupos espíritas lioneses proporcionaram a Kardec um banquete de confraternização, contando-se 160 convivas. Vários discursos se fizeram ouvir: dos Srs. Renaud, Dijoud, Courtet, do Prof. Bouillant, seguindo-se, afinal, o discurso do Codificador, que ocupa quase sete páginas da RS de 1861, pp. 296/303.

O convidado exprime sua grande felicidade em estar entre a família lionesa, lamentando a insuficiência de sua linguagem para dizer dos seus sentimentos de profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que recebia de todos, e pela espontânea cordialidade do acolhimento, muito rara nas recepções aparatosas. Alegrava-se por ver o Espiritismo propagar-se rapidamente nas classes operárias, junto às quais eram patentes os efeitos moralizadores e consoladores da nova Doutrina.

Como sempre o fazia, Allan Kardec aproveita a oportunidade para dar várias instruções, concernentes a diferentes aspectos doutrinários do Espiritismo, aconselhando e prevenindo, aqui e ali. "A moral que ensina é boa ou má? Eis toda a questão. Estudem-na e estarão informados. Ora, visto que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la será condenar o Evangelho.

"Tem feito bem ou mal? Estudai-o ainda, e vereis. Que tem feito? Impediu inúmeros suicídios, restabeleceu a paz e a concórdia em grande número de famílias, tornou mansos e pacientes homens violentos e coléricos, deu resignação àqueles em quem faltava, reconduziu a Deus os que o desconheciam, destruindo-lhes as idéias materialistas, verdadeira chaga social que aniquila a responsabilidade moral do homem. Eis o que ele tem feito, o que faz todos os dias, o que fará mais e mais, à proporção que se espalhar."

Quase ao fim do seu instrutivo discurso, declara que das carinhosas palavras a ele dirigidas só aceitava o dever que elas lhe impunham quanto ao que lhe restava fazer, e não os elogios.

Terminando, passa a ler uma longa epístola do Espírito de Erasto aos espíritas lioneses, recebida espontaneamente antes de sua partida de Paris.

Na RS de 1861, pp. 327/361, Kardec faz completo relatório de tudo quanto sucedeu na sua visita à cidade de Bordéus, atendendo a um apelo dos espíritas da mesma.

Ali, como em Lião, e em muitas outras cidades que visitou, viu a Doutrina encarada com o mais sério ponto de vista e em suas aplicações morais, podendo verificar, entre os operários, grande número de fervorosos adeptos. Observou, com alegria, a franca cordialidade entre espíritas de diferentes classes sociais, numa real compreensão do verdadeiro espírito de fraternidade. Encontrou numerosos e devotados médiuns. Testemunhos de simpatia, atenções e cortesias en-

volveram a pessoa do visitante, mas todas as homenagens ele as transferia à doutrina. À chegada dele ao seio da família do Sr. Sabò, o filho deste, de cinco anos e meio, recitou pequena saudação que emocionou o mestre.

Na reunião geral dos espíritas bordeleses, em 14 de outubro de 1861, para a instalação da Sociedade Espírita de Bordéus, o Sr. A. Sabò pronunciou o discurso de abertura, cujo final é um hino de vivo reconhecimento ao Codificador. O Dr. Bouché de Vitray, em longo discurso, faz várias considerações acerca do Espiritismo e sua rápida divulgação em todos os lugares, enaltece o missionarismo de Allan Kardec, "digno intérprete dos ministros do Senhor", descreve alguns curiosos fatos mediúnicos por ele testemunhados e conta a sua própria evolução, do semimaterialismo ao Espiritismo, acrescentando: "O reconhecimento me obriga, no dia de hoje, a inscrever nesta página o nome de um dos meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, distinto advogado, e sobretudo consciencioso, destinado a representar importante papel nos fastos do Espiritismo." (RS, 1861, p. 336.)

Seguiu-se o discurso de Kardec, reproduzido em mais de oito páginas da RS de 1861. Faz ver que o acolhimento cordial que lhe prestam é muito mais uma homenagem à Doutrina e aos bons Espíritos que a ele pessoalmente, "mero instrumento nas mãos da Providência". Dizendo, como já o havia feito várias vezes antes, que jamais se apresentou como criador do Espiritismo, honra que concede inteiramente aos Espíritos, a estes é que — no seu entender — se deveriam transferir os testemunhos de gratidão dos espíritas bordelenses. "Não aceito os elogios que vos dignastes conceder-me senão como encorajamento para eu prosseguir minha tarefa com perseverança."

Allan Kardec aponta as causas da força do Espiritismo; o contra-senso em que os adversários caem ao julgar a Doutrina Espírita contrária à religião; as duas ordens de inimigos externos do Espiritismo; a destruição do materialismo, "a maior chaga social", pelas provas espíritas. Satisfazendo ao pedido dos companheiros bordelenses, dá vários conselhos quanto à organização da Sociedade. "Se — que Deus o não permita — se levantassem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente daqueles que desertassem da bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos, eles não poderiam ser considerados como verdadeiros espíritas." (RS, 1861, p. 345.)

Deste discurso destacamos, ainda, o trecho a seguir:

"Se os inimigos de fora nada podem contra o Espiritismo, tal não acontece com os de dentro; refiro-me aos que são mais espíritas de nome que de fato, sem falar dos que só têm do Espiritismo a máscara. O lado mais belo do Espiritismo é o lado moral; é por suas conseqüências morais que ele triunfará, pois aí está a sua força, por aí é invulnerável. Está inscrito em sua bandeira: *Amor e Caridade*, e ante este paládio mais poderoso que o de Minerva, porque vem do Cristo, inclina-se a própria incredulidade. Que se pode opor a uma Doutrina que conduz os homens a se amarem como irmãos? Se não lhe admitem a causa, pelo menos respeitarão o efeito. Ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é aplicá-lo em nós mesmos; é mostrar aos inimigos da Doutrina, por nosso próprio exemplo, que ela realmente nos torna melhores." (RS, 1861, p. 343.)

Terminado o seu discurso, Kardec lê instrutiva mensagem que o Espírito de Erasto, "humilde servo de Deus", dedicou aos espíritas de Bordéus, mensagem recebida pelo médium Sr. d'Ambel, antes de o viageiro deixar Paris.

No dia seguinte, 15 de outubro, banqueteiam o visitante. Discursos e brindes dos Srs. Lacoste, Sabò, Desqueyroux (este, mecânico, em nome dos operários espíritas). Afinal, com a palavra, Allan Kardec, que considera sua primeira visita a Bordéus entre os mais felizes momentos de sua vida: "(...) nunca esquecerei, senhores, que este acolhimento me impõe uma grande tarefa, a de justificá-lo, o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos. Ele me impõe, além disso, grandes obrigações, não apenas para convosco, mas também para com os espíritas de todos os países, dos quais sois representantes, como membros da grande família; para com o Espiritismo em geral, que acabais de aclamar nessas duas reuniões solenes e que, não duvideis, ganhará com o entusiasmo de vossa importante cidade uma força nova para lutar contra os obstáculos que quererão opor à sua rota." (P. 356.)

Kardec, no seu discurso, refere-se a espirituoso artigo contra o Espiritismo, publicado em "Courrier de la Gironde", e propõe um brinde ao seu autor pela propaganda que fez da causa, sem o querer.

"Como Lião, Bordéus vem de plantar, orgulhosamente, a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me é garantia de

que não a deixará ser arrebatada. Bordéus e Lião! duas das maiores cidades da França: focos de luzes!" (P. 357.)

1862

Ao se aproximarem as férias da SPEE, em 1862, os espíritas de Lião e Bordéus tornaram a convidar Kardec a visitá-los, ao que ele agradeceu, bastante sensibilizado.

O convite de Lião, subscrito por 500 assinaturas, foi aceito com prazer. Todavia, o mestre solicitou que não houvesse banquete, e isso por várias razões: "Não quero que minha visita seja motivo para despesas que poderiam impedir a presença de alguns, privando-me do prazer de vos ver a todos reunidos. Os tempos estão duros; devem-se evitar, assim, despesas inúteis. O dinheiro que se gastaria no banquete será muito melhor empregado na ajuda àqueles que mais tarde dele necessitarem. Digo-vos com toda a sinceridade: o pensamento de que o que faríeis por mim nessa circunstância possa ser uma causa de privação para muitos, me furtaria todo o prazer da reunião. Não vou a Lião para mostrar-me nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, encorajar os fracos, ajudar-vos com meus conselhos tanto quanto estiver ao meu alcance. E o que de mais agradável podeis oferecer-me é o espetáculo de uma boa, franca e sólida união."

Tal pedido foi igualmente endereçado aos espíritas de Bordéus, aos quais frisou em certo trecho: "Crede firmemente que me sentirei mais honrado com uma franca e cordial acolhida, bem simples, do que com uma recepção cerimoniosa que não agrada ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios."

Afora essas duas cidades, Kardec recebeu idênticos convites de outras, inclusive de Vienne (Dep. de Isère), lamentando, porém, não haver tempo para satisfazer a este último testemunho de simpatia.

Afora Morzine, ele também esteve, por ocasião de sua extensa viagem de 1862, no Departamento de Aube, onde se avistou com o jovem que em 1858, obsidiado, fora o pivô de fenômenos tiptológicos e que atraíra a atenção da imprensa. Kardec ouviu do pai e de testemunhas oculares a confirmação dos fatos que ele narrara na RS de janeiro de 1861. Quanto aos fenômenos materiais ou físicos, praticamente tinham cessado e só de raro em raro se manifestavam.

Vê-se, só aí, o cuidado que o mestre punha no estudo dos fatos, investigando-os até no local de origem.

"Várias pessoas, sobretudo na província, haviam pensado que as despesas dessas viagens eram custeadas pela Sociedade de Paris. Somos obrigados a rebater esse erro, sempre que se ofereça ocasião. Àqueles que ainda poderiam partilhá-lo, lembramos o que já dissemos noutra circunstância (RS, junho de 1862, p. 167), isto é, que a Sociedade se limita a cobrir suas despesas correntes e não tem reservas. Para que ela possa formar um capital, precisaria visar ao número (de membros); isto ela não faz e não quer fazer, porque não é o seu objetivo a especulação, e o número (de membros) nada acrescenta à importância dos seus trabalhos. (...) Dessa forma, ela não poderia acudir a semelhante despesa. Os gastos de viagem, assim como todos os gastos necessários às nossas relações com o Espiritismo, são cobertos por nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o qual nos seria impossível prover todos os encargos conseqüentes da tarefa que temos empreendido. Digo isto sem vaidade, unicamente para render homenagem à verdade e para edificação daqueles que julgam estarmos entesourando." (RS, 1862, p. 322.)

Na sua longa viagem de 1862, Kardec passou por Rochefort, cidade do Departamento de Charente-Inférieure, onde ia ver algumas pessoas amigas, não esperando demorar senão poucas horas. Acontece que ele foi descoberto pelos espíritas e com eles passou a noite num bate-papo edificante. Nesta reunião recebeu novo e insistente pedido de alto funcionário, o Sr. La Maison, e de várias notabilidades da cidade, exprimindo o desejo de novo encontro na noite seguinte. Kardec adiou a sua partida e compareceu a vasto salão na noite aprazada, onde pronunciou discurso que satisfizesse a todos os presentes, na suposição de que ali se achariam iniciados no Espiritismo e até mesmo pessoas hostis.

Explica, de princípio, que não veio saciar a curiosidade de ninguém, pois jamais convocou o público para assistir a experiências ou demonstrações, menos ainda para fazer exibições de Espíritos. "Há entre vós quem me conhece bastante para saber que nunca representei esse papel."

A alocução não agradou àqueles que esperavam uma sessão das do gênero do médium Dunglas Home. Entre eles estava um jornalista que, sob o pseudônimo de Tony, escreveu no hebdomadário de teatros, "Spectateur", em seu número de

12 de outubro, uma reportagem criticando o conferencista por ele não ter fornecido explicações claras para "facilitar a experimentação pelos profanos", ao passo que se estendera a falar de uma moral que nada tinha de novidade.

O tal jornalista apenas escondia a sua feroz hostilidade, que se patentearia nos artigos que se seguiram ao primeiro. Para ele, o Espiritismo é, agora, uma doença, uma coisa malsã, que enlouquece e até *mata* as criaturas, quando não é assunto chistoso (*drôlatique*).

Kardec faz alguns comentários na RS (1862, pp. 366/371), que rebatem todos os argumentos do jornalista, mas declara não pretender polemicar: "Não tenho tempo, e além disso vosso jornal é muito pequeno para admitir a crítica e a refutação."

VIAGEM ESPÍRITA EM 1862

(Complemento, segundo a obra "Viagem Espírita em 1862", 1.ª ed. em língua portuguesa, trad. de Wallace Leal V. Rodrigues. Casa Editora O CLARIM, Matão, São Paulo, 1968.)

Nessa obra, Kardec informa, no capítulo das *Impressões gerais*, que na excursão de 1862 visitou mais de uma vintena de localidades, aí incluídas as cidades de Lião e Bordéus, num percurso de seiscentas e noventa e três léguas, com uma duração de sete semanas. Assistiu a mais de cinqüenta reuniões, nas quais recolheu uma série de episódios de interesse para o Espiritismo, fazendo observações acerca do que pôde ver e ouvir. Confirmou pessoalmente o grande progresso da Doutrina em todos os lugares por onde passou. Deu conselhos, instruções e orientações aos organizadores dos grupos espíritas, e seus discursos eram verdadeiros cursos de Espiritismo, em linguagem por assim dizer didática.

A acolhida que recebera fora tão simpática, tão benévola, "que só ela — escreveu o viajor — bastaria para nos compensar de todas as fadigas".

Para não incorrer no risco de passar por ingrato, ele expressa particular agradecimento aos espíritas de Provins, Troyes, Sens, Lião, Avignon, Montpellier, Cette (antigo nome da cidade Sète), Toulouse, Marmande, Albi, Sainte-Gemme, Bordéus, Royan, Meschers-sur-Gironde, Marennes, Rochefort, Saint-Pierre-d'Oléron, Saint-Jean-d'Angély, Angoulême, Tours e Orleães, bem assim a quantos se sacrificaram em viagens de

dez e até vinte léguas para se reunirem a ele nas cidades onde se demorava.

Allan Kardec ficou estupefato ao verificar a explosão demográfica de espíritas em cidades como Lião e Bordéus, em apenas um ano após sua passagem por elas. Pôde igualmente verificar que em muitas localidades o Espiritismo penetrara graças às pregações que o atacavam, e cita, como exemplo, uma pequenina cidade no Departamento do Indre-et-Loire, na qual um pregador católico, na tentativa de fulminar o Espiritismo, despertou a curiosidade do povo para o conhecimento dessa tão falada doutrina, e seis meses mais tarde ali se organizava um grupo espírita.

O que ele considerou mais importante, em suas viagens, foi a seriedade com que se encarava o Espiritismo, buscando-se-lhe, em toda parte, "o lado filosófico, moral e instrutivo". Em Cette, soube que os espíritas dali nunca tinham visto qualquer manifestação mediúnica, devido à inexistência de médiuns. Não obstante só se aterem à filosofia, escreveu Kardec que era difícil "encontrar-se mais fervor e dedicação à causa espírita que ali".

Tendo estado em casas de diferentes famílias, notou que as crianças educadas nos princípios espíritas eram dóceis, ternas e responsáveis nos estudos, o que, entretanto, não as privava da natural alegria e da jovialidade.

Em nenhuma das localidades visitadas as reuniões espíritas sofreram a mais leve restrição por parte das autoridades civis, e ele chega mesmo a agradecer-lhes pela cortesia de que fora objeto em mais de uma circunstância.

A reunião geral mais importante deu-se em Lião. "Compunha-se, escreveu Kardec, de mais de seiscentos delegados de diferentes grupos e tudo transcorreu de maneira admirável."

Um fato não menos característico foi registrado: os adeptos confessavam abertamente suas convicções, e tinham coragem de opinião, enfrentando, principalmente em certas regiões, ameaças e perseguições.

Em Saint-Jean-d'Angély, deparou com excepcional médium mecânico. Era uma senhora que redigia longas e preciosas comunicações, enquanto lia ou conversava com os presentes, e isto sem nunca olhar para a sua própria mão. Às vezes sucedia que, distraída, não se apercebia de que a comunicação chegara ao fim.

Sob diversos aspectos, a longa viagem de Allan Kardec foi assaz satisfatória e, sobretudo, muito instrutiva, levando-o a pronunciar-se desta maneira:

"Em resumo, nossa viagem tinha dupla finalidade: oferecer orientações onde destas houvesse necessidade e, ao mesmo tempo, nos instruirmos a nós mesmos. Desejávamos ver as coisas com nossos próprios olhos, para julgar do estado real da Doutrina e *da maneira pela qual ela é compreendida*; estudar as causas locais favoráveis ou desfavoráveis ao seu progresso, sondar as opiniões, apreciar os efeitos da oposição e da crítica e conhecer o julgamento que se faz de certas obras. Estávamos desejosos, sobretudo, de apertar a mão dos nossos irmãos espíritas e de lhes exprimir pessoalmente a nossa sincera e viva simpatia, retribuindo tocantes provas de idênticos sentimentos que nos chegam, por suas cartas; dar, em nome da Sociedade de Paris, e em nosso próprio nome, em particular, um testemunho especial de gratidão e de admiração a esses pioneiros da obra espírita que, por sua iniciativa, seu zelo desinteressado e seu devotamento, constituem dela os primeiros e mais firmes sustentáculos, a esses que caminham sempre em frente, sem se inquietarem com as pedras que se lhes atiram, colocando o interesse da causa espírita à frente de seus interesses pessoais."

Entre os muitos discursos que o mestre pronunciou nas vinte e tantas cidades que visitou, ele apenas deu a público, na obra aqui mencionada, um que fez nas reuniões gerais dos espíritas de Lião, Bordéus e de algumas outras localidades. Tão longo foi esse discurso, que se tornou impossível estampá-lo na RS; daí tê-lo incluído no seu livro "Voyage spirite en 1862". Constitui preciosa peça de variado matiz doutrinário, em que, por vezes, são focados assuntos pessoais de interesse geral.

(Consultada a edição em língua francesa publicada na Bélgica (Farciennes, Rue Le Campinaire, 34) pela "Union Spirite Kardeciste Belge", s.d.)

1864

Cedendo a insistentes solicitações, Allan Kardec visitou em setembro de 1864, durante as férias da Sociedade Espírita de Paris, os espíritas de Bruxelas e Antuérpia, na Bélgica,

trazendo, segundo ele, "a mais favorável impressão do desenvolvimento da Doutrina nesse país".

Comemorando a viagem de Kardec à Bélgica, a Sociedade Espírita de Bruxelas fundou um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode. O mestre declara sentir-se mais honrado com essa obra de beneficência, criada em memória de sua visita, do que com as mais brilhantes recepções que não aproveitam a ninguém e não deixam nenhuma lembrança útil (RS, 1864, p. 307).

Durante sua estada em Antuérpia, visitou uma exposição de pintura nacional, onde figuravam, com muita honra, dois quadros do Sr. Wintz, membro da Sociedade Espírita de Paris, bem assim um quadro de gênero, intitulado *Cena familiar de campônios espíritas*. Três pessoas, em costume flamengo, estão sentadas em torno de enorme cepo, sobre o qual põem as mãos, na atitude daqueles que fazem mover as mesas. Outras personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente grupados, uns atentos, outros com sorriso céptico. Allan Kardec escreve: "Esta pintura, que tem seu mérito como execução, é original e verdadeira. Se excetuarmos o quadro *medianímico* que figurava na exposição de artes de Constantinopla (RS, julho de 1863, p. 209), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte. É um começo." (RS, 1864, p. 320.)

Visitou, ainda, de passagem, o grupo espírita de Douai, um grupo familiar, "onde a doutrina espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza". "Em resumo" — escreveu ele —, "nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos, e que trarão benefícios em tempo oportuno." (P. 308.)

Em Antuérpia, o Codificador pronunciou uma alocução a que deu o título: "O Espiritismo é uma ciência positiva". Como sempre o fez, torna a frisar que se aceita os testemunhos de simpatia é porque os considera dirigidos muito menos ao homem do que à Doutrina, da qual, diz ele, "sou apenas humilde representante". "Ademais" — prossegue —, "se as viagens que faço, de tempos a tempos, aos centros espíritas só resultassem em satisfação pessoal, eu as consideraria inúteis e delas me absteria; mas, além de contribuírem para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, têm também a vantagem de me fornecer assuntos de observação e de estudos, jamais destituídos de valor para a Doutrina." (P. 322.)

Mais adiante, esclarece de novo:

"Sendo sério o fim dessas visitas, e exclusivamente no interesse da Doutrina, de forma alguma vou à procura de ovações, que não são nem do meu gosto nem do meu caráter. (...) Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para catequizá-lo; numa palavra, não vou fazer propaganda. Só me dirijo às reuniões de adeptos, nas quais os meus conselhos são desejados e podem ser úteis; eu os dou voluntariamente àqueles que crêem necessitá-los; abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para dispensá-los. Só me dirijo aos homens de boa-vontade." (P. 324.)

Na sua alocução, estende-se acerca do caráter do Espiritismo e seus reais objetivos e, quase ao término de sua exposição, reafirma a sua verdadeira posição no Espiritismo:

"Tal é, em resumo, o ponto de vista em que é preciso encarar o Espiritismo. Nessa circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e deles deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. O que fiz, outro poderia tê-lo feito em meu lugar. Em tudo isso, fui simples instrumento dos desígnios da Providência, e rendo graças a Deus e aos bons Espíritos por se dignarem servir-se de mim. É tarefa que aceitei com alegria e da qual me esforço em me tornar digno, rogando a Deus me conceda as forças necessárias para desempenhá-la segundo sua santa vontade. Essa tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que possam imaginar; e se ela tem para mim algum mérito, é porque tenho a consciência de não haver recuado diante de nenhum obstáculo e de nenhum sacrifício; será a obra de minha vida até meu último dia, pois que, diante de objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos ante o infinito." (Pp. 327/328.)

Ainda em 1864, nas férias (ag./set.), visitou também o cantão de Berna, na Suíça, tendo passado alguns dias na propriedade do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris. Ali conheceu um camponês das cercanias que gozava da faculdade de descobrir fontes de água e de ver no fundo de um copo as respostas às perguntas que se lhe faziam, inclusive imagens de pessoas e de lugares. Kardec

experimentou com ele e obteve coisas notáveis, tendo arrolado o fenômeno entre os chamados de segunda vista, dupla vista, ou sonambulismo desperto. (RS, 1864, pp. 289/300.)

Segundo Henri Sausse, Kardec iniciou a viagem à Suíça em 20 de agosto de 1864. Diz esse biógrafo, a págs. 53 de sua "Biographie d'Allan Kardec", ed. 1910, que o mestre visitou, no cantão de Berna, as cidades de Berna, Neuchâtel, Zimmerwald, Interlaken (entre os lagos de Thun e de Brienz), os vales de Grindelwald e de Lauterbrunnen, e a região de Berner Oberland. Diz, ainda, Sausse que Kardec foi a Friburgo, no cantão do mesmo nome, e depois, pelo lago Léman, às cidades de Lausanne, Vevey e Genebra, da qual retornou, em 4 de setembro, a Paris, para daí partir imediatamente, rumo à Bélgica.

1866

Quando o Codificador, por ocasião das férias da Sociedade de Paris, realizava uma viagem, foi-lhe remetida uma comunicação recebida em Paris, a 1º de setembro, e assinada pela Viúva F..., um de seus protetores invisíveis. Entre outras coisas, o Espírito lhe deu os seguintes conselhos:

"Meu amigo, enquanto puderdes, repousai espírito e cérebro fatigados pelo trabalho; acumulai forças materiais, porque cedo tereis muito a despender. Os acontecimentos que, daqui por diante, vão suceder-se com rapidez convocar-vos-ão à luta; sede firme de corpo e espírito, a fim de estardes em condições de lutar com vantagem. Será então necessário trabalhar sem descanso. Mas, como já vos disseram, não levareis sozinho o fardo; auxiliares sérios aparecerão quando chegar o tempo. Ouvi, pois, os conselhos do bom doutor Demeure, e guardai-vos de toda fadiga inútil ou prematura. Quanto ao mais, aí estaremos para vos aconselhar e advertir.

"Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, seja para ligá-lo ao passado, seja para precipitar-lhe o curso antes do tempo. Temperai os ardores nocivos, e não vos deixeis deter pelas tergiversações dos timoratos, ou, o que é mais perigoso, mas infelizmente muito verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

"Caminhai de passo firme e seguro, como tendes feito até aqui, sem vos inquietardes com o que se diz à direita ou à esquerda; seguindo a inspiração de vossos guias e de vossa

razão, não correreis o risco de lançar o carro do Espiritismo fora do trilho." (RS, 1866, pp. 310/311.)

1867

Por ocasião do Pentecostes de 1867, Kardec esteve no banquete realizado pela Sociedade Espírita de Bordéus, para o qual havia sido insistentemente convidado. Mais um ágape de confraternização do que propriamente banquete, ali estavam espíritas de Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort, Blaye e até Carcassonne. Todas as classes sociais se confundiam num mesmo amplexo de sentimentos.

A autoridade local portou-se com benevolência e cortesia, relativamente a essa reunião, e tudo transcorreu em ordem e em paz.

Kardec assistiu a duas sessões na referida Sociedade: uma consagrada ao tratamento de doentes, e outra aos estudos filosóficos, ficando muito satisfeito com os bons resultados obtidos.

"Sendo limitado o tempo de nossa ausência de Paris, pela obrigação de aí retornar em dia fixo, não pudemos, para nosso grande pesar, ir aos diferentes centros para os quais fomos convidados; só pudemos parar alguns instantes em Tours e em Orleães, que se achavam em nossa rota." (RS, 1867, p. 195.)

Embora Kardec faça referência a uma visita a Tours, em 1867, de rápida duração, o biógrafo de Léon Denis, Gaston Luce ("Léon Denis, L'Apôtre du Spiritisme", Éditions Jean Meyer — B.P.S. —, Paris, 1928, pp. 27/28), registra o seguinte:

"Encontrava-se ele — Léon Denis — em seus trabalhos de experimentações, quando importante acontecimento se verificou em sua vida. Allan Kardec viera passar alguns dias na pacata cidade de Tours, com seus amigos; todos os espíritas turenses foram convidados a recebê-lo e saudá-lo!

"Vejamos como Denis nos relata essa visita:

— "Alugáramos para recebê-lo e ouvi-lo, uma sala à Rua Paul Louis Courrier, e pedíramos a necessária autorização à Prefeitura, pois, no Império, severa lei proibia qualquer reunião de mais de vinte pessoas. Acontece que no momento fixado, para essa assembléia, fomos informados de que o nosso pedido fora indeferido. Encarregaram-me, então, de perma-

necer no local, a fim de avisar os convidados de que deveriam dirigir-se a Spirito-Villa, casa do Sr. Rebodin, Rua Santier, onde a reunião se realizaria, no jardim. Éramos, aproximadamente, trezentos (96) ouvintes em pé, apertados de encontro às árvores. Sob a claridade das estrelas, a voz doce e grave de Allan Kardec se fazia ouvir; podia-se ver a sua fisionomia, iluminada que estava por pequena lâmpada colocada sobre uma mesa, ao centro do jardim, assumindo aspecto impressionante. Falava-nos sobre a obsessão, quando várias perguntas lhe foram feitas, às quais respondia sempre bondosamente. Terminada a reunião, todos levaram inefável recordação desse memorável encontro.

"No dia seguinte, voltei a Spirito-Villa, a fim de visitar o mestre; encontrei-o trepado em uma escada, ao pé de grande cerejeira, colhendo frutos que jogava à Madame Allan Kardec, cena bucólica que o distraía de suas graves preocupações."

Observou, nessa curta excursão, a diminuição gradual e quase geral das prevenções contra as idéias espíritas e seus adeptos, acrescentando: "As localidades onde, como em Illiers, no Departamento de Eure-et-Loir, amotinam os garotos para correr os espíritas a pedradas, são exceções cada vez mais raras." (P. 195.)

Ao que parece, Kardec não mais viajou, talvez por falta de oportunidade ou de tempo, sendo por nós desconhecido qualquer registro nesse sentido, nos anos que ainda lhe restaram de vida terrena.

---

(96) Segundo o relatório de viagem de Kardec (RS, julho de 1867, p. 195), a reunião de Tours contaria com cerca de cento e cinqüenta pessoas, da cidade e cercanias; mas, devido à precipitação com que foi organizada, apenas dois terços puderam comparecer. Quanto à limitação do número de pessoas, em reunião não autorizada, tratava-se, como é óbvio, de restrição aplicável só nos casos de recintos fechados. (*Nota dos Autores.*)

7 — «Projeto de Comunidade Espírita por Allan Kardec» (fragmento de escrito póstumo remontando a 1862)

Lemos há pouco que Kardec dispunha de planos a serem executados ou — em não havendo recursos nem tempo — legados à posteridade. Já nos reportamos, também, à "Organização do Espiritismo", trabalho de sua lavra e publicado na RS de 1861, do qual extraímos vários parágrafos, recomendando fosse oportunamente relido integralmente, pela sua importância.

Entre o que pensou fazer, está consignado na RS um documento elucidativo, publicado há menos de cem anos, que nos serviu de epígrafe a este item. Enquadrado em matéria elaborada por Francisco Thiesen, com pesquisa ligada a *Port-Royal*, devidamente ilustrada, foi estampado em "Reformador" de 1978, de cujas páginas tudo extraímos:

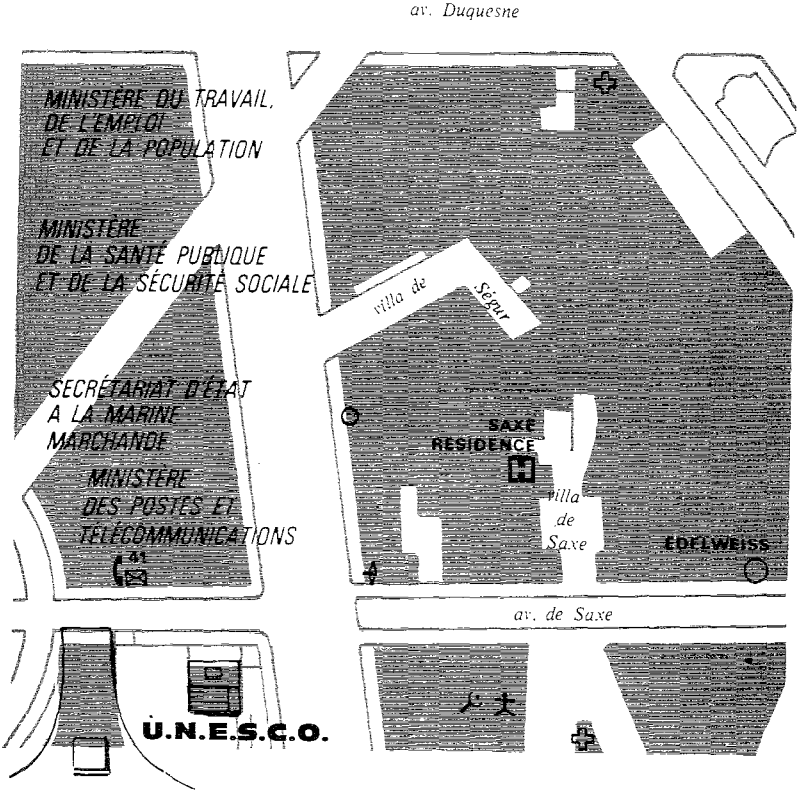
O escrito subordinado ao título acima e adiante transcrito, encontrado entre os papéis do Codificador após a sua desencarnação em 1869, foi dado à publicidade no ano de 1907, quando a "Revue Spirite", desde o mês de janeiro, cuidava de comemorar o cinqüentenário de fundação do referido "Journal d'Études Psychologiques" (subtítulo da citada RS), lançado por Allan Kardec em 1858, o qual só em dezembro daquele ano somaria meio século de circulação ininterrupta.

O projeto em questão é bem pouco conhecido.

Em 1868, ampliada a sua antevisão da organização do Espiritismo, no futuro, daria Allan Kardec ao seu pensamento uma nova dimensão, como se vê na RS desse ano, ao divulgar o extenso trabalho que denominou de *Constituição Transitória do Espiritismo*, inserido no volume "Obras

Póstumas", em 1890, por P.-G. Leymarie, sem a palavra *transitória* e enriquecido com os comentários do Codificador, até então inéditos. Outras considerações kardequianas figuram no "Projeto — 1868", integrante do mesmo livro de "Obras Póstumas", preliminarmente ensaiadas no fragmento do manuscrito agora reeditado por "Reformador".

O documento tem valor histórico muito grande, não devendo, portanto, continuar ignorado pela maioria dos espíritas. Para melhor compreender-se o sentido do "Projeto



A *Villa de Ségur*, formando um "L", nasce no nº 39 da *Av. de Ségur*

de Comunidade Espírita", consultamos enciclopédias e dicionários bastante acreditados (quais "Larousse du XX^{e} Siècle", "Dictionnaire Encyclopédique Quillet", "Enciclopédia e Dicionário Internacional", da W. M. Jackson, Inc., e a "Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira"), extraindo os elemen-

tos elucidativos essenciais dos verbetes que tratam de *Port-Royal* (97), colocando-os como nota, no final, nota, aliás, suficientemente ampla para evidenciar que, se a formação humanística de Allan Kardec se impregnara das idéias progressistas e generosas de Pestalozzi, o qual, por sua vez, se familiarizara com o pensamento de J.-J. Rousseau, não se deve afastar *in totum* a hipótese de uma proveitosa incursão sua pelos ricos domínios da pedagogia de que foram expoentes os célebres mestres de *Port-Royal*.

---

(97) PORT-ROYAL, abadia fundada no século XIII, próximo de Chevreuse (Sena e Oise), a 25 km de Paris. A grande celebridade lhe sobreveio sobretudo como centro principal do Jansenismo, influenciando no século XVII, de maneira acentuada, a vida político-religiosa e literário-científica da nação francesa. Em 1637 foram abertas as chamadas *pequenas escolas*, regidas pelos solitários, os quais se opunham ao sistema pedagógico dos jesuítas. A história de Port-Royal registra muitas lutas, contendas entre jansenistas e jesuítas, com intervenções de papas e reis. Tudo por causa das escolazinhas, edificadas em torno da abadia e comportando, cada uma, 50 alunos, no máximo. Grandes mestres e quase todos os escritores franceses da época foram influenciados ou participaram do movimento orientado por Port-Royal, desaparecido no final do século XVIII mediante um decreto do rei, determinando a completa destruição daquele "centro de rebeldia".

"O grande mérito dos solitários de Port-Royal consistiu em saberem dar às questões dialéticas uma ductilidade até então desconhecida e que permitiu fossem do domínio comum as regras e processos do pensamento lógico. Os solitários Arnauld e Nicole publicaram, em 1662, em Paris, "A Lógica *ou a Arte de Pensar*", daí a chamada *Lógica de Port-Royal*, em face da obra que trata, nas suas quatro partes, respectivamente das idéias, do juízo, do raciocínio e do método."

Os jansenistas teriam adquirido "direito à imortalidade pela forma por que compreenderam e ministraram a educação. Testemunharam viva solicitude e cuidadosa dedicação pela educação da juventude". "Deram às suas classes o nome de escolazinhas, não por serem escolas elementares, mas porque, sob esse título modesto, esperavam não fazer sombra aos colégios da Universidade. Os alunos faziam nelas estudos completos, desde os primeiros elementos da leitura até à filosofia. Arrasado Port-Royal, dispersos, expulsos ou encarcerados os seus mestres, os processos didáticos, os métodos dos solitários, não morreram." "Nada há de mais estimável que o bom senso e a justeza de espírito no discernimento do verdadeiro e do falso, diz Nicole, um dos mais fervorosos discípulos. É preciso, acrescenta, tornar o entendimento delicado para reconhecer os raciocínios um tanto ocultos ou obscuros, a não se satisfazer jamais enquanto não penetrar até ao fundo de uma coisa..."

A "Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira" (volume XXII) diz, outrossim: "Para se fazer idéia da assombrosa atividade peda-

Entretanto, o que de mais importante revela o documento é a disposição de Allan Kardec — sempre confirmada a partir do instante em que num cântico aceita incondicionalmente a missão para a qual foi escolhido — de doar-se por inteiro "à obra de sua vida", a esta transferindo até mesmo os seus bens terrenos, de modo irrestrito, a fim de dotar o Movimento dos meios mínimos indispensáveis à difusão incessante e universal da Doutrina dos Espíritos.

O responsável pela sistematização do Espiritismo, considerando a reunião de pessoas, por ele idealizada, como "uma grande família, unida pelos laços da verdadeira fraternidade e pela comunhão de crenças e princípios", imaginou a formação de um *lar*, edificado sobre bases firmes e capaz de irradiar, perpetuando-se depois dele, as luzes espirituais do Consolador prometido por Jesus.

Mas os desígnios do Alto, se confirmavam o plano, em parte, porque antevisto sem uma completa nitidez de contornos, só mais tarde e noutro lugar o concretizariam. Não seria criada uma obra com as características de um *Port-Royal* amonástico, um tipo de fundação constituída através de doação particular de patrimônios e rendas específicos para o fim alvitrado, mas uma organização que, realizando o seu sonho de Espírito iluminado, zelasse pela pureza doutrinária, pela observância integral dos princípios do Espiritismo e das diretrizes da sua prática, à luz do Evangelho do Cristo.

---

gógica dos solitários, devem mencionar-se ainda as numerosas traduções de *Guyot*, as "Regras para a Educação das Crianças", de Constel, etc. Os mestres de Port-Royal possuíam, sem contestação, as grandes qualidades precisas ao educador: o alor, a sinceridade das convicções, a caridade, o respeito pela pessoa humana, a devoção profunda e infatigável. Foram admiráveis humanistas, não os humanistas da forma como os jesuítas primitivos, mas os humanistas da razão, do juízo. Juízo são e consciência reta, tal parece ter sido o seu ideal pedagógico. *Luiz Burnier* traduz assim a sua opinião sobre esses pedagogos e pedagogistas: "A partir de Port-Royal, os métodos receberam vários aperfeiçoamentos, mas a base estava lá. Port-Royal simplifica o estudo, sem lhe tirar, no entanto, as suas salutares dificuldades; esforça-se por o tornar mais interessante, sem o haver reduzido a um jogo pueril; não entende que deva confiar-se à memória o que pode primeiro ser adquirido pela inteligência; não admite senão idéias claras e distintas; poucos preceitos e muitos exercícios; o conhecimento das coisas e não somente o das palavras; logo, o desenvolvimento das faculdades da alma por meio do estudo... Lançou no mundo idéias que não mais feneceram, princípios fecundos de que só é preciso tirar as conseqüências."

Seria o bastante, para tal efeito, que servidores corajosos, levando em consideração os interesses da Causa, se entregassem, intensivamente, a expensas próprias, às árduas tarefas de impulsionar os empreendimentos do Espiritismo. Se guindo esta orientação, muito fizeram outrora, na França, homens como Leymarie e Léon Denis, Gabriel Delanne e Jean Meyer, enquanto a Casa-Máter do Espiritismo, na Pátria do Evangelho, contou com a abnegação de Bezerra de Menezes e Leopoldo Cirne, Guillon Ribeiro e Wantuil de Freitas, todos inspirados no comportamento do próprio Codificador.

"PROJETO DE COMUNIDADE ESPÍRITA POR ALLAN KARDEC"

(Fragmento de escrito póstumo remontando a 1862)

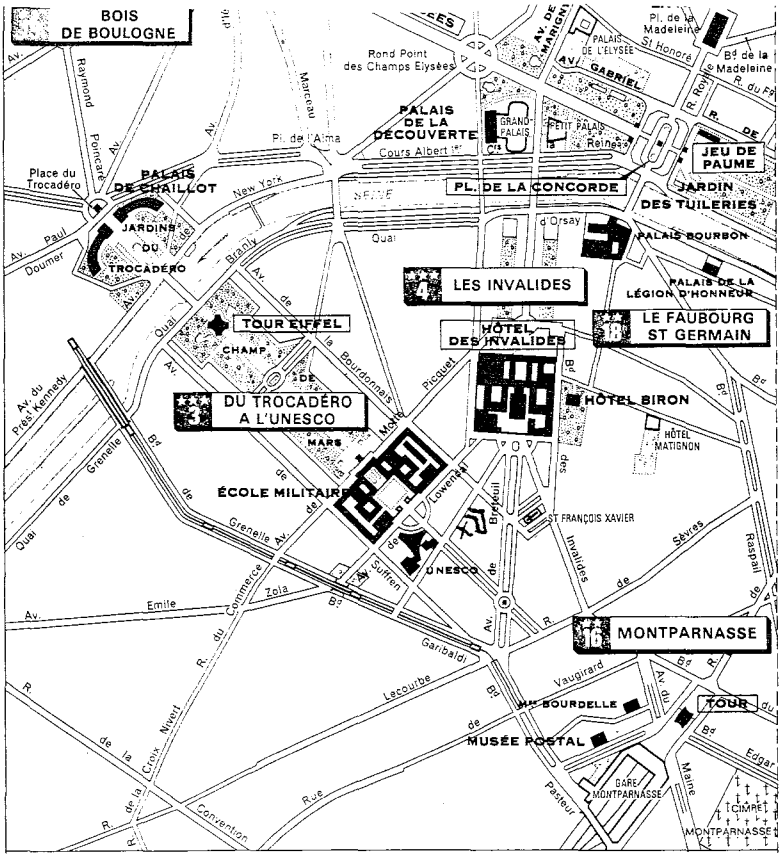
As bases do Espiritismo estão sem dúvida pousadas, mas ele precisa ser completado por numerosos trabalhos que não podem ser tarefa de um homem só. Para evitar de futuro falsas interpretações, aplicações errôneas, dissidências em suma, mister se faz que todos os princípios sejam elucidados de modo que não deixem qualquer equívoco, que — tanto quanto possível — não dêem margem a controvérsias, necessário se tornando que as obras complementares sejam feitas com critério uniforme visando um único fim.

Suponhamos pois, para realizar essa tarefa, uma reunião de homens capazes, laboriosos e animados pelo zelo de uma fé viva, trabalhando em comum, cada qual em sua especialidade, submetendo seus trabalhos à sanção de todos e os discutindo em conjunto, chegando assim, incontestavelmente, à cumeeira do edifício que se está elevando e cujos alicerces estão fundamentados. A autoridade dos princípios ficaria, assim, fortalecida pela própria autoridade do grande número deles, homens, pela seriedade do caráter de cada um e pela consideração que a harmonia entre todos imporia.

Para atingir esse resultado uma condição é essencial, qual seja, independência e libertação das preocupações da vida material. Tal condição pode ser encontrada em uma espécie de comunidade que proporcionaria a cada membro os lazeres indispensáveis a permitir uma ocupação proveitosa nos trabalhos essenciais, ao abrigo de importunos e curiosos. É a uma reunião desse gênero que tenciono consagrar ulteriormente a minha propriedade, que se tornaria assim o *Port-*

-*Royal* do Espiritismo, mas sem caráter monástico. Tratar-se-ia de uma grande família, unida pelos laços da verdadeira fraternidade e pela comunhão de crenças e princípios, sendo as relações mútuas determinadas em regulamento com preceitos calcados sobre a prática rigorosa da abnegação, da caridade e da moral espírita.

Sem entrar nos pormenores da organização, eu direi que o número dos membros da comunidade seria limitado a doze, sem contar o chefe. Sendo minha propriedade consagrada à



PRINCIPALES CURIOSITÉS

L'index alphabétique p. 237 donne le numéro de page de leur description

A *Villa de Ségur* está assinalada com um *x*, nas proximidades da UNESCO

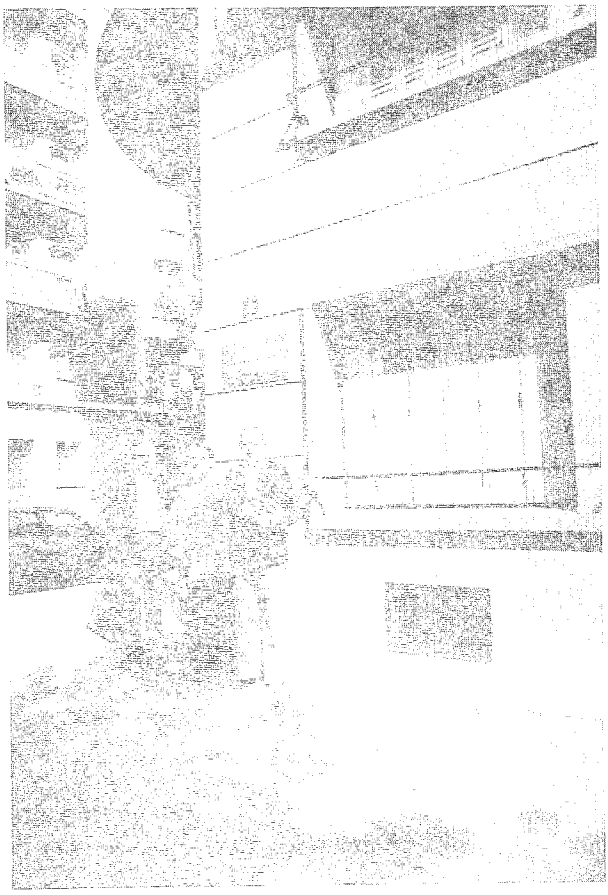
obra, todos nela residiriam gratuitamente. Aí se encontrariam reunidos todos os elementos necessários aos estudos: biblioteca, documentos de toda a sorte, sala de conferências, etc.; cada qual teria aí as suas atribuições e o trabalho seria repartido segundo as especialidades.

A "Revue Spirite", hoje de minha propriedade pessoal, tornar-se-ia propriedade e obra de uma coletividade e poderia ter grande desenvolvimento. Formar-se-iam oradores encarregados de propagar externamente o ensinamento espírita ou de visitar outros centros. Alguns teriam por missão levar socorros aos infelizes. Certos dias seriam reservados para o atendimento a estranhos que chegassem à comunidade em busca de instrução. A esses proveitos muitos outros viriam se ajuntar, não menores, resultantes de detalhes de organização, já aliás previstos e elaborados.

Esse simples apanhado mostra a importância que não deixaria de adquirir um centro dessa natureza e permite antever as luzes que se irradiariam de tal lar, perpetuando-se depois de mim, em razão mesmo das bases sobre as quais estaria edificado. Penso, pois, que, se algum dia ele se tornar realidade, os espíritos teriam tido razão ao dizerem que minha propriedade lhes era necessária.

Devendo os membros da comunidade dedicar todo o seu tempo à obra comum, a morada gratuita não bastaria a quem não dispusesse de meios com que prover à própria existência. Seria, portanto, necessário assegurar aos obreiros a indispensável independência, livrando-os das preocupações da vida material. Admitindo de preferência na comunidade os que se encontrassem em situação precária, estar-se-ia, a um tempo, aproveitando as luzes dos menos favorecidos e praticando uma boa ação. Para completá-la, podendo a propriedade comportar um número de habitações superior ao dos membros da comunidade, dar-se-ia também alojamento gratuito, tão-somente, a um número determinado de adeptos para os quais isso constituiria um grande alívio e lhes permitiria prestar um concurso parcial à comunidade.

Uma das conseqüências desse projeto seria a de dar ao Espiritismo direção permanente pela perpetuidade da obra, assentada em bases sólidas, independentes de questões pessoais, e, bem assim, de assegurar a unidade futura da Doutrina, reunindo, conseqüentemente, sob uma só bandeira e em *sociedade espírita universal*, por profissão de fé comum,



Caravana da FEB, em Paris, junto ao nº 39 da *Av. Ségur*, onde começa a *Villa* em que Allan Kardec iria residir a 31-3-1869 e onde, em 1862, pensava situar a *Comunidade Espírita*

os adeptos do mundo inteiro, entre os quais se estabelecerão, pela força das coisas, os laços de mútua confraternidade.

A execução desse projeto está subordinada a uma condição essencial: a de dispor de recursos suficientes, porque, para assegurar a perpetuidade da obra, não bastariam recursos eventuais e temporários, mas rendimentos fixos que seriam tornados inalienáveis e pertenceriam à sociedade.

Para se fazer a coisa de maneira completa, esses rendimentos teriam de ser de certo vulto. Poder-se-ia, por uma disposição transitória, obter parte desses proventos, com recursos mais restritos. Conforme fosse a cotidade dos rendimentos, poderíamos limitar-nos a constituir uma sociedade simples, composta por um número de membros proporcional aos recursos, morando cada um deles em seu próprio lar, sem morada comunitária, mas aos quais seria assegurado um tratamento que lhes permitisse dedicar regularmente, todos os dias, parte de seu tempo aos diferentes afazeres da comunidade.

ALLAN KARDEC."

(Tradução de Ivo de Magalhães, do artigo publicado na RS de 1.º de janeiro de 1907, n.º 1, às pp. 9 a 11.)

É na RS de dezembro de 1868, pp. 369/394, que o Codificador escreve seu trabalho sobre a "Constituição *Transitória* do Espiritismo", trabalho que está quase todo no final de "Obras Póstumas".

Ao relacionar as atribuições da comissão central, ele especifica, logo após, o pessoal administrativo, e conclui:

"Até o presente, tivemos que nos bastar, quase sozinho, nesse programa; assim, algumas de suas partes foram negligenciadas ou apenas puderam ser esboçadas, e as que são mais especialmente da nossa competência tiveram de sofrer inevitáveis atrasos, pela necessidade de nos ocuparmos de tantas coisas, já que o tempo e as forças têm limites, e que uma só delas absorveria o tempo de um homem." (P. 388.)

Não satisfeito absolutamente com esse trabalho de dezembro de 1868, Kardec reformularia-o em 1869, calcado em anotações e experiências, para melhor complementar o apresentado poucos meses antes. Terá sido sua derradeira obra, na qual não se acham ausentes os sinais de poderosas intuições ou mesmo de clarividência, tal a antecipação com que estabeleceu as linhas de reais edificações futuras, que superaram, estas últimas, a sua própria e melhor expectativa, ao menos em vários pontos do magnífico conjunto.

8 — «O Espiritismo Independente»

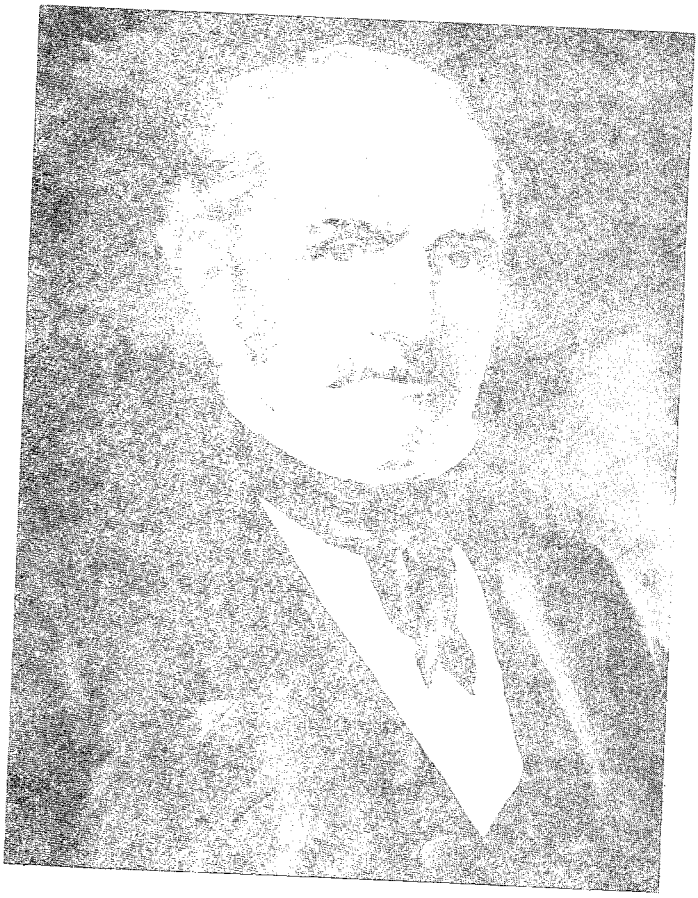
Em seu tempo, Allan Kardec não foi poupado um momento sequer, fosse pelos adversários da Doutrina Espírita, fosse pelos que viam nele o operário do progresso, vitorioso em todas as batalhas da guerra contra a ignorância e o obscurantismo, a maldade e as falsas religiões, tanto quanto pelos que se diziam espíritas e intentavam armar-lhe ciladas, fomentando controvérsias, dissidências e polêmicas improdutivas. Quantos não quiseram arvorar-se em arautos da separatividade e do caos doutrinário, no Movimento nascente?

Todavia, o atento missionário não negligenciara as responsabilidades do posto; não se permitira o repouso, que não fosse forçado pelo esgotamento extremo de suas energias físicas; não vacilara nos pronunciamentos oportunos e cheios de grandeza dalma. Não consentiria que no Espiritismo se erigissem — como nos movimentos da Reforma aconteceu —, por falta de vigilância ou por imprudência ou omissão, as grandes divisões debilitadoras que pudessem fracionar a Doutrina do Consolador prometido por Jesus. No que lhe competia fazer, mantê-lo-ia em toda a sua grandiosa compleição e integridade.

É o que se conclui da lúcida e irrespondível peça a seguir reproduzida:

"Uma carta que nos foi escrita há tempos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de "Journal du Spiritisme Indépendant". Evidentemente sendo esta idéia o corolário da do *Espiritismo sem os Espíritos*, vamos tentar pôr a questão no verdadeiro terreno.

Para começar, que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o



Allan Kardec, óleo existente na FEERJ-SC

Espiritismo liberto, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode fazer lei, desde que não é infalível.

Isto é a coisa mais fácil do mundo: existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a absoluta liberdade de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, e que jamais contestou a ninguém o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo, como em qualquer outra coisa. Deste ponto de vista nós mesmos nos acha-

mos perfeitamente independente, e entendemos aproveitar esta independência. Se há subordinação, ela é, pois, inteiramente voluntária; mais ainda, não é subordinação a um homem, mas a uma idéia, que se adota porque convém, que sobrevive ao homem se é justa, que cai com ele, ou antes dele, se é falsa.

Para que alguém se liberte das idéias alheias, há de ter idéias próprias; deve, como é natural, procurar fazer com que elas prevaleçam, pois fora disso deverá guardá-las para si. Por isso, se proclama, sustenta e defende tais idéias, é porque crê sejam elas a expressão da verdade, admitindo-se-lhe a boa-fé e não o só desejo de derrubar o que existe. O objetivo é o de aliciar o maior número possível de partidários; e eis que aquele que não admite chefe se faz chefe de seita, buscando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: "Não devemos mais receber instruções dos Espíritos", não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre os que as querem, desviando-os de as receber? Se funda uma reunião nesta base, deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos constituíssem maioria, a tornariam em lei. Se os admite e recusa atender aos seus desejos, atenta contra a liberdade, que têm, de a reclamar. Se inscrever em seu programa: "Aqui não se dá a palavra aos Espíritos", então os que desejam ouvi-los respeitarão a ordem e não se apresentarão.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião espírita é a homogeneidade, sem o que haverá dissensão. Quem fundasse uma na base da rejeição das comunicações estaria no seu direito; se aí só admitir os que pensam como ele, faz bem, mas não tem o direito de dizer que, porque não o quer, ninguém o deve querer. Certo, está livre de agir como o entender; mas se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros. Desde que defende suas idéias e critica as dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deve achar mau que os outros defendam as próprias e critiquem as dele.

Em geral sempre esquecem que, acima da autoridade de um homem, há outra à qual quem quer que se faça representante de uma idéia não pode subtrair-se: é a de todo o mundo. A opinião geral é a suprema jurisdição, que sanciona ou derruba o edifício dos sistemas; ninguém pode livrar-se da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente no Espiritismo. Quem quer que fira o sentimento da maioria

e a abandone deve esperar ser por ela abandonado. Aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre o qual por vezes não se tem ilusão.

Não se deve perder de vista que o Espiritismo não está enfeudado num indivíduo, nem nalguns indivíduos, nem num círculo, nem mesmo numa cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro e que entre eles há uma opinião dominante e profundamente acreditada; julgar-se forte contra todos, porque se tem o apoio de sua roda, é expor-se a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos; assim foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da humanidade pelo melhoramento individual. O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas conseqüências das instruções dos Espíritos, definimos os deveres que impõe esta crença; o primeiro inscrevemos na bandeira do Espiritismo: "*Fora da Caridade não há salvação*", máxima aclamada, em seu aparecimento, como o sol do futuro, que em breve fez a volta ao mundo, tornando-se a palavra de ligação de todos quantos vêem no Espiritismo algo mais que um fato material. Por toda parte foi acolhida como o símbolo da fraternidade universal, como uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma nova era, onde devem extinguir-se os ódios e as dissensões. Compreende-se tão bem a sua importância, que já se lhe colhem os frutos; entre os que a tornaram uma regra de conduta reina a simpatia e a confiança, que fazem o encanto da vida social; em todo espírita de coração vê-se um irmão com o qual se sente felicidade de encontrar, porque se sabe que aquele que pratica a caridade não pode fazer nem querer o mal.

Foi, então, por nossa autoridade privada que promulgamos esta máxima? E quando o tivéssemos feito, quem poderia encontrá-la má? Mas não; ela decorre do ensino dos Espíritos, os quais a colheram nos do Cristo, onde ela está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde ficou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens cuidava em não fazê-la sair do esquecimento e pô-la em plena luz, porque teria sido pronunciar sua própria

condenação; preferiram buscar sua própria salvação em práticas mais cômodas e menos aborrecidas. Entretanto, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho e, com pouquíssimas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade, relegada a segundo plano. Ora, eis que, pelo ensino dos Espíritos, ela foi subitamente conhecida e compreendida por todos. Quantas outras verdades encerra o Evangelho e que surgirão a seu tempo! ("O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XV.)

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho para o *Espiritismo cristão*; assim, dedicamo-nos a desenvolver os seus princípios, bem como os caracteres do verdadeiro espírita, sob esse ponto de vista.

Se outros puderem fazer melhor que nós, não iremos contra, porque jamais dissemos: "Fora de nós não há verdade." Nossas instruções, pois, são para os que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos uma rota e a segue quem quer; damos conselhos aos que no-los pedem e não aos que julgam deles não precisar; não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidade para tanto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e está na adesão dos que partilham de nossa maneira de ver; não estamos investido, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial, não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos conferimos nenhum título e o único que tomaríamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença. Se nos consideram como seu chefe, é por força da posição que nos dão os nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é aquela que qualquer um poderia tomar antes de nós; nosso direito, o que tem todo o mundo de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento do público.

De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, desde que nem há poder constituído nem hierarquia fechando a porta a quem quer que seja, de vez que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que se lhes agrada afastar-se de nossa rota ninguém poderá constrangê-los a aí entrar? Algum dia nos fizemos passar por profeta ou messias? Levariam eles a sério os títulos de sumo-sacerdote, de soberano pontífice, mesmo de papa, com que a crítica houve por bem nos gratificar? Não só jamais os tomamos, mas os espíritas jamais no-los deram.

— Há ascendente em nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para conciliar as simpatias do público. Se há pressão, ela não vem de nós, mas da opinião geral, que põe o seu veto naquilo que lhe não convém e porque ela própria sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que, em definitivo, se deve atribuir o estado de coisas, e é talvez mesmo o que faz que não mais os queiram escutar. — Há instruções que nós damos? Mas ninguém é forçado a se submeter a elas. — Devem lamentar-se de nossa censura? Jamais citamos pessoas, a não ser quando devemos elogiar, e nossas instruções são dadas sob forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para uso de todos. Aliás, se são más, se nossas teorias são falsas, em que isto os pode ofuscar? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Têm eles de tal modo sabidos os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitar em nossas mãos? — Somos muito absoluto em nossas idéias? Somos um cabeça-dura com quem nada se pode fazer? Ah! meu Deus! cada um tem os seus pequenos defeitos; nós temos o de não pensar ora branco, ora preto; temos uma linha traçada e dela não nos desviamos para agradar a ninguém. É provável que sejamos assim até o fim.

É sorte nossa que nos invejem? Onde estão os castelos, as equipagens e os nossos lacaios? Certo, se tivéssemos a fortuna que nos atribuem, não seria dormindo que ela teria vindo e muita gente amontoa milhões num labor menos rude. — Que fazemos do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos contas a ninguém, a ninguém temos que as dar; o que é certo é que não serve para os nossos prazeres. Quanto a empregar ou sustentar agentes e espiões, devolvemos a calúnia à sua fonte. Temos que nos ocupar de coisas mais importantes do que saber o que faz este ou aquele. Se fazem o bem, não devem temer qualquer investigação; se fazem o mal, é lá com eles. Se há os que ambicionam a nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no seu próprio? Que a tomem, pois, com *todos os seus encargos*, e provavelmente não acharão que seja uma sinecura tão agradável quanto supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impedia de tomar o leme antes de nós? E quem os impede ainda hoje? — Lamentam-se de nossas intrigas para fazermos partidários? Nós esperamos que venham a nós e não vamos procurar ninguém; nem corremos atrás dos que nos deixam, porque sabemos que não podem entravar a marcha das coisas; sua

personalidade se apaga diante do conjunto. Por outro lado, não somos bastante vão para crer que seja por nossa pessoa que se ligam a nós; evidentemente, é pela idéia de que somos o representante. É, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que têm a bondade de nos dar.

Em resumo, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez, porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para quem a sabe conquistar. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta.

Falar dessas opiniões divergentes que, em definitivo, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma formam corpo, não será talvez, perguntarão algumas pessoas, ligar a isto muita importância, amedrontar os adeptos, fazendo-os crer em cisões mais profundas do que realmente o são? Não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é bem mais própria a assegurar do que a espantar os adeptos. Eles sabem a que se ater e aí encontram ocasião dos argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, já exploraram o fato muitas vezes, e é por isto, porque exageram o seu alcance, que é útil mostrá-lo qual ele é. Para mais ampla resposta, recomendamos o artigo da "Revista" de outubro de 1865, página 297 e, mais especialmente, a página 307."

("Revue Spirite", 1866, pp. 111/116. Usamos a tradução de Júlio Abreu Filho — "Revista Espírita", ano 1866 — EDICEL, São Paulo, SP, s. d. — em quase toda a transcrição do texto de Allan Kardec.)

Capítulo IV

INTOLERÂNCIA E PERSEGUIÇÕES

«(...) a negativa não constitui prova (...) sendo real o fato, pouco importa contrarie ele todas as leis conhecidas, circunstância que só provaria uma coisa: que ele decorre de uma lei desconhecida e os negadores não podem alimentar a pretensão de conhecerem todas as leis da Natureza.»

(*Allan Kardec*, "O Livro dos Médiuns" — Segunda Parte, capítulo IV — *Da Teoria das Manifestações Físicas* — nº 78.)

«É bom que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo.»

(*Allan Kardec*, RS, 1863, p. 276.)

1 — Críticas gerais às idéias novas. — Falam do que ignoram. — Dar tempo às idéias, como aos frutos, para amadurecerem. — Os adversários revelam o grau de importância do Espiritismo. — Sua influência sobre a ordem social. — Adesão do juiz Bonnamy. — Duas espécies de crítica. — Acreditar em alguma coisa ou a incredulidade? — «Julgar Rossini, censurar Rafael»... — Quem é o crítico sério? — Privilégio das injúrias e controvérsias sem objetivo. — Os que virão por si mesmos. — Livre-pensamento e livre-consciência: «machine à croire». — A ponta da corda... — Uma nova fé cega substituindo outra fé cega? — O «Poder do Ridículo».

Em todos os campos do conhecimento, desde que o mundo é mundo, as idéias novas sempre foram reprimidas, ou odiosamente contestadas, como se o progresso fosse um crime.

Geralmente, os religiosos, filósofos e cientistas ditavam as leis e as "verdades" que deviam ser tidas como definitivas, reveladas ou anunciadas por eles, em suas épocas, e em função de seus rígidos postulados não poderiam ser suplantadas por maior saber.

Não devia ser diferente — e não foi — com relação ao Espiritismo. Só que, desta vez, lançavam-se à arena gladiadores dotados de *armamento moderno*, conseguido justamente por força das condições liberais e progressistas, por força das grandes conquistas da inteligência e da cultura do século XIX, na Europa, mormente na França.

Em certas regiões francesas, mais diretamente influenciadas pelo obscurantismo do clero espanhol, e na Espanha, com mais forte razão, as aguerridas hordas do Romanismo impunham pelejas desabridas, contínuas e maciças contra o nascente movimento do Consolador. As forças da Treva faziam soprar forte o vento da adversidade na Crosta Planetária — como ainda hoje sucede, em obediência a diferentes métodos —, quase impedindo o Codificador e os adeptos mais acreditados do Espiritismo ao direito mesmo de respirar livremente.

Entretanto, havia uma Vanguarda de Luz, no Plano Invisível, incentivando os trabalhadores terrestres, em plena carne; havia, também, um punhado de obreiros decididos, quais sentinelas avançadas do movimento, abrindo picadas nos cipoais e clareiras no solo impedido pela massa de interesses inconfessáveis, ou armando tendas nos desertos morais e espirituais dos corações. Não faltavam, por outro lado, os que cuidavam dos flancos ou protegiam as retaguardas. Se havia invigilantes, que consentiam infiltrações, não escasseavam os grupos de atendimento e manutenção da disciplina e da ordem no empreendimento.

Mas, em tudo, Kardec era quase sempre "o capitão e o alferes", como ele próprio o diria, uma vez, num desabafo. Fora bem entregue a responsabilidade do cometimento grandioso pelo Alto, quando elegeu o "Apóstolo da Fé Raciocinada"!

"O Espiritismo não é da alçada da Ciência", advertira o Codificador, em "O Livro dos Espíritos", *Introdução* (VII). Ela não ditaria regra alguma. A metodologia levaria em conta a vontade independente e livre dos seres, estivessem eles en-

carnados ou não, mas sem desprezar a contribuição verdadeiramente científica que os homens de ciência e o estado dos conhecimentos podiam oferecer ao Espiritismo. Nada de tutelas e comandos acadêmicos: "A Ciência, propriamente dita, é, (...) como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios." (Ob. cit.)

Às religiões e escolas filosóficas, que se arvorassem em orientadoras ou definidoras da Doutrina dos Espíritos, Kardec respondia à altura em que planava seu descortino e luminoso pensamento, firme e resoluto, de par com uma enorme bondade e não menor paciência e mansidão. Um mestre-escola, como chegaram a reconhecer só por ironia e menosprezo alguns de seus opositores, mas que sabia dar lições de Sabedoria e de Amor aos doutos das Academias, e aos sacerdotes da Igreja Romana e dos templos de todas as confissões religiosas. Os exemplos dele, diante de provas duríssimas, foram o sustentáculo da obra entre os homens e a segurança maior de sua rápida divulgação pelo mundo, sob o amparo de uma plêiade de luminares que o acompanhavam em ambos os planos ou dimensões da Vida.

Com estas palavras, simplesmente levamos os leitores ao *Portal* que conduz a acontecimentos inesquecíveis. Recordemo-los, pois.

* * *

Em carta a Allan Kardec, datada de Bruxelas, 15 de junho de 1858, o Sr. Jobard, diretor do Museu Real da Indústria, da capital belga, homem muito ilustrado e adepto novo das teorias espíritas, assim se referiu ao autor de "O Livro dos Espíritos": "Bem que seríeis alçado ao nível de Sócrates e Platão pela moral e pela filosofia estética." Jobard havia antes publicado suas idéias a respeito dos fenômenos que em meados do século XIX invadiram a Europa. Diz ele que, apoiado em Babinet, sábio membro da Academia das Ciências de Paris, acreditava então existirem ali apenas fenômenos físicos ou charlatanices indignas da atenção dos sábios. Foram as explicações lidas na obra de Kardec, profundas, lógicas e exatas, que levaram Jobard a abjurar publicamente suas antigas concepções.

"Os adversários falam do Espiritismo como os cegos falam das cores — são de Kardec as palavras —, sem conhecimento de causa, sem exame sério e aprofundado, e unicamente baseados numa primeira impressão. Seus argumentos se limitam à negação pura e simples, visto que não respeitamos como argumentos os dichotes facetos; por mais espirituosas que sejam, as zombarias não constituem razões." (RS, 1858, p. 239.) E aditava:

"Nenhuma idéia nova, por mais bela e justa que seja, se implanta instantaneamente no espírito das massas, e aquela que não encontrasse oposição seria um fenômeno totalmente insólito. Por que o Espiritismo faria exceção à regra geral? Às idéias, tal como aos frutos, é preciso dar tempo para amadurecerem; mas a leviandade humana faz que as julguem antes da maturidade, ou sem se darem ao trabalho de sondar-lhes as qualidades íntimas." (RS, 1858, p. 239.)

Em diferentes ocasiões, ante fatos novos e oposições a idéias, esclarecia e dava perfeita colocação às questões (RS, 1859, p. 146):

"Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo sob todos os aspectos, sob todas as faces, e, antes de aceitar uma teoria, examinamos se ela explica todas as particularidades, se nenhum fato desconhecido virá contradizê-la; em suma, se resolve todas as questões: eis o preço da verdade." "A oposição que se faz a uma idéia está sempre na razão de sua importância. Se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se ocupariam mais do que de tantas outras teorias. O encarniçamento da luta é o indício certo de que o tomaram a sério. Mas, se há luta entre o Espiritismo e o clero, a História dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias de que tem sido alvo forçaram-no a devolver as armas que lhe lançaram e a mostrar os lados vulneráveis de seus adversários." (RS, 1864, p. 198.)

Desde 1858 ele lembrava que a influência mais alta do Espiritismo seria sobre a ordem social, abrindo para a Humanidade uma era de felicidade geral.

Em 1865, transcreve carta de adesão à nova doutrina, espontaneamente escrita em 21 de novembro pelo Sr. Bonnamy, juiz de instrução. É bela peça, em que seu autor começa falando de sua iniciação na Doutrina pela leitura atenta

de "O Livro dos Espíritos", obra que o levou à convicção: "Com efeito, a doutrina que daí decorre dá a solução mais lógica, mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todas as épocas, no sentido de definir as condições da existência do homem na Terra, de explicar as vicissitudes que pesam sobre a Humanidade e de lhes determinar os fins últimos. Essa admirável doutrina é incontestavelmente a sanção da moral mais pura e mais fecunda, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da sublime obra da criação, assim como *a base mais segura, mais firme da ordem social.*" (P. 81.)

"Eu gozaria egoisticamente — reconhecia Kardec — de singular privilégio se houvesse ficado ao abrigo da crítica. Não nos colocamos em evidência sem nos expormos às setas daqueles que não pensam como nós. Há, porém, duas espécies de crítica: uma é malevolente, acerba, envenenada, na qual a inveja se trai a cada palavra; a outra tem por objetivo a busca sincera da verdade através de processos inteiramente diferentes. A primeira só merece o desdém: nunca me apoquentei com ela. Só a segunda é discutível." (RS, 1859, p. 179.)

Por volta de 1859, um sacerdote (cujo nome não foi citado por Allan Kardec), a quem lhe pediram a opinião sobre o Espiritismo, assim respondeu: "O Espiritismo leva à crença em alguma coisa; ora, eu prefiro aqueles que acreditam em alguma coisa aos que em nada crêem, porque estes últimos nem mesmo crêem na necessidade do bem." (RS, 1859, p. 313.) "É prudente não nos pronunciarmos com muita leviandade a respeito de coisas que não conhecemos. Imitemos a sábia reserva do sábio Arago, que dizia, a propósito do Magnetismo animal: "Eu não poderia aprovar o mistério de que se cercam os sábios sérios que hoje vão assistir a experiências de sonambulismo. A *dúvida* é prova de modéstia, e raramente prejudica o progresso das ciências. O mesmo não se poderia dizer da *incredulidade. Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, falta com a prudência.* A reserva é um dever, sobretudo quando se trata do organismo animal." [Notícia sobre Bailly] (RS, 1859, p. 314.)

"Em lógica elementar — escrevia um ano depois —, para discutir uma coisa é preciso conhecê-la, visto que a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Só então a sua opinião, ainda que errônea, pode ser levada em consideração. Mas, que impor-



D.-F.-J. Arago
(1786-1853)

tância tem ela acerca de um assunto que ele ignora? O verdadeiro crítico deve dar provas, não somente de erudição, mas também de *profundo saber* com respeito ao objeto em exame, de julgamento são e de imparcialidade a toda prova, sem o que o primeiro menestrel que surgisse poderia arrogar-se o direito de julgar Rossini, e um "rapin" (98) o de censurar Rafael." (RS, 1860, pp. 269/270.) "O Espiritismo só pode considerar como crítico sério aquele que houvesse tudo visto, tudo estudado, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que soubesse sobre esse assunto tanto quanto o mais esclarecido adepto; que não tivesse extraído seus conhecimentos dos romances da ciência; a quem não poderiam opor *nenhum fato* do seu desconhecimento, nenhum argumento que ele não tivesse meditado; que refutasse, não por negações, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; que pudesse, enfim, atribuir uma causa mais lógica aos fatos averiguados. Tal crítico está ainda por aparecer." (RS, 1860, p. 271.)

(98) Assim chamado, na gíria dos pintores franceses, o jovem aluno de pintura. (Nota de F. Thiesen.)

Ao abrir o primeiro número da RS de 1860, o Codificador escreveu (RS, 1860, pp. 1/2):

"Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das alusões ofensivas, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo; dizemos sem objetivo, porque ela não os conduziria à convicção, sendo perda de tempo discutir com pessoas que desconhecem as primícias do que falam. Só nos cabe dizer-lhes: Estudai primeiro, e veremos em seguida. Temos outras coisas a fazer do que falar àqueles que não querem ouvir. Por outro lado, que importa, afinal, a opinião contrária de tal ou qual pessoa? Será essa opinião de tão grande importância que possa entravar a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, o que não as fez perecer. Deixamos, pois, a incredulidade murmurar em torno de nós, e nada nos desviará da rota que nos é traçada pela gravidade mesma do assunto em pauta."

"Não impomos nossas idéias a ninguém — não deixava jamais de repetir. Os que as adotam é porque as julgam justas; os que vêm a nós é porque pensam achar (na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas) ocasião de aprender, mas isto não subtende *afiliação*, pois que não formamos *nem seita, nem partido*. Reunimo-nos para o estudo do Espiritismo, como outros para o estudo da Frenologia, da História e de outras ciências. E como nossas reuniões não se assentam sobre nenhum interesse material, pouco nos importa que outras se formem ao nosso lado. Seria, na verdade, atribuir-nos idéias bem mesquinhas, bem estreitas, bem pueris, se cressem que veríamos essas reuniões com olhos ciumentos; e aqueles que pensassem em criar-nos *rivalidades*, mostrariam, precisamente por esse fato, quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da Doutrina. Lamentaríamos apenas uma coisa: o de nos conhecerem tão mal, a ponto de nos julgarem acessível ao ignóbil sentimento da inveja." (RS, 1860, p. 100.)

"O Espiritismo — sublinhava o Codificador — não deve ser imposto; se vêm a ele é porque dele necessitam, e porque dá o que as outras filosofias não dão. Convém mesmo não entrar em nenhuma explicação com os incrédulos obstinados: seria dar-lhes muita importância e fazê-los crer que se depende deles. Os esforços que se fazem para atraí-los, afastam-nos, e, por amor-próprio, se obstinam em sua posição. Eis

por que é inútil perder tempo com eles; quando a necessidade se fizer sentir, virão por si mesmos. Enquanto se aguarda, deve-se deixá-los tranqüilos, a se comprazerem no seu cepticismo, que, crede-o bem, muitas vezes lhes pesa mais do que dão a perceber; porque, por mais que o digam, a idéia do nada após a morte tem algo de mais assustador, de mais cruciante do que a própria morte." (RS, 1861, p. 371.)

Allan Kardec escreve longo e esclarecedor trabalho na RS de fevereiro de 1867, sobre "livre-pensamento" e "livre-consciência", assunto que dera origem, em outubro de 1866, a dois jornais distintos, cada qual com um dos títulos acima.

Transcrevamos apenas alguns trechos:

"Toda opinião raciocinada, que não é nem imposta, nem cegamente encadeada à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do exercício do julgamento pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

"O livre-pensamento, em sua acepção mais lata, significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada. Ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física. Não aceita escravos do pensamento, tanto quanto escravos do corpo, pois o que caracteriza o livre-pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros; em outros termos: é senhor de sua opinião. Pode, então, haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Nesse sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma *máquina de crer* (*machine à croire*).

"No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em vez de emancipar o espírito, restringe-lhe a atividade, fazendo-o escravo da matéria. Os fanáticos da incredulidade fazem num sentido o que os fanáticos da fé cega fazem em outro. Estes então dizem: Para estar de acordo com Deus, é preciso crer em tudo o que cremos; fora de nossa fé não há salvação. Os outros dizem: Para estar de acordo com a razão, é preciso pensar como nós, só crer naquilo que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há liberdade nem bom senso, doutrina formulada por este paradoxo: Vosso espírito só é livre com a condição de não crer no que quer, o que equivale a dizer para o indivíduo: És o mais livre de todos os homens,

com a condição de não ir mais longe que o fim da corda à qual te prendemos." (P. 39.)

"É o Espiritismo, como alguns julgam, uma nova fé cega substituindo outra fé cega? ou, em outras palavras: uma nova escravização do pensamento sob nova forma? Para o crer, só mesmo lhe ignorando os primeiros elementos. Com efeito, o Espiritismo estabelece, em princípio, que antes de crer faz-se necessário compreender; ora, para compreender, deve-se fazer uso do discernimento. Eis por que ele procura dar a si mesmo explicação de tudo antes de admitir alguma coisa, a saber: o porquê e o como de cada coisa. Assim, os espíritas são mais cépticos do que muitos outros, a propósito dos fenômenos que ultrapassam o círculo das observações habituais. Não repousa em nenhuma teoria preconcebida e hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos." (P. 40.)

Sob o título — "Poder do ridículo", Allan Kardec tece uma série de considerações a respeito desta frase que leu num jornal: "Na França o ridículo sempre mata", para chegar à conclusão de que ela só seria totalmente completa, se assim enunciada: "Na França, o ridículo sempre mata *o que é ridículo.*" "Isto explica — diz ele — porque o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou." (RS, 1869, pp. 40/44.)

2 — Intrigas, provocações e desafios. — Homem sem ambições. — O triunfo da Verdade, venha de onde vier. — Elevação do homem com o esquecimento das ofensas. — Emprego de fundos. — «Caixa do Espiritismo». — «Os milhões do Sr. Allan Kardec». — Desceu a escada da riqueza, quando podia muito bem tê-la subido. — «O orçamento do Espiritismo». — Jamais viveu a expensas de quem quer que fosse. — «O Espiritismo foi a obra de minha vida». — Os recursos de Kardec na divulgação do Espiritismo. — «Partirei quando Deus chamar-me!» — Os verdadeiros fins da Sociedade de Paris. — Não sabem o que dizem...

Com a matéria apresentada no item anterior, pareceria esgotado o assunto das críticas contumazes, virulentas. Mas, não foi assim. Importava que Kardec não fosse poupado, sequer, nos assuntos de sua vida pessoal, privada. Um escândalo que envolvesse dinheiro, riquezas, bem que serviria para ferir fundo os propósitos que o animavam, da implantação por tantos indesejada de uma Doutrina como a do Consolador prometido por Jesus.

Portanto, as acusações partiram de toda parte, de sacerdotes e de vários indivíduos e organizações contrariados, sem faltarem os chamados "espíritas" de *contrabando*, que mais prejudicavam quando parecia que serviriam à Causa. Houve verdadeiros traidores, criaturas perturbadas e de intenções as mais sórdidas e torpes no movimento nascente, na própria Sociedade de Paris (SPEE), ombreando com Kardec. Os

"Judas do Espiritismo", como ele os denominou certa vez; os "desertores".

Todavia, tais coisas foram o sinete da grandiosidade do que estava sendo realizado para os séculos e milênios do porvir. Os inconseqüentes, os apressados, os indolentes, os inconformados com o êxito constante de Allan Kardec, que, por isso, era invejado e maltratado, não desviavam olhos cúpidos do posto do grande seareiro, sem suspeitarem o que de sacrifícios, canseiras, renúncias e abnegações ele permanentemente devia testemunhar na sua abençoada missão.

A Igreja de Roma, que se omitira, que historicamente se excluíra e definitivamente capitulara frente às oportunidades de regeneração que o Senhor bastas vezes lhe oferecera, que faliria completamente ao sancionar as decisões do Concílio de 1869/1870, inconformada, desesperada, sabia no Espiritismo a solução grandiloqüente de toda a problemática do gênero humano, sempre sonhada, buscada, tentada, por muitos, sem resultados satisfatórios. Os Espíritos do Senhor haviam interferido no processo evolutivo dos povos e fizeram que fossem fincados os alicerces inamovíveis de uma nova Revelação, com base na qual o desenvolvimento do homem e do orbe tomaria novos rumos e dimensões, em demanda de outra e dignificante civilização. Era a morte da *Era da Matéria*, que já se pressentia, entrevendo-se o surgimento da *Era do Espírito*, de um *Mundo Novo*, à luz do Evangelho do Cristo.

* * *

Cristalinos são estes conceitos do Codificador, recolhidos de seus escritos de 1859:

"Se aqueles que nos atacam ostensiva ou sub-repticiamente julgam perturbar-nos, perdem seu tempo; se pensam tolher-nos o passo, igualmente se enganam, pois nada pedimos, e a nada aspiramos senão ser útil, no limite das forças que Deus nos concedeu. Por modesta que seja a nossa posição, contentamo-nos com aquilo que, para muitos, seria a mediocridade; não ambicionamos posto, fortuna, ou honrarias; nem procuramos o mundo e seus prazeres; o que não podemos ter não nos causa nenhuma queixa; vemos essas coisas com a mais completa indiferença. Como não está nos nossos gostos, conseqüentemente não invejamos nenhuma das pessoas que possuem tais vantagens, se vantagens há — o

que aos nossos olhos é uma interrogação —, pois que os pueris prazeres deste mundo não asseguram melhor lugar no outro; longe disso. Nossa vida é toda de labor e de estudo, e até os instantes de repouso os consagramos ao trabalho. Não há nisso o que possa causar inveja. Trazemos, como tantos outros, nossa pedra ao edifício que se levanta, mas coraríamos se disso fizéssemos um só degrau para alcançar seja lá o que for. Que outros tragam mais pedras do que nós, que outros trabalhem tanto quanto e melhor que nós, isso nos trará sincera alegria. O que desejamos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, venha de onde vier, pois não temos a pretensão de possuir a luz, com exclusividade." (RS, 1859, p. 65.)

"Bem sabíamos que ao arvorar abertamente a bandeira das idéias de que nos fizemos um dos propagadores, arrostando os preconceitos, atraíríamos inimigos, sempre prontos a despedir dardos envenenados contra quem quer que levante a cabeça e entre em evidência. Mas há entre eles e nós esta diferença: não queremos para eles o mal que nos procuram fazer, porque temos em conta a fraqueza humana, e é somente nesse ponto que cremos ser-lhes superior. O homem se avilta pela inveja, pelo ódio, pela rivalidade e por todas as paixões mesquinhas; eleva-se com o esquecimento das ofensas. Eis aí a moral espírita." (RS, 1859, pp. 67/68.)

Por ocasião da renovação do ano social, em 1º de abril de 1862, Allan Kardec faz o seu habitual discurso. Dele extraímos (RS, 1862, pp. 168/170) precioso esclarecimento, que destrói insinuações maldosas de certos críticos. Tentemos resumi-lo:

Kardec havia recebido em 1860 um donativo de 10.000 francos, a ser empregado, de qualquer forma, no interesse do Espiritismo. Podendo agir como quisesse, julgou conveniente aplicar essa quantia no desenvolvimento da SPEE, que ainda nem tinha sede própria. Novecentos e oitenta francos foram gastos na compra de móveis e em despesas de instalação e outras, na nova sede, rua Saint-Anne, 59 (passagem Saint-Anne). O restante do mobiliário, cujo valor era três ou quatro vezes mais, fora doado pelo próprio Kardec, retirado de sua casa.

Ele dá ciência disso aos membros da SPEE e o faz também publicamente, destacando que, a não ser o aluguel, todas as demais despesas, como as de viagens e uma porção de gastos necessários ao Espiritismo, e que não ficavam por menos de 2.000 francos anuais, estavam a seu cargo pessoal,

e "essa quantia não é tão sem importância num orçamento restrito que só se salda à custa de ordem, de economia e até de privações".

Diz mais: "Sei que sirvo a uma causa junto à qual a vida material nada é, e à qual estou pronto a sacrificar a minha." "Se lamento uma coisa, é a exigüidade dos meus recursos, que não me permitem fazer mais; porque com suficientes meios de execução, empregados com oportunidade, com ordem e em coisas verdadeiramente úteis, avançaríamos meio século no estabelecimento definitivo da doutrina."

O donativo acima referido fora enviado por uma senhora, que de antemão recusava tomar conhecimento do emprego que a ele, donativo, se daria. Kardec, na ocasião, pela RS, 1860, p. 70, respondera:

"Se a doadora não reclama, no que lhe concerne, nenhum balanço do emprego dos fundos, considero, para minha própria satisfação, que esse emprego seja submetido a verificação. O donativo formará o primeiro fundo de uma *Caixa especial*, que nada de comum terá com meus negócios particulares, e que será objeto de uma contabilidade distinta, com o nome de *Caixa do Espiritismo*.

"Esta Caixa crescerá, posteriormente, com os fundos que lhe chegarem de outras fontes, e se destinará exclusivamente às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

"Um dos meus primeiros cuidados será a criação de *biblioteca especializada*, e prover, como já o disse, o que falta materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos.

"Pedi a vários dos nossos colegas se dignassem aceitar a fiscalização dessa Caixa e verificar, em épocas que depois serão determinadas, o útil emprego dos fundos. "Esta comissão está composta dos Srs. Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Kratzoff e Sra. Parisse."

Na RS de 1862, pp. 179/183, num artigo intitulado "Eis como escrevem a história!" (*Voilà comment on écrit l'histoire!*), e subintitulado — "Os milhões de Allan Kardec" (*Les millions d'Allan Kardec*), o mestre responde a um eclesiástico de grande cidade comercial (Lião, provavelmente), o qual propalava existir uma fabulosa fortuna amealhada por Allan Kardec, mediante o Espiritismo. Chegava o padre V... ao disparate de dizer que aquele pisava, em sua casa, os mais belos tapetes de Aubusson, tinha carruagem puxada por qua-

tro cavalos e gastava principescamente em Paris. Assoalhava o padre que toda a fortuna de Kardec lhe vinha da Inglaterra (?) e que ele vendia caro os manuscritos de suas obras, cobrando ainda, sobre elas, uma percentagem. E outras coisas mais, absurdas, verdadeiras sandices, eram zurradas pelo padre, o que levou Kardec a responder-lhe, mais em atenção aos que, não sendo espíritas, poderiam ser ludibriados pela história ultraleviana dos "milhões".

Ele começa fazendo blague com essa "revelação", declarando que ele mesmo estava longe de suspeitar da existência de tão bela fortuna. Infelizmente, diante do relatório que apresentara à SPEE, pouco antes de receber a comunicação sobre os "milhões", tudo ficava reduzido a uma realidade bem menos dourada.

Como o padre disse havê-lo conhecido pobre em Lião, o Codificador afirma jamais ter morado em Lião, e, portanto, ninguém ali o poderia ter conhecido pobre.

Quanto à carruagem de quatro cavalos, ele apenas tomava um fiacre puxado por sendeiros, cinco ou seis vezes por ano, a fim de economizar. Suas viagens se faziam por trem.

Com a vida principesca que o padre lhe presenteou, Kardec teria mesa regalada. "Que diria o padre se visse minhas refeições mais faustosas, nas quais recebo os amigos? Achá-las-ia bem mais magras que a magra de certos dignitários da Igreja, que provavelmente as repeliriam para a mais austera Quaresma."

Referindo-se à venda de seus manuscritos, o mestre escreve que isto entra no domínio privado, onde não reconhece a quem quer que seja o direito de se imiscuir. "Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e privações; não devo nada a ninguém, ao passo que muitos me devem, sem o que eu teria mais do dobro do que me resta. *Em lugar de subir a escada da riqueza, eu a desci.*" (Grifos nossos.)

A fim de contentar os curiosos, diz que se tivesse vendido seus manuscritos nada mais faria que usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto do seu trabalho; "mas, não vendi nenhum: há mesmo os que dei pura e simplesmente no interesse da causa, e que vendem como querem sem que me caiba um soldo". Mais adiante, para dar uma idéia de seus "grandes lucros", revela que a primeira edição de "O Livro dos Espíritos" foi feita por sua conta e risco total, pois não encontrara editor que dela quisesse encar-

regar-se. Esgotada a edição e feitas as contas, ela lhe rendeu apenas cerca de quinhentos francos. Para fazer face às despesas de todas as publicações posteriores e livrar-se dos problemas relativos à venda, ele então cedeu por algum tempo às editoras o direito de publicação, mediante direito autoral calculado a tantos cêntimos por exemplar vendido, ficando ainda obrigado a abrir uma conta com os editores para a compra de livros sob desconto.

Kardec acrescenta que não tem de dar conta da quantia que ganhou na venda de suas obras, nem do seu emprego, assistindo-lhe o direito de dispor dela como bem lhe parecesse. Que ficassem, porém, tranqüilos quanto à boa destinação desse dinheiro.

Assim, para menosprezar o Codificador e desacreditar o Espiritismo, o padre V... lançara mão de ridículos expedientes e, o que é mais grave, de calúnias sem-nome. Kardec faz-lhe então saber que "o Espiritismo não é e não pode ser um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que pudesse ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a contentar-se com o necessário e a não buscar as alegrias supérfluas, que não são o caminho do céu (...). Se tivesse a fortuna que me atribuem, e se, sobretudo, a devesse ao Espiritismo, eu seria perjuro aos meus princípios caso a empregasse na satisfação do orgulho e na posse de prazeres mundanos, em vez de pô-la ao serviço da causa cuja defesa abracei".

Sob o título "O orçamento do Espiritismo, ou exploração da credulidade humana", o Sr. Leblanc de Prébois, antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte de 1848, publicou em Argel uma brochura de calúnias, injúrias, invenções e ofensas pessoais, na qual, procurando provar que o fim do Espiritismo é uma gigantesca especulação, alinhava uma série de cálculos absurdos, de que resultaram, para Kardec, rendimentos fabulosos que deixavam bem para trás os "milhões" com que certo padre de Lião (conforme já demos a conhecer) generosamente o gratificara.

Kardec fez questão de reproduzir textualmente, na RS de junho de 1863, o irrisório inventário, com as conclusões do seu autor. Os cálculos deste se baseiam em dados inteiramente falsos ou irreais que davam para Kardec um lucro anual líquido de 250.000 francos, "sem contar o da venda do *Livro dos Espíritos* e *dos Médiuns*". A seguir, o ex-membro da Assembléia Constituinte leva a imaginação a altos

vôos e afirma que em breve a renda do "Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revue* e soberano pontífice", seria de 38 milhões! "E se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões que a renda se avaliará, mas sim por bilhões."

Chamando a atenção das autoridades para o perigo que a pregação do Espiritismo representa para a própria estabilidade do Governo, provando, à sua maneira, que, "para fazer vingar a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, o Sr. Allan Kardec prega uma doutrina cuja tendência é a *destruição da Fé, da Esperança e da Caridade*", o autor da brochura assim terminava:

"Que há, pois, no Espiritismo? Nada mais que um especulador e papalvos. E no dia em que a autoridade temporal aliar-se à autoridade moral e se limitar apenas a interditar as publicações espíritas, essa imoral especulação cairá para não mais se levantar."

Allan Kardec mostra que essa brochura ultrapassou de muito todas as diatribes publicadas até aquele dia. "Certamente não nos daremos ao trabalho de combater cálculos que se refutam por seu próprio exagero, mas que provam uma coisa: o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, a ponto de fazê-los dizer as maiores inconseqüências."

Aos leitores em geral, informa que a Sociedade Espírita de Paris não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que ela não se serve de médium pago, tendo-se sempre levantado contra a exploração da faculdade mediúnica; que jamais percebeu um cêntimo dos visitantes, admitidos apenas em pequeno número; que, a não ser os membros titulares e os associados livres, nenhum espírita lhe é tributário; que os membros honorários não pagam cota alguma; que não existe entre ela e as demais sociedades espíritas nem filiação nem solidariedade material de espécie alguma; que o produto das cotizações jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por mínima que seja, não pode ser feita sem o parecer da comissão; enfim, que *seu orçamento de 1862 foi saldado com um encaixe de 429 fr. 40 cênt.*

Mais adiante, declara: "Nossos adversários não podiam fazer nada melhor para se desacreditarem a si mesmos, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar

e a que ponto o êxito das novas idéias os assusta, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça."

É pena que o espaço não nos permita transcrever todos os magníficos comentários de Kardec, publicados na RS de junho de 1863, pp. 179/181, e nos quais se patenteia a calma e a superioridade moral do missionário.

Na RS de junho de 1865 é publicado o relatório que Allan Kardec apresentou à Sociedade Espírita de Paris, a propósito da Caixa do Espiritismo, em 5 de maio do mesmo ano.

Lamenta, de início, que as circunstâncias o obriguem a falar dele mesmo, o que não é do seu feitio.

Após relembrar fatos passados, inclusive os "milhões" que cálculos hiperbólicos graciosamente lhe deram, afirma:

"(...) jamais pedi nada a ninguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um *ceitil sequer* veio prover minhas necessidades; numa palavra, não vivo *a expensas de ninguém*, pois, quanto às quantias que voluntariamente me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito." (RS, 1865, p. 163.)

Quanto à venda de suas obras espíritas, diz que não é com livros filosóficos que se juntam milhões em cinco ou seis anos, ainda mais que sobre as vendas só recebia os direitos de autor, não excedendo alguns cêntimos por exemplar. Não sendo suas obras de sua propriedade exclusiva, obrigava-se a comprá-las da editora e a pagá-las como livreiro. Só sobre a "Revue Spirite" tinha plenos direitos. O lucro obtido com essas publicações, excluindo vários gastos normais, falta de pagamento das obras que revendia, distribuições gratuitas no interesse da Doutrina, não chegava a grande coisa. Esse pequeno lucro, fruto do trabalho do autor, era multiplicado um sem-número de vezes por adversários. Kardec, para eles, nadava em milhões, gozando uma vida de príncipe. E a isso respondeu (p. 164):

"Quem quer que tenha visto, outrora, o interior de nossa moradia, e o veja hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver, desde que me ocupei do Espiritismo; ela é agora tão simples quanto o foi no passado, visto que uma vida suntuosa não vai com os nossos gostos. É, então, evidente que meus lucros, por maiores que sejam, não concorrem para nos proporcionar os prazeres do luxo. Como não

temos filhos, não é para eles que entesouramos; nossos herdeiros indiretos são, em sua maioria, bem mais ricos que nós: seria parvoíce se me esgotasse no trabalho em proveito deles. Teria eu, então, a mania de entesourar pelo simples prazer de contemplar o dinheiro? Penso que meu caráter e meus hábitos jamais dariam lugar a essa suposição. As pessoas que me atribuem tais idéias conhecem muito pouco os meus princípios em matéria de Espiritismo, pois que me julgam preso aos bens da Terra."

Mais adiante (p. 164): "Sempre tivemos que viver muito modestamente, é verdade, mas, o que teria sido pouco para certas pessoas, nos bastava, graças aos nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive de abandonar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo."

Conta, ainda, que, se não fora o Espiritismo tê-lo lançado a novos rumos, ele poderia viver tranqüilamente na propriedade que possuía. A obra espírita o chamava a postos, muito embora seu desejo era não se pôr em evidência, mas ficar desconhecido. Teve, então, que renunciar aos seus gostos de insulamento e tomar as rédeas do movimento. "Sentia que não tinha tempo a perder, e não o perdi, nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas. O Espiritismo foi a obra de minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe meu repouso, minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em caracteres irrecusáveis. Eu o fiz de *motu proprio*, e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa, nem mais interessada do que eu, aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa, como o faz ainda, através de um trabalho freqüentemente acima de suas forças, sacrificando, sem pesar, os prazeres e as distrações do mundo aos quais sua posição de família havia habituado."

Allan Kardec explica que sua nova posição criou-lhe múltiplas despesas que seus recursos normais não podiam prover. A necessidade de morar em dois lugares diferentes, com mobiliário em dobro, sem contar uma porção de despesas miúdas e indispensáveis; as perdas resultantes de interesses materiais deixados de lado, por falta absoluta de tempo; os inúmeros gastos especiais motivados pela sua posição, entre os quais se incluía o porte de cartas, que então ascendia a mais de

oitocentos francos anuais, as despesas com viagens, com empregados, e outras menores, tudo isso o fazia desembolsar, em 1865, mais do triplo que despendia antes do Espiritismo.

"Não é uma queixa que formulo, pois são voluntárias minhas ocupações atuais; é um fato que consigno, em resposta àqueles que pretendem que tudo é proveito para mim no Espiritismo." (P. 165.)

Se não fora o suprimento de recursos que o produto de suas obras lhe proporcionava, bem pouco poderia ter feito para o êxito da Doutrina. "Digo-o com satisfação, foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias, que provi, em sua maior parte pelo menos, às necessidades materiais da instalação da Doutrina. Trouxe, assim, larga contribuição à Caixa do Espiritismo." (P. 166.)

Com o pensamento no futuro e visando a facilitar a tarefa do seu sucessor, Kardec começa a organizar uma fundação em sua propriedade particular, na Vila Ségur. Dizendo ser ainda cedo para maiores detalhes, informa que já vem aplicando uma parte de sua renda em melhorar a propriedade, mas, a despeito de suas economias, achava que os recursos pessoais não o permitiriam dar a essa fundação o complemento que, ainda em vida, desejara ver.

"Foi necessária a pertinácia de certas diatribes, para que eu me decidisse, embora a contragosto, a quebrar o silêncio acerca de alguns fatos que me concernem." (P. 167.) E acrescentava, pouco mais adiante: "A única coisa que no momento me importava era que ficásseis edificados com relação ao destino dos fundos que a Providência faz que passem pelas minhas mãos, qualquer que seja a proveniência deles. Não me considero mais do que um depositário, até mesmo do que ganho, com mais forte razão dos fundos que me são confiados e dos quais prestarei rigorosa conta. Eu me resumo, dizendo: Por mim, deles não tenho necessidade; equivale a dizer que deles não faço proveito próprio." (P. 167.)

A seguir, fala acerca da caixa de beneficência, que se formou sem nenhuma premeditação, e dos auxílios já por ela prestados.

Ante o alargamento dos horizontes do Espiritismo, faz sentir a falta de certas providências, inclusive para atender às necessidades correntes do Espiritismo, sem os riscos de auxílios eventuais, como ele, Kardec, era obrigado a fazê-lo.

De fato, na época, a maior parte dos recursos postos na divulgação do Espiritismo decorriam do seu trabalho.

Não tendo os "milhões" que os adversários malevolamente lhe deram, e que lhe permitiriam realizar muita coisa em prol do futuro da Doutrina, escrevia, entre resignado e confiante: "Sei que, de um modo ou de outro, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo hábil. Eis por que de forma alguma me inquieto, e me ocupo com o que, para mim, é essencial: o acabamento dos trabalhos que me restam por terminar. Feito isto, partirei quando a Deus aprouver chamar-me." (P. 168.)

* * *

Explicando que a SPEE deseja esclarecer-se a si mesma, não pretendendo de modo algum erigir-se em árbitro absoluto das doutrinas que professa, Kardec submete aos diversos grupos espíritas, que com ela se correspondiam, questões e problemas duvidosos ou que ainda não tivessem sido resolvidos. Ele o faria através de correspondência particular ou da "Revue Spirite". Já no número de janeiro de 1862 são apresentadas, de maneira simples, seis proposições, seguidas, cada uma, de perguntas por ele formuladas.

Está visto que o ensejo oferecido por Allan Kardec não foi aproveitado pelos habituais murmuradores, de resto, pouco afeitos ao trabalho que lhes não valha as "gratificantes" evidências pessoais.

Pelo menos, o Codificador tentou uma *abertura*, que, decididamente, no nosso fraco entender, não tinha o menor fundamento útil, pois ele próprio deveria decidir, à luz das intuições que lhe povoavam o espírito, quaisquer "questões ou problemas", a exclusivo risco seu, uma vez exercitados os ensaios de sempre e acautelando-se no excelente critério que se traçou.

No discurso de abertura do sétimo ano social da Sociedade Espírita de Paris, em 1º de abril de 1864, Kardec volta a repetir que a Sociedade não visa a entesourar, daí por que lhe é indiferente o número de membros. O sinal de sua prosperidade não está no sentido material, está "totalmente na progressão de seus estudos, na consideração que granjeou, no ascendente moral que exerce exteriormente, enfim, no número de adeptos que se ligam aos princípios que ela professa, sem que, para isso, dela façam parte". (RS, 1864, p. 141.)

"A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral, e ela jamais ambicionou outra. Alguns dos nossos antagonistas, que sustentam serem todos os espíritas seus tributários; que ela se enriquece à custa deles, ardilosamente obtendo dinheiro em seu proveito; que computam seus supostos rendimentos pelo número de adeptos, — provam, ou grande má-fé, ou a mais absoluta ignorância daquilo que falam." (RS, 1864, p. 145.)

3 — Ataques ao Espiritismo: perseguições à Doutrina e seus adeptos. — «Une religion nouvelle à Paris», do Pe. François Chesnel. — Ação de Jobert de Lamballe na Academia das Ciências de Paris. — Oscar Comettant e seu folhetim. — As críticas ignorantes. — O Sr. L. Figuier e a «História do Maravilhoso». — Comentários de Kardec. — «Seria preciso atacar o Espiritismo pelas raízes, não pelos galhos». — «Vossas palavras não são apenas levianas, mas imprudentes». — Kardec dá uma aula de Espiritismo, de moral e de ética ao Sr. C. M., da «Gazette de Lyon». — Georges Gandy, em «La Bibliographie Catholique», em 1860. — Injúrias à parte moral do Espiritismo. — Críticas pueris de Émile Deschanel, no «Journal des Débats». — Falsos membros da SPEE. — A «estupidez» do Espiritismo, na conferência do Sr. Trousseau. — O Pe. Lapeyre, jesuíta, e seus virulentos sermões, em Bordéus. — Ataques generalizados por pregadores católicos. — Opiniões que se contradizem. — De novo o argumento loucura. — Cruzada contra o Espiritismo. — A calúnia quase epidêmica. — O bispo de Argel. — Suicídio incriminado ao Espiritismo. — Enquadrar os espíritas como infratores e falsários. — «Du Spiritisme», a brochura do Rev. P. Nampon: Kardec

manda lê-la e compará-la com os textos verdadeiros das obras dele. — A arte cênica é convocada a atacar o Espiritismo. — As imitações nada provam. — «Os religiosos são os que mais injuriam». — Pressões em Argel. — A data de 18 de agosto de 1863. — A vez de Strasbourg: o «demônio» na obra de sedução. — «O Espiritismo não se impõe; aceita-se». — Moderação nas palavras. — Padres A. Barricand, de Lião, e Delaporte, de Bordéus, em seus cursos de Espiritismo. — O bispo de Langres; o monsenhor Pantaleón Navarro, de Barcelona. — O acontecimento importante com o capelão do rei da Holanda. — Espiões de S. Petersburgo. — Manobras surdas: nova tática dos inimigos. — Os judas do Espiritismo. — «Novo e definitivo enterro do Espiritismo». — «Toujours les Spirites!», de Jules Claretie. — Refutação do aspecto religioso, pelo Pe. Poussin, de Nice. — «O Espiritismo não teme a luz». — Os adversários e a marcha do Espiritismo. — Livros espíritas de Kardec no Index (1.° de maio de 1864, data histórica nos Anais do Espiritismo). — O que é (ou era) o Index. — Perseguições e violências aos adeptos, em Constantina (África) e outras localidades. — Perseguições nos quartéis. — Denúncias falsas. — O Senado francês, a imprensa e o «partido espírita». — «El Criterio Espiritista», de Madrid, é proibido. — O auto-de-fé, de Barcelona (9-10-1861).

Aos procedimentos dos que adversaram a Doutrina dos Espíritos somam-se os acontecimentos que, em seguimento, são expostos, vários deles — aí, sim! — de autêntica loucura ou irracionalidade. Altíssimo era o preço a ser pago pela conquista do direito à liberdade religiosa, da prática do amor ao próximo e do culto a Deus no *Altar da Consciência*. Servir os semelhantes, como fez o Cristo na Palestina, pareceu aos

endurecidos de coração um insulto ou agressão inqualificável. Internalizar o conhecimento e a Religião, levando a Humanidade a prescindir dos templos de pedra e do sacerdócio organizado e profissional, equivaleria a reconhecer, com o próprio Senhor, que *Deus é Espírito*, como está no Evangelho, na sublime lição à Samaritana.

A luta foi cruenta e sem quartel; e ainda não terminou, a despeito das aparências das *águas mansas*, no mar humano. Outros planos vibratórios existem, como sabemos, em que pululam os "aborrecidos da luz", ainda renitentes, revoltados, endurecidos, rebeldes ao Sublime Pastor, que não cessaram até hoje as perseguições tão antigas e tão tenebrosas. Os confrontos se fazem em todos os momentos, e não são poucas as praças de batalha em que ainda encenam e trombeteiam desesperados conflitos, dirigidos por inteligentes forças negativas, extremamente nocivas e venenosas, dando conta dos últimos estertores dos que não querem *morrer para renascer e progredir continuamente.*

Leiamos e meditemos, maduramente, sobre as páginas seguintes, enviando aos espiritistas que outrora participaram diretamente das refregas o nosso pensamento agradecido e as nossas preces de louvor a Deus e ao Cristo.

* * *

Em 13 de abril de 1859, "L'Univers", jornal de caráter católico, publicou com o título — "Une religion nouvelle à Paris" um artigo do padre François Chesnel sobre o Espiritismo. Allan Kardec responde ao padre, por se tratar de uma diatribe em linguagem moderada e conveniente, e o faz magistralmente num escrito bem mais extenso que o do sacerdote. A resposta saiu na RS de maio e no "L'Univers" de 28 de maio, número que também publicou a réplica do padre. Este reedita os argumentos do primeiro artigo, "menos a urbanidade da forma". O mestre dá-lhe breve resposta, não o fazendo mais porque seria repetir o quanto já tinha dito, o que lhe parecia perfeitamente inútil.

Na sessão de 18 de abril de 1859, o Dr. Jobert de Lamballe comunica à Academia das Ciências de Paris o caso de uma mocinha que deslocava o tendão do curto-perônio lateral direito, com a produção de ruídos, ao retornar ele à goteira óssea de onde tinha saído. Exatamente como já haviam dito os Drs. Shiff e Rayer, o Dr. Jobert procurou explicar, por

esse meio, as batidas dos Espíritos, afirmando que os charlatães é que usavam esse processo "para explorar a credulidade pública". Concordaram com ele os colegas Velpeau e Jules Cloquet.

Essas explicações ridículas e burlescas, como as classificou A. Escande, inteligente jornalista da época, tidas até mesmo como "infantis" pelo sábio Prof. Charles Richet, foram amplamente comentadas por Allan Kardec, que demonstrou, através de cerrada e sólida argumentação, a fragilidade da tese fisiológica aplicada aos fenômenos tiptológicos do Espiritismo. É curioso observar que ele, embora respeitoso, por várias vezes usou da graça e da ironia em sua refutação, o que não era do seu hábito. É que aquelas tolices "científicas" conduziam naturalmente a um tratamento menos sério e pouco cerimonioso, a que o próprio mestre não pôde fugir. (RS, 1859, pp. 141/149.)

No "Le Siècle" de 27 de outubro de 1859, o Sr. Oscar Comettant escrevia, em folhetim, longo artigo com o objetivo de ridiculizar o Espiritismo. Foi, segundo alguns espíritas da época, "a primeira vez que se publicara artigo tão importante sobre o Espiritismo, num grande jornal". Como não foi escrito em termos grosseiros, Kardec deu-lhe pronta resposta na RS de 1859:

"Para criticar é preciso poder opor raciocínio a raciocínio, prova a prova, e é isto possível sem o conhecimento profundo do assunto tratado? Que pensaríeis daquele que pretendesse criticar um quadro, sem possuir, ao menos teoricamente, as regras do desenho e da pintura? discutir o mérito de uma ópera sem conhecer música? Sabeis a conseqüência de uma crítica ignorante? É tornar-se ela ridícula e acusar falta de senso. Quanto mais elevada a posição do crítico, quanto maior a sua evidência, tanto mais seu interesse lhe exige circunspecção, para não se expor a desmentidos, sempre fáceis de dar a qualquer um que fale daquilo que não conhece. Daí porque os ataques contra o Espiritismo têm sido de tão pouco alcance, favorecendo-lhe o desenvolvimento, em lugar de detê-lo. Esses ataques são propaganda; provocam o exame, e o exame só nos pode ser favorável, visto nos dirigirmos à razão. Não há um artigo, entre os publicados contra a Doutrina, que não nos tenha valido um aumento de assinantes e na venda de livros." (RS, 1860, pp. 3/4.)

Em 1860, o Codificador faz com notável senso crítico uma apreciação sumária da obra "Histoire du Merveilleux

dans les temps modernes", em quatro volumes, de autoria do conhecido escritor e vulgarizador de Ciências e de História, Louis Figuier (1819-1894), doutor em Medicina e professor da Escola de Farmácia de Montpellier e depois da de Paris. Como é sabido, L. Figuier meteu-se, anteriormente (1856), a contrariar as idéias de Claude Bernard sobre a função glicogênica do fígado, entrando em ruidosa polêmica que terminou com o triunfo do imortal fisiologista. No ano seguinte, Figuier abandonou para sempre o ensino e a experimentação, consagrando-se a extensa obra de vulgarização científica, que atingiu a não menos de 80 volumes. Talvez porque abandonara a experimentação, ele não a aplicou no estudo do Espiritismo: "nada aprofundou, *de visu*, com a sagacidade e a paciência e a independência de idéias do observador consciencioso", contentando-se, continua Kardec, "com relatos mais ou menos fantásticos por ele encontrados em certas obras que não brilham pela imparcialidade".



Guillaume-Louis Figuier
(1819-1894)

Em dezessete páginas e meia da RS, o mestre analisa com elevado descortino de vistas a obra que os adversários do Espiritismo aplaudiram efusivamente e que, segundo eles, lhe daria o xeque-mate. No princípio, supôs que estaria diante de um adversário realmente sério, portador de argumentos peremptórios, que comportassem uma refutação séria. Mas logo se lhe desfez no espírito essa impressão, embora reconhecesse em Figuier um escritor que "não se arrasta na lama das injúrias grosseiras e dos personalismos, únicos argumentos dos críticos de baixa espécie".

Nos primeiros volumes, consagrados a fatos não propriamente espíritas, o autor procura provar, com testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas e o charlatanismo desempenharam ali grande papel. Kardec declara que ninguém contesta essa evidência, máxime os espíritas. O que ele contesta é a crítica eivada de preconceitos e levada a ver o erro ou o mal onde muitas vezes não existe, por deficiência de um exame atento e imparcial.

Quanto à crença nas mesas girantes e falantes, Figuier a tem como um "desvario" do século XIX, tudo saindo da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso.

Porque Figuier assistiu a uma sessão apenas, ele se julgou no direito de falar com conhecimento de causa. Kardec comenta: "Dir-se-á suficientemente esclarecido, porque assistiu a uma sessão? Não duvidamos, é certo, de sua perspicácia, mas, por maior que seja, impossível admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo em uma sessão, tanto quanto não aprendeu Física com uma lição apenas; se o Sr. Figuier pudesse fazê-lo, arrolaríamos o fato entre os mais maravilhosos. Quando ele houver estudado o Espiritismo com o mesmo cuidado que se aplica no estudo de qualquer ciência, quando lhe houver consagrado um tempo moral necessário, quando houver assistido a *alguns milhares* de experiências, quando der a explicação de todos os fatos sem exceção, quando tiver comparado todas as teorias, somente então poderá fazer uma crítica judiciosa. Até lá, seu julgamento não passa de opinião pessoal, sem nenhum peso a favor ou contra." (RS, 1860, p. 276.)

"O maravilhoso" — prossegue, adiante, Kardec — "é a idéia fixa do Sr. Figuier; é o seu pesadelo. Ele o vê por toda parte onde haja alguma coisa que não compreende. Mas ao menos poderá ele, o sábio, dizer como germina e se reproduz o menor dos grãos? Qual a força que faz a flor voltar-se

para a luz? O que, na terra, atrai as raízes para um terreno propício, mesmo através dos obstáculos mais duros? Estranha aberração do espírito humano, que tudo crê saber e nada sabe, que espezinha maravilhas sem-número, e nega um poder sobre-humano!" (RS, 1860, p. 280.)

Do relato crítico que faz de inúmeros fatos que parecem fugir à lei comum, Figuier chega "à convicção da *não-existência de agentes sobrenaturais*, e à certeza de que todos os prodígios, que em diversas épocas têm excitado a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam *com o conhecimento tão-só de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, tal a conclusão a tirar deste livro, que poderia chamar-se o *maravilhoso explicado*". Estas palavras são de Allan Kardec, que lamenta não ter o escritor sabido ou querido separar o princípio e o abuso do princípio, o fato real do fato fraudulento, e comenta: "É querer cortar uma árvore sã, porque deu fruto bichado."

Logo que saiu o quarto volume de "Histoire du Merveilleux", em 1860, consagrado às mesas girantes e aos médiuns, Kardec leu-o atentamente e — diz ele — "o que se destacou com mais evidência para nós, foi o ter o autor tratado de um assunto que absolutamente desconhece". (RS, 1860, p. 369.)

Três quartos desse volume contêm histórias que não dizem respeito aos temas preestabelecidos, o que faz, di-lo Kardec, "que o principal ali se torne o acessório". Ainda assim, o mestre aconselha os espíritas a lerem essa parte da obra, escrita com "verdadeiro luxo de detalhes e de erudição". Figuier esforça-se em provar que o absurdo impera, nascido do amor do homem pelo maravilhoso. Longe de rejeitar todos os fatos, admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, mas arrola grande parte à conta de trapaçaria e prestidigitação. Alguns fenômenos espíritas testemunhados e comprovados por pessoas idôneas, ele os procura explicar com as hipóteses antiespíritas então em voga, tudo querendo submeter às leis da Física e da Fisiologia. Quanto à teoria explicativa de Figuier para os movimentos das mesas girantes, a qual resume, no fundo, a que ele dá para quase todos os outros fenômenos mediúnicos, assim se externou Allan Kardec: "Sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca por um ponto capital: ela se perde num dédalo de explicações que requereriam novas explicações para serem compreendidas." "Em nossa opinião, ao Sr. Figuier, por mais sábio que seja, falta a pri-

meira qualidade de um crítico: a de conhecer *a fundo* a coisa de que fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-la."

Kardec não vê como a teoria fisiológica de Figuier se aplicaria a uma série de fenômenos espíritas, e acrescenta: "e há muitas outras coisas que ela não explica."

"Para combater a doutrina espírita com eficácia" — comentou —, "o Sr. Figuier só tem um meio, e é com prazer que lho indicamos. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os ramos, e sim as raízes. É preciso, assim, atacar o Espiritismo pela raiz e não pelos ramos, que renascem à medida que os cortamos. Ora, as raízes do Espiritismo, desse *desvario* do século dezenove, para nos servirmos da expressão de Figuier, são a alma e seus atributos. Que ele então prove que a alma não existe e não pode existir, porque sem *almas* não há mais *Espíritos*. Quando houver provado isso, o Espiritismo não mais terá razão de ser e nós nos confessaremos vencidos."

Sem temer a menor influência da obra de Figuier sobre os espíritas, o mestre voltou a indicar-lhes a leitura dela, certo de que seriam por eles imediatamente reconhecidos os pontos vulneráveis. E quanto aos demais leitores, "teria o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade".

Este livro não comporta a transcrição de toda a extraordinária argumentação de Kardec. Vale a pena, entretanto, estampar-lhe o parágrafo final da extensa resposta:

"O Sr. Figuier termina o seu "Tratado do Maravilhoso" com uma curta notícia sobre "O Livro dos Espíritos". Naturalmente, o julga do seu ponto de vista: "A filosofia, diz ele, é ali cediça, e a *moral soporífera*." Sem dúvida, ele teria apreciado mais uma moral galhofeira e excitante. Mas, que fazer? É moral para uso da alma; de resto, ela terá sempre uma vantagem: a de fazê-lo dormir. É para ele uma receita em caso de insônia."

Em 2 de agosto de 1860, a "Gazette de Lyon" publicou o artigo "Uma sessão com os Espíritos", assinado por C. M. Este começa a denominar os espíritas de alucinados, não tendo o Espiritismo outro resultado que o de produzir a loucura naqueles que dele se ocupam. Menospreza a "Revue Spirite", dizendo que tanto as perguntas aos Espíritos, quanto as suas respostas, são ineptas. Em seguida, passa a descrever uma sessão espírita a que assistiu numa humilde oficina de tecelões lioneses, utilizando-se de epítetos incivis, descorteses, bem

assim de puras invencionices, verdadeiras calúnias tendentes a falsear a opinião pública sobre o princípio e as conseqüências das crenças espíritas.

Durante a sua estada em Lião, Kardec dirigiu ao redator da "Gazette de Lyon" esmagadora resposta ao dito artigo, pedindo fosse ali publicada, o que o referido jornal negou. "Não tenho por hábito responder às diatribes. Se apenas se tratasse de mim, eu nada teria dito; mas, a propósito de uma crença que me orgulho de professar, porque é crença eminentemente cristã, achincalhais pessoas honestas e laboriosas, posto que iletradas, esquecidos de que o próprio Jesus era operário" — assim escreveu Kardec, que toma a defesa dos humildes operários lioneses contra a investida injuriosa do tal C. M. ("Senhor, vossas palavras não são apenas levianas — emprego este vocábulo por contemplação —, são imprudentes") e lhe dá uma aula de Espiritismo, de moral e de ética. (RS, 1860, p. 296.)

Em "La Bibliographie Catholique", de setembro de 1860, o Sr. Georges Gandy, redator católico, ataca o Espiritismo com raiva e fúria, em nome da religião ameaçada. "Pois quê! — exclama Kardec — a religião ameaçada pelo a que chamais utopia! Tendes então pouquíssima fé na sua força; crede-a, assim, bem vulnerável, ao temerdes que as idéias de alguns sonhadores a minem pela base."

Pela primeira vez, conforme acentua o Codificador, a parte moral do Espiritismo é alvo de um rosário de injúrias. O escritor católico tenta levar ao ridículo as máximas admitidas pelo mais elementar bom senso. Cita grande número de passagens de "O Livro dos Espíritos", truncando-as, desnaturando-as no sentido, aqui e ali, a fim de poder servir aos seus propósitos. "Com tal processo" — comenta Kardec —, "seria fácil tornar ridículas as mais belas páginas dos nossos melhores escritores."

Como bom católico, o Sr. Gandy põe aos cuidados dos demônios essas "manifestações ímpias", permitidas por Deus junto àqueles que lhe violam a lei. A doutrina espírita é para ele "obra de Satã", ao que responde o Codificador: "(...) se ela é, como dizeis, obra de Satã, não pode prevalecer contra a obra de Deus, a menos que supusésseis Deus menos poderoso que Satã, o que seria um tanto ou quanto ímpio."

A refutação ao Sr. Gandy, que pode ser lida na RS de 1861, p. 8, é uma peça que não perdeu, até hoje, a atualidade de seus vigorosos argumentos.



E.-A.-E.-M. Deschanel
(1819-1904)

Émile Deschanel (1819-1904), literato, crítico e, mais tarde, político francês, foi professor de conferências de literatura grega na Escola Normal, de Paris, e de Retórica em três liceus parisienses, sendo destituído de suas funções em 1850. Desde então colaborou ativamente em diversos jornais e escreveu várias obras. Em 1859, foi redator do "Journal des Débats" e do "National". Seu filho Paul Deschanel foi presidente da República francesa.

É no importante "Journal des Débats" que Émile publicou virulenta crítica contra o Espiritismo, exposta em vinte e quatro colunas do folhetim, nos números de 15 e 29 de novembro de 1860.

Allan Kardec não se apressa em responder ao artigo que ele considerou como o "de mais malevolente, de menos científico, de mais longo, sobretudo", e o faz somente em 25 de fevereiro de 1861, por uma carta endereçada ao Sr. Deschanel, e, em março, por um escrito de nove páginas estampado na RS. Kardec pedira a inserção de sua carta no "Journal des Débats", o que era estritamente legal, mas não foi atendido: "Não lhe pedíamos uma retratação, à qual seu amor-próprio ter-se-ia recusado, mas simplesmente a inserção do nosso protesto; e decerto não abusávamos do direito de resposta, pois

que, em troca das vinte e quatro colunas, só lhe pedíamos de trinta a quarenta linhas." (RS, 1861, p. 99.)

Ele mostra que as objeções do Sr. Deschanel são pueris, que sua ignorância ou má-fé é tal que chega a colocar a doutrina espírita "fundada sobre o mais grosseiro materialismo" (!). Entre os muitos erros, este era o mais grave, e recebeu pronta resposta. Longe de prejudicar a causa do Espiritismo, afirma Allan Kardec que o redator do "Journal des Débats" prestou, mesmo, belo serviço, pois atraiu a atenção de pessoas que nunca ouviram falar dessa doutrina e o desejo de conhecê-la. Ele acha supérfluo estender-se na discussão, uma a uma, das asserções do Sr. Deschanel, que não passavam de variantes do mesmo tema já por ele tratadas em refutações anteriores, mas isto não o impediu de articular umas tantas verdades esclarecedoras em torno de diferentes opiniões pessoais do escritor. (RS, 1861, pp. 65/75.)

Já em 1862, mesmo antes, começaram a surgir em várias partes da Europa, como na Rússia, por exemplo, prestidigitadores dizendo-se membros da SPEE e anunciando saraus fantásticos nos teatros. Outros, para melhor impressionarem o público, diziam-se médiuns americanos, embora não fossem nem médiuns nem americanos, mas tão-somente hábeis escamoteadores que tinham como intuito principal desacreditar o Espiritismo.

Numa conferência do Dr. Armand Trousseau, professor da Faculdade de Medicina de Paris, realizada na "Associação politécnica para o ensino gratuito dos operários", em 18 e 25 de maio de 1862, o ilustre acadêmico, que não acreditava nos Espíritos nem no diabo, admira-se que gente de posição confirme os fatos espíritas, e procura provar que "les gens d'esprit sont bêtes". Referindo-se aos fenômenos espíritas, deblaterou: "Essa estupidez que não tem nome, essa estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar, foi aceita por pessoas esclarecidas, mais, talvez, pelas classes elevadas da sociedade de Paris." (RS, 1862, pp. 225/231.)

Em outubro de 1862, o padre Lapeyre, da Companhia de Jesus, pronuncia dois virulentos sermões contra o Espiritismo, na capela Margaux, em Bordéus. Segundo o pregador, os Espíritos podem comunicar-se com os homens, mas os bons só o fazem na Igreja. Todos quantos se manifestam fora da Igreja são maus. Para ele, "O Livro dos Espíritos" prega o comunismo, a divisão dos bens, a igualdade entre todos os homens e sobretudo entre o homem e a mulher, a



Armand Trousseau
(1801-1867)

igualdade entre o homem e seu Deus; arrasta o homem ao materialismo e aos prazeres sensuais, etc., etc. Em tiradas oratórias de grande efeito, mas em estilo camelô, chama *infames* aos livros espíritas, que ao seu ver foram ditados pelo hábil e astuto príncipe das trevas, e pede aos fiéis lhe tragam esses livros para queimá-los em praça pública.

Em 2 de dezembro de 1862, o bispo do Texas (E.U.A.) pregou na igreja de Saint-Nizier, em Lião, contra o Espiritismo. Além de negar os fenômenos, considerou a doutrina atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade e, como tal, a denunciava às autoridades competentes.

No dia 14, na mesma cidade de Lião, renovavam-se os ataques, por outro pregador, agora na igreja de Saint-Jean, com um auditório de cerca de três mil pessoas. Este novo orador não negou a realidade dos fenômenos, apenas os imputou aos Espíritos maus. "O Espiritismo" — disse ele — "vem destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o aborto, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade." E convidou os paroquianos a entregar os livros espíritas a determinadas senhoras, a fim de serem queimados.

Allan Kardec aprecia todos esses sermões na RS, 1863, pp. 44/51, e diz fazê-lo "para mostrar a que argumentos estão reduzidos os adversários do Espiritismo para atacá-lo". "Com efeito" — continua —, "é preciso estar muito privado de boas razões para recorrer a uma calúnia como aquela que o representa pregando a desunião da família, o adultério, o aborto, o comunismo, a derrubada da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes asserções? Não, pois basta remeter ao estudo da Doutrina, à leitura do que ela ensina, e é o que se faz em toda parte."

Adiante, Kardec considera que as opiniões acima, de alguns membros do clero, são pessoais, não esposadas por muitos padres, sendo do seu conhecimento a existência daqueles que até deploram tais desvios. Como essas opiniões individuais se contradizem entre si, não podem fazer lei. "Assim, enquanto um declara que todos os Espíritos manifestantes são necessariamente maus, pois que desobedecem a Deus comunicando-se, outro reconhece que há bons e maus Espíritos, mas somente os bons vão à igreja, e os maus, ao povo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher, outro o censura por elevá-la ao nível dos direitos do homem; um pretende que ele "arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais", outro, o padre Marouzeau, reconhece que ele destrói o materialismo."

Kardec acha, afinal, que tudo isso serve à causa do Espiritismo, pois o que se vê é o aumento de adeptos, para desespero dos adversários.

Em 8 de janeiro de 1863, o folhetim da "Presse" publicou o artigo intitulado "Ciências", extraído do "Salut Public de Lyon", e também reproduzido por "Gironde", de Bordéus.

O artigo se refere a um trabalho que o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lião, lera recentemente na Sociedade de Ciências Médicas dessa cidade, descrevendo seis casos de loucura, dita aguda, por ele mesmo observados no hospital de Antiquaille, casos esses que relacionou às práticas espíritas. E o Sr. Burlet, sem mais nem menos, concluiu, do alto de sua autoridade de interno, que "o Espiritismo pode tomar lugar na linha das causas mais fecundas de alienação mental".

Ponto por ponto, Kardec (RS, 1863, pp. 53/59) responde ao artigo que procurava levantar as autoridades e a opinião pública contra o Espiritismo. Demonstra que a doutrina espírita, longe de constituir-se em causa de aumento dos casos

de loucura, é, antes, causa atenuante, que contribui para diminuir o número de casos devidos às causas ordinárias mais comuns. Resta saber, diz ele, se todo alienado que fala de Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo, pois houve vários casos em que ficou provado que ou os doentes haviam tido pouco ou nenhum conhecimento de Espiritismo, ou que já tinham tido, muito antes, acessos de loucura, não se falando dos casos de obsessão ou subjugação, que se confundem com a loucura.

RS, março, 1863 — "Neste momento, processa-se uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo, como nos fora anunciado. De diversos lados nos chamam a atenção para escritos, discursos e até mesmo atos de violência e de intolerância. Todos os espíritas devem rejubilar-se com isso, pois é prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto alvoroço por causa de uma mosca que voa?" (P. 69.)

"A calúnia é, sem contradita, arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre aquele que dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a mais forte prova de quem não tem boas razões a dar, porque, se as tivesse, certamente as faria valer. Dizei que uma coisa é má, se tal é vossa opinião; gritai-o dos telhados, se vos parece bem: cabe ao público julgar se estais em erro ou com a verdade. Mas, desfigurá-la para apoiar vossos sentimentos, desnaturá-la, é indigno de todo homem que se respeita. Nas críticas de obras dramáticas e literárias, é comum verem-se apreciações bem opostas. Um crítico elogia excessivamente o que outro mete a ridículo: é direito seu. Que pensar, porém, daquele que, para sustentar sua reprovação, fizesse o autor dizer o que não disse, e falsamente lhe atribuísse maus versos para provar que sua poesia é detestável?

"Assim é com os detratores do Espiritismo: por suas calúnias demonstram a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam dando a perceber a que deploráveis extremos são obrigados a recorrer para sustentá-la. Que peso pode ter uma opinião fundada sobre erros manifestos? De duas, uma: ou os erros são voluntários, e então está patente a má-fé; ou eles são involuntários, e o autor prova a sua inconseqüência falando do que não sabe. Quer num, quer noutro caso, perde todo o direito à confiança." (RS, 1863, pp. 71/72.)

Em 1863, pela primeira vez o clero da África se manifestou sobre o Espiritismo. Deve-se ao monsenhor bispo de Argel uma instrução pastoral, para a quaresma de 1863, na

qual o Espiritismo é tratado como obra do demônio e como a renovação do paganismo anterior a Moisés (!). Alguns excertos dessa pastoral foram estampados no "Akhbar", jornal de Argel, de 10 de fevereiro de 1863. (RS, 1863, p. 95.)

Em Tours suicidou-se um casal de velhos, e logo vários jornais incriminaram o Espiritismo como causa do lamentável fato, pois descobriram que o casal excêntrico se entregava ultimamente a evocações de Espíritos. Depois do rebuliço, ficou confirmado, inclusive por uma carta da mulher suicida, que o casal fora levado ao ato extremo pelo desespero na expectativa ante a miséria, ficando esclarecido que por três vezes, e antes que tratassem de Espiritismo, já tinham tentado o suicídio.

Diante de tudo isso, Kardec comenta: "O ardor dos adversários em recolher e, sobretudo, em desnaturar os fatos que crêem poder comprometer o Espiritismo, é verdadeiramente incrível, a ponto de, em breve, não mais haver um acidente sequer de que não o façam responsável." (RS, 1863, p. 121.)

Novas prédicas contra o Espiritismo voltaram a cair dos púlpitos das igrejas, com frases iguais a tantas outras, variantes do mesmo pensamento. Apelava-se agora para os magistrados, para a polícia correcional da Corte imperial, para o Supremo Tribunal em matéria criminal (*Cour d'assises*), de molde a enquadrar os espíritas como infratores e falsários. A coisa chegava a tal ponto, que raiava pelo ridículo. Assim é que deram até a idéia de postar um agente de polícia à entrada de cada grupo, a fim de interditar as reuniões espíritas (!).

Allan Kardec responde a todas essas investidas com aquela sua lógica e sabedoria de sempre, mas nem de leve se impressiona com essas ameaças, certo de que elas só resultariam numa coisa: o aumento do número de espíritas. (RS, 1863, pp. 142/148.)

Em 1863 saiu à luz, em Lião, a brochura "Du Spiritisme", sermão que o Rev. P. Nampon, da Companhia de Jesus, pregara na igreja primaz de São João Batista, na presença de Sua Eminência o cardeal-arcebispo de Lião, nos dias 14 e 21 de dezembro de 1862. O padre lançou uma série de injúrias aos espíritas, e ao analisar "O Livro dos Espíritos", contra o qual concentrou toda a sua cólera, procurou, em cada citação dessa obra, truncar e desnaturar as frases com o propósito malsão de realçar "o horror que deve inspirar essa abominável doutrina". Além disso, usou do processo, bastante co-

mum, de citar pequenos trechos, isolados e incompletos, com os quais formava falsa interpretação. Quanto a isto, Kardec escreveu: "É assim que, apanhando-se retalhos de frase de um autor, se poderia "enforcá-lo"; os mais sagrados autores não escapariam a essa dissecação."

Na conclusão de sua brochura, o Rev. P. Nampon escreve: "Em geral, nada é mais abjeto, mais degradante, mais vazio de fundo e de atrativo na forma que essas tais publicações, cujo êxito fabuloso é um dos sintomas mais alarmantes de nossa época. Destruí-as pois, nada tereis a perder."

Kardec lamenta o furor com que o atacam, ao qual — diz ele — "só faltam as grandes execuções da Idade Média". Após responder a várias diatribes do orador da igreja de São João Batista, apõe uma nota em que recomenda a todos a leitura da brochura do Rev. P. Nampon, fornecendo até os endereços dos locais em que era vendida, tanto em Lião, quanto em Paris, mas pede que também leiam em "O Livro dos Espíritos" e em "O Livro dos Médiuns" os textos *completos*, citados abreviadamente ou alterados na referida brochura. (RS, 1863, pp. 169/175.)

Em 1863, o "Théâtre du Chatêlet" e a Sala Robin, no Boulevard du Temple, ambos em Paris, levavam à cena peças fantásticas, fazendo aparecer no palco espectros e fantasmas impalpáveis, com o objetivo declarado de combater o Espiritismo. O Sr. Robin pretendia demolir também a Bíblia, afirmando que a aparição de Samuel a Saul se deu pelo mesmo processo que o seu (RS, 1863, p. 246), ao que Kardec aduz: "Nesse pé, sem dúvida foi também por meio de algum *truque* que Jesus apareceu a seus discípulos."

O Codificador lembra que o casal Girroodd, prestidigitadores americanos (do Canadá), simulara no palco certas manifestações espíritas, com a pretensão de matar os médiuns, e que, por isso, receberam adesões, estampadas em seus prospectos de propaganda, de vários padres e bispos espiritófobos.

"A arte cênica" — escreveu Kardec — "é a arte de imitação por excelência, desde o *poulet de carton* até às mais sublimes virtudes, mas não se segue daí que não se deva crer nos pintos verdadeiros nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, por sua extravagância, vai aguçar a curiosidade pública, e se repetirá em todos os teatros, pois que dará dinheiro. Talvez faça falar do Espiritismo mais ainda que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais se esforçarão em estabelecer."

"(...) pelo fato de se poder imitar uma coisa, não se segue que a coisa inexista; os falsos diamantes em nada tiram o valor dos diamantes puros; as flores artificiais não impedem que haja flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque se pode imitá-los, seria o mesmo que alguém, fabricando vinho da Champagne com água de Seltz pretendesse provar com isso que o champanha e o vinho espumoso de Aï só existem na imaginação. Jamais imitação foi mais engenhosa, mais hábil e mais espirituosa que a da dupla vista pelo Sr. Robert Houdin, e, entretanto, de nenhum modo desacreditou o sonambulismo; ao contrário, após terem visto a pintura, quiseram ver o original."

Allan Kardec deixa bem demonstrado que todas as imitações, através de truques cênicos, por mais perfeitas que sejam, não podem trazer nenhum prejuízo ao Espiritismo. São-lhe, ao revés, até úteis.

"Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, ressai daí um ensinamento grave e triste ao mesmo tempo: os que vêm do partido céptico ou materialista se caracterizam pela negação, pela zombaria mais ou menos espirituosa, por gracejos geralmente tolos e sem graça, ao passo que — é lamentável dizê-lo — nos ataques do partido religioso é onde se acham as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é do púlpito que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que foi publicado o ignóbil e mentiroso panfleto acerca do pretenso orçamento do Espiritismo. Dei algumas amostras na "Revue", e não disse tudo por deferência, e porque sei que todos os membros do clero estão longe de aprovar semelhantes coisas. É bom, entretanto, que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo." (RS, 1863, pp. 275/276.)

O bispo de Argel publicou, em 1863, uma brochura destinada aos senhores padres de sua diocese, sob este título: "Lettre circulaire et ordonnance sur la superstition dite Spiritisme".

Allan Kardec cita várias passagens na RS desse mesmo ano, acompanhando-as de refutações serenas e racionais, embora o bispo dissesse que o Espiritismo reduz a nada a responsabilidade moral e abra "caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades".

Como tantos outros, também o Sr. bispo apresentou como aceitas pelo Espiritismo certas doutrinas que na verdade nunca o foram. Isto fez que o Codificador se manifestasse assim:

"Quando deixarão de levar o Espiritismo a dizer o contrário daquilo que realmente diz?"

A carta pastoral, analisada nas pp. 336/346, termina com três artigos, no primeiro dos quais o bispo *ordena*: "A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é interdita a todos e a cada um na diocese de Argel."

Allan Kardec inicia sua crítica, dizendo: "É a primeira ordenação lançada com o propósito de interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. Ela é de 18 de agosto de 1863; esta data ficará assinalada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861, dia para sempre memorável do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Como os ataques, as críticas, os sermões nada produziram de satisfatório, quiseram dar um golpe pela excomunhão oficial." (P. 345.)

A pastoral do prelado produziu efeito contrário. Cresceu em Argel o número de espíritas, e formaram-se novos grupos, conforme várias cartas escritas a Kardec.

De uma pastoral do bispo de Strasbourg, o mestre cita na RS (1864, pp. 83/84) uma passagem concernente ao Espiritismo, em que o demônio — assinala o bispo —, "para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens", prossegue na sua obra de sedução através das manifestações espíritas.

Allan Kardec diz já haver discutido essa teoria clerical, achando supérfluo repetir-se. Lembra aos seus correligionários que se abstenham de recriminações aos antagonistas que ficarem no terreno da discussão teológica, "porque a liberdade de opinião deve haver tanto para eles quanto para nós". E continua:

"O Espiritismo não se impõe: aceita-se; dá suas razões e não acha mau que as combatam, desde que o façam com armas leais, e se permita ao bom senso público pronunciar-se. Se ele repousar sobre a verdade, triunfará, suceda o que suceder; se seus argumentos forem falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer que nele acreditem sob palavra; quer o livre exame. Faz-se a sua propaganda dizendo: Vede o pró e o contra; julgai o que melhor satisfizer ao vosso juízo, o que melhor responder às vossas esperanças e aspirações, o que mais vos tocar o coração, e decidi com conhecimento de causa."

O mestre aconselha, ainda, os espíritas a serem moderados na palavra, a fim de não incorrerem na inconveniência das

palavras, tão do gosto dos adversários. Declara-se, em nome dos princípios do Espiritismo e no interesse da causa, inimigo de toda polêmica agressiva e inconveniente, venha de onde vier. (RS, 1864, p. 84.)

Na RS de maio de 1864, pp. 152/155, Allan Kardec noticia que o clero tinha agora novo processo de ataque ao Espiritismo, sob a forma de cursos públicos. Cita o padre A. Barricand, deão da Faculdade de Teologia de Lião, que começara no *Petit-Collège* uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o Magnetismo e o Espiritismo; o padre Delaporte, professor da Faculdade de Teologia de Bordéus, igualmente com um curso de Espiritismo, isto é, contra o Espiritismo.

Kardec declara que eles estão no seu direito de discutir os princípios da Doutrina Espírita. "O que está fora do direito de discussão, são os ataques pessoais e, sobretudo, as alusões injuriosas e malevolentes; é quando, pelas necessidades da causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos daqueles que os defendem. Semelhantes processos são sempre uma prova de fraqueza e dão testemunho da pouca confiança que têm nos argumentos tirados da coisa mesma." (P. 152.)

O bispo de Langres, cidade do Departamento de Haute-Marne, numa carta pastoral aos fiéis, alinha uma série de conspirações das mais odiosas, perigosas e "mais satanicamente organizadas contra a fé católica": o protestantismo, as sociedades secretas, os filósofos racionalistas e anticristãos, o materialismo, as *sociedades espíritas*, etc., etc.

Por ocasião dessa pastoral, foi incluído num catecismo da diocese de Langres uma instrução acerca do Espiritismo, como assunto a ser tratado pelos alunos. A instrução começava assim: "O Espiritismo é obra do diabo, que o inventou. Abandonar-se ao Espiritismo é pôr-se em contacto direto com o demônio. Superstição diabólica! Deus permite, às vezes, essas coisas para reavivar a fé dos fiéis. O demônio faz-se de bom, faz-se de santo; cita palavras da Santa Escritura." E por aí vai, nesse diapasão, enxertando erros, mentiras, histórias engendradas, calúnias, em tudo fazendo sobressair a figura quase onipotente de Satã.

Kardec refuta a instrução acima (RS, 1864, pp. 180/185), achando que tudo isso serve para divulgar ainda mais o Espiritismo. "Os sermões" — conclui ele — "atuam sobre a geração que se vai; essas instruções dispõem a geração que

chega. Assim, faríamos muito mal em nos mostrarmos descontentes com elas." (P. 185.)

Allan Kardec (RS, 1864, pp. 205/211) comunica aos seus leitores acerca da campanha que certo jornal de Constantinopla empreendera contra o Espiritismo e seus adeptos nessa cidade. Toma conhecimento das respostas "dignas e moderadas" que os espíritas dali deram ao jornal, salientando o devotamento do Sr. B. Repos Filho, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla.

Na RS de setembro de 1864, pp. 264/276, Kardec reproduz, por extenso, em tradução para o francês, toda uma pastoral de S. Em.ª monsenhor Pantaleón Monserra y Navarro, bispo de Barcelona, cavaleiro grã-cruz da Ordem Americana de Isabel, a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

Datada de Mataro, a 27 de julho de 1864, ela se bate contra o Espiritismo, contra Kardec e "O Livro dos Espíritos", então traduzido na língua castelhana.

O mestre responde, ponto por ponto, a todas as argumentações do bispo de Barcelona, que, de boa ou má-fé, alinha uma série de inverdades sob a capa de Espiritismo. Tudo para ele são superstições anticristãs, são fábulas vãs, e só a Igreja, "legítima e infalível", está de posse de toda a verdade.

É pena não nos podermos alongar em transcrições da pastoral, mas eis aqui uma amostra: "Foi assim que se chegou a criar uma religião que, renovando os desregramentos e as aberrações do paganismo, ameaça conduzir a sociedade ávida do maravilhoso à loucura, à extravagância e ao cinismo mais imundo (*y al cinismo mas inmundo*)."

Kardec dá-lhe esta resposta: "Eis mais um príncipe da Igreja que proclama, em ato oficial, ser o Espiritismo uma religião que se cria. É aqui o caso de repetir o que já dissemos a esse respeito: Se algum dia o Espiritismo tornar-se uma religião, é a Igreja quem, primeiro, deu essa idéia. Em todo o caso, essa nova religião, suposto que venha a sê-lo, afastar-se-á do paganismo pelo fato capital de que ela não admite um inferno localizado, com penas materiais, enquanto o inferno da Igreja, com suas chamas, seus tridentes, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos pontiagudos que estraçalham os danados, e seus diabos que atiçam o fogo, é uma cópia ampliada do Tártaro." (RS, 1864, p. 267.) Ao término de sua pastoral, o bispo Pantaleón condena "O Livro dos Espíritos", cuja leitura proíbe a todos os diocesanos, sem exceção, e ordena que os fiéis entreguem aos padres os exem-

plares que lhes caírem nas mãos, a fim de que sejam a ele, bispo, remetidos "com toda a segurança possível".

O missionário da III Revelação duvida do êxito dessa proibição, ainda que na Espanha, e admira-se de que "pessoas instruídas ainda não compreendam a natureza e a força da idéia, crendo que podem barrar-lhe o caminho, como se barra um pacote de mercadorias na fronteira".

De Montauban comunicaram a Kardec que o pregador protestante, Sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, num discurso perante duas mil pessoas, se afirmara claramente partidário das idéias novas, o que levou os fanáticos a tachá-lo de *anticristo*. Sem mencionar a palavra Espiritismo, o pregador disse em certo trecho: "Por que então resistir mais tempo a esses nobres impulsos da alma e atribuir ao demônio os novos sinais dos tempos modernos? Por que não ver aí, antes, as inspirações dos mensageiros celestes de um Deus de amor e de caridade, a anunciar-nos a renovação da Humanidade?" (RS, 1865, p. 101.)

O Sr. Rewile teria posteriormente abordado, com êxito, em duas conferências ante os alunos da Faculdade, a questão das manifestações, respondendo vitoriosamente a todas as objeções.

O Codificador observa (p. 102) que, conforme tinham dito os Espíritos, o Espiritismo iria ter defensores nas próprias fileiras dos adversários. "Um tal discurso na boca de um ministro da religião, e pronunciado do alto do púlpito, é acontecimento importante." E ele prevê que as idéias espíritas não tardariam a arrebanhar campeões confessos na alta ciência, na literatura, na imprensa. "Está dito que tudo deve cumprir-se" — concluía Kardec. E, de fato, tudo se cumpriu!

Sob o título "Os dois espiões", Kardec dá conta a que ponto chegam os adversários no combate ao Espiritismo. (RS, 1865, pp. 179/187.)

Em S. Petersburgo (atual Leningrado), o jornal religioso "Doukhownaïa Beceda" estampa o relato que dois jovens de Moscou (mais tarde identificados como filhos de alto funcionário eclesiástico russo) fizeram de sua visita à Sociedade Espírita de Paris. Allan Kardec explica que eles se apresentaram ali, em novembro de 1864, "sob as aparências de homens da melhor sociedade, dizendo-se muito simpáticos ao Espiritismo, e que foram recebidos com as atenções devidas à sua qualidade de estrangeiros. Nada absolutamente, em suas palavras ou em suas maneiras, traía a intenção que os animava.

Era preciso que assim fosse, a fim de representarem o seu papel e cumprirem a missão de que estavam encarregados". Nunca se levou tão longe a calúnia, declarou Kardec, nem mesmo entre os adversários na França, cujos relatos, em matéria de Espiritismo, não primam pela exatidão.

Abusando da confiança que tinham procurado inspirar, introduzindo-se sob falsas aparências, chegaram a participar de uma das sessões particulares, com a presença do Codificador. O relatório por eles apresentado, "desfigurado e ultrajante", com cínicas e grosseiras injúrias, situa-os "abaixo dos espiões, porque os espiões, pelo menos, dão conta exata do que viram".

Kardec transcreveu vários trechos das cartas dos dois emissários do clero ortodoxo russo, atendo-se mais aos "erros materiais", o bastante para evidenciar a nenhuma fé que, sobre o resto, merecia o relatório deles.

Com inteligência e maldade, deixaram supor que se cobra a entrada nas sessões da Sociedade Espírita de Paris: "Dizem que ele toma cem francos por sessão." Ao que Kardec responde: "(...) mais de seis mil ouvintes, que foram admitidos nas sessões da Sociedade Espírita de Paris, desde a sua fundação, em 1º de abril de 1858, podem dizer se alguma vez um só deles pagou qualquer coisa como retribuição obrigatória ou *facultativa*; se até mesmo foi imposto, a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um livro sequer ou a assinatura da "Revue"."

Allan Kardec expõe (RS, 1865, pp. 187/191) a nova tática a que recorrem os inimigos do Espiritismo: a das manobras surdas. "Muitas vezes já tentaram, e ainda o farão, comprometer a Doutrina, compelindo-a por uma via perigosa ou ridícula, a fim de desacreditá-la. Hoje, é semeando sub-repticiamente a divisão, é lançando os fatos da discórdia que esperam introduzir a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar fraquezas verdadeiras ou simuladas e estabelecer a desordem entre os adeptos. Mas não são adversários confessos que agiriam assim. O Espiritismo, cujos princípios têm tantos pontos de semelhança com os do Cristianismo, igualmente tem seus Judas, para que ele tenha a glória de sair triunfante dessa nova provação." (RS, 1865, p. 188.)

Ao contrário dos adversários, ele não ocultava ao público os fatos que escritores e jornalistas opunham contra o Espiritismo, todos estes se gabando de lhe darem o golpe de misericórdia. Em seu artigo — "Novo e definitivo enterro do Es-

piritismo" (RS, 1866, p. 58), dá a conhecer aos seus leitores toda a fanfarronada do célebre ator inglês Sothem, que dizia obter, "sem que os Espíritos do outro mundo aí tivessem alguma participação", todo e qualquer fenômeno espírita, desafiando os Home e os espíritas do mundo inteiro a fazer alguma manifestação que ele não pudesse superar. Com isto, diziam, fora dado "o último golpe no Espiritismo".

Kardec não se impressionou. Fez várias considerações inteligentes e concluiu assim:

"O Espiritismo teve por adversários homens de real valor, de saber e inteligência, que contra ele empregaram, sem êxito, todo o arsenal da argumentação. Veremos se o ator Sothem se sairá melhor que os outros no propósito de enterrá-lo. Ele o estaria há muito tempo se repousasse nos absurdos que falsamente lhe atribuem. Se, então, depois de haverem matado a charlatanice e desacreditado as práticas ridículas, o Espiritismo ainda existe, é porque há nele algo de mais sério que não puderam atingir." (Pp. 60/61.)

Jules Claretie, famoso cronista, romancista e autor dramático, escreve no "Événement", de 26 de agosto de 1866, longo artigo intitulado "Toujours les Spirites!", no qual tenta pôr a ridículo as manifestações espíritas. Kardec faz apre-



A.-A. Claretie (*dit* Jules)
(1840-1913)

ciação do artigo e pouco se estende, porque, diz ele, "seria trabalho inútil refutar coisas que se refutam por si mesmas". (RS, 1867, pp. 24/26.)

Em pouco mais de treze páginas da RS de janeiro de 1868, Allan Kardec faz a crítica da obra do padre Poussin, professor no Seminário de Nice: "Le Spiritisme devant l'histoire et devant l'Église, son origine, sa nature, sa certitude, ses dangers".

Com sua lealdade costumeira, Kardec assim inicia:

"Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso. É, sem dúvida, uma das mais completas e mais bem feitas que conhecemos. É escrita com moderação e conveniência, e não se suja com os epítetos grosseiros a que nos habituaram a maior parte dos controversistas do mesmo partido. Nela, nada de discursos furibundos, nada de alusões ultrajantes: é o princípio mesmo que é discutido. Pode-se não estar de acordo com o autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas sejam de uma lógica contestável; dizer que, após haver ele demonstrado, por exemplo, com documentos nas mãos, que o Sol brilha de dia, é sem razão concluir que o deva fazer de noite, mas não se lhe censurará a falta de urbanidade na forma." (Pp. 5 e 6.)

"O padre Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; virtualmente lhes prova a existência mediante fatos autênticos que cita, por ele colhidos, aqui e ali, na história sagrada e na história pagã." "Entretanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos e de origem divina, em certos casos, e diabólicos em outros." (Pp. 6 e 7.)

"O Sr. padre Poussin reconhece duas coisas: 1º, que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2º, que prestou à Igreja o serviço de deitar por terra as teorias materialistas do século XVIII." (P. 10.)

"O Sr. padre Poussin escreveu seu livro com o propósito — diz ele — de premunir os fiéis contra os perigos que sua fé pode correr, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais esta fé está assentada, já que ela pode ser abalada tão facilmente." (P. 14.)

Após vários comentários à obra, Kardec declara: "O Espiritismo não teme a luz; ele a reclama em suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente e pela razão. Longe de temer, para a fé dos espíritas, a leitura das obras que o com-

batem, o Espiritismo diz: Lede tudo, pró e contra, e escolhei com conhecimento de causa. É por isso que assinalamos à atenção dos espíritas a obra do padre Poussin." (P. 14.)

"Quando uma coisa é verdadeira e o tempo de sua eclosão é chegado, ela caminha, suceda o que suceder. O poder de ação do Espiritismo é atestado por sua expansão persistente, malgrado os poucos esforços que faz para se espalhar. É fato indubitável que *os adversários do Espiritismo consumiram mil vezes mais forças para abatê-lo, sem o conseguir, do que seus partidários empregaram para propagá-lo.* Ele avança, por assim dizer, sozinho, semelhante a um curso dágua que se infiltra pelas terras, abre caminho à direita se o retêm à esquerda, e pouco a pouco mina as rochas mais duras e acaba por abater montanhas.

"Um fato notório é que, *em seu conjunto*, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhuma interrupção. Ela pode ser entravada, comprimida, retardada em algumas localidades, por influências contrárias; mas, como dissemos, a corrente, barrada num ponto, abre passagem por cem outros; em vez de fluir volumosa, divide-se numa porção de filetes." (RS, 1867, p. 3.)

"A data de 1º de maio de 1864" — escrevia o Codificador (RS, 1864, p. 191) — "ficará assinalada nos anais do Espiritismo como a de 9 de outubro de 1861; ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index*, concernente às nossas obras sobre Espiritismo. Se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo."

Kardec diz que essa medida da Igreja, uma das que já esperava, só traria bons efeitos, e, segundo notícias por ele recebidas, a maioria das livrarias se apressaram em dar maior evidência às obras proibidas.

Informa, ainda, que, segundo o jornal "Le Monde", de Paris, de 22 de junho de 1866, a obra "La Pluralité des existences de l'âme", de Pezzani, acabava de ser colocada no *Index* pelas autoridades eclesiásticas de Roma. "Esta medida" — comentou — "terá inevitavelmente, como conseqüência, chamar a atenção para a questão e provocar-lhe o exame." (RS, 1866, pp. 214/215.)

Para aqueles que não sabem, damos a seguir um histórico muito resumido do a que chamam *Index librorum prohibitorum* (índice dos livros proibidos) pela Igreja Católica Romana. A "Grande Enciclopédia Delta Larousse" (volume 6)

e o "Dictionnaire Universel des Noms Propres — Petit Robert" (volume 2) divergem em alguns pontos. Mas, o essencial é que posteriormente a um primeiro catálogo geral publicado por ordem de Paulo IV em 1559, mais tarde suspenso por excessivamente severo, uma comissão designada pelo Concílio Tridentino (1562), formada por dezoito bispos, cuidou de sua preparação. Em 1564, Pio IV fazia publicar o *Index* do Concílio de Trento. A *Sagrada Congregação do Índice* foi criada por Pio V, em 1571, e reformada por Gregório XIII em 1572. Segundo a "Delta Larousse" (Rio, 1970), "constava de um prefeito e vários cardeais, cujo número dependia da vontade do papa. Até 1908 só se julgavam os livros denunciados. Como o *Santo Ofício* também tinha direito de censurar livros, por ser este um dos meios de defender a fé, Bento XV aboliu, em 1917, a Congregação, passando as atividades desta para o *Santo Ofício*. A última edição do Índice foi publicada em 1930, sob a autoridade de Pio XI". No entanto, o mencionado "Petit Robert" (edição de 1975) declara que ele teve 32 edições oficiais de 1564 a *1948*, sendo em 1966 decidido pela *Congregação para a doutrina da fé* que ele não mais seria reeditado. Segundo escreve a "Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura" (VERBO), volume 10, "abolida a inquisição em 1821, as referências no *Index Librorum Prohibitorum* passaram a constar, oficialmente, só do *Índice Romano da Congregação do Santo Ofício* e de raros documentos episcopais". O "Petit Robert" esclarece que "são proibidos, de maneira geral, as versões não autorizadas das Escrituras, os livros condenados anteriormente à criação do Índice, os livros dos heréticos que tratam de religião, as obras que expõem doutrinas opostas ao catolicismo (racionalistas, materialistas, deístas, ateístas, marxistas), as publicações imorais ou obscenas, etc. Acham-se entre os autores, dos quais uma ou mais obras foram postas no Índice, os seguintes (só reproduzimos alguns nomes da amostragem do dicionário "Petit Robert"): Abélard, d'Alembert, A. Arnauld, Bacon, Bayle, Boccace, G. Bruno, Calvin, Cardan, Condillac, Condorcet, B. Constant, Dante, Descartes, Diderot, Erasmo, Fénelon, Fourier, Galileu, Heine, Helvetius, Hobbes, V. Hugo, Hume, Hus, Jansenius, Kant, La Fontaine, Lamartine, Lamennais, Locke, Lutero, Melanchthon, Mercator, Milton, Montaigne, Montesquieu, Pascal, Quesnel, Quinet, Rabelais, Rousseau, Saint-Cyran, Sainte-Beuve, Spinoza, Voltaire, Wyclif, Zwingli".

Decididamente não poderia faltar num elenco destes o nome fulgurante de Allan Kardec e os de outros espiritistas notáveis.

Formou-se, em 1862, em Constantina (Argélia) a "Sociedade africana de estudos espíritas", sob os auspícios da SPEE. Ali os adeptos foram tristemente perseguidos pelo clero católico, pelos sacerdotes muçulmanos e pelos materialistas e céptico. Allan Kardec e o Espírito de Santo Agostinho os animam e os orientam por entre os espinhos.

"Como a zombaria se enfraqueceu contra a couraça do Espiritismo, mais servindo para propagá-lo do que para desacreditá-lo, seus inimigos ensaiam outro meio que, dizemo-lo com antecedência, não dará melhor resultado e provavelmente ainda fará mais prosélitos. Esse meio é a perseguição." Assim escrevia o Codificador em setembro de 1862, e passava a relacionar algumas violências sofridas pelos espíritas: Criaturas que foram ameaçadas de terem cortados seus meios de trabalho; adeptos marcados pela animadversão pública, que lançava sobre eles os moleques de rua; professores demitidos e reduzidos à miséria; reuniões impedidas sob o falso pretexto de que a lei proibia agrupamentos de mais de cinco pessoas; acusação de que se reuniam para conspirar contra o Governo, como sucedeu em várias localidades do departamento de Tarn-et-Garonne; utilização de toda influência — inclusive a calúnia — para arruinar os negócios administrados por espíritas; injúrias assacadas aos lares espíritas, atirando filhos contra pais; etc. Tal era o novo panorama antiespírita da época, tudo previsto pelos Espíritos. Contudo, como de outras inúmeras vezes, esses processos escusos resultaram em maior propaganda e, sem o querer, serviram à causa do Espiritismo. O tiro saíra pela culatra!

Na RS de junho, 1864, pp. 191/192, Kardec denuncia, com grande destemor, que sempre o caracterizou em seus pronunciamentos, a perseguição que oficiais superiores faziam, em certos regimentos, a subordinados espíritas, chegando ao ponto de formalmente proibirem que se ocupassem de Espiritismo. "Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro de propostas para a Legião de Honra, e outros que foram impedidos de sair do quartel, por causa do Espiritismo" — assim declarou Kardec (p. 191), aconselhando a esses perseguidos submissão à disciplina hierárquica e até mesmo abstenção de qualquer manifestação espírita exterior, se o fosse absolutamente necessário. Que ficassem pacientemente

à espera de melhores dias, que não tardariam — completava ele.

"Le Journal de Chartres", de 26 de maio de 1867, faz o relato de revoltante perseguição movida ao pedreiro espírita Grezelle, médium escrevente como seus dois filhos, na cidade de Illiers.

O Sr. Grezelle era de La Certellerie e ia a Illiers trabalhar na construção de um edifício. Quando entrava nesta última cidade, era maltratado por dezenas de garotos, seguidos de numerosa multidão que gritava impropérios ofensivos à própria dignidade humana. Muitas calúnias eram levantadas contra ele. Numa carta dirigida à redação do referido jornal, Grezelle declarou: "Para agradar, eu não saberia dizer preto quando vejo branco. Tenho convicções; o Espiritismo é para mim a mais bela das verdades. Que quereis? Querem fazer-me dizer o contrário do que penso, de tudo o que vejo, e, quando se fala de liberdade, caberia suprimi-la na prática?"

Allan Kardec investiga o caso com profundidade, para concluir pela perfeita honorabilidade do Sr. Grezelle, espírita cônscio de todos os seus deveres doutrinários. "Como temos dito" — finalizava seus comentários —, "as perseguições são o prêmio inevitável de todas as grandes idéias novas, que todas têm tido seus mártires. Aqueles que as suportarem, um dia serão felizes por haverem sofrido pelo triunfo da verdade." (RS, 1867, p. 208.)

Em 1868 ocorreu no Senado da França um debate provocado por duas petições: uma, de 1867, contra a biblioteca de Saint-Étienne; outra, de 1868, contra a biblioteca de Oullins (Rhône), assinadas por alguns habitantes daquelas cidades, e que reclamavam contra a introdução, naquelas bibliotecas, de certas obras, em cujo número figuravam obras espíritas.

Acontece que, de propósito ou não, a coisa tomou outro rumo, e o Sr. Genteur, conselheiro de Estado, denunciou em pleno Senado a existência de um *partido espírita*, e os jornais parisienses "Moniteur", "La Liberté", "Revue politique hebdomadaire", "Le Siècle", noticiaram em junho o fato desenrolado no Senado, alguns deles assinalando a ameaça desse novo partido para a sociedade francesa e sua possibilidade de "abalar as instituições do império".

Os membros do Senado pronunciaram-se contra as petições daquelas duas cidades, mas tal confusão houve, que todos concordaram que o tal partido espírita seria vencido.

Kardec (RS, 1868, pp. 208/214) faz vários e interessantes comentários, dos quais respigamos estes:

"Não tendo podido sufocá-lo (o Espiritismo) sob o ridículo, ensaiam apresentá-lo como um perigo para a tranqüilidade pública." (P. 211.)

"Surpreende que homens que fazem profissão de liberalismo, que reclamam insistentemente a liberdade, que a querem absoluta para suas idéias, seus escritos, suas reuniões, que estigmatizam todos os atos de intolerância, entendam proscrevê-la para o Espiritismo." (P. 212.)

Nas pp. 394 a 397 da RS de 1868, há um relato sobre o que sucedeu à revista "El Criterio Espiritista", de Madrid. Logo que saiu o primeiro número, o governo espanhol, pela seção de imprensa, informou à Sociedade Espírita Espanhola que a revista devia ser examinada e aprovada pela censura eclesiástica. Como era natural, a censura foi desfavorável e o governo proibiu a publicação da revista.

Como o nó da proibição era o título, a referida Sociedade substituiu-o na revista, e ela foi então publicada com o nome: "El Criterio, revista quincenal científica". Só um ano depois, com o novo governo espanhol, é que foi possível repor o nome antigo: "El Criterio Espiritista". Vencera o Espiritismo!

O AUTO-DE-FÉ, DE BARCELONA

Desde o começo do século XIX, o absolutismo e o liberalismo viviam, na Espanha, em constantes lutas entre si. A Igreja ora ganhava, ora perdia privilégios. A negra Inquisição, ali existente desde 1481, era abolida e restabelecida, até que o movimento revolucionário de 1820, contra o qual se opunha o clero, a suprimisse definitivamente. Dirigido pela Junta apostólica, o partido dos tonsurados suscitava várias insurreições a favor de D. Carlos, o representante do absolutismo extremo e do clericalismo escravizante.

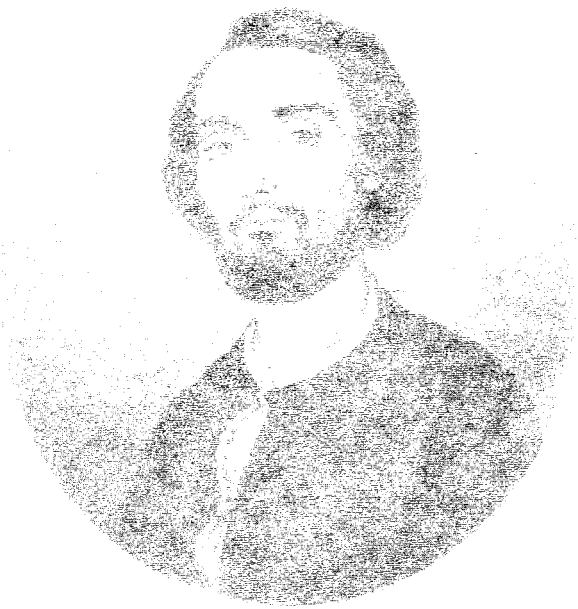
O grande povo de Barcelona, capital do antigo Principado de Catalunha, participava ativamente do movimento nacional contra a cegueira ultramontana. As revoluções se sucediam, sempre com a classe clerical mancomunada com as forças absolutistas. Por volta de 1834, o povo oprimido praticava uma série de autos-de-fé. Turbas de homens ensandecidos, com machado em uma das mãos e tocha incendiária na outra, assaltavam, furiosos, mosteiros e templos, matando

padres e freiras. Pouco mais tarde, em nome da Concordata de 1851, impunha-se a intolerância religiosa às Constituintes. E os anos corriam...

Em 1861, justamente no ano em que saía a lume, na França, "O Livro dos Médiuns", era posta à venda, na Espanha, notável síntese da doutrina kardequiana na célebre "Carta de un espiritista a don Francisco de Paula Canallejas", ilustre escritor espanhol, futuro membro da Academia de Letras. Alberico Perón (Enrique Pastor), conhecidíssimo nos círculos filosóficos e literários como ardoroso discípulo de Allan Kardec, foi o autor da citada Carta, que produziu grande sensação. Mas, mesmo que Alberico Perón houvesse escrito centenas de cartas semelhantes e as distribuísse a torto e a direito, talvez não conseguisse a retumbância que teve o "auto-de-fé".

O famoso escritor e editor francês Maurice Lachâtre, a quem se deve a autoria da "História dos Papas" (10 volumes) e da "História da Inquisição", achava-se refugiado em Barcelona, "*albergue de los extranjeros*", condenado que fora a cinco anos de prisão pelo regime absolutista de Napoleão III, por ter editado o célebre "Dicionário Universal Ilustrado". Naquela cidade, onde permaneceria até 1870, ele fundou uma livraria. Profundo admirador de Allan Kardec, cujo nome e obra enalteceria no primeiro volume do seu "Novo Dicionário Universal" (1865) e a cujos ideais se unira, solicitara dele uma certa quantidade de obras espíritas, para expô-las à venda e propagar, assim, a Nova Revelação. "A Doutrina Espírita, tal como ressalta das obras de Allan Kardec" — declarava Lachâtre —, "encerra em si os elementos de uma transformação geral das idéias, e a transformação nas idéias conduz forçosamente à da sociedade. Assim considerando, ela merece a atenção de todos os homens progressistas. Já se estendendo a sua influência a todos os países civilizados, ela dá à personalidade do seu fundador uma importância considerável, e tudo faz prever que, em futuro talvez próximo, ele será consagrado como um dos reformadores do século XIX."

As obras remetidas a Lachâtre, em número de trezentas, foram expedidas em duas caixas, com todos os requisitos legais indispensáveis. Na Alfândega de Barcelona, cidade que Cervantes qualificou de "*archivo de la cortesía*", as caixas de livros foram inspecionadas, cobrando-se do destinatário os direitos alfandegários de praxe. A liberação estava prestes a ser dada, quando uma ordem superior a suspendeu, com a



Maurice Lachâtre
(1814-1900)

declaração de que se fazia necessário o consentimento expresso do bispo de Barcelona, Antonio Palau y Termens. Este se achava ausente da cidade. À sua volta, foi-lhe apresentado um exemplar de cada obra. Não precisou muito tempo para que ele concluísse pela perniciosidade de tais livros, logo ordenando que fossem lançados ao fogo, por serem "imorais e contrários à fé católica".

Reclamou-se contra esta sentença, em frontal desacordo com as leis do país, as quais poderiam, no máximo, proibir a circulação daquelas obras, não havendo, porém, nenhum artigo que justificasse a sua destruição pelo fogo. Na ocasião, Kardec achou que o caso, a seu ver, "levantava grave questão de direito internacional", pois havia uma permissão legal-

mente solicitada. E perguntava "se a destruição dessa propriedade, em tais circunstâncias, não era um ato arbitrário e contra o direito comum". Pediu-se ao Governo que, em vista de não se permitir a entrada desses livros na Espanha, pelo menos consentisse na sua reexpedição ao país de origem. Por absurdo que pareça, isso foi recusado, apresentando o bispo — homem de ampla cultura, doutor em Teologia, catedrático do Seminário de Barcelona, cônego magistral de Tarragona, e autor de várias obras religiosas — esta alegação medieva: "A Igreja Católica é universal, e, sendo esses livros contrários à moral e à fé católica, o Governo não pode permitir que eles pervertam a moral e a religião dos outros países."

Os livros foram confiscados pelo Santo Ofício, que tomou a si o poder absoluto de juiz e carrasco, sem sequer reembolsar o proprietário no que dizia respeito aos direitos aduaneiros.

Allan Kardec — declarou Henri Sausse — teria podido agir por via diplomática, levando o Governo espanhol a devolver as obras. Mas os Espíritos dissuadiram-no disso, aconselhando que seria preferível, para a propaganda do Espiritismo, deixar essa ignomínia seguir o seu curso.

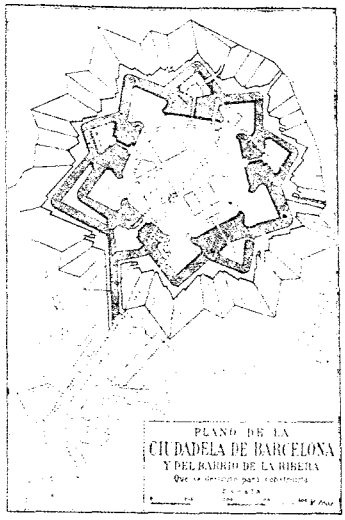
9 de outubro de 1861! À esplanada da Cidadela de Barcelona, de triste memória, verdadeira cópia da Bastilha de Paris, erguida no mais florescente bairro da cidade, o de La Ribera, já pela manhã o povo afluía para assistir ao auto-de-fé das publicações espíritas incriminadas pela Igreja. Essa odiosa Cidadela espanhola, de forma pentagonal, com cinco baluartes e rodeada de fossos sobre os quais se lançavam pontes levadiças, fora mandada construir pelo rei Filipe V, em 1716, no terreno ocupado por 1.262 casas, cuja demolição ele ordenara, após a sua entrada triunfal na cidade semidestruída.

Na imensa fortaleza, que pelos tempos a fora sufocara nas prisões de sua famigerada Torre de Santa Clara, ou suprimira pelo cutelo e pela forca, os gritos de liberdade de milhares de barcelonenses, ia ser coroada a obra nefasta de Filipe V.

O efeito que tal acontecimento produzia nos assistentes era de estupefação em uns, de riso em outros e de indignação entre o maior número. Às palavras de aversão àquele ato arbitrário, partidas de mais de uma boca, misturavam-se as zombarias e os ditos chistosos e mordazes dos que apenas queriam divertir-se.

PALAU Y TERMENS (ANTONIO). *Biog.* Prelado español, obispo de Barcelona, n. en Valls (Tarragona) en 1806 y m. en 1861. Estudió en el Seminario conciliar de Barcelona, cursó matemáticas en Cervera, y filosofía y teología en Tarragona. Presbítero en 1831, se graduó de bachiller y licenciado en teología en Cervera. Tomó parte activa en los trabajos de la *Obra de la Propagación de la Fe;* fundó la *Revista Católica,* que dirigió once años, y en 1858 el *Boletín Eclesiástico de Barcelona.* Fué catedrático en el Seminario de Barcelona, canónigo magistral de Tarragona, obispo de Vich en 1854 y después de Barcelona (1857), cuya sede ocupó hasta su muerte. Contribuyó al establecimiento de la *Librería religiosa,* comenzada á publicar en Diciembre de 1848, y entre sus producciones figuran: *Novena en obsequio y adoración de Jesús Sacramentado* (1830), *Memoria sobre la obra de la propagación de la fe á favor de las misiones católicas en ambos mundos* (1840), *Observaciones sobre la importancia de la educación del bello sexo por las religiosas* (1840), *La Revolución, el Gobierno y las monjas* (1850); *Historia contemporánea de los padecimientos y triunfos de la Iglesia de Jesucristo,* etc.

Bibliogr. Sebastián Puig, *Episcopologio de Barcelona* (Barcelona, 1917).



Verbete biográfico *Palau y Termens (Antonio)* e *Plano de la Ciudadela de Barcelona,* segundo a "Enciclopédia Universal Ilustrada Espasa", tomos XLI, p. 135, e XIII, p. 571

De acordo com a descrição que Allan Kardec recebeu de Barcelona, a inquisitorial cerimônia se efetuou com toda a solenidade do ritual do Santo Ofício, às 10h30m, justamente no local onde eram executados os criminosos condenados à pena de morte.

Trezentos volumes espíritas substituíam os "hereges" que a Igreja já agora não podia queimar vivos, "hereges" que, no passado, "perfumavam a atmosfera com os aromas dos ossos torrados". Empilhavam-se, silenciosas e impassíveis, as seguintes publicações francesas: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O que é o Espiritismo", todas de Allan Kardec; coleções da "Revue Spirite", dirigida e editada por Allan Kardec, e da "Revue Spiritualiste", redigida por Piérart; "Fragmento de sonata", ditado pelo Espírito de Mozart ao médium Sr. Bryon-Dorgeval; "Carta de um católico sobre o Espiritismo", pelo Dr. Grand, antigo vice-cônsul de França; "História de Joana d'Arc", ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, de 14 anos de idade; e, por fim, "A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta", do barão de Guldenstubbé.

Presidiu àquele espetáculo de fanatismo um padre revestido dos trajes sacerdotais próprios para o ato, tendo numa das mãos uma cruz, e na outra uma tocha. Acompanhavam-no um notário, encarregado de redigir a ata do auto-de-fé; o ajudante do notário; um funcionário superior da administração aduaneira; três serventes (*moços*) da Alfândega, incumbidos de atiçar o fogo; e um agente da Alfândega representando o proprietário das publicações que o bispo condenara ao batismo do fogo.



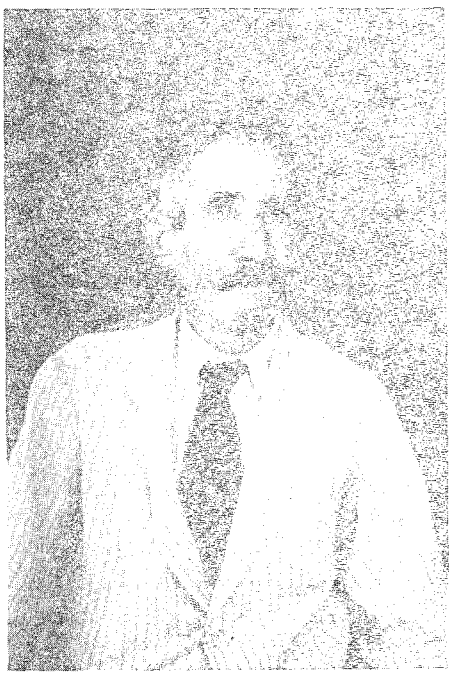
Gravura da época, mostrando a queima de livros e periódicos espíritas

A grande multidão, que atravancava os passeios e enchia a vasta esplanada onde se levantara a pira ardente, assistia, espantada, àquele ridículo processo que o século não mais comportava, e, quando o fogo acabara de consumir os trezen-

tos volumes, e o padre, com seus auxiliares, se ia retirando, essa mesma multidão cobriu-os com assuadas e imprecações, aos gritos de — "Abaixo a Inquisição!"

Um certo capitão Lagier, comandante do grande vapor "El Monarca", teve a oportunidade de presenciar aquele auto-de-fé, e conta ele que, ao ver muitas pessoas se acercarem da fogueira extinta e recolherem parte das cinzas e algumas folhas não inteiramente destruídas, com o objetivo de conservá-las como testemunho da violência clerical, não pôde conter-se e exclamou em alta voz: "Eu vos trarei, na próxima viagem de Marselha, todos os livros que quiserdes." E dessa forma, através dos navios que freqüentemente aportavam em Marselha, muitos exemplares das obras de Kardec entraram na Espanha, vendidos ou distribuídos gratuitamente pelos comandantes e subordinados.

Kardec disse ter recebido um punhado daquelas cinzas históricas, nas quais ainda se via um fragmento de "O Livro dos Espíritos", havendo sido ainda presenteado com uma aquarela, feita *in loco* por um distinto artista, representando a cena do auto-de-fé. As cinzas e os restos de folhas quei-



Bernardo Ramón Ferrer, quando jovem, assistiu ao último auto-de-fé

madas, ele as conservou numa urna de cristal, que foi destruída pelos nazistas na Segunda Grande Guerra.

Com a gravidade, a clareza e a concisão que lhe eram peculiares, o insigne Codificador do Espiritismo escreveu, na RS, de 1861, admirável artigo a propósito desse auto-de-fé, muito sensatamente ponderando:

"Se examinarmos este processo sob o ponto de vista de suas conseqüências, desde logo vemos que todos são unânimes em dizer que nada podia ter sido mais útil para o Espiritismo. A perseguição foi sempre vantajosa à idéia que se quis proscrever; por esse meio exalta-se a importância da idéia, chama-se a atenção para ela, e faz-se que seja conhecida daqueles que a ignoravam. Graças a esse zelo imprudente, todos na Espanha ouvirão falar de Espiritismo e quererão saber o que ele é, e isto é o que desejamos.

"Podem queimar livros, mas não se queimam idéias; as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de extingui-las. Ademais, as idéias estão no ar, e não há Pireneus bastante elevados para detê-las; e quando é grande e generosa uma idéia, encontra milhares de corações dispostos a almejá-la. Façam o que quiserem, o Espiritismo já possui numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas dessa fogueira as multiplicarão. Não é só na Espanha, porém, que se obterá esse resultado: os efeitos da repercussão do fato o mundo inteiro os sentirá."

Concluindo, o mestre lionês proclamou:

"Espíritas de todos os países! não olvideis esta data de 9 de outubro de 1861. Ela ficará memorável nos fastos do Espiritismo, e que seja para vós um dia de festa, não de luto, porque constitui o penhor do vosso próximo triunfo!"

Na França, o auto-de-fé das obras espíritas pareceu aos olhos de muitos tão inconcebível naquela época, que certos jornais, às primeiras notícias vindas da Espanha, chegaram, a princípio, a pô-lo em dúvida. Outros, entretanto, como "Le Siècle" de 14 de outubro, levaram o caso, sério e lamentável sob qualquer aspecto, para o gracejo e a comicidade, havendo ainda os que dele se desinteressaram inteiramente, ou que apenas se limitaram a registrar o fato.

Na Espanha, contudo, a imprensa em geral profligou aquele bárbaro ato de cego fanatismo religioso, e apenas um que outro periódico o aplaudiu, como o "Diário de Barcelona".

Esta folha ultramontana, a primeira que noticiou a celebração do auto-de-fé, enodoou as suas colunas, ao dizer: "Os títulos dos livros queimados bastam para justificar a sua condenação; está no direito e no dever da Igreja fazer respeitar a sua autoridade, tanto mais quanto maior for a liberdade de imprensa, principalmente nos países que gozam da terrível praga da liberdade de cultos."

"La Corona", periódico também barcelonense, dissentindo do "Diário de Barcelona", sai a campo em defesa do livre-pensamento e fornece ao público extenso relato dos sucessos, afirmando que os partidários do Governo estavam mais desgostosos com o auto-de-fé do que aqueles que lhe faziam oposição.

Os dois trechos a seguir, extraídos do mencionado jornal, interpretam o desagrado da maioria do povo barcelonês, ante aquela reminiscência dos "*quemaderos*" da Santa Inquisição:

"Os sinceros amigos da paz, do princípio de autoridade e da Religião se afligem com essas demonstrações reacionárias, porque eles compreendem que às reações sucedem as revoluções, e sabem ainda que "quem semeia ventos só pode colher tempestades". Os liberais sinceros se indignam de semelhantes espetáculos dados por homens que não compreendem a Religião sem a intolerância, e a querem impor como Maomé impunha o seu Alcorão.

"Guardamo-nos de emitir opinião sobre o valor das obras queimadas. O que vemos é o fato, suas tendências e o espírito que revela. Daqui em diante, em que diocese se absterão de usar, senão de abusar, de um poder que, ao nosso juízo, nem mesmo o Governo o tem, se, em Barcelona, na liberal Barcelona, assim procederam?

"O absolutismo é bem sagaz: ele tenta dar um golpe de força em alguma parte; se é bem sucedido, atreve-se a mais. Esperamos, todavia, que os esforços do absolutismo serão inúteis, que quantas concessões se lhe façam não terão outro resultado que o de desmascarar o partido que, renovando cenas quais a de quinta-feira última, mais rápido se precipitará no abismo para onde corre cegamente. É o que depreendemos do efeito que esse auto-de-fé produziu em Barcelona."

Um dos grandes jornais de Madrid, em seu número de 19 de outubro de 1861, expressava-se dessa maneira, em longo artigo:



Cidade de Barcelona, há 40 anos, vendo-se, ao fundo e à esquerda, os jardins no local da antiga *Ciudadela*

"O auto-de-fé celebrado há alguns meses na cidade de La Coruña, onde foi queimada grande quantidade de livros à porta de uma igreja, havia causado em nosso espírito, e no de todos os homens de idéias liberais, tristíssima impressão. Mas é com indignação bem maior que foi recebida em toda a Espanha a notícia do segundo auto-de-fé, solenizado em Barcelona, nessa capital civilizada da Catalunha, no seio de um povo essencialmente liberal, a quem se fez tão bárbaro insulto, certamente porque nele reconheceram grandes qualidades."

Não só entre as criaturas encarnadas o auto-de-fé alcançou repercussão. Da Espiritualidade igualmente vieram vários comentários sobre o acontecimento, dados espontaneamente na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a que Allan Kardec presidia.

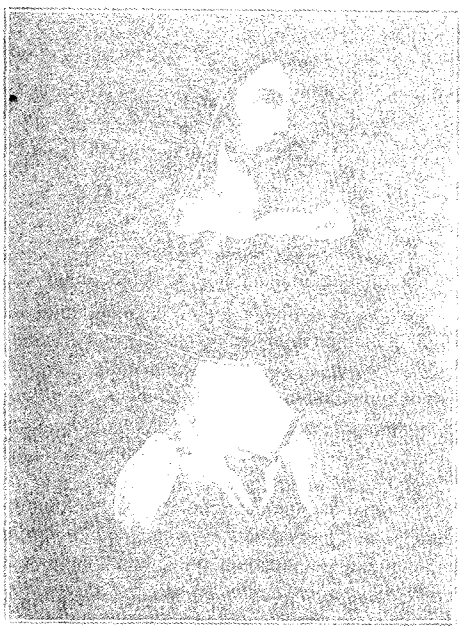
Um deles, assinado por um certo Dollet, que disse ter sido livreiro, afirmava, em certo ponto:

"Quanto mais perseguições sofrer o Espiritismo, mais velozmente esta sublime doutrina chegará ao seu apogeu", ter-

minando com estas palavras: "Tranqüilizai-vos; as fogueiras se extinguirão por si mesmas, e, se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive."

Outro Espírito, que se manifestou com o nome de S. Domingos, provavelmente o fundador da Ordem dos Dominicanos, explicava a importância daquela ocorrência para a propaganda do Espiritismo:

"Era preciso alguma coisa que sacudisse certos Espíritos encarnados, a fim de que eles se decidissem a ocupar-se dessa grande doutrina que há de regenerar o mundo."



São Domingos (Saint Dominique), cuja comunicação, dada espontaneamente, em Paris, a 19-10-1861, está em "Obras Póstumas" e na "Revue Spirite", novembro, 1861, p. 324

De ambos os lados da vida as inteligências mais perspicazes prenunciavam, como conseqüência do auto-de-fé, um impulso inesperado das idéias espíritas na Espanha e mesmo no mundo todo. Isso realmente sucedeu. A atenção de muita gente, que nunca ouvira falar de Espiritismo, convergiu para o "fruto proibido", sobretudo pela importância mesma que a Igreja lhe dispensava. "Que podiam, pois, conter esses livros, dignos das solenidades da fogueira?" E a curiosidade abriu, assim, para inúmeras mentes, um novo mundo até então delas desconhecido.

Como bem destacava Allan Kardec, ao se referir a essas perseguições, "sem os ataques, sérios ou ridículos, de que é alvo o Espiritismo, contaria este com um número dez vezes menor de adeptos". A Espanha não desmentiu essa observação do Codificador, e mais de um adversário reconheceu isso, deplorando o ato em que a Religião Católica nada teve a ganhar.

Precisamente nove meses após o auto-de-fé de Barcelona, que fora seguido por um outro, na cidade de Alicante, desencarnou, a 9 de julho de 1862, o Dr. Antonio Palau y Termens, o bispo que tentara consumir pelo fogo o ideal espiritista.

Esse príncipe da Igreja dias depois se manifestava inesperada e espontaneamente a um dos médiuns da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respondendo com antecedência a todas as perguntas que desejavam fazer-lhe, e antes que fossem enunciadas.

Entre outras, a comunicação contém esta bela passagem:

"Auxiliado pelo vosso chefe espiritual, pude vir instruir-vos com o meu exemplo e dizer-vos: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias entesouradas clamarão como a voz do anjo: "Caim, que fizeste do teu irmão? que fizeste do nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade?" O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que sua indolência e seu orgulho o fizeram esquecer. E essa voz terrível me disse: "Queimaste as idéias, e as idéias te queimarão."

. . . . . .

"Orai por mim; orai, porque é agradável a Deus a oração que a Ele dirige o perseguido a bem do perseguidor.

"O que foi bispo e que agora mais não é do que um penitente."

Sabendo que os desconhecedores da Doutrina Espírita e os adversários católicos achariam incrível essa transformação nas idéias do bispo, após seu ingresso na vida de além-túmulo, Kardec deixou-lhes esta resposta esclarecedora:

"O contraste entre as palavras do Espírito e as do homem em nada deve surpreender. Todos os dias vemos aqueles que,

após a morte, pensam diferentemente do que pensavam em vida, o que é prova de superioridade. Só os Espíritos inferiores e vulgares persistem nos erros e nos prejuízos da vida terrena." (RS, 1862, p. 233.)

Allan Kardec remeteu a mensagem completa a José Maria Fernández Colavida — a quem se deve a primeira tradução para o castelhano das obras fundamentais do Codificador e o estabelecimento da primeira livraria espírita de Barcelona —, avisando-o de que o Espírito do bispo, Dr. Palau, estaria presente quando ela fosse lida no Centro, o que de fato sucedeu, segundo a declaração dos médiuns videntes, muito especialmente a de um jovenzinho, que tinha excelente clarividência.

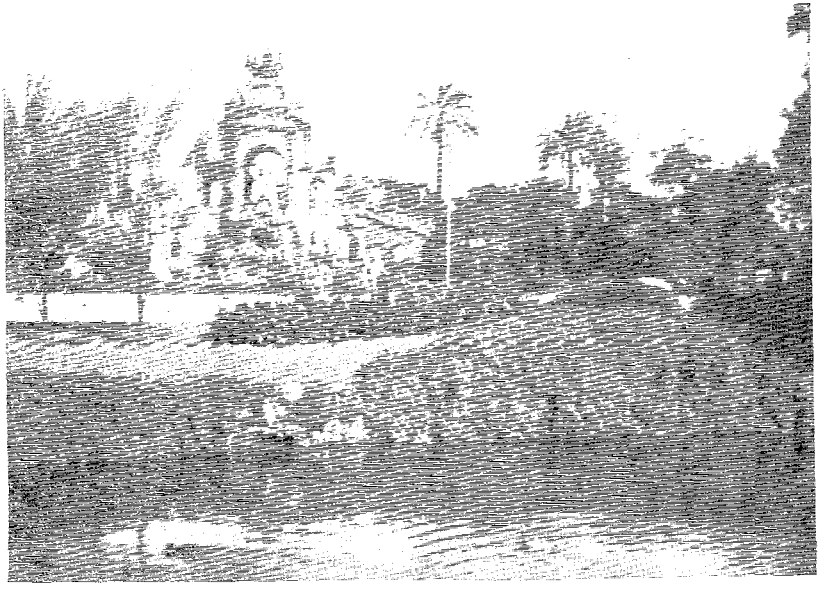
O bispo manifestou-se ali e, depois de incentivar a todos, profetizou que na Cidadela cedo se cultivariam jardins, os quais de certo modo apagariam as tristes recordações do lugar onde tantos crimes se perpetraram.

Anos mais tarde, em 1869, atendendo a instâncias do povo de Barcelona, o Governo decretava a demolição da velha fortaleza, em cujos terrenos foram construídos os belos jardins do Parque da Cidadela, ou Parque Municipal, que chegou a ocupar uma área de 307.667m^2. Sobre ele escreveu um cronista do século XIX:

"Cruzado por frondosos paseos, anchurosas glorietas, bosques de encantadora perspectiva, fuentes, lagos, cascadas, grutas, etc., es un maravilloso sitio de recreo, donde la magnolia y el álamo, el tilo y el geranio y el pino y el naranjo y mil variedades de flores y arbustos y gigantes árboles crecen y se desarrollan maravillosamente y con increíble profusión. En este Parque, donde todo es espléndido, donde todo es grandioso..."

Cumprira-se a profecia do Espírito do bispo! Do antigo conjunto de edifícios bélicos surgira belíssimo Parque, muito freqüentado pelas crianças e pelos velhos, e que foi, em 1888, pacífico recinto para célebre Exposição Universal.

Embora a Espanha continuasse oprimida pela mão forte do romanismo, que, inimigo declarado da liberdade e do progresso, não se cansava de granjear a animadversão pública para os espíritas, assoalhando pela imprensa, pregando de seus púlpitos que o Espiritismo não passava de uma doutrina malsã, inspirada pelo diabo, apesar de tudo isso, cresceu ali



Vista atual dos jardins do *Parque de la Ciudadela*

o número de adeptos, de todas as classes sociais, ampliando-se, de maneira bastante significativa, a propaganda, tanto que a Espanha chegou a ser, ainda no século XIX, a nação européia com maior abundância de periódicos espíritas e com a mais vasta bagagem de obras publicadas.

Aos infatigáveis e gloriosos pioneiros como Fernández Colavida, Manuel González Soriano, Manuel Sanz y Benito, Joaquín Bassols y Marañon, César Bassols, José Amigó y Pellicer, Joaquín Huelbes Temprado, Fernando Primo de Rivera, Salvador Sellés Gosálvez, Antonio Torres-Solanot y Casas, Manuel Ansó y Monzó, Amália Domingo Soler, Francisco Loperena, Miguel Vives e tantos e tantos outros venerandos discípulos de Kardec, se juntaram com o correr dos tempos os nomes não menos gloriosos de Antonio Hurtado y Valhondo, José de Navarrete y Vela-Hidalgo, Dámaso Calvet de Budallés, Facundo Usich, Quintin Lopez Gómez, Juan Torras Serra, Jacinto Esteva Marata, Jacinto Esteva Grau, López Sanromán, José Maria Seseras y de Battle e muitos mais, que com desassombro lutaram e sofreram para manter vivos os sublimes ideais da Terceira Revelação.

Em 1888, quis o destino que justamente a Barcelona, "cabeça e coração da Catalunha", onde se consumara o pri-

meiro auto-de-fé contra obras espíritas, coubesse a honra de celebrar o Primeiro Congresso Espírita Internacional, cuja alma principal foi o visconde de Torres-Solanot, a figura apostolar do Espiritismo na Espanha.

Por ocasião do quarto centenário do descobrimento da América, em 1892, realizou-se, agora em Madrid, o Terceiro Congresso Espírita Internacional, que, por ter sido organizado um tanto tardiamente, não pôde apresentar o brilho dos anteriores.

No domingo, 8 de outubro de 1899, os espíritas de Barcelona comemoraram o 38º aniversário do Auto-de-fé dos livros espíritas, dando, então, maior ênfase aos fatos consumados em 9 de outubro de 1861. Um banquete de 380 pessoas, com cem mendigos convidados, foi realizado nos belos jardins do Teatro Lírico, graciosamente cedidos pelo proprietário. Em seguida, houve um sarau literário e musical, a que assistiram seis ou sete mil pessoas. Eloqüentes discursos foram pronunciados por ilustres espiritistas espanhóis, entre outros as Sras. Carmen Pujol e Amália Domingo Soler, os Srs. Quintin Lopez, Miguel Vives, etc. Ainda nesse mesmo dia, o jornal "La Union Espiritista", de Barcelona, distribuiu 6.000 exemplares de um suplemento em que relatava o inominável abuso de poder, digno dos melhores tempos de Torquemada, cometido na mais liberal cidade da Espanha, e justamente na mesma praça onde tinham sido incinerados "Os Miseráveis", de Victor Hugo (RS, dezembro de 1899, p. 727).

Em setembro de 1932, a *Federación Espirita Española* dirigiu ao povo barcelonês longa mensagem de esclarecimento e, ao referir-se ao auto-de-fé de 1861, salientou:

"A Federação Espírita Espanhola diz hoje ao público de Barcelona, e ao de todo o mundo, que aquela fogueira histórica, em vez de prejudicar o Espiritismo, lhe fez um bem, qual o de lhe impulsionar, como que por um passe de mágica, o desenvolvimento, fato que podemos demonstrar, dando a conhecer que, se então apenas existiam nesta cidade dois ou três pequenos grupos espíritas, atualmente, em Barcelona e na província de que é ela a capital, se contam mais de vinte sociedades, devida e legalmente constituídas, e cerca de uma centena no resto do país."

A prova maior do progresso do Espiritismo na Espanha foi dada em 1934. Nesse ano, celebrou-se em Barcelona, no

grandioso salão do *Palacio de Proyecciones*, o 14º Congresso Espírita Internacional, o segundo verificado naquela cidade.

Grande repercussão junto aos meios católicos teve esse conclave, do qual participaram representantes espíritas de todas as partes do Mundo, inclusive representações do Governo da Catalunha e da Municipalidade de Barcelona.

Amadeo Colldeforns, deputado do Parlamento catalão, falando em nome do presidente da Generalidade de Catalunha, enalteceu o belo movimento de amor e fraternidade dos espiritistas, declarando, ainda, que à Humanidade se oferecia, através daqueles estudos, a demonstração clara e convincente da sobrevivência humana. Suas palavras finais, dirigidas a todos os congressistas, foram estas:

"Deus permita que possais conseguir grandes vitórias dentro desse campo de estudo e experimentação vastíssimo, e que estes triunfos vos facilitem o trabalho de emancipação espiritual da Humanidade. Eu vos auguro estes triunfos, porque caminhais acompanhados da ciência que vos faculta o controle e a demonstração desses fenômenos espíritas, demonstração científica essa com que podereis alcançar a vitória completa dos vossos ideais e das vossas humanitárias aspirações, contra a indiferença dos homens."

Triunfos foram realmente conseguidos em várias nações, especialmente no Brasil, onde o Espiritismo tomou um alento deveras surpreendente. Na Espanha, porém, aglutinaram-se as forças das Trevas para uma investida destruidora contra os alevantados ideais de paz e fraternidade, de liberdade e igualdade, pregados e exemplificados pelos espiritistas.

Aquela parte da Península Ibérica pouco depois do referido Congresso entrava num terrível período de lutas intestinas. Duas facções contrárias, respectivamente constituídas pela Frente Popular, de fundo socialista-comunista, e pela Falange Espanhola, de fundo fascista, dividiam a nação em 1936. Entrechocavam-se as forças da direita com as da esquerda. Irrompia uma nova "época do terror". Excessos de toda a sorte eram cometidos, tendo sido incendiadas e saqueadas dezenas de igrejas e centros religiosos, com o cruel assassínio de milhares de sacerdotes.

A guerra civil progride com inominável violência. Põe-se à frente da Falange Espanhola o "caudillo" Francisco Franco, com o apoio de todo o clero católico.

porém, "um livro imenso aberto nas alturas", conforme a feliz expressão do grande poeta alicantino, Salvador Sellés, o Espiritismo só aparentemente se detém ante o obscurantismo dos homens. Temos fé que chegará, mais cedo do que se espera, a sua hora de libertação, pois, como disse com sabedoria o nosso grande Rui Barbosa, "de todas as liber-



LA CORONA.

Periódico liberal.

NÚMEROS DIARIOS. 2

PRECIOS DE SUSCRICION.
En Barcelona al mes . . . . . 12 rs.
En provincias, 3 meses, franco de porte. 48 »
En el extranjero, id. id 60 »
Un número suelto. . . . . 1 »

Martes 16 de Octubre de 1861.

POR LA TARDE.

AVISOS Y COMUNICADOS.
Avisos. Los anuncios, línea. . 3 cuartos.
Los que no lo sean. . 6
Los comunicados á 1, 5, 10 y 20 rs. la línea.
Insercions ó no, pas se devuelven ningun escrito.

AÑO VIII.—NÚM. 166

Ferro-carriles de Cataluña.—Horas de salida de los trenes y su correspondencia con los ómnibus y diligencias.

Barcelona á Tarrdra.
A las 6, 8, 10 y 12 30, 2, 4 y 7 30, 9 noche.
Tarragona á Barcelona.
A las 7 y 11 30, 2, 5 y 8 30, 9 noche.

Barcelona á Martorell.
A las 6, 8, 10 y 12 30, 2, 5, 7 30, 9 noche.
Martorell á Barcelona.
A las 6, 8, 10 y 12 30, 2, 5, 7 30, 9 noche.

Barcelona á Mataró.
A las 6, 9 30, 1, 3 y 5, 8 noche.
Mataró á Barcelona.
A las 7, 11, 2, 5 y 8 noche.

Barcelona á Zaragoza.
Trenes ómnibus, á las 7, 2 y 5, 8 noche.
Zaragoza á Barcelona.
Trenes ómnibus, á las 7 y 12, 5 noche.

Tarragona á Mora.
Sale de Tarragona, 11 h. mañana.
Llega á Mora, 4 h. tarde.
Sale de Mora, 6 h. mañana.
Llega á Tarragona, 11 h. mañana.

Mora á Tarragona.
Sale de Mora, 2 h. tarde.
Llega á Tarragona, 7 h. noche.

Barcelona 15 de octubre.

En nuestro número correspondiente á la tarde del viernes último insertamos lo siguiente

Acto de fe.—Como á curiosos, creemos servir prestar á nuestros lectores, la noticia de que da el *Diario de Barcelona*, en su edicion de la mañana de hoy:

«Ayer tarde, á eso de las dos de la mañana, fueron ejecutados á presencia del público varios libros é impresos que habiendo merecido una desaprobacion rotunda de parte de la autoridad eclesiástica, fueron condenados al fuego en virtud de definitiva sentencia pronunciada en Madrid, que ha causado en aquellos fieles reposados el mas alto interes.»

¿Cuales eran esos libros, cuantos y á quien habian pertenecido; ¿Emanaba de Madrid la órden ó el viraz de la real han sido ejecutados? ¿Qué autoridad la dictó?

Que han sido entregados á las llamas en presencia del público, dice nuestro colega ¿Que público se sido ese que ha asistido á tan edificante espectáculo? ¿En dónde tuvo lugar ¿Se anunció oportunamente?

Cuantas cosas dudas, y puede á cuasi seguridad preguntar, que de seguro no ocurrirán á cuantos tengan á bien asistir de acto segundo acto del drama lastimoso poco há en la Corona.

Esperábamos que nuestro apreciable colega que había dado la noticia tuviese la bondad de satisfacer la natural curiosidad del público, altamente alarmado de semejante acto, impropio de los tiempos en que vivimos, y la nuestra; pero en vano hemos esperado ninguna clase de esplicacion.

A falta de otro mejor informe, hemos procurado adquirirnos del caso, y tenemos el sentimiento de decir que el hecho es exacto, que se efectó se celebró el *auto de fé* de que habla nuestro colega con las circunstancias siguientes:

El 9 de octubre, á las diez y media de la mañana, se personaron en la Explanada, en el sitio en que se ejecutaban antiguamente las sentencias de muerte, un señor secretario delegado del señor obispo; un notario para dar testimonio de la ejecucion: un visita de la aduana para certificar que los libros habian sido efectivamente destruidos por las llamas, como estaba dispuesto; un comisionado representante del propietario de las obras condenadas, y tres mozos encargados de alimentar la hoguera.

Los volúmenes que se entregaron á las llamas fueron trescientos y pertenecian á las obras siguientes:

Revue Spirituelle, directeur, Allan Kardec.

Revue Spiritualiste; directeur, J. Y. Piérrard.

La livre des Esprits, par Allan Kardec.

Le livre du Medium, par id.

Qu'est ce que le Spiritisme?

Fraccmel de Socate cité par l'Esprit de Mozart.

Histoire de Jeane d'Arc, écrite par elle même, par l'intervention de Nile. Ermance Dufau, nina de catorce años.

La Pneumatologie ou les preuves matérielles de l'existence directe et surnaturelle des esprits, par le baron L. de Guldenstube.

A estas obras, la mayor parte destinadas á esplicar por medios puramente naturales la quimérica existencia de los espíritus golpeadores, y de toda esa barahunda de diablotes y de fenómenos mas ó menos estrafalarios, que ya por efecto de una imaginacion exaltada, ya por actos verdaderamente reprobados se han dado á luz como efectos sobrenaturales, pertenecian los volúmenes entregados al fuego.

Los trámites que para llegar á ese resultado se han seguido, no pueden ser mas espeditivos ni mas eficaces. Se presentaron al estudio de la aduana de esta capital dichos libros; se dijo al comisionista que no podian despacharse sin el pase del señor obispo; el señor obispo estaba ausente, y cuando regresó se le presentó un ejemplar de cada una de dichas obras, y despues de haberlas leido S. S. I. ó haber dispuesto que se leyesen por personas de su confianza y haberse conformado con su dictámen, ordenó que fuesen condenadas al fuego por inmorales y contrarias á la fé católica. Se reclamó contra dicha sentencia y se pidió al gobierno que ya que no se permitiese la circulacion en España de dichos libros, á lo menos se le permitiese á su dueño esportarlos al punto de donde procedian; y hasta esto se ha negado, dando por razon, que atentó contra la moral y religion católica no podia consentir el gobierno que fuesen á perjudicar la moral y la religion en otros paises. Y mientras tanto el propietario ha tenido que pagar los derechos que parecia debian ser exigidos á un artículo que se destruye. Al auto de fé, segun se nos ha dicho, asistió una concurrencia inmensa, lo que nada tiene de estraño teniendo en cuenta la hora y el sitio de la ejecucion y, sobre todo, lo nuevo del espectáculo. El efecto que produjo en los asistentes, fué en unos de estupefaccion, en otros de risa, y de indignacion en no pocos, así que se enteraron de lo que pasaba. Palabras de escano salieron de mas de cuatro bocas, y fué necesario la burla y la chacota y los dichos agudos de muchos que veian con un placer sumo esa cegueda de ciertos hombres, porque, y es en ellos razon, ven en esa reaccion propia de los tiempos de la Inquisicion el triunfo mas pronto y mas completo de sus ideas, para que aquella operacion no terminase de un modo poco satisfactorio para el prestigio de la autoridad que con tanta y tan grande abnegacion se presta á estas agencias verdaderamente ridículas. Despues de enfrarse las cenizas de ese nuevo pecado [illegible] se advirtió que muchas personas de las que habian asistido, y de las que estaban de caso pasaban por los alrededores, se dirigian al lugar del auto de fé y recogian y guardaban parte de aquellas cenizas.

Así nos han referido los hechos de esa acontecimiento inaudito, como de otros muchos que tienen lugar en las grandes capitales, añade tenia noticia que se trataba de llevar á cabo, pero que despues, segun van pasando dias, segun va dando lugar á la reflexion, va adquiriendo colonales proporciones. Hoy es el dia en que no puede uno enterarse con ninguna persona en la calle sin que le hable de la quema de libros, sin que se lamente, se indigne ó se alegre de tal acontecimiento, segun su modo de ver las cosas. Los sinceramente partidarios de la paz, del principio de autoridad y de la religion se lamentan de esos alardes reaccionarios, porque ven que á la reaccion sucederán las revoluciones, y saben que el que sicubra vientos solo puede recoger tempestades. Los sinceramente liberales, los que han derramado su sangre ó han perdido su salud en defensa del trono legítimo y de la libertad, se indignan al considerar que tantos sacrificios hayan resultado á que se tener un gobierno que consienta que se dé al mundo semejantes espectáculos, y que son los preludios de otros de que la actual generacion no tiene memoria, pero á los que quizas van una aficion particular esos hombres que no comprenden la religion sin la intolerancia, y sin imponerla, como Mahoma imponia su Koran. Los que del entrenio del mal esperan el bien, los que, al parecer, escogen que la situacion actual ha estirunizado como base de gobierno, y medio de imperar el indiferentismo político y la inconsecuencia, van tambien que la sociedad española no está dispuesta á sufrir el pesado yugo del absolutismo, que algunos quisieran imponerle; esos, decimos, se alegran y celebran arranques inquisitoriales como el de que nos ocupamos.

Nosotros, sin embargo de que solicitados en parte con la opinion de los que confian en que el país no podria sufrir largo tiempo esos alardes absolutistas tomando una forma mas concreta, no podemos menos de deplorar el haber llegado á unos tiempos que nos hubiera parecido un suefio hace algunos años. Precisamente ahora de la clase de libros, prescindiendo de las calificaciones que se las hayan dado y solo nos limitaremos al hecho. ¿Se puede admitir la jurisprudencia de que el ordinario es una autoridad inapelable en cuanto á si un libro puede ó no publicarse y circular? Se nos dirá que la ley de imprenta señala lo que se ha de hacer en estos casos; ¿pero qué puede saberse de un gobierno que publica las circulares del señor ministro de gracia y justicia y de la gobernacion? La ley es una ley hecha bajo la influencia [illegible] y nos atrevemos á creer que es esencialmente, y esto basta para conocer sus tendencias.

¿Pero en esa ley se dispone que los libros, por malos y perniciosos que sean, puedan ser entregados á las llamas con esa aparato y esa publicidad? No encontramos en ella ningun artículo que pueda autorizar semejante acto.

Los que puedan tener alguna relacion, si bien indirecta, con el caso que nos ocupa, son el 6.°, el 7.° y el 97; pero en ninguno de ellos se habla de que se quemen, de que se dé ese espectáculo que tantas interpretaciones puede recibir.

Además, ¿ha habido publicacion so el caso presente? Un comisionista presenta unos libros á la aduana; porque se cree ó porque efectivamente sea: incluidos estos los que señala el artículo 6.° pasan al exámen del diocesano; el gobierno podia prohibir su circulacion y asunto concluido. Pero esta materia no pesa de reducir á una pira, á una farsa el acatamiento reprobensivo, so pena de hacerlo incompatible con la religion, como lo entienden los ses-católicos, no vemos otro remedio que el que los prelados se limiten á aconsejar á los fieles la abstencion de libros [illegible] cuyas lecturas, al las creen contrarias á la moral ó á la religion: pero de ninguna manera á darles esa potestad que en el mismo hecho de determinarse á ejercerla será cometiendo, creyendo á la santa hasta el fundamento de nuestra clase de gobierno, la libre discusion. Sobre si las obras reducidas á cenizas son ó no de ese género no nos guardaremos muy bien de emitir nuestra opinion; lo que nosotros vemos es el hecho, es el espíritu que revela, las tendencias que tiene. ¿En dónde, en qué provincia, en qué diócesis se atreverán no de usar ano de abusar, de facultades que, en nuestro juicio, si aun tiene el gobierno, si en Barcelona, en la liberal Barcelona, se hacen? El absolutismo se muy sagaz, empieza probando si podrá dar un golpe de autoridad en una parte; si sale bien, se atreve á mas. Hoy se queman los libros que condenados tumultuosamente por consejo de las conciencias; mañana los que se presenten al admedo en la aduana; otro dia se practicarán visitas domiciliarias para recoger los que les parezcan malos, y como de costumbre á la religion, se pueden hilvanar dando interpretacion á las palabras, hasta las ideas mas ortodoxas, vendremos á parar en que la libertad de imprenta es una mentira, y tendremos una verdadera inquisicion que una vez en ese camino no se parará en quemar libros.

Esperamos, sin embargo, que todos los esfuerzos del absolutismo serán inútiles; que todas las concesiones que tan inconsideradamente le hace el gobierno de la

Artigo de Roman de Lacunza no jornal barcelonês "La Corona", de 15/10/1861, acerca do Auto-de-fé das obras kardequianas

dades sociais, nenhuma é tão congenial ao homem, e tão nobre, e tão frutificativa, e tão civilizadora, e tão pacífica, e tão filha do Evangelho, como a liberdade religiosa".

O Espiritismo, na Espanha bela e nobre, está curtindo os amargos transes de um prolongado auto-de-fé. Quando nos horizontes ibéricos raiar a aurora da liberdade, qual Fênix renascida dentre as cinzas, o Espiritismo ressuscitará na valorosa terra de Cervantes, para novos vôos de gloriosa jornada emancipadora do espírito humano.

* * *

Este escrito foi publicado, pela primeira vez, em "Reformador" de outubro de 1961. Hoje, e após a morte do caudilho Francisco Franco e o restabelecimento das liberdades públicas na Espanha, cumpre-se a predição inscrita no final deste trabalho: o Espiritismo renasce na Pátria de Colavida, a espraiar-se pouco a pouco, bafejado do alento de Mais Alto, para as sublimes realizações do espírito eterno.

E para terminar este capítulo, ninguém melhor do que Allan Kardec o faria. Atentemos, pois, na sua palavra:

"(...) As labaredas da fogueira de Barcelona não subiram bem alto. Se ela renovar-se em algum lugar, guardai-vos de extingui-la, porque quanto mais elevar-se, mais, à semelhança de um farol, será vista de longe, e ficará na lembrança das idades. Não vos importeis com o que fazem, e em parte alguma opondes violência à violência; lembrai-vos que o Cristo disse a Pedro, de embainhar sua espada. Não imiteis as seitas que se denigrem mutuamente em nome de um Deus de paz, a quem cada uma evoca em auxílio de seus furores. A verdade não se prova com perseguições, mas pelo raciocínio; as perseguições têm sido, em todos os tempos, a arma das más causas e dos que colocam o triunfo da força bruta acima do da razão. A perseguição é mau processo de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco, jamais convencê-lo, porque, mesmo na adversidade em que o mergulharem, exclamará como Galileu na prisão: *e pur si muove!* Recorrer à perseguição é provar que pouco se confia no poder da lógica. Jamais useis de represálias: à violência oponde a doçura e uma inalterável tranqüilidade; aos inimigos devolvei o bem pelo mal. Por aí dareis um desmentido às suas calúnias, e os forçareis a reconhecer que vossas crenças são superiores à apreciação que fazem." (RS, 1863, p. 71.)

ATENÇÃO:
SEGUE-SE A ESTE
O VOL. III

Indice Antroponímico

Abélard — 290.
Abreu (Canuto Dr.) — 16, 76, 77, 109 e 202.
Abreu Filho (Júlio) — 243.
Adrien — 143 e 144.
Agostinho (Espírito de Santo) — 291.
Aksakof (Alexandre) — 43 e 97.
Alcan (Félix) — 103.
Alembert (d') — 290.
Almignana (abade) — 96.
Ambel (d') — 164 e 217.
André Luiz (Espírito) — 30, 89 e 98.
Arago (D.-F.-J.) — 57, 248 e 249.
Arc (Joana d') — 158.
Arnauld (A.) — 230 e 290.
Arthaud (Dr.) — 169.

B... (Sr.) — 143.
Babinet — 57, 60 e 246.
Bacon — 290.
Balteau (J.) — 101.
Barbosa (Rui) — 310.
Barricand (padre A.) — 266 e 283.
Barroux — 101.
Bartlett (Benjamim F.) — 54 e 55.
Bassols (César) — 306.
Battle (José Maria Seseras y de) — 306.
Baudin (família) — 64 e 124.
Baudin (Sr.) — 64 e 106.
Baudin (Srtas.) — 64, 72, 107, 108, 124 e 127.
Bayle — 290.
Bell — 52 e 54.
Benito (Manuel Sanz y) — 306.
Bernard (Claude) — 269.
Bernardin (Espírito) — 177.
Bertram (Sr.) — 176.
Bez (Aug.) — 166 e 167.
Bezborodko (condessa Kouchelew-) — 171.
Blackwell (Anna) — 15 e 63.
Boccace — 290.
Bodier (Paul) — 201 e 202.
Bonnamy (Juiz) — 244.
Boudet (Amélie) — 19.
Bouillant (Sr.) — 204 e 214.
Bouillant (Sra.) — 204.
Boyer (Jacques) — 103.
Bozzano (Ernesto) — 43.
Braga (Ismael Gomes) — 50.
Braid (Dr.) — 152.
Bréard (ver Collignon Emilie) — 176.
Bricout (J.) — 60.
Brito Farias — 66.
Brittan (Prof.) — 182.

Broca (Paul) — 148 e 151.
Bruno (G.) — 290.
Budallés (Dámaso Calvet de) — 306.
Buguet — 77 e 78.
Burlet (Philibert) — 277.
Burnier (Luiz) — 231.
Bush (Jorge) — 87.

C. M. — 265, 272 e 273.
Cahagnet (Louis Alphonse) — 85, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100.
Calígula — 80.
Calvin — 290.
Camargo (Romeu do Amaral) — 66.
Cardan — 290.
Cardone (Sra. de) — 126 e 127.
Carlos (D.) — 293.
Carlotti — 70 e 124.
Carnot — 130.
Casas (Antonio Torres-Solanot y) — 306.
Cervantes — 294 e 311.
César — 309.
Chalard (G. du) — 83.
Chavaux (Dr.) — 164.
Chesnel (François) — 265 e 267.
Chevreul — 57.
Chiara (Dr.) — 169.
Chopin (Frederico) — 145.
Cirne (Leopoldo) — 232.
Claretie (A.-A. dit Jules) — 266 e 287.
Cloquet (Jules) — 268.
Colavida (José Maria Fernández) — 305, 306, 309 e 311.
Colldeforns (Amadeo) — 308.
Collignon (Ch.) — 176.
Collignon (Emilie) — 166, 176, 177, 178 e 179.
Comettant (Oscar) — 265 e 268.
Condillac — 290.
Condorcet — 290.
Constant (B.) — 290.
Constant (Dr.) — 169.
Constel — 231.
Cook (E. Wake) — 90.
Copérnico — 186.
Costel (Sra.) — 146.
Courtet — 214.
Crookes (William) — 35.
Crouzet (J.-P.-L.) — 16.
Cura d'Ars — 153.

Dante — 290.
Daumier (Honoré) — 61.
Davenport (irmãos) — 166, 175 e 176.
Davis (Andrew Jackson) — 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 100 e 182.
Delanne (Gabriel) — 15, 16, 93, 95, 97, 202 e 232.
Delaporte (padre) — 266 e 283.
Deleuze — 148.
Demeure (Dr.) — 207 e 225.
Denis (Léon) — 15, 83, 226 e 232.
Dentu (E.) — 73.
Descartes — 117 e 290.
Deschanel (E.-A.-E.-M.) — 265, 274 e 275.
Deschanel (Paul) — 274.
Desqueyroux — 217.
Devans (Srta. de) — 145.
Diderot — 290.
Didier (Pierre-Paul) — 71, 84, 109, 143 e 145.
Dijoud — 214.
Dollet — 302.
Domingos, São (Saint Dominique) — 303.
Dorgeval (Bryon-) — 145 e 297.
Doyle (Arthur Conan) — 15, 55, 87, 88 e 89.
Drigin — 52.
Dufaux (Ermance) — 297.
Dumas (André) — 16.
Duplanty (Dr.) — 150.

Emmanuel (Espírito) — 120, 146 e 161.
Erasmo — 290.
Erasto (Espírito de) — 215 e 217.
Escande (A.) — 268.
Eslon (d') — 148.
Étienne (Espírito) — 177.

F... (viúva) — 225.
Faraday (Michaël) — 59.
Fénelon — 290.
Ferrer (Bernardo Ramón) — 299.
Figuier (Guillaume-Louis) — 265, 269, 270, 271 e 272.
Filipe V (rei) — 296.
Firman — 77 e 78.
Fishbough (William) — 87 e 92.
Flammarion (Camille) — 27.
Fontaine (La) — 290.
Forestier (Hubert) — 103.
Fortier — 62, 63, 124 e 150.
Fourier (Charles) — 131 e 290.
Fox (família) — 50.
Fox (irmãs) — 49, 53, 89 e 92.
Fox (John D.) — 50, 51 e 54.
Fox (Katie ou Kate) — 50, 51 e 52.
Fox (Margaretta) — 50 e 51.
Franco (Francisco) — 308, 309 e 311.
Franklin — 97.
Freitas (Antônio Wantuil de) — 232.
French — 182.

Galeno (Espírito) — 86.
Galileu — 58, 97, 186, 290 e 311.
Gall (Dr.) — 160.
Gandy (Georges) — 265 e 273.
Garnay (Hébert de) — 94.
Gasparin (conde de) — 57, 59 e 60.
Gassner (Jean-Joseph) — 157.
Genteur — 292.
Girroodd — 280.
Godu (Désirée) — 138 e 158.
Gómez (Quintin Lopez) — 306.
Gosálvez (Salvador Sellés) — 306.
Grand (Dr.) — 297.
Grau (Jacinto Esteva) — 306.
Gregório XIII — 290.
Grezelle — 292.
Guillaume (Sr.) — 213.
Guldenstubbé (barão de) — 145 e 297.
Gurney — 182.
Guyot — 231.

Hahnemann — 159.
Hallock (Dr.) — 183.
Heine — 290.
Helvetius — 290.
Hidalgo (José de Navarrete y Vela-) — 306.
Hillaire (Jean) — 166 e 167.
Hipócrates — 97.
Hobbes — 290.
Home (Daniel Dunglas) — 166, 171, 172, 173, 174 e 219.
Houdin (Robert) — 173 e 281.
Hugo (Victor) — 290 e 307.
Hume — 290.
Hus — 290.

Indermuhle (Srta.) — 146.

Jackson (W. M.) — 229.
Jacob — 166 e 170.
Janin (Jules-Gabriel) — 57.
Jansenius — 290.
Japhet (Srta.) — 69, 71, 72, 105 e 106.
Jaubert (T.) — 205.
Jean (**dit** Bahutier) — 179.
Jobard — 137, 148 e 246.
Joly (Henry) — 101 e 187.
Jourdan (Louis) — 131.

Kant — 290.
Kardec (Allan) — 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27,

28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 46, 55, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 302, 304, 305, 306 e 311.

Kardec, Allan (Mme.) — 17, 77, 78, 79 e 227.

Katie King (Espírito) — 35.

Kouchelew (conde) — 171.

Kratzoff — 256.

Lachâtre (Maurice) — 81, 294 e 295.

Lacordaire (J.-B.-Henri) — 131.

Lacoste — 217.

Lafontaine (Ch.) — 169.

Lagier (capitão) — 299.

Lamartine — 290.

Lamballe (Jobert de) — 60, 265 e 267.

Lamennais (F. R. de) — 66, 67 e 290.

Landois (Eugène) — 176.

Lapeyre (padre) — 265 e 275.

Lavater — 160.

Leçanu (abade) — 83.

Legouvé (Ernest) — 130.

Leibnitz — 117.

Leroux (Pierre) — 130 e 131.

Levent — 256.

Leymarie (Marina) — 16 e 78.

Leymarie (Paul) — 109, 110 e 201.

Leymarie (Pierre-Gaëtan) — 17, 71, 78, 109, 201, 207, 229 e 232.

Locke — 290.

Loperana (Francisco) — 306.

Lopez (Quintin) — 307.

Luce (Gaston) — 226.

Luís (Espírito de São) — 137 e 141.

Lutero — 290.

Lyon (Dr.) — 87.

M... (Sr.) — 207.

M... (Sra.) — 207.

Magalhães (Ivo de) — 236.

Maginot (Adèle) — 93 e 96.

Maguin (monsenhor) — 169.

Maison (La) — 219.

Marañon (Joaquín Bassols y) — 306.

Marata (Jacinto Esteva) — 306.

Marouzeau (padre) — 191, 192, 193, 194 e 277.

Marthèse (Tiedeman-) — 71 e 76.

Maurois (André) — 46 e 47.

Melanchthon — 290.

Menezes (Bezerra de) — 232.

Mercator — 290.

Mesmer (F.-A.) — 148 e 149.

Meyer (Jean) — 16, 110, 226 e 232.

Mialhe — 256.

Millet (Juiz) — 78, 79 e 149.
Milton — 290.
Miranda (Hermínio C.) — 15, 16 e 78.
Mirville (marquês de) — 57 e 59.
Moigno (abade) — 57.
Montaigne — 290.
Montesquieu — 290.
Monzó (Manuel Ansó y) — 306.
Moreil (André) — 15, 17 e 64.
Morhéry (Dr.) — 138 e 158.
Mozart — 145 e 297.
Mumler (William) — 141.

Nampon (reverendo P.) — 265, 279 e 280.
Napoleão — 109 e 121.
Napoleão (III) — 294.
Navarro (Pantaleón Monserra y) — 266 e 284.
Newton — 187.
Nichol (Srta.) — 142.
Nichols (Dr.) — 175.
Nicole — 230.
Normand — 204.

O... (conde de) — 168.
O... (Srta.) — 168.
Owen (Robert Dale) — 50.

Palau (Dr.) — 305.
Parisse — 256.
Pascal — 290.
Pâtier — 124 e 202.
Paulo IV — 290.
Pelicer (José Amigó y) — 306.
Perón, Alberico (Enrique Pastor) — 294.
Perroche — 168.
Pestalozzi — 18, 19, 70 e 230.
Pezzani — 289.
Piérart — 297.
Pio IV — 290.
Pio V — 290.
Pio IX — 174 e 290.
Pio XI — 309.
Pio XII — 309.
Pitágoras — 180.
Plainemaison (Sra.) — 64 e 124.
Platão — 101, 117 e 246.
Poe (Edgar Allan) — 87.
Potet (barão du) — 94, 95, 96 e 148.
Poussin (padre) — 266, 288 e 289.
Prébois (Leblanc de) — 258.
Prevost — 101.
Pujol (Carmen) — 307.
Pulver (Lucretia) — 52.
Puységur (marquês de) — 148.

Quesnel — 290.
Quinet — 290.

R. C. (conde de) — 146.
Rabache (Sr.) — 146.
Rabelais — 290.
Rafael — 244.
Rangel (Godofredo) — 46.
Raulica (G. Ventura de) — 56.
Rayer — 267.
Rebodin — 227.
Renaud — 214.
Repos Filho (B.) — 284.
Rewile — 285.
Rey (C.) — 214.
Reynaud (Jean) — 130 e 131.
Ribeiro (Guillon) — 118, 160, 202 e 232.
Richet (Charles) — 103 e 268.
Rivail (Hippolyte Léon Denizard) — 18, 19, 54, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 124, 125, 126, 148 e 173.
Rivera (Fernando Primo de) — 306.
Robin (Sr.) — 280.
Rodrigues (Wallace Leal) — 220.
Rossini — 244 e 249.

Roubaud — 59.
Rousseau (J.-J.) — 230 e 290.
Roustaing (Jean-Baptiste) — 160, 176 e 216.
Roustan — 69, 73 e 105.

Sabò (A.) — 176, 214, 216 e 217.
Saint-Cyran — 290.
Saint-René Taillandier — 71.
Sainte-Beuve — 290.
Sanromán (López) — 306.
Sanson (J. P.) — 203.
Sardou (Antoine Léandre) — 71.
Sardou (Victorien) — 71, 81 e 82.
Sausse (Henri) — 15, 17, 74, 225 e 296.
Secrétan (Charles) — 67.
Sellés (Salvador) — 310.
Serra (Juan Torras) — 306.
Shiff (Dr.) — 267.
Smith (Adam) — 146.
Sócrates — 101 e 246.
Soler (Amália Domingo) — 306 e 307.
Solichon — 256.
Soriano (Manuel González) — 306.
Soulié (Frédéric) — 64 e 65.
Spinoza — 290.
Swedenborg (Espírito Emmanuel) — 86, 88, 93 e 96.
Swetchine (Sra.) — 131.

Taylor (W. G. Langworthy) — 50.
Teles (Lino) — 50.
Temprado (Joaquín Huelbes) — 306.
Termens (Antonio Palau y) — 295 e 304.
Thiesen (Francisco) — 47, 109, 228 e 249.
Thiry — 256.
Tony — 219.
Trousseau (Armand) — 265, 275 e 276.

Ubaldi (Pietro) — 23.
Usich (Facundo) — 306.

V... (padre) — 256 e 258.
V. B. (Srta.) — 146.
Valhondo (Antonio Hurtado y) — 306.
Vartier (Jean) — 63.
Velpeau (A.-L.-A.-M.) — 60, 151, 152 e 268.
Verdade (Espírito da) — 20, 21, 30, 37, 40, 69, 106, 108, 109, 112, 113, 126 e 207.
Vignal (Dr.) — 146.
Villou (Sr.) — 203.
Vitet — 167.
Vitray (Dr. Bouché de) — 216.
Vives (Miguel) — 306 e 307.
Volpi (Ernesto) — 85 e 99.
Voltaire — 31 e 290.

W... (Sr.) — 224.
Wantuil (Zêus) — 18, 54 e 57.
Warner (Dr.) — 183.
Weekmans — 50.
Wintz (Sr.) — 223.
Wyclif — 290.

X (Irmão) — 121.
Xavier (Francisco Cândido) — 86, 88, 89, 120, 121, 146 e 161.

Z... (Espírito Zéfiro) — 74 e 125.
Zwingli — 290.